

UCHÔA

MULTIPLICADOR DE SORRISOS ☺



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora

Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Francisco de Assis Dantas

Diretor Administrativo-financeiro

Jecson Leo de Souza Araujo

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE - EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

MILTON ALVES JR

UCHÔA
MULTIPLICADOR DE SORRISOS ☺



EDISE

Aracaju

2022

COPYRIGHT©2022 BY MILTON ALVES JÚNIOR

Capa

Ricardo Bertoldo Silva Nunes

Diagramação

Clara Macedo

Revisão

Yuri Gagarin

Pré-Impressão

Dalmo Macedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Júnior, Milton Alves

Uchôa [livro eletrônico] : multiplicador de sorrisos / Milton Alves Jr. -- Aracaju, SE : Segrase, 2022.

PDF

ISBN 978-65-86004-67-0

1. Famílias - História 2. Professores - Biografia
3. Mendonça, Jouberto Uchôa de I. Título.

22-105167

CDD-371.10092

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Biografia 371.10092

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE

Rua Propriá, 227 · Centro

49010-020 · Aracaju · Sergipe

Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420

edise@segrase.se.gov.br

DEDICATÓRIA

No afago em reconhecer na literatura regional os ícones da nossa história, dedico esta obra aos milhares de colegas e acadêmicos que, ao longo dos últimos 60 anos, obtiveram a oportunidade de progredir profissionalmente após enfrentar sucessivos dias dentro de uma sala de aula erguida pelo Grupo Tiradentes. Me incluo nesta contabilidade estudantil diante dos esforços sempre impostos por meus pais, Milton Alves e Izaura de Menezes Alves, os quais sempre trabalharam para que, de igual modo ao lado dos meus irmãos, Wlademyr de Menezes Alves e Cynthia de Menezes Alves, pudéssemos desfrutar de um ensino de qualidade. À minha esposa, Laís Andrade Nascimento, e aos meus filhos Lucca Alves Nascimento e Gael Alves Nascimento, fontes de inspiração, vigor e acolhimento familiar.

Um agradecimento especial à minha amiga Raquel Passos. Uma jornalista exemplar que os bancos da Universidade Tiradentes, em fevereiro de 2006, fizeram o favor de me apresentar. Dona de um carisma ímpar, contribuiu bastante no compartilhamento de contatos, agendamento de entrevistas e apresentação de fotos pertencentes ao acervo da Família Uchôa, bem como da instituição.

SIGLAS E EXPRESSÕES

UNIT	Universidade Tiradentes
MEC	Ministério da Educação
UFS	Universidade Federal de Sergipe
ADC	Associação Desportiva Confiança
FITS	Faculdades Integradas Tiradentes
FACIPE	Faculdade Integrada de Pernambuco
EUA	Estados Unidos da América
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
ASL	Academia Sergipana de Letras
ALESE	Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe
TCE/SE	Tribunal de Contas do Estado de Sergipe
CMA	Câmara Municipal de Aracaju
PGE	Procuradoria Geral do Estado de Sergipe
CSS	Club Sportivo Sergipe
CEC	Cotinguiba Esporte Clube
SEED	Secretaria de Estado da Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
CCS	Complexo de Comunicação Social
EAD	Ensino a Distância
CFA	Conselho Federal de Administração
DER	Departamento de Estradas e Rodagens

PRN	Partido da Reconstrução Nacional
BANESE	Banco do Estado De Sergipe
PAACE	Pró-Reitoria Adjunta de Assuntos Comunitários e Extensão
PROMAI	Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional
DOU	Diário Oficial da União
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
TJ/SE	Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PAIMI	Programa de Assistência Integral à Melhor Idade
ITBEC	Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura
CAEPSS	Centro de Atendimento, Estudos e Pesquisas em Serviço Social
OMM	Organização Meteorológica Mundial
ONU	Organização das Nações Unidas
NASA	National Aeronautics and Space Administration
NAPPS	Núcleo de Apoio Pedagógico e Psicossocial
RENORBIO	Rede Nordeste de Biotecnologia
SESU	Secretaria De Educação De Ensino Superior

SUMÁRIO

Prefácio.....	13
Introdução	17
Família é Base, Alicerce do Saber.....	25
Aracaju: o retorno	33
Descobertas e Aprendizados.....	45
O Poder de transformar três meses em 24 Horas	51
Cresce a Família Uchôa	63
Trabalho Dignifica o Homem: teoria e prática na vida de Uchôa.....	75
Pontualidade: exemplo a ser seguido	91
Os Novos Desafios Trabalhistas	99
Economias que se Multiplicaram	109
Ginásio Tiradentes	113
Despejo Arbitrário e sem Justa Causa.....	121
A Arte Pessoal em Enterrar Situações Desagradáveis..	139
Um Espaço para Chamar de Meu	145
Tiradentes: o futuro se constrói hoje!.....	151
O Início da Graduação Superior em Sergipe.....	167

1975: Tiradentes realiza a primeira formatura do ensino superior.....	175
Apoio à Cultura e aos Projetos que Promovam Valorização à Sergipanidade	181
Registro Oficial do Curso de Direito	187
O Progresso na Comunicação Social e suas Habilidades Profissionais	193
Odontologia: curso pioneiro na área de Saúde	199
13º Conselho Federal de Administração.....	207
Criação de Novos Cursos.....	213
O Começo de Uma Nova Era.....	219
Avanços Multipolarizados	229
Erguendo as Estruturas Físicas	237
Gastronomia em Sergipe.....	249
Sustentabilidade Ambiental – docentes e discentes em prol do planeta	253
Educação Inclusiva, Humana e para Todos.....	263
Medicina: um curso em prol da vida.....	269
Expansão do Curso de Medicina em Meio à Covid-19 ..	285
Decós Day Hospital: teoria e prática à disposição de estudantes e população.....	289
Serviço Cultural, Social, Transparente e para Todos ..	293

Preservação da História de Sergipe, sua Cultura e Personalidades.....	299
Programa de Extensão: reconhecimento educacional e aplicação econômica	305
A Presença do Grupo Tiradentes no Nordeste Brasileiro.....	311
O Padrão Grupo Tiradentes Chega a Maceió	313
Investimento Regional Recebe Selo de Qualidade do Google	331
Centro de Inovação Voltado à Educação da Unit	335
O Porquê das Cinco Estrelas na Capa desta Biografia	339
Obrigado, Professor!	347

PREFÁCIO



CARLOS AYRES BRITTO¹

Este livro que tenho o prazer e a honra de prefaci­ar é de caráter biográfico. O biógrafo é o jornalista Milton Alves Júnior, o biografado é o reitor Jouberto Uchôa de Mendonça. O biógrafo a me convidar para escrever sobre o biografado, no âmbito dos meus conhecimentos pessoais e nos limites naturais de um prefácio mesmo. Convite de que estes meus escritos são um certificado de aceitação e a que imprimo um caráter de testemunho pessoal das qualidades todas que o biógrafo com toda justiça atribui ao biografado. Explico.

Explico, sim, pois mantenho com Jouberto Uchôa de Mendonça relações de toda uma vida de amizade e ad-

¹ Carlos Ayres Britto é poeta, professor, escritor, jurista, advogado e parecerista jurídico. Foi ministro e presidente do Supremo Tribunal Federal, do Conselho Nacional de Justiça e do Tribunal Superior Eleitoral.

miração por ele. E se digo relações de toda uma vida, praticamente, é pelo fato de o conhecer mais de perto desde os anos iniciais da década de 70 do século passado. Ocasão em que fui professor de Direito Constitucional da antiga Faculdade de Direito Tiradentes, por ele mesmo fundada e superiormente dirigida. E o fato é que, dessa distante época até os presentes dias, não cesso de comprovar na subjetividade dele e na objetividade dos seus feitos a convergência de pelo menos as seguintes virtudes: inesgotável energia para o trabalho; organicidade ou total envolvimento com as coisas a que se dedica; extrema fineza de trato; radiante espírito agregador; aguda visão de futuro; inabalável senso de responsabilidade pessoal e profissional; irrestrito apego aos parâmetros legais de conduta; insuperável facilidade de comunicação com o próximo e com o público em geral; absoluta pureza de propósitos.

Todas essas diversificadas virtudes — adiciono — a marcar presença nos também diversificados modos de atuação profissional do biografado. Notoriamente sabido que ele atua com a mesma vocação, desembaraço e competência como educador, administrador privado e reitor universitário, além de agente empresarial igualmente privado. Isso depois de se formar em Direito pela antiga Faculdade Federal e Direito de Sergipe, e tanto construir quanto implantar unidades de ensino ginásial, médio, superior e, repito, universitário. Assim no estado de Sergipe como nos estados de Alagoas, Bahia, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Piauí. Nesse meio tempo, o “Professor Uchôa” — como é proverbial e respeitosamente chamado — ainda se diplomou em Ciências da Administração pela própria universidade de que é reitor: a Universidade Tiradentes, também por ele próprio fundada, na companhia

de sua esposa Maria Amélia e demais familiares de que este livro tão bem e merecidamente fala.

Em síntese, estou a falar de um benfeitor social por definição. De um paradigma de pensamento e de ação para as presentes e futuras gerações de sergipanos e de brasileiros em geral. De uma pessoa que, em tudo e por tudo, faz andar de braços dados a mais cristalina vocação de educador e a mais decidida coragem de empreendedor. O que me deixa inteiramente à vontade para lhe fazer destinatário, em grau superlativo, da glória que assiste àqueles em que Josie Conti pensou para publicar este precedente juízo:

“Se você é uma pessoa talentosa, isso não significa que você ganhou algo. Significa que você tem tudo a oferecer”.

Brasília, 01 de fevereiro de 2022.

INTRODUÇÃO

A cada novo ‘não’ cravado na alma, uma nova certeza da necessidade fidedigna em permanecer firme na luta em busca da conquista de suas missões. Aos homens e mulheres de coração puro, é possível compreender na prática que as batalhas impostas pela vida muitas vezes costumam, mesmo que em caráter inicial, ofertar um sabor amargo aos bravos seres humanos os quais possuem a consciência que apenas com persistência e resistência será possível construir um mundo mais positivo para inúmeras gerações. Um ‘não’, mesmo carregado de dor no respectivo subconsciente, é possível transformá-lo em inspiração. Uma espécie de pólvora que reacende a chama dos nossos sonhos e incendeia de oportunidades a vida de milhões de pessoas. Centenas de milhares delas que, possivelmente, sequer cruzaram conosco um dia, mas que, na compreensiva certeza das ações, colhem, ou colherão, os frutos semeados em uma primavera não muito distante do mundo contemporâneo. Algumas das concepções de John Dewey (1859-1952), filósofo norte-americano que influenciou educadores de várias partes do planeta, refletiu no estado de Sergipe, menor unidade federativa do Brasil.

Aracajuano nascido em berço de família humilde em 17 de setembro de 1936, Jouberto Uchôa de Mendonça mostra na prática que as análises ideológicas de Dewey seguem insistentemente fazendo sentido. Uma ação positiva, frise-se. Filho do motorista paraibano Jacinto Uchôa de Mendonça com a sergipana servidora de obras públicas Cândida Rodrigues de Mendonça, ainda na infância, pa-

ralelo ao desfrute fraterno em sugar conhecimento dos ícones familiares, Jouberto Uchôa se deparou com a necessidade de estreitar o elo com profissionais da educação; de preferência com aqueles que trabalhassem visando estimular e valorizar a capacidade de pensar dos seus alunos. Uma medida que os instiga para questionar sobre os contextos da realidade — sejam elas históricas ou factuais, bem como de unir teoria e prática, e de problematizar com aspecto construtivo. Medidas que resultam em discussões democráticas e de amplo conhecimento. É herdado dos pais a concepção que a educação é o alicerce do desenvolvimento unilateral. Irmão de Walter, Jorge, Maria Helena, Rivaldo e Lauro, todos com sobrenome Uchôa de Mendonça, o nobre sergipano apresentado com as mais elevadas estimas de honra nesta biografia não é apenas um torcedor nato da Associação Desportiva Confiança (ADC), e do ‘Gigante da Colina’, Clube de Regatas Vasco da Gama. Corretor de seguros, advogado, professor e empresário, Uchôa é o típico ser humano colecionador de sorrisos.

Cristão de corpo e alma, ele compreende que a única gula não considerada pecado bíblico é aquela que desperta no indivíduo o desejo de luta diuturna pela abrangência do conhecimento macro. Apesar do incontestável patrimônio gradualmente desenvolvido ao longo das últimas seis décadas, Uchôa, ainda na juventude, no auge dos 26 anos de idade, criou em Aracaju, no ano de 1962, o Colégio Tiradentes. O início das atividades como empresário ocorreu após desenvolver atividades operacionais e administrativas por mais de três anos para a Associação de Ensino e Cultura Colégio Pio Décimo, e, assim, constatar que acumulava conhecimento básico suficiente para criar a sua própria escola. Contando com o apoio dos familia-

res, foi em uma modesta estrutura residencial erguida na rua Laranjeiras, nº 567, no Centro da capital sergipana, que o sonho em contribuir por um mundo mais promissor através da educação começou a ser operacionalizado. O princípio de uma nova era da educação em Sergipe que apenas se tornou realidade justamente devido à respectiva persistência e resistência. Características necessariamente enaltecidas nesta obra, as quais foram fundamentais para extinguir, ainda na raiz, a onda de negatividade que conspirava em torno dos seus sonhos. Com a licença do biografado, deixe-me frisar: dos nossos sonhos! Entre 1962 e 1993, paralelamente às atribuições empresariais, Uchôa soube categoricamente lidar com as dificuldades e progredir seu autoconhecimento gradual. No primeiro ano da década de 70, após ter conquistado êxito no exame de proficiência na antiga Faculdade de Educação da UFS, se tornou habilitado para ministrar aulas na disciplina de Educação Moral e Cívica.

Dois anos seguintes, em 11 de julho de 1972, se formou em Direito pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) — até então única instituição de ensino superior do estado. Mantendo a estrutura colegial em pleno funcionamento, em 1974 fundou a Faculdades Integradas Tiradentes. Marco no cenário educacional de Sergipe, a instituição se tornou a primeira unidade de ensino superior da rede particular. Com a devida autorização carimbada pelo Ministério da Educação (MEC), o instituto superior iniciou as atividades ofertando graduação nos cursos de Ciências Econômicas, Administrativas e Ciências Contábeis. Com o passar dos semestres, em decorrência dos sucessivos resultados positivos contabilizados na educação dos acadêmicos, o Governo Federal — comandado na época pelo general do Exército Brasileiro, Emílio

Garrastazu Médici — permitiu que a instituição passasse a preparar e formar estudantes nos cursos de Direito Comunicação Social e Biblioteconomia. Tudo seguia fielmente às perspectivas do professor Uchôa. Os sergipanos passaram a se deparar com novas oportunidades, mas o boom instaurado pelo biografado em pouco mais de uma década necessitou cessar. Estratégia previamente definida por quem sempre trabalhou focado no progresso. Nos próximos 20 anos, em trajetória cautelosa na busca pela qualificação estrutural, foi possível manter a organização das bases e dar início a um novo marco na história educacional de Sergipe.

Com base em dados, desfrutando de um relacionamento institucional harmonioso com a administração pública federal, por inúmeras vezes a comissão educadora do Grupo Tiradentes — sempre coordenada pelo Professor Uchôa — se dirigiu à Brasília na perspectiva de dialogar com deputados, senadores e ministros de Estado, na esperança de conquistar o alvará que mais tarde transformaria a Faculdade Tiradentes em Universidade. Em decorrência da excelente estrutura física e profissional apresentada ao MEC entre os anos de 1962 e 1990, quatro anos depois, quando o Brasil fervilhava entre lágrimas e sorrisos, o presidente Itamar Franco (PMDB) — que assumiu o cargo em 1992 após o impeachment de Fernando Collor de Melo — emitiu um comunicado oficial permitindo a criação da Universidade Tiradentes. No contexto histórico, até hoje, 1994 de fato foi um ano ímpar para a nação. Enquanto Fernando Henrique Cardoso de Melo (PSDB) trilhava o caminho à vitória nas urnas em 03 de outubro — quando venceu no 1º turno o sindicalista operário Luís Inácio Lula da Silva, com 34.314.961 de votos, contra 17.122.127 —, o país chorava pela perda precoce do

campeão mundial de Fórmula 1, Ayrton Senna da Silva, bem como do humorista Antônio Carlos Bernardes Gomes, Mussum, e do ícone da Bossa Nova, Antônio Carlos Jobim. O tetracampeonato mundial de futebol conquistado nos Estados Unidos da América foi essencial para amenizar parcialmente a dor das despedidas. Em meio a esse mix de lágrimas, se recuperando do processo de redemocratização da Nação, Sergipe se preparava para um novo momento. Uma nova história. Mesmo com a primeira metade da década de 90 ainda em trâmite, milhares de jovens colegiais davam início às preparações vislumbrando a chegada do novo milênio.



Professor Jouberto Uchôa durante a solenidade de posse em que passou a ocupar a 23ª cadeira da Academia Sergipana de Letras, que tem como patrono o jurista Ciro Franklin de Azevedo, e como último sucessor o historiador e jornalista Luiz Antônio Barreto, considerado um dos principais pesquisadores do estado de Sergipe. O evento ocorreu em abril de 2013, em Aracaju.

Ao se deparar hoje com a estrutura oferecida pelo Grupo Tiradentes — apontada pelo próprio MEC como a segunda maior instituição de ensino superior particular do Nordeste, e o 12º maior grupo educacional do país — é intrigante buscar a base administrativa da instituição e perceber que o seu primeiro campus foi erguido no Centro de Aracaju, em uma área não superior a 17 mil metros quadrados. O primeiro representativo processo de seleção (vestibular) foi realizado nas arquibancadas do Estádio Estadual Lourival Baptista. Dentro deste novo milênio, em 13 de abril de 2013, o Professor Uchôa foi eleito e convidado a assumir a cadeira de número 23 da Academia Sergipana de Letras (ASL); fundou a Faculdade Integrada Tiradentes (FITS), em Alagoas, e a Faculdade Integrada de Pernambuco (Facipe), em Pernambuco. Em terra de John Dewey, em dezembro de 2017, o grupo internacionalizou o sistema educacional e inaugurou o Tiradentes Institute, um centro de estudos instalado no campus da Universidade de Massachusetts, Boston, EUA. Já no dia 25 de novembro de 2021, passou a ocupar a cadeira de número 33 na Academia Nacional de Economia. A ANE é formada por juristas, economistas, educadores e pessoas que possam contribuir de alguma forma para melhorar o cenário econômico do país. Com um perfil pluralista, herdado do respectivo berço familiar, Jouberto Uchôa relata nesta obra a missão que possui em promover melhorias diárias na educação superior brasileira através da Unit e suas correntes genuinamente sergipanas. Mentor de todo este movimento e patrimônio educacional, o biografado opta por destacar que ‘Deus exagerou’ na dose de oportunidades lhes oferecidas. Que sorte a nossa em poder desfrutar desta fina inteligência que, somente unindo a Faculdade e a Universidade Tiradentes já graduaram cen-

tenas de milhares de acadêmicos. Se unir as demais instituições — incluindo o Colégio Tiradentes — esse número ultrapassa a casa dos 1,5 milhões.

Indicativos reais que provocam ao biografado uma retrospectiva dos seus 85 anos de vida, seguida por pausa, olhos lacrimejados e um sorriso maroto; ação natural e necessária para segundos depois retomar o comando das emoções. Fatos lindos, traçados por aquele que optou por dedicar a vida à multiplicação do conhecimento. Sempre bem acompanhado por uma garrafa de café expresso cultivado no município sergipano de Lagarto, ou mesmo umas doses de vinho branco produzido em Alsace, região Grande Leste da França, ao longo dos últimos três anos destinados à produção, armazenamento de imagens e coleta de depoimentos obtive a oportunidade de aprofundar o entendimento sobre a essência íntima desse cidadão humano, ícone de nossa sergipanidade, capaz de transformar o sonho de milhares de pessoas em realidade. Passo a compartilhar todo esse conteúdo não apenas a fim de enaltecer a importância do Professor Jouberto Uchôa de Mendonça para a ampliação e qualificação do ensino superior nacional, mas também como forma de agradecimento por no dia 20 de janeiro de 2010 ter me incluído ao grupo dos milhares de sorrisos graduados.

FAMÍLIA É BASE, ALICERCE DO SABER

O Brasil fervia. Um caldeirão que muito bem se enquadrava ao contexto contemporâneo vivenciado pelo ainda hoje quinto país mais populoso do mundo. Em um período de conflitos políticos e divisão popular, o aquecimento para o início do Estado Novo — ou Terceira República Brasileira, estabelecido pelo então presidente da república Getúlio Dornelles Vargas, em 10 de novembro de 1937 — mostrava na prática que apenas com educação de qualidade e valorização da base familiar seria possível transformar o Brasil em um território fértil, com ordem e progresso. O termo, presente na bandeira nacional desde 19 de novembro de 1889, precisava deixar o anonimato e se tornar protagonista no dia a dia das pessoas. Esse, inclusive, era um desejo multipolarizado. Mesmo após 437 anos da invasão das caravelas europeias no Brasil, bem como da fictícia imagem de descobrimento do Brasil, a angústia em observar um futuro incerto no país seguia a perturbar aqueles que trabalhavam diuturnamente pensando no melhor para os seus filhos. Educação é base, fruto de sabedoria, conhecimento geral, e responsável direta para a conquista de avanços reais. Sejam eles individuais ou pluralizados. Aracaju, 17 de setembro de 1936. Ao emitir os primeiros berros na ainda singela capital sergipana, o país, mesmo sem sequer imaginar, passava a contar com um nordestino de perfil ímpar, ícone de uma esperança até então presente apenas no subconsciente da nação. Um talismã em defesa do fortalecimento educacional, de respeito à pátria, à cultura e às boas práticas

religiosas. Fruto da união matrimonial entre o funcionário público Jacinto Uchôa de Mendonça com a servente de obras públicas Cândida Rodrigues de Mendonça, Jouberto Uchôa de Mendonça se transformou em um cidadão sergipano viciado em multiplicar sorrisos. Uma espécie de terapia para regenerar a própria integridade da alma. A cada novo diploma assinado, a certeza que valeu a pena toda batalha vencida. Um esforço resultado justamente da educação base que recebeu na modesta residência — situada na rua Boquim, e posteriormente na rua Arauá, nº 58 —, onde dividia os poucos metros quadrados com os irmãos: Walter, Jorge, Maria Helena, Rivaldo e Lauro, todos com sobrenome Uchôa de Mendonça. Diante do patrimônio erguido ao longo dos últimos 60 anos, é natural que alguns leitores imaginem o nobre biografado nascendo em residência equipada, confortável e autossuficiente para garantir a integridade da saúde de todos. A impressão se desmancha ao se chocar com a realidade. Com os pais sem condições financeiras para oferecer melhor moradia, três dos oito irmãos de Uchôa lamentavelmente perderam a vida vítimas de endemias. Atenção básica governamental de saúde não existia. O sistema de saneamento básico era precário. A assistência médica também. Em meio a essas dificuldades que permaneciam massacrando os pais, mesmo com o coração evidentemente partido, foi preciso abrir parcialmente da guarda do filho até então mais novo e deixá-lo sob os cuidados dos avós maternos, Manoel Rodrigues do Nascimento e Maria José do Nascimento. Essa mudança forçada ocorreu ainda no final da década de 1930, quando Uchôa chegou ao município alagoano de Girau do Ponciano, cidade próxima ao município de Traipu. 156 km de distância de Aracaju, hoje, um percurso de aproximadamente 2h37 de carro. Naquele tempo, mais de

sete horas de viagem em virtude das linhas férreas formarem o único meio de transporte que proporcionava o máximo de velocidade e o mínimo de conforto.

Apesar da pouca idade, ainda criança Jouberto Uchôa já carregava a consciência de, sobretudo, respeitar as pessoas de mais vida, buscar incansavelmente tratar de forma harmoniosa todos aqueles que o dirigissem a palavra, como também zelar por todo o conhecimento repassado na casa dos avós e nas salas de aula. O cidadão educador, com um livro debaixo do braço e um pedaço de giz na mão, sempre foi, e será, uma extensão da doutrina categoricamente orquestrada por Jacinto e Cândida Rodrigues. Essa certeza sempre esteve presente no desenvolvimento intelectual de Uchôa. O respeito ao professor, até hoje, é apontado pelo biografado como fator imprescindível. Sem essa cordialidade é impossível conquistar a evolução pleiteada. Discordar com argumentos bibliográficos ou questionar o docente faz parte do conhecimento; desrespeitar, jamais! Se com os pais o regime educacional era presente, com os avós o monitoramento era ainda mais impecável. Por mais ágeis que fossem as peripécias infantis, nada passava despercebido pelo radar do Sr. Manoel Rodrigues. Proprietário de um armazém situado justamente de frente à escola municipal em que o neto estudava, o avô — que também comercializava rendas produzidas por artesãos locais — diariamente acompanhava a entrada e saída, dialogava com os familiares dos colegas de classe, constantemente abria e observava o que carregava na mochila escolar, bem como se mostrava presente na coordenação da instituição a fim de acompanhar o relacionamento de Uchôa junto aos amigos, mestres e demais funcionários. Não era, e nunca foi uma postura invasora de espaços ou imposição ditatorial. Era cuidado, apenas isso. Postura certamente adotada

por outros milhões de pais e avós espalhados pelo mundo. O resultado de todo esse esforço? Simples: uma criança que teve como base a compreensão em ser honesto, independentemente de quais fossem as reações posteriores. Esse perfil desenhado desde os primeiros anos de idade era comprovado também por Nenê e Domitila. Duas aguerridas professoras que buscavam na criatividade driblar as dificuldades estruturais que a escola oferecia e garantir de alguma forma a melhor assimilação do conteúdo didático que era repassado no ambiente escolar. Presente com requinte de saudade na memória do biografado, estas duas educadoras foram, também, as primeiras professoras responsáveis por sua educação fora de casa. Ícones da figura educadora, capazes de sacrificar parte do próprio salário para incrementar a respectiva didática profissional, e, assim, garantir o aprendizado de todos os seus alunos. Certa vez Uchôa xingou a mãe de um dos colegas de classe e foi imediatamente repreendido. De castigo no canto da sala, do outro lado da rua o seu avô assistia toda aquela cena e preparava-lhe mais punições quando retornasse à casa após a manhã de aulas. Conforme intitulado pelo biografado, o bom relacionamento entre as professoras e o Sr. Manoel Rodrigues tratava-se de um 'trio parada dura'. Enquanto os pais seguiam lutando em Aracaju em busca de melhores condições de vida, indiscutivelmente a influência humanista e familiar dos avós maternos atenderam com louvor todo o desejo presente no subconsciente de Jacinto Uchôa e Cândida Rodrigues. Com a missão cumprida, chegava o momento de traçar os 156 km de volta para a capital sergipana em busca de reencontrar os pais e unir novamente os pedaços dos corações que foram estrategicamente esfaqueados em um passado não muito distante. Quatro anos e meio, para ser preciso.



Imóvel dos avós maternos de Jouberto Uchôa, em Girau do Ponciano (AL), onde residiu ainda criança. Local de portão de cor verde, onde também funcionava a mercearia da família em frente à escola em que cursou o ensino infantil.

“Era uma criança, inocente do que a vida tinha a me propor, mas sei e sinto até hoje como foi difícil aquele momento. Meus pais sabiam que estava indo para um lar seguro que atendia a todas as suas expectativas, ou até mais, é bem verdade. Porém, ao observar com os olhos de um pai ou uma mãe, é difícil essa partida. Hoje, com as facilidades de transporte e comunicação essa distância pode ser um pouco amenizada, mas naquela época não. Era tudo muito difícil. Se reencontrar mesmo que uma ou duas vezes no ano não se tratava de uma medida simples. Meus avós por vida foram pessoas maravilhosas, de relacionamento fácil e harmonioso com todas as pessoas. Os cuidados que eles tiveram comigo e com alguns irmãos que também lá ficaram sob sua custódia foram essenciais para que amenizasse um pouco a saudade dos meus pais. Tive a oportunidade de estudar em frente à sua mercearia e ter aulas com Dona

Nenê e a amada Domitila. A gente percebia que no sangue delas corria o amor pela profissão e que todo aquele esforço mudou a vida de muitos, exatamente da maneira em que elas tanto batalhavam a cada novo dia de trabalho. Dessa fase o que ficou claro em minha postura como pessoa é que, sobretudo, devemos ser honestos, respeitosos com todas as pessoas, e buscar, dia e noite, valorizar a nossa família. É preciso explorar o amor dos avós e dos pais. Apesar da saudade que em mim segue presente, tenho certeza que fiz isso muitas vezes enquanto morei em Girau do Ponciano. Soube categoricamente garimpar toda a fonte de amor presente no coração e na alma dos meus avós.”

A passagem por Girau não ficou apenas cravada na memória de Uchôa. A vida também lhe rendeu marcas produzidas na infância que seguem expostas até hoje, e assim as levará pela eternidade. Estamos falando de uma fase infantil, frise-se! O respeito aos avós seguia à risca; aos professores, de igual modo. O hino nacional, cantado todos os dias, permanecia na ponta da língua. As notas escolares? Cada vez mais azuis que o tom predominante na camisa da Associação Desportiva Confiança (ADC), seu clube do coração. A questão é: apresente-se aquele adulto que na fase infantil, ou na pré-adolescência, jamais assumiu o papel de protagonista em uma cena de peripécia, traquinagem, ou seja lá qual for o sinônimo que melhor definia uma ação insana infantil. Uchôa se recusa; eu, bibliográfico, muito menos. Aos quatro anos de idade, em um dos momentos de descontração e lazer ao lado do nobre amigo — de idade similar — Everaldo, Uchôa foi desafiado a aticar uma égua que pastava na região, com a promessa de ganhar algumas espigas de milho. Corajoso, como sempre foi, lá foi ele lascar um tapa na traseira do animal que não deixou passar barato. Antes de sair desembestada pelo campo a égua se armou e aplicou um coice

que acertou em cheio a testa de Uchôa. O corte profundo fez com que Manoel Rodrigues e Maria José o conduzissem para um posto de saúde na esperança de estancar o sangue que escorria pelo rosto do neto. Sem as tecnologias comunicativas atuais, esse caso apenas foi apresentado com riqueza de detalhes aos pais assim que Uchôa desembarcou de volta à capital sergipana. O que chama a atenção neste caso é que a vítima do coice não se arrepende em nenhum momento da ação realizada. A amizade com Everaldo seguiu firme. O que fica na lembrança — além da evidente dor e receio paralelo de receber uma ‘pisa’ dos avós —, é que a tão prometida espiga de milho até hoje não chegou. Por diversas vezes, enquanto permanecia morando no interior de Alagoas, o direito conquistado foi cobrado, mas perdido no tempo depois de sucessivas desculpas esfarrapadas. O certo mesmo é que o sabor do alimento tão popular no Nordeste brasileiro ficou apenas na imaginação.

“Depois que voltei para Aracaju, recordo-me que poucas foram as vezes em que retornei à Girau do Ponciano para rever a casa dos meus avós, parentes, ex-professoras, vizinhos e amigos. Em um desses raros momentos lembro perfeitamente que me deparei com Everaldo e, em tom de brincadeira, relembrei o caso e o perguntei por minhas espigas de milho. Caímos na gargalhada. Meus pais e avós, com os anos passados, também se renderam a essa minha travessura e também sorriram. Mais modestos, claro, mas não deixaram de se render à recordação que me herdou essa marca na parte superior da testa. Com o passar dos anos infelizmente perdi o contato com esse meu grande amigo, mas quero que todos saibam que fui muito feliz quando vivi com os meus avós. Não há como mensurar tamanho zelo. Ao fechar os olhos, ainda hoje me recordo do incrível sabor de cada umbu que chupei no quintal de casa. Em tempos de

colheita, passava horas escolhendo as melhores e saboreando não apenas a fruta em si, mas também todo aquele cenário. Conheci pessoas fantásticas, morei bem perto dos meus queridos tios Lulu, Eraldo e Anízia. As minhas primeiras professoras ícones de amor à profissão, e amigos que, enquanto tiver a condição de me recordar do passado, nunca sairão das lembranças. Em especial, os ditados que obrigatoriamente todos os finais de semana tinha que fazer. Um dever de casa que muito me ajudou na qualificação da leitura e, sobretudo, na escrita. Para todo o sempre, a minha gratidão por todo o conhecimento de vida adquirido em Girau, minha segunda cidade natal; uma terra e um povo que muito bem me acolheu e se faz presente em meu coração.”



Depois de 49 anos Jouberto Uchôa retornou ao município alagoano. O fato ocorreu no segundo semestre de 1989, quando visitou familiares, a casa do avô, popularmente, conhecido como Manoel de Joana, a escola em que estudou, bem como a sede da Prefeitura de Girau do Ponciano (momento ilustrado na imagem acima/ acervo pessoal).

ARACAJU: o retorno

Desta vez mudando de cenário, deixando agora o coração dos avós apertados pela dor da partida e alegrando a alma dos respectivos pais, Uchôa, antes de chegar na Estação da Leste, na zona norte, necessitou enfrentar horas percorrendo trilhas à cavalo entre as cidades alagoanas de Girau do Ponciano e Traipu — que fica na Região Agreste do estado, distante à 188 km de Maceió. Deste ponto foi necessário devolver o cavalo e embarcar em uma canoa à vela que realizava a travessia até o município sergipano de Propriá. Para finalmente desembarcar em Aracaju foi preciso ainda pegar um trem responsável na época por conduzir os passageiros da região leste de Sergipe até a ainda jovem capital sergipana. Jovem, se comparado às demais capitais do Nordeste. Assim como ocorreu com João Pessoa, na Paraíba, a capital sergipana era uma das únicas do litoral brasileiro que inicialmente não ficava às margens do oceano. Antes situada na cidade de São Cristóvão — há 20 km de distância da faixa litorânea —, desde os primórdios da colonização no país, a capital apenas mudou de endereço no dia 17 de março de 1855, quando Inácio Joaquim Barbosa, então presidente da Província de Sergipe, apresentou o projeto de elevação do povoado de Santo Antônio de Aracaju à categoria de cidade e a transferência da capital da província para esta nova região a qual passou a ser chamada simplesmente de Aracaju. Foi, e é, um dos momentos mais importantes e de maior repercussão da história de Sergipe. Somente em 1865 a capital se firmou. Apesar do crescimento re-

presentativo após a ação protagonizada pelo fluminense naturalizado sergipano, Inácio Barbosa, Aracaju — ainda na década de 30 — possuía menos de 100 anos e o seu único ponto oficial de embarque e desembarque na capital era a hoje deteriorada e inativa Estação da Leste. Nos braços dos pais, Uchôa foi levado de volta à casa na rua Boquim, nº 293. Visando um futuro financeiro melhor para toda a família, Jacinto Uchôa e Cândida Rodrigues decidiram fundar um pensionato que, com o passar dos meses, evoluiu ao ponto de contar no quadro funcional com um médico e um farmacêutico. Tudo funcionava na própria casa onde dividia espaço com os filhos. Diante do progresso operacional e administrativo, fruto da respectiva dedicação familiar ao empreendimento, a família se mudou para uma residência maior que ficava localizada no cruzamento entre as ruas Santa Rosa e João Ribeiro, região central de Aracaju. Foi nesse local, denominado de ‘Hotel dos Viajantes’, que finalmente o fluxo econômico começou a expandir na Família Uchôa.

Nada extravagante ao ponto de transformá-los em nobres da altíssima sociedade sergipana, mas o suficiente para realizar os sonhos dos pais em oferecer qualidade de vida. O sucesso do pensionato foi representativo ao ponto de acomodar ilustres hóspedes como o desembargador Luiz Garcez Vieira (1927–2009), filho de Júlio Vieira de Andrade e Maria Garcez Vieira; bem como o referenciado advogado Hugo Costa (1934–2010), carioca nascido no bairro Tijuca, apontado como um dos responsáveis pela fundação do Tribunal de Contas do Estado de Sergipe (TCE/SE) — órgão fiscalizador criado pela Emenda Constitucional nº 2, datada e promulgada em 30 de dezembro de 1969, pelo então governador Lourival Baptista. O hotel deu certo, muito certo, mas Jacinto e Cândida

buscavam novos horizontes. Se desfazendo do pensio-nato, no início da década de 50, com Jouberto Uchôa em plena fase da adolescência, a família se mudou para uma casa na rua Arauá, nº 58. Um novo lar que acomodava uma família íntegra, respeitosa e com visão de futuro. Enquanto no sentido econômico as mudanças se apresentavam constantes, no relacionamento pais e filhos a ordem seguia intacta. Uma espécie de obra de arte em exposição, porém, blindada e protegida à sete chaves. Todo esse zelo fazia com que os irmãos residentes debaixo do mesmo teto se respeitassem e, a cada fração de segundo, pudessem multiplicar a compreensão de que, em caso de conflitos verbais ou físicos, o pai entraria em cena e o couro ficaria quente inclusive para aqueles irmãos que por ventura sequer estivessem, na concepção de Jacinto Uchôa, envolvidos diretamente na confusão. A regra número um da família nada mais era que respeitar o próximo e minimizar qualquer desavença a qual resultasse em marcas psicológicas a serem carregadas pela eternidade. Por mais que essa imposição rigorosa de Jacinto e Cândida fosse vista por parentes próximos como ação exagerada, os patriarcas da família tinham suas razões. Um artigo, publicado pelo psicólogo clínico e psicoterapeuta corporal Alexandre Salvador, indica que um trauma pode gerar um conflito entre o desejo do sujeito e as censuras/repressões criadas pelo ambiente externo (cultura, família, igreja, escola etc.) e pelo ambiente interno, ou seja, nossa autocensura, pois o tipo de criação que tivemos e o meio ao qual vivemos limitarão a nossa liberdade de ceder aos nossos próprios desejos. Na origem desse trauma consta também a culpa que a criança sente por não saber se foi a responsável por determinada situação de violência que tenha passado.

Sendo assim, fica entendido que independente do acontecimento traumático, este poderá manter as feridas até a vida adulta, dependendo da sua intensidade ou de quanto a pessoa conseguiu elaborar a situação que passou. Dependendo da fase do desenvolvimento e da quantidade de tempo em que a criança passou vivendo em um ambiente traumático, ela poderá desenvolver transtornos de ansiedade, transtornos depressivos, transtornos comportamentais e emocionais diversos, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, transtorno de estresse pós-traumático. Quando criança, somos inocentes, carentes, submissos, indefesos e despreparados para a vida, precisamos de alguém que supra as nossas carências para um desenvolvimento satisfatório. Quando esse alguém não existe, os traumas surgem e, na sua grande maioria, são levados para a vida adulta. Essas sequelas fazem com que o adulto acredite estar sempre desamparado, abandonado e solitário, tornando-se uma pessoa insegura, tímida e com medo de se aventurar na vida. Não que os pais de Uchôa possuíssem qualquer formação superior na área da psicologia ou cursos técnicos sobre como agir nos momentos de conflito interno. A questão era mais pessoal mesmo. Uma visão universal a qual foi herdada de Izabel Cavalcante e Bernardo Uchôa, pais de Jacinto, avós de Jouberto. A mesma base caseira que segue sendo fortalecida e implantada até hoje com as sucessivas gerações da Família Uchôa.

“O termo é esse mesmo: entrar em cena. Eu e meus irmãos por toda a vida sempre tivemos um relacionamento gostoso, puro e de muita harmonia na grandiosa maioria das vezes. Não 100%, claro. Enalteço isso porque estamos falando de relação familiar e quero

conhecer uma família ou grupo de amigos de verdade que nunca, em momento algum, tenha se deparado com uma desavença por mais simples ou calorosa que seja. É normal, desde que não se provoque uma indesejada ampliação nada saudável para o crescimento. Bem assim era a minha relação com meus irmãos: boa, diria até mais: excelente. Quando por ventura a gente chegava ao ponto de brigar, sabíamos que mais tarde o tempo iria fechar para o nosso lado, e, às vezes, até para irmãos que não se envolveram na confusão. Na linha de raciocínio dos nossos pais os irmãos de fora da briga deveriam imediatamente intervir com a perspectiva de acalmar os ânimos. Recordo perfeitamente que quando esse tipo de situação ocorria, assim que meu pai chegava em casa após o dia de trabalho exaustivo, a bronca estava garantida. Não tinha para onde correr. E outra! Não adiantava dormir mais cedo ou fingir que estava cochilando, estudando, ou seja lá o que for. Ele simplesmente nos acordava, reunia a todos, um diante para o outro, para realizar aquela conversa quente. Não haviam agressões; raras foram as surras ou palmadas recebidas por nós. A maior rigorosidade dos nossos pais vinha do olhar. Bastavam fixar o olhar sério para a gente que, mesmo criança com menos de 10 anos de idade, já sabíamos perfeitamente que a situação não andava nada favorável para nós. Dessa forma fomos educados e justamente por isso possuímos até hoje uma convivência agradável. Um exemplo de firmeza e coerência nas ações e relações domésticas. Certamente em virtude dessa postura aplicada pelos meus pais e avós conseguimos manter nossos laços firmes ao ponto de recordarmos com saudade dos inúmeros momentos de infância vivenciados entre irmãos e primos”.



Em 1989, Jouberto Uchôa seguiu para o município de Girau do Ponciano acompanhado dos irmãos Walter e Jorge. Junto a eles também estiveram filhos e noras. A proposta dos três era recordar e compartilhar com os mais novos parte dos momentos em família vivenciados durante as décadas de 50 e 60.

Aos que acreditam na força da fé, assim como ocorre com o biografado a cada novo raiar do dia, a apegção, por mais singela que seja com a religião, contribui para que todo esse envolvimento fraterno da família permaneça intensamente viva. Na imagem acima ilustrada, por exemplo, os irmãos Jouberto, Walter e Jorge aparecem diante da entrada principal da Igreja Nossa Senhora da Conceição. Um dos monumentos religiosos bastante frequentado até hoje pelos moradores de Girau do Ponciano. Paradeiro carimbado pela Família Uchôa todas as semanas enquanto os filhos de Jacinto e Cândida residiam temporariamente na casa dos avós. Não que os mais experientes da família desejavam que seus filhos e netos se tornassem beatos, soubessem na ponta da língua o nome e a história de todos os santos e papas; a proposta sempre foi enaltecer a compreensão de que, se apegando a Jesus Cristo e seus discípulos seria possível desfrutar de uma vida mais leve, sem atritos e com o coração puro e humano para com o próximo. A rica e coe-

rente concepção de que, quando se planta o amor a colheita não poderá ser outra a não ser frutos da positividade. Além da presença nas igrejas e atividades religiosas realizadas em retiros, sempre foi exigido que os ensinamentos fossem aplicados todo santo dia dentro de casa, nos ambientes de estudo ou trabalho. De nada adiantava — e nesse caso estamos diante de mais uma ideologia inteligente por parte dos pais e avós de Jouberto Uchôa — pregar uma imagem de pureza ao louvar o Senhor, mas nos demais momentos do dia não repetir esta prática. Além de contraditório no quesito caráter humano, para muitos fiéis religiosos trata-se de um pecado. Não era necessário apenas crer; o ideal sempre foi que essa ligação espiritual com a Igreja Católica fosse perceptível em cada ação, na postura de ser e lidar com o próximo. Até hoje nenhum dos irmãos, filhos, sobrinhos e netos do professor Uchôa optaram por seguir no serviço sacerdotal. Ninguém exerce a digna e honrosa função de padres ou freiras em multiplicar a palavra que vem da Bíblia. A educação religiosa do passado serviu, serve e servirá como forma de buscar um mundo mais harmonioso entre os povos. Uma espécie de guardiões do bem. Estar em oração em uma igreja é importante, porém, mais relevante que esse ato é proporcionar tudo aquilo que possa se transformar em algo, ou alguma ação positiva para as pessoas.

Seguindo a concepção humana de proporcionar acolhimento aos mais necessitados, sob a batuta de Manoel Rodrigues e Maria José — fiéis incondicionais do catolicismo —, sempre em datas comemorativas, a exemplo do dia 08 de dezembro, quando se comemora e reverencia Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Girau do Ponciano (por coincidência também padroeira de Aracaju), a família se unia à coordenação da paróquia para erguer barracas com o propósito de comercializar alimentos e bebidas os quais eram pro-

duzidos voluntariamente pelos próprios fiéis. Após dias de procissão e quermesses, todo o dinheiro arrecadado com as vendas era destinado integralmente às atividades sociais realizadas pela igreja. Em mais uma ocasião nesta obra literária é preciso enaltecer o prazer em que o biografado se recorda desses momentos, em especial, o sabor da umbuzada que era produzida por Dona Maria José. A nós, imenso número de leitores que não obtivemos a oportunidade de saborear essa maravilha da gastronomia, fica a luta em buscar na imaginação a peculiaridade da umbuzada; a Jouberto Uchôa resta salivar com a doce recordação. O mês de dezembro, inclusive, era um dos mais agitados religiosamente falando para a família. Assim que se encerravam as ações alusivas à Nossa Senhora da Conceição, imediatamente eram iniciados os preparativos para a véspera e noite de Natal. Mobilizações solidárias que se repetiam ao longo do ano durante a Semana Santa, e no dia de Corpus Christi, este comemorado em 20 de junho. Todo esse ensinamento religioso contribuiu para que Jouberto Uchôa, independentemente da faixa etária, fosse avaliado pelas pessoas que o conhecem como um cidadão simples e de alma generosa. Um ser humano que segue compartilhando com o próximo palavras e gestos que elevem a autoestima. Perfil reflexo da base familiar, mas que ao longo dos últimos 60 anos também recebeu interferência positiva por parte de padres, arcebispos, cardeais e, principalmente, do Papa João Paulo II. Apontado pelo biografado como um santo. Pensamento que também foi entendido pela própria Igreja Católica. Durante uma cerimônia inédita realizada no domingo 27 de abril de 2014, na Praça de São Pedro, no Vaticano, a comunidade católica presenciou a canonização de dois Papas: o polonês João Paulo II e o italiano João XXIII. Acompanhada por milhares de fiéis, a oficialização do ato foi pronunciada em latim pelo Papa Francisco.

João Paulo II possui o terceiro maior pontificado documentado da história, liderando por 26 anos, cinco meses e 17 dias; atrás apenas dos papas São Pedro, cujo pontificado durou cerca de 37 anos, e Pio IX, que liderou por 31 anos. Foi o único Papa eslavo e polaco até a sua morte, e o primeiro Papa não italiano desde o neerlandês Adriano VI, em 1522. O dia de São João Paulo II é comemorado em 22 de outubro.



Estátua do Papa João Paulo II, localizada em frente à capelinha e próximo à entrada principal da reitoria.

“Ah, ele sempre fez por merecer esse reconhecimento universal. Um homem íntegro que sempre lutou para impor paz e harmonia ao redor do planeta. Um papa que quando esteve no Brasil foi amplamente aplaudido por milhares de pessoas que buscavam assistir a sua passagem de perto. Essa mesma cena se repetiu por todos os países onde passou. Era realmente um filho de Deus que caprichava nas ações da igreja. Não apenas a mim, mas aos meus avós, pais, filhos, tios, primos, enfim, o santo João Paulo II sempre foi avaliado por nós como uma figura santa que mereceu em vida e após a sua morte todas as homenagens possíveis. Minha influência religiosa ocorre em virtude também de outros nomes de vasta importância. Mais regional, posso citar o cardeal Dom Avelar Brandão Vilela, os arcebispos Dom Helder Câmara, Dom José Vicente Távora e Dom Luciano José Cabral Duarte, como também os padres Antônio Melo e o querido padre Arnóbio Patrício de Melo. Pessoas do bem que vieram a esse mundo para propagar a mensagem do nosso Deus supremo. E era isso o que meus avós e pais sempre nos aconselharam: acreditar na palavra da salvação e fazer com que nossas atitudes em momento algum pudessem resultar em negatividade tanto pessoal, como também para o próximo. Por este motivo, em respeito às minhas origens e a ideologia cristã, faço questão de tratar a todos de forma única. Para mim, seja o cidadão agente de limpeza, feirante, segurança, juiz de direito, governador do estado ou senador da República, todos são irmãos e merecem ser cumprimentados de igual modo. Evidentemente que existem avaliações democráticas opostas sobre determinados assuntos, mas nunca desrespeito. O debate de ideias contrárias contribui para o progresso unificado; isso é natural e saudável. Já o desrespeito e a ausência de fraternidade no coração, não”.



DOM FREI JOÃO JOSÉ DA COSTA
Arcebispo de Aracaju

“O professor, por sua alma, já possui um dom ímpar que é compartilhar com as demais pessoas os conhecimentos que adquiriu ao longo de anos de dedicação aos estudos. Uma missão divina que contribui para que a educação permaneça chegando em todos os cantos onde há vida humana em nosso planeta. Jouberto Uchôa, além de dispor dessa arte encantadora, digna de todos os reconhecimentos possíveis, também apresenta uma base cristã que carrega desde a sua infância, do berço familiar. Sabemos que a palavra do Senhor conforta e fortalece a alma das pessoas. Além de buscar sempre o caminho da fraternidade diante dos seus filhos, amigos e funcionários, Uchôa demonstrou ainda no início de sua trajetória empresarial que a presença de Deus deve estar em evidência em todos os seus departamentos educacionais. A cada abertura dos portões para acolher os seus estudantes, uma nova oportunidade para agradecer a Deus pelo dom da vida. Ficamos — nós, da comunidade Católica — realmente muito felizes em saber que uma das suas primeiras ações, ao adquirir o terreno onde funciona a Universidade Tiradentes, foi manter e restaurar a linda capelinha. As

celebrações que nela acontecem ajudam a manter sempre em evidência a nossa missão na terra que é propagar o bem, amar à Deus e fortalecer o espírito de fraternidade entre os irmãos. Permanecer em Jesus é essencial para vivermos e frutificarmos: ‘Permanecei em mim e eu permanecerai em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer’ (João 15,4-5). É preciso reconhecer os homens de bem do nosso estado, e, sem dúvidas, o professor Jouberto Uchôa de Mendonça é um deles. Pelas incalculáveis ações de assistência solidária ofertadas ao longo de toda a sua trajetória de vida, agradecemos o carinho atribuído à Família Arquidiocesana”.

DESCOBERTAS E APRENDIZADOS

Apesar da linha religiosa e de toda a base familiar por trás de qualquer cidadão de bem, sempre existem fatos, diríamos... de descobrimento nada desejado pelos pais. Situações nada produtivas, mas que podemos atrelar às peripécias realizadas por adolescentes. O Brasil sequer tinha perdido para o Uruguai na final da Copa do Mundo de Futebol masculino do ano de 1950. Estudantes do Grupo Escolar Manoel Luiz, até hoje em atuação no cruzamento entre a rua Permínio de Souza com a avenida Pedro Calazans, os irmãos Walter e Jorge decidiram ‘matar’ aula e convidar Uchôa para seguir a mesma ação. O convite foi recusado. Não que Jouberto em seu subconsciente não desejasse explorar a capital sergipana em pleno horário de aula. A questão é que ele possuía a concepção que aquela medida seguia no rumo contrário ao desejado por seus pais, e, o mínimo de deslize poderia lhe render em punição ao retornar para casa. Apesar de ter rejeitado, os irmãos impuseram que ele topasse a aventura sob ameaça de levar tapas e cascudos. Diante desta abordagem, o convite foi aceito por livre e espontânea pressão com destino ainda indefinido. Seguindo sentido Centro, o trio passou por uma bodega instalada na esquina das ruas Lagarto e São Cristóvão, quando Walter decidiu adentrar ao estabelecimento e comprar três cigarros da Fábrica de Tabacos Trocadero. Um valor, se convertido para a moeda atual, cerca de quatro centavos. Se empossou de um, repassou o outro para Jorge, e seguiu até o irmão mais novo para dá-lhe a terceira unidade. Por nunca sequer ter tocado em um cigarro, Uchôa

de imediato recusou afirmando que não aguentava nem sentir o cheiro da fumaça. Semelhante à recusa de faltar as aulas naquele dia, os irmãos voltaram a incentivá-lo a dar alguns tragos. Desta vez, já fora das salas de aula, caso ele não aceitasse o ‘desafio’, Walter e Jorge iriam denunciar aos pais que Jouberto Uchôa também não havia assistido as aulas. Avaliando naquele instante não ter alternativas, ele decidiu fumar o produto pela primeira vez em sua vida, porém, com uma condição: anexar o filtro do cigarro em um talo de mamoneira. Ele acreditava que o prolongamento do canal ocupado pela fumaça poderia diminuir o índice de nicotina, ou mesmo a planta poderia filtrar ainda mais a fumaça e, assim, ele driblar os interesses dos irmãos. Nada feito. Como já era de se esperar, no primeiro puxar ele se engasgou ao ponto de ficar sem ar por um instante, e tossir sequencialmente por ao menos três minutos seguidos. Os olhos ficaram vermelhos e lacrimejando.

Sem sequer imaginar no que lhes iriam render toda aquela ausência escolar, Walter e Jorge caíram na gargalhada enquanto Uchôa buscava restabelecer o fôlego e aguardar bater o horário para retornar para casa. Diferentemente da rotina diária, na hora do almoço o bibliografado apresentava sinais de alergia no rosto, apático e com apetite abaixo do convencional. Ao se aproximar do filho e sentir o cheiro do cigarro impregnado na roupa, Cândida Rodrigues logo reuniu os três e pressionou para saber o que havia ocorrido. Enquanto Walter e Jorge seguiam mudos, sem um pio sequer, com medo, Jouberto Uchôa decidiu abrir o verbo para a mãe e detalhar tudo o que havia vivenciado nas cinco horas atrás. Resultado? Repressão. Os três de couro quente para nunca mais faltar aula e usar produtos destinados à adultos. Por ser avaliado como o coagido, o castigo foi mais brando para o filho mais novo envolvido naquele episódio,

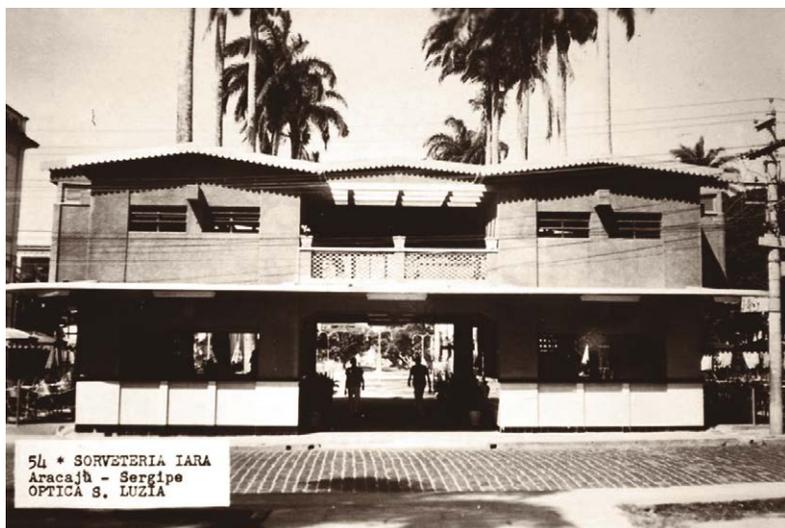
mas o suficiente para Uchôa jamais esquecer da lição doméstica recebida por sua mãe, a qual ele avalia como pessoa justa, de coração puro, defensora dos filhos, mas figura rigorosa para com os momentos necessários.

“Esta aí a lição. Eu nunca quis faltar aula, naquela situação, por mais que estivesse com os meus irmãos, sabia que era algo errado e que não poderia ter deixado de entrar no colégio para sair pelas ruas me aventurando. Não falo pelos perigos de violência ou acidentes no trânsito já que os índices eram baixíssimos e pouquíssimas pessoas possuíam automóveis. A questão mesmo fica por conta da desobediência. Deixar de ir à escola sem motivos justos era, e até hoje é, uma medida totalmente reprovada por muitos pais. Meus pais eram assim, e eu também seguia essa linha de postura. Foi um aprendizado e uma concepção ao mesmo tempo. Descobrir que nunca mais deveria deixar de assistir aulas, com também cigarro não é pra mim. Apesar disso, como toda criança, também tinha minhas armadas. Lembro-me muito bem das puladas de muro que por muitas vezes fiz para pegar manjelão em uma casa que ficava localizada na esquina entre as ruas Boquim e Lagarto, na região central de Aracaju. O dono da propriedade ficava azedo quando percebia que a molecada invadia a sua moradia para pegar algumas frutas em tempo de safra, mas mesmo assim a gente ficava de olho no movimento, e quando achava que dava para pegar as frutas, em frações de segundos a gente subia no pé. Era uma peripécia sadia, inclusive algumas vezes quando a gente passava, e o próprio dono estava na porta, ele mesmo oferecia para a gente. Para você ver, na minha fase de criança subir em árvore e pegar fruta era uma das atividades mais insanas, mas ao mesmo tempo a mais realizada por mim e pela garotada. Sair pelas ruas em busca

de frutas era uma diversão que gostava muito e me deixa com saudades”.

Em Aracaju, ainda na adolescência, um dos pontos mais visitados por Jouberto Uchôa era o centro comercial da capital sergipana, em especial, as ruas paralelas à Igreja Nossa Senhora da Conceição, posteriormente elevada ao reconhecimento de Catedral Metropolitana de Aracaju. Erguida no ano de 1862, e inaugurada em 22 de dezembro de 1875, o monumento histórico fica posicionado no marco zero da Praça Olímpio Campos. Além de todo o envolvimento religioso que atraía o biografado juntamente com amigos e familiares para a igreja, duas lendárias sorveterias instaladas entre as décadas de 40 e 60 a menos de 100 metros da catedral também contribuía para transformar a região em zona convidativa. Como se não bastasse o atendimento sempre respeitoso para com o cidadão cliente, o sabor dos produtos comercializados era extraordinário. Um desses estabelecimentos era a Sorveteria Yara, que funcionava quase de frente para a entrada principal da catedral, onde hoje é um vão, tipo calçadão destinado a pedestres, entre a Câmara Municipal de Aracaju (CMA) e a Procuradoria Geral do Estado de Sergipe (PGE). A segunda era a Sorveteria São José. Se for para botar na balança, ao paladar do biografado essa levava a melhor por pouquíssimas frações comparativas. Na realidade, não somente na preferência de Uchôa. Araújo, cidadão sergipano com elevada sabedoria na produção destes sorvetes, se dividia entre administrar o seu próprio negócio, atender os clientes, bem como trabalhar na cozinha tratando e orquestrando a criação dos seus atrativos gastronômicos. Uma avaliação mundial realizada pelo pesquisador Álvaro Garnero indica a Gelateria di Piazza, em San Gimignano, na Itália, como o ambiente onde se produz o melhor sorvete do planeta. Evidentemente que existem

inúmeras controvérsias, a começar por Uchôa. Para se ter noção do sucesso que as humildes sorveterias São José e Yara realizavam, gestores públicos e parlamentares sergipanos com atuação em Brasília costumavam comprar caixas de isopor para armazenar quilos de variados sabores a fim de distribuir como presente junto às autoridades do poder executivo federal. Era uma espécie de ‘mimo’ ofertado por pessoas ilustres, a exemplo do ex-governador por Sergipe, Lourival Baptista. Presente genuinamente sergipano para grandiosos gestores do primeiro escalão nacional. Naquele então já haviam pessoas que seguiam insistindo em minimizar a importância desses presentes, assim como hoje muitas não reconhecem o valor do doce caseiro produzido no interior de Sergipe ou castanha nordestina levada para o exterior como forma de presentear amigos não brasileiros.



Década de 1950, a tão bem citada Sorveteria Yara. Ponto de encontro de estudantes, servidores públicos, empresários e membros de todos os escalões dos três poderes: Judiciário, Executivo e Legislativo. A Sorveteria Yara duelava de forma leal com a Sorveteria São José pela preferência dos consumidores em Aracaju.

“Deus exagerou comigo. Preciso destacar sempre isso. Tenho a oportunidade de conhecer muitos locais fora do nosso amado estado de Sergipe, como também fora do Brasil. Em muitos desses locais eu busquei saborear sorvetes, que hoje muitos chamam de gelato, e posso garantir que nenhum, na minha opinião como degustador apaixonado por sorvete, consegue ser melhor do que o da Yara ou da São José. Era uma coisa de louco. Saboroso demais. Receber esses sorvetes como presente era mais que aceitável fora do estado. Um produto genuinamente sergipano que foi apreciado por ministros, senadores, presidente da República, mas que, mesmo diante de todo esse sucesso no paladar das pessoas, assim que o Araújo faleceu, infelizmente os filhos não deram seguimento ao trabalho brilhante que por anos foi realizado por ele. Na minha fase de infância e adolescência a gente gostava de visitar o Natal no Parque Teófilo Dantas, assistir apresentações musicais do 28º Batalhão de Caçadores, da Polícia Militar, andar de carrossel, roda gigante e comer maçã do amor e algodão doce. Porém, nenhum atrativo de lazer, comida ou refresco conseguia ser maior que ir ao centro da cidade e comprar um copinho desses sorvetes. Olha que já se passaram mais de 40 anos de portas fechadas, mas mesmo assim, até hoje consigo fechar os olhos e me recordar dos sabores. Tenho certeza que essa mesma sensação de doce lembrança não é somente sentida por mim, mas também por muitos que seguem vivos e com a memória boa ao ponto de jamais esquecer das sorveterias Yara e São José”.

O PODER DE TRANSFORMAR TRÊS MESES EM 24 HORAS

No mundo da imaginação, quantos de nós não gostaríamos de uma ou duas vezes na vida, quem sabe, possuir super poderes iguais ou melhores que aqueles fantasiados na infância? Se bem que muitas vezes a gente se depara com situações as quais percebemos na prática que não precisamos necessariamente ser aluno do ‘hollywoodiano’ Professor Xavier para percebermos que quando desejamos muito conquistar algo, ou alguma coisa, a gente consegue. Para isso é preciso se apegar à fé, persistência e multiplicar a dose de sabedoria. No encurtar dos argumentos, o caro leitor perceberá que Jouberto Uchôa, ao menos uma vez ao longo de sua vida, foi protagonista de uma peça pregada pela mitologia grega. Diríamos que uma espécie de discípulo nada mais, nada menos, que de Cronos, o Deus do tempo. A década? 1960. Difícil de lembrar a data específica em que os olhares foram cruzados de forma diferenciada pela primeira vez. Já proprietário do recém criado Colégio Tiradentes [mais pra frente iremos nos aprofundar sobre esse assunto], por volta do segundo semestre de 1962, Uchôa se encantou pela então aluna Amélia Maria Cerqueira. Estudante da primeira turma da instituição educacional, a adolescente se destacava pelo excelente relacionamento em que possuía com amigos e professores, pela vontade ímpar de consumir conhecimento de mundo e por se tratar de uma pessoa com características familiares semelhantes às da família Uchôa. Acima de tudo: olhar no olho, falar a verdade e ser honesto com tudo e para todos. Sem as tecnologias

contemporâneas que o mundo nos oferece e permite aproximar as pessoas, no melhor estilo paquera raiz, depois de dias apenas estudando a melhor forma de se aproximar com cautela da então aluna, finalmente Uchôa se dirigiu até a garota e começou gradativamente a demonstrar quais eram as suas intenções. Galanteador nato, ele sempre foi precipitado; costumava pisar no terreno com sabedoria, porém sem sequer imaginar que a situação naquele momento era diferente. Ímpar! Vale revelar que o professor biografado, mesmo antes de transferir a aliança da mão direita para a esquerda, nunca, jamais, apresentou o perfil de múltiplo namorado. Olhares sem malícia sempre existiram; infidelidade, não. Prevalencia a figura de uma namorada oficial e pronto, mais ninguém. Mas como em todas as regras cabem exceções... Amélia fez com que o incomum surgisse que nem um raio que abala qualquer estrutura. Ela estava quieta. Uchôa foi quem a provocou. Acontece que, enquanto se derretia apaixonado pela aluna, o professor era noivo de uma outra estudante da mesma escola.

Prezando pela sinceridade de sempre, Uchôa decidiu abrir o respectivo coração e pediu para namorar com aquela encantadora jovem que mais pra frente se tornaria a sua esposa e mãe dos seus filhos. O entrave mitológico envolvente nesse contexto está em um pedido um tanto fora do comum. Sem querer magoar instantaneamente o coração e, sobretudo, o sentimento da noiva, foi pedido à Amélia Cerqueira um prazo de até três meses para que ele conseguisse encontrar um pretexto minimamente coerente para acabar o relacionamento até então firme. Há quem o defenda e também avalie a proposta como sensata, uma vez que o biografado possuía anos de convivência com a noiva, a família e amigos dela, e, sendo assim, não gostaria jamais de causar desconforto de uma hora para a outra. Por ou-

tro lado, a contraproposta de Amélia segue fazendo escola. Diante daquele pedido, com um sorriso maroto já prestes a dar uma leve gargalhada, a jovem alegou compreender a situação, e concordou em ofertar um tempo. Uchôa só não imaginava que os 90 dias anteriormente desejados sofreria uma redução significativa passando para, no máximo, 24 horas a contar daquele instante. Assim mesmo, simples e direta. Foi justamente nessa ocasião que Uchôa necessitou apelar ao Deus do Tempo para que, com sabedoria, acabasse de vez com o noivado e somente depois disso iniciar o namoro com Amélia. Sem agir dessa forma, nada feito. E não é que ele conseguiu. Entre um gole e outro de café durante seu depoimento que serviu como base para a produção desta biografia, ele disse se recordar com carinho dessa situação que construiu e fez questão de resolver. O amor prevaleceu mesmo que de forma incisiva. A aposta deu tão certo que juntos, Uchôa e Amélia, contabilizam mais de 58 anos de casados. Uma vida colecionando sorrisos, quatro filhos e netos que enchem de alegria o coração do casal.



“Hoje eu bem que consigo sorrir um pouco daquela ocasião. Um sorriso que vem diante do sucesso do meu casamento e da nossa família que juntos construímos e seguimos usufruindo de toda a nossa dedicação por nossos filhos e netos. Naquele momento eu possuía a plena convicção que meu futuro seria ao lado de Amélia. Percebia nos olhos dela que ela sim iria me completar e era a ela que deveria unir meus esforços para conquistá-la. Não que minha ex-noiva não se tratasse de uma pessoa digna de respeito, mas Amélia sempre foi diferente. Até hoje ela me encanta, e muito. O problema maior é que eu não queria em hipótese alguma fazer com que minha ex e as pessoas mais próximas sofressem. Separação, término de relacionamento sempre é uma situação chata e delicada. Por esse motivo eu pedi encarecidamente três meses para descobrir uma forma de concluir aquele envolvimento sem que houvesse conflitos. Não era por querer ter duas namoradas, longe disso. Eu queria que tudo fosse resolvido de forma suave, mas Amélia não me permitiu. [risos] No primeiro momento até achei que ela iria aceitar quando ela me deu um suave: ‘tudo bem’. A questão é que depois dessa exclamação veio um ‘mas’. Foi nessa conjunção adversativa que minha alma gelou. Praticamente saiu do corpo quando ela disse que ofertaria apenas um dia. Ou seja, 90 dias reduzido para um a contar daquele momento da conversa. Como estava realmente apaixonado por ela e tinha a certeza que não poderia perder aquela oportunidade, o jeito foi buscar uma alternativa para atender a contraproposta de Amélia. Não sei a desculpa, sinceramente não me recordo, mas o certo mesmo é que consegui sem muito impacto, diferente do que havia imaginado. No final das contas deu tudo muito certo. Não sei o que seria de mim e da

nossa família sem Amélia ao nosso lado. Hoje o nosso patrimônio se dá também pelo empenho dela. Sou apaixonado, não posso negar. Se não tivesse cumprido a meta das 24 horas, talvez hoje eu seria dono de fazenda produtora de coco na cidade alagoana de Piaçabuçu, terra natal dessa ex-noiva”.





No dia 11 de julho de 1964, menos de cinco anos após oficializar o início das atividades educacionais no Colégio Tiradentes, Jouberto Uchôa e Amélia Cerqueira sobem ao altar na tradicional Catedral, localizada no Parque Teófilo Dantas, região central de Aracaju.



AMÉLIA CERQUEIRA

Esposa

Egressa do Ginásio Tiradentes

Vice-Reitora Do Grupo Tiradentes

“Eu era menina quando me deparei pela primeira vez com a instituição idealizada pelo Uchôa. Havia completado meus 15 anos, quando minha mãe, viúva naquela circunstância, decidiu me matricular no Ginásio Tiradentes pelo fato de a escola ter sido criada inicialmente na rua Laranjeiras, muito perto de onde morávamos. Da porta de casa minha mãe tinha condições suficientes de observar o horário exato em que entrava e saía; com quem entrava, com quem saía; o que fazia, o que deixava de fazer. Ter me matriculado no Tiradentes foi a medida mais eficaz, no ponto de vista de minha mãe, para poder acompanhar mais de perto a minha fase de adolescência da porta pra fora de casa. Não que eu fosse namoradeira ou algo desse tipo. Sem querer adiantar a cronologia das informações, mas para dar ênfase a essa argumentação, Jouberto Uchôa foi o meu primeiro e único namorado; então a preocupação da minha mãe era outra: estudo! Se tinha um trabalho que dava a minha mãe era relacionado aos estudos. Na fase escolar não tinha muita afeição pelos estudos; até me sentia muito bem com os colegas de classe e tinha um relacionamento muito bonito com a grande maioria dos professores, mas a afeição com os livros passava um

pouco distante. Depois de matriculada, logo nos primeiros meses foi possível despertar um certo interesse em Uchôa; ele sempre foi uma pessoa encantadora. Comunicativo que é, além do dom da palavra e da maneira elegante em que as utiliza, o seu carisma e jeito cavalheiro encantava as pessoas; eu não era a única a sentir algo diferente. Acontece que, da parte dele, também foi possível cultivar um sentimento diferente da relação professor/aluna.



Desde a infância o professor Jouberto Uchôa já apresentava um perfil de comunicador capaz de atrair as atenções. Sempre com conteúdo primoroso, seus discursos chamavam a atenção, em especial, pela metodologia fácil de compreensão entre todos os níveis de escolaridade. No registro acima, o biografado discursava em frente ao Ginásio Tiradentes, no dia 21 de abril de 1963, em homenagem ao mártir da Inconfidência Mineira.

Tudo aconteceu de forma razoavelmente rápida, mas respeitosa. Uchôa era noivo de uma pessoa que ao longo dos anos posteriores foi possível consistir em um envolvimento de amizade. Mesmo tendo eu sido o pivô da separação, acredito que a transparência das ações contribuiu para alcançarmos o clima pacífico entre todas as partes. A troca de olhares foi intensificada pouco antes do meio do ano, quando começaram as seletivas para a formação do grupo da quadrilha junina. Desde criança eu sempre gostei de dançar; era algo que me identificava bastante, e, até hoje, sou apaixonada por essa arte. Certo dia Uchôa foi até o meio da quadra e disse bem alto que, aqueles estudantes os quais gostariam de participar da quadrilha, no dia seguinte era para se reunir naquele espaço. Estava ansiosa. Havia comentado com minha mãe em poder participar do grupo e ela prontamente permitiu. No dia posterior, logo depois das aulas fomos para a quadra, ele passou algumas informações e logo em seguida começou a formar os casais. Estrategista inteligente. Foi formando os casais e me deixando por último. Por ironia do destino estávamos em número ímpar; ele me deixou de lado, e quando todos perceberam que eu estava isolada, eu perguntei: ‘professor, eu fiquei sem par. Quero muito participar, mas o senhor foi formando os pares e eu estou sem um cavalheiro para dançar’. A princípio fiquei até um pouco sentida por ter sido a última, mas logo em seguida eu entendi os motivos. Ele me olhou de lado, como se estivesse espantado, e falou bem assim:

— Mas como?! Achei que já tinha formado a sua dupla. Não tem problema, você jamais vai deixar de participar da nossa quadrilha. Faz assim, você vai formar par comigo. Estamos montando um grupo maravilhoso, que iremos alegrar nossos festejos juninos e você estará dançando comigo, será a minha dama.

Respeito é bom e todo ser humano gosta. Por mais que naquele instante a troca de olhares tivesse fervendo, em circunstância alguma seria capaz de ultrapassar a linha da razoabilidade e respeito para com a então noiva de Uchôa, e com a própria família. Como a situação estava insustentável, diz ele que eu dei um certo prazo para terminar com a noiva, mas eu não me lembro bem disso. Fala sempre que eu dei por esquecer dessa exigência, pode até ser mesmo. Eu sei que foi tudo muito rápido. Entre o término do noivado, o anúncio do namoro e nosso noivado foram um ano e dois meses. Foi uma fase difícil, enfrentamos alguns problemas familiares porque muitos achavam que eu era nova demais e poderia atrapalhar o crescimento de Uchôa. De certa forma eu entendo a preocupação; com o tempo, mesmo bastante nova, com 16 anos naquele período, tive maturidade de compreender a preocupação. Restava a mim, em especial, mostrar a todos que estava ali devido ao amor que começamos sentir um pelo outro, como também para contribuir no que fosse possível. Assim seguimos até hoje. Não somos perfeitos; perfeito somente Deus. Formamos um casal com 58 anos de matrimônio. Um casal que vive 24h juntos. Temos nossos entraves, mas sempre respeitosos. O que alimenta essa nossa união é a manutenção dos atos de cavalheirismo. Isso não acontece apenas dentro de casa comigo, os filhos, ou na instituição. Tenho um grupo de amigas que até pouco antes da pandemia [do novo coronavírus] costumava se reunir com frequência. Sempre que possível, ele ficava sabendo onde seria esse encontro, comprava flores e chegava no espaço distribuindo rosas para cada uma. Assim que terminava, ele abria a porta do carro para que eu pudesse entrar. 90% das vezes ele desce primeiro e abre a porta; quando es-

tamos na rua que vamos para o carro ele passa na frente e abre a porta. Os outros 10% só são possíveis porque sou muito apressadinha e acabo abrindo antes que ele chegue e pegue na maçaneta do veículo.

São coisas simples, mas que me deixam de coração mole. Seja onde for, em qualquer município de Sergipe ou fora do nosso estado, onde ele passa que se depara com uma roseira, ele tira uma e me presenteia. Eu já disse a ele que um dia ainda vai tomar uma bronca, mas ele olha pra mim e sorri. Sempre faz uma gracinha e minimiza meus conselhos. Hoje com 85 anos de idade, nossa maior felicidade é ter os filhos próximos, desfrutando de uma harmonia que tanto trabalhamos para que existisse, com uma imensa manutenção do ambiente familiar que predomina no Grupo Tiradentes, e recebendo sucessivas homenagens. Todas fruto do trabalho que ele idealizou ainda no início da sua juventude, e, nós, esposa, filhos, netos e inúmeros amigos, abraçamos as causas. Ele é um eterno sonhador. Vez ou outra eu chego para ele e digo: meu filho, pare um pouco. Pare! Relaxe um pouco a mente, mas não adianta. Na questão física não dá para comparar com o início das atividades empresariais, mas na questão mental ele segue trabalhando à 1000 km/h. Uma verdadeira máquina de ideias que revolucionam a educação e segue multiplicando sorrisos”.



CRESCE A FAMÍLIA UCHÔA

Fruto desse relacionamento, fervilhando de igual modo à literatura romancista, vieram os filhos Marília Cerqueira Uchôa Santa Rosa, primeira filha do casal, hoje médica; Jouberto Uchôa de Mendonça Júnior, formado em direito e mestre em comunicação; Dionísio Cerqueira Uchôa, designer de interiores; e a caçula, Marilda Cerqueira Uchôa, administradora. Aos que possuem a oportunidade de conhecer um pouco mais que seja da intimidade familiar do casal, sabe na prática o quão unidos todos eles são. Representantes reais da família tradicional brasileira os quais se deparam com conflitos, mas indiscutivelmente lutam e defendem uns pelos outros. Esse amor e integridade familiar se estende sem nenhum milésimo de perda emocional para com os genros e noras, bem como aos netos. Basta falar o mínimo que seja com o biografado sobre os seus filhos que os olhos se enchem de lágrimas. Um mix de orgulho, afeição e todas as demais características que cabem perfeitamente na imagem estereotipada de um pai coruja. Seguindo o exemplo dos seus pais e avós, Uchôa e Amélia desde os primeiros sinais de gestação buscaram ofertar aos herdeiros o que houvesse de melhor — dentro das respectivas condições financeiras —, no quesito educação escolar e assistência médica. O dever de casa sempre esteve garantido. Paralelo ao conhecimento disciplinar recebido nas instituições de ensino, ao chegar em casa os quatro permaneciam sendo educados com a proposta de transformá-los em adultos cidadãos de bem, honrados com a ética, bem como respeitoso para com o próximo. Nos momen-

tos de embate domiciliar Uchôa não possuía aquele olhar infalível semelhante ao seu pai. A diferença com Jacinto Uchôa e Cândida Rodrigues é que seu coração de pai era um pouco mais maleável. Castigos, as populares broncas e puxões de orelhas sempre existiram, mas era diferente. Mesmo compreendendo e defendendo categoricamente a forma com que por décadas seguia sendo educado, agora, o pai Jouberto Uchôa, possuía um toque a mais de sensibilidade no coração, mesmo nos momentos de repressão educacional junto aos filhos. Pisar fora da linha nunca foi uma medida inteligente para Marília, Júnior, Dionísio e Marilda. A questão chave disso tudo é que, sem palmatória ou quaisquer outras formas de agressão física, o casal soube, e sabe até hoje, reger a condução harmoniosa da família. O diálogo prevalece. Foi dessa forma que a confiança múltipla naturalmente acabou sendo construída.

Para que essa estrutura base fosse fixada conforme desejado pelo casal, todo e qualquer assunto que envolvesse o presente e futuro dos respectivos filhos era devidamente conversado como forma única e absoluta de optar sempre pela melhor opção. Como faz parte da natureza, por vezes as alternativas escolhidas não eram as melhores, mas, em seguida, diante da necessidade de reformular as ações anteriores, Uchôa e Amélia voltavam a debater o assunto e utilizar medidas paralelas que finalmente gerassem o resultado inicialmente desejado. Por inúmeras vezes, com diferentes formas de pensar e desejo de agir, no calor das discussões entre o casal, ambos sempre buscaram minimizar os conflitos ideológicos diante da presença das crianças. É preciso deixar claro que nunca houve agressão física por parte de nenhum dos dois; a questão mesmo era que a discussão, por mais sadia e democrática que fosse, vez ou outra o alto tom de voz poderia provocar no subconsciente

dos filhos uma possível imagem de família sem harmonia, o que seguiria totalmente na contramão da realidade dos fatos. Se fosse para haver atritos verbais, que eles fossem protagonizados unicamente por eles, sem a presença de coadjuvantes, neste caso, os filhos. Enganam-se aqueles que acreditam na mudança de perfil após os filhos terem alcançado a maior idade. Essa postura segue até hoje. Por mais estranhos que estejam vivenciando o momento, diante dos filhos e netos eles prezam pela harmonia unificada. Em virtude dessa homogênea estruturação familiar, desde a infância os quatro filhos apresentam publicamente, e em meio aos amigos e demais familiares, perfis de cidadãos íntegros, capazes de se relacionar bem com os mais variados públicos e setores. O sorriso sempre estampado no rosto carregado com palavras e saudações educadas ajudam a abrir caminhos e trilhar uma vida pacífica. Na perspectiva de mundo defendida pelo biografado, bem como pela professora Amélia, de nada adianta debaixo do mesmo teto encontrar filhos educados se da porta pra fora o relacionamento para com o próximo não siga de forma fiel à doutrina educacional de casa. A relação com vizinhos, colegas de escola, faculdade e parentes deveria indiscutivelmente ser uma espécie de extensão do lar. Se por ventura os ‘santos não se baterem com o do próximo’ — conforme presente no ditado popular brasileiro —, então que para o bem de todos esses encontros sejam sempre evitados.

Por vida apegados à fé cristã, Uchôa e Amélia seguiam batalhando para que o espírito de fraternidade se fizesse presente em seus filhos. Ao contrário das impiedosas dificuldades financeiras enfrentadas pelo casal durante a própria infância, a partir da segunda metade dos anos 60, em meio ao crescimento econômico financeiro familiar com o sucesso absoluto do Colégio Tiradentes,

os pais de Marília, Jouberto Júnior, Dionísio e Marilda possuíam a consciência de que, para se formar adultos honrados, independentemente da sua escolha profissional, é preciso incentivá-los a estudar, e, posteriormente, trabalhar. Primeiro os estudos, depois o trabalho. Conquistar o lazer desejado sem a união desses dois fatores era, e é, uma missão quase impossível. Similar a uma retirada de peso das costas, uma doce sensação de alívio que somente os pais e mães pelo mundo podem relatar, a colação de grau no curso de Administração desfrutada pela filha caçula Marilda Cerqueira Uchôa contribuiu para que Uchôa e Amélia percebessem na prática que todos os esforços valeram a pena. A luta pela minuciosa inclusão educacional atingia naquele momento o mais elevado auge do sucesso. Quatro filhos, todos formados e com contínuas especializações. Até hoje existem lá suas puxadas de orelhas como se os filhos tivessem a idade dos netos, mas tudo dentro da normalidade. É preciso enaltecer: fale com Uchôa e Amélia sobre sua família que logo será possível observar uma mistura de sorriso e olhos prestes a lacrimejar em um só instante. Em alusão a esse zelo familiar, de forma brilhante declarou o ‘Poetinha’ Vinicius de Moraes:

“De tudo, ao meu amor serei atento antes
E com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa lhe dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.”

*Nascido em 19 de outubro de 1913 no estado do Rio de Janeiro — período em que o Distrito Federal do Brasil ainda era sediado na capital carioca —, Marcus Vinicius de Moraes escreveu este soneto no ano de 1946 no estado de São Paulo. Até hoje é considerado um dos poemas mais populares deste ícone da Bossa Nova e do Samba.

Sobre este assunto, nada melhor que uma dose de café, seguida de um gole de água para desenlaçar o nó dado na garganta durante as declarações concedidas para esta obra que visa, sobretudo, immortalizar a importância deste nobre cidadão sergipano, ícone da educação nacional. “Minha esposa, meus filhos e meus netos formam a minha fortaleza. Eles são tudo para mim. Eu e Amélia sempre fizemos o possível e fomos em busca do impossível para que eles quatro se transformassem nas pessoas que são hoje, homens e mulheres do bem. Sabíamos que apenas com educação de qualidade dentro de casa e valorização dos ensinamentos oferecidos dentro de salas de aulas e laboratórios seria realmente possível conseguir transformá-los em humanos adultos, responsáveis e capazes de seguir lutando por um mundo mais coerente, onde o amor e a fraternidade prevaleçam, sempre. Ainda fico de olho. Estão todos bem grandinhos, mas nós dois (Uchôa e Amélia) estamos plantados que nem um farol que ilumina e orienta os navegadores, de olho, dia e noite. Sabemos que nossa missão enquanto pais de crianças e adolescentes foi cumprida da forma que realmente tínhamos por

inúmeras vezes almejado. Mas aqui vou revelar: todas as vezes que deito em minha cama e acordo no dia posterior, minha missão é manter a família unida em todos os aspectos. Meu maior medo é que, quando Deus me chamar dessa para melhor, para um outro campo espiritual, todo esse excelente relacionamento entre eles de hoje não se transforme em batalha, conflitos. Sei que, quando o Pai chamar, vou com a consciência limpa de que fiz e dei o meu melhor, mas também seguirei de dedos cruzados, torcendo para que a nossa base criada assim que todos eles nasceram se perpetue. Sabe aquela história das 24 horas que a Amélia me deu? Pois bem, foi a atitude mais inteligente que possuí até hoje. Foi ela quem me proporcionou filhos incríveis, netos que enchem o nosso coração de felicidade, e, acima de tudo isso, um amor presente a cada fração de segundo, a cada pulsada do pulmão que dou para respirar.



Jouberto Uchôa e Amélia Cerqueira cercados pelos quatro filhos, genros, noras e netos.



MARÍLIA UCHÔA

Primeira Filha do Casal
Graduada em Medicina

“Dos quatro filhos, eu fui a primeira a dar um neto para eles, e desde a primeira fração de segundo que soube que estava gestante, já tinha a plena convicção que se fosse do sexo masculino levaria o nome do meu pai. E assim aconteceu. Por ser uma verdadeira fã do perfil de ser humano cultivado por eles [Jouberto Uchôa e Amélia Cerqueira], jamais seria capaz de repassar para os meus três filhos qualquer que seja um ensinamento que fuja dos princípios morais que recebi quando criança. Dentro de casa nós tivemos uma escola maravilhosa; pais que se desdobravam entre a postura de educadores, amigos, super-heróis e torcedores para cada vitória alcançada pelos filhos. Seria um erro apostar em conduta diferente daquela que durante inúmeros anos felizmente fomos acostumados a assistir. Sabe o que nos move hoje, filhos adultos, residindo em imóveis diferentes e cada um com os seus filhos? O amor e o respeito múltiplo. Sinto muita falta dos momentos vivenciados na infância e adolescência com meus pais e irmãos na mesma casa. A impressão que tenho hoje é que esse sentimento permanece intocável, mas com uma certa extensão estrutural. Em lares se-

parados, mas indiscutivelmente todos conectados pelos ensinamentos herdados pelos nossos pais e avós.

Eu poderia passar aqui dias falando sobre as qualidades do meu pai, mas existem algumas que me marcam bastante. A humildade certamente é a primeira delas; falo isso com a plena convicção que ele é incapaz de esquecer as suas origens e assumir uma forma diferente de avaliar e vivenciar o seu dia a dia. Sempre foi um homem respeitador, com uma sensibilidade apurada para as mulheres; amoroso e bastante cavalheiro com minha mãe, em especial. Até hoje ele realiza ações comuns em décadas passadas, como abrir porta de carro para que as mulheres possam entrar primeiro, distribuir flores sempre que possível, elogiar o cabelo, a pele, atitudes que engrandecem o ego feminino, mas que hoje são bastante raras de se deparar. Tivemos a sorte de sermos criados dessa forma. Antes que pensem que estou com ciúmes dos meus irmãos, digo logo que não é verdade [risos]. Por ter sido a primeira filha deles, a minha educação foi um pouco mais firme. Já partindo para a fase de adolescência, por exemplo, me recordo muito das inúmeras vezes que meu pai me chamou para conversar, olhando nos olhos, e começava a me dar conselhos sobre os mais variados assuntos. Eram ensinamentos de vida, os quais envolviam em sua maioria das vezes os aspectos morais e de relacionamento com paqueras da época.

Confesso que em alguns momentos aquilo me assustava, mas aos poucos fui percebendo na prática que se tratava de acolhimento fraterno; uma tentativa de minimizar qualquer tipo de situação indesejada. Os anos foram passando e essas conversas permaneceram acontecendo até o momento em que me casei. Nem tudo eram flores; muitas coisas por certos momentos eu não compartilho com a ideia deles. Na transição do ensino fundamental para o ensino médio, por

exemplo, ele me tirou do próprio Ginásio Tiradentes, onde me sentia absolutamente em casa, e decidiu me matricular, contra a minha vontade, frise-se, no tradicionalíssimo Colégio Salvador. Desde criança estava acostumada a na hora do intervalo ir na diretoria para dar um beijo nele e em minha mãe. Com a mudança de escola essa prática precisou acabar. Resistente para entender o porquê daquela mudança, mesmo tendo a convicção de que a rigurosidade escolar era a mesma pra mim, isso se comparada com a dos meus colegas de classe, lembro que meus pais disseram que em curto prazo aquela medida surtiria efeitos mais positivos para a minha evolução educacional. Apesar destes conselhos, volto a dizer que eu desejava mesmo era permanecer estudando no Tiradentes porque me sentia em casa; os primeiros momentos no [Colégio] Salvador foram horríveis. Chorava e reclamava todo santo dia com os meus pais, mas depois não é que fui me adaptando ao ponto de até hoje ter amigos dessa fase em minha vida?



Secretaria do Ginásio Tiradentes, onde os filhos costumavam visitar os pais durante os intervalos entre as aulas.

Durante todos esses anos, nunca me senti desamparada. Isso, inclusive, aos mais de 2.000 quilômetros que separam a nossa Aracaju e o município paulista de Ribeirão Preto, onde, depois de formada em medicina, fui fazer residência. Era uma época bastante evoluída se comparado ao período em que meu pai era pequeno e morou em Girau do Ponciano, mas muito distante da realidade que vivenciamos hoje em dia. Para chegar a Ribeirão Preto meus pais desembarcavam no aeroporto de São Paulo capital, onde pegavam uma condução até o terminal rodoviário de onde estava morando. Eram pouco mais de 4h de viagem de ônibus; Ribeirão até tinha aeroporto, mas o preço da passagem era surreal. Imagine só, meus pais deixando o trabalho aqui para passar praticamente um dia inteiro viajando para me ver. É de um zelo tão grande que até hoje me emociona muito. Contava os segundos para recebê-los, e ficava arrasada quando eles embarcavam de volta. São situações como estas que seria injusto não enaltecer esse apoio incondicional que tanto eu, quanto os meus três irmãos, tivemos. Eu analiso meus pais como uma espécie de cristais; meço as palavras, as atitudes e todas as demais situações para que em hipótese alguma possa correr o risco de criar mal-estar. Se eu tenho um medo nessa vida, pode ter certeza que é magoá-los.

Caso tivesse um mega poder, pediria a Deus que meus pais fossem imortais neste nosso atual campo espiritual, mas infelizmente esse desejo não será atendido. Por isso faço orações para que eles possam desfrutar de uma vida longa repleta de saúde. Enquanto houver vida, tudo o que eu faça para eles e para a felicidade deles, sei que representará uma gota de tudo aquilo que todos os dois fizeram por nossa família. Puxão de orelha tomamos até a fase adulta. Lembro quando disse a eles que seriam avós

pela primeira vez. Dona Amélia ficou feliz, nos parabenizou do jeito dela; já meu pai... enfim, ele não gostou muito da ideia não. Eu morava em Ribeirão Preto há menos de um ano e meio, e estava casada há pouco mais de dois anos. O receio dele era que a chegada do filho pudesse interromper completamente a missão que enfrentamos ao nos mudar para o interior de São Paulo para cursar a minha especialização profissional. Depois de um certo período — o ideal para a ficha cair de verdade —, a forma de lidar com aquela notícia já foi outra. Os dois, em absolutamente tudo, são inspiração para mim. No contexto familiar e empresarial, eu sei que o sucesso só se tornou possível devido ao casamento consolidado deles dois. Não estou falando que o matrimônio é perfeito, ou que precisa ser impecável. Não é isso. Apenas defendo a tese de que, para se conquistar a felicidade até que a morte vos separe, é fundamental ter e cultivar duas coisas: amor e respeito. Paciência! Importantíssimo isso; também não podemos esquecer.

Talvez se meus pais não tivessem essa conexão tão forte, a história hoje narrada aqui seria outra; ou sequer teríamos a satisfação em relatar alguma coisa. O bem que eles fizeram e fazem a milhares de famílias, sejam elas de acadêmicos ou colaboradores, é algo que precisa ser sempre destacado. Estou falando de um legado responsável pela realização de sonhos. Oportunidades de estudo, qualificação profissional e acesso ao tão desejado mercado de trabalho. Não canso de afirmar que eles são muito abençoados por Deus; seres de luz capazes de mudar a história da educação em Sergipe, e levar sorrisos para os quatro cantos do mundo. Meu coração só há espaço para o imenso orgulho que é tê-los como pai e mãe.”

TRABALHO DIGNIFICA O HOMEM: teoria e prática na vida de Uchôa

Não precisa ser filósofo ou analista comportamental para compreender que os adultos na maioria das ocasiões são impecáveis espelhos da sua estrutura de base familiar e estudantil. Promulgado em 5 de outubro de 1988, o artigo 227 da Constituição Federal que estabelece a prioridade absoluta dos direitos de crianças e adolescentes, apenas se tornou regra administrativa para ser seguido pelos órgãos governamentais. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) nada mais é do que o reflexo da teoria adotada pelas famílias as quais desejam que este grupo de cidadãos tenha acesso, por exemplo, à cultura, educação, esporte e lazer. Uchôa, fruto de uma família tradicional a qual sempre bateu na tecla de que para se conquistar êxito no futuro é preciso dignificar a estrutura interna, sabe bem a importância de dividir os momentos de estudos, mais estudos, uma dose a mais de estudos, e, na sequência, trabalho e lazer. Conhecimento dentro das salas de aulas e laboratórios escolares, como também durante a convivência e diálogo para com os mais experientes. Algo que já vimos no início desta biografia, mas que nunca será demais enaltecer. Desde criança, antes mesmo de retornar à Aracaju aos sete anos de idade, Jouberto Uchôa trabalhava com o avô na produção de biscoitos, pães e torradas. Foi justamente neste período que ele começou a compreender na prática

a real necessidade de se dedicar ao trabalho. Frise-se, não era trabalho infantil. Nunca o biografado deixou de assistir aulas para ajudar na operacionalidade da panificação do Sr. Manoel Rodrigues. Tinha tempo para tudo, e essa divisão mental nos afazeres do dia contribuíram para o respectivo sucesso empreendedor. Um cidadão funcional por diversas vezes reconhecido por sua pontualidade e seu compromisso para com a atividade trabalhista. O típico profissional que veste a camisa do local de trabalho e é desejado por variados postos de trabalho.

Ao pisar os pés de volta à capital sergipana, de imediato ele foi matriculado no Colégio Manoel Luiz, considerado naquela fase como uma das instituições de ensino mais rígidas do estado de Sergipe. Uma instituição administrada sobretudo pela então diretora Maria Carlota, e que possuía como missão ímpar qualificar a educação base e transformar crianças e adolescentes em profissionais amplamente preparados para o mercado de trabalho. Além do bom relacionamento com os colegas, era preciso demonstrar empatia junto aos professores e coordenadores pedagógicos. Uma espécie de: os alunos dentro da sala de aula semelhantes aos colegas de serviço; e os docentes, figurando a imagem de patrões. Uma engrenagem que envolvia educação curricular com disciplina pós ambiente colegial. Nesse período em que passou a ser observado de perto pela professora Carlota, Uchôa desenvolvia parte do que aprendia na escola durante as atividades administrativas do Hotel Viajantes. Tudo começou quando o Departamento de Obras do Estado de Sergipe exigiu na justiça que a família Uchôa desapropriasse a residência onde morava. Sem alternativas, todos seguiram

para um imóvel erguido na rua Santa Rosa, esquina com avenida João Ribeiro, centro da cidade, onde decidiram criar uma pensão temporária para clientes que porventura estivessem por passagem por Aracaju. A idealização era ousada em decorrência de, naquele então, a casa possuir apenas dois compartimentos. Apesar das limitações estruturais, a ideia vingou ao ponto de Jacinto Uchôa e Cândida Rodrigues transformar a casa alugada — de propriedade de José de Quintino — em hotel. Valorizando a prata da casa, até porque não se possuía condições para promover a contratação de funcionários, os pais de Uchôa decidiram ‘nomear’ o filho para o cargo de responsável adjunto do setor de compras. Uma pasta que demandava tempo, bom raciocínio e dedicação. Foi justamente a partir deste momento que a teoria escolar absolvida pelo biografado começou, na prática, a funcionar em conjunto com a ação operacional.

Depois de mais de dois anos contabilizando sucesso no empreendimento hospitalareiro, a família decidiu cessar as atividades e se mudar mais uma vez. O imóvel escolhido ficava na rua Estância, no trecho que é cortado pela rua Itabaiana, onde D. Cândida decidiu abrir um novo estabelecimento comercial e dedicar-se à produção culinária. Novamente escalado para ajudar na rotina trabalhista da empresa caseira, desta vez Uchôa assumiu a responsabilidade de entregar as marmitas. Fato ocorrido entre os anos de 1948 e 1950.

“Nas nossas veias sempre pulsou o desejo de crescimento honesto. Sempre tivemos referência dos nossos avós em acordar cedo, dormir tarde e sempre planejar o que faríamos de positivo no dia posterior.

Assim foi a minha passagem infantil. Eu sempre gostei de estudar e trabalhar, a impressão que sempre tive era de que de nada adiantava colher o conteúdo disciplinado na escola se não pudesse desenvolver fora das salas de aula. Ajudar os meus pais não se tratava de uma obrigação, nunca fomos obrigados a nada; apenas era uma tendência natural justamente por causa das lições, conversas e tantas situações em que vivenciamos já nos primeiros anos de vida. Era, e continua sendo um espelho. Somos hoje pessoas que foram doutrinadas por nossos pais e avós principalmente entre 01 e 13 ou 14 anos de vida. Receber elogios dos professores e vizinhos na frente dos meus pais, por exemplo, nunca me deixou encabulado; muito pelo contrário, aquela era uma forma de demonstrar aos meus amados pais que eu buscava incansavelmente seguir o tracejado imaginário que aos seus filhos eram instruídos. Como nem tudo também era estudo e trabalho, nos momentos de lazer recordo-me perfeitamente que vivíamos um momento de esplêndida euforia pela realização da primeira Copa do Mundo de Futebol no Brasil. Talvez o ano de 1950 me reservou o primeiro banho de água fria. Sempre fui apaixonado por esporte e a campanha quase impecável da nossa seleção canarinha naquela edição contribuiu para que internamente compreendesse que muitas vezes é preciso tomar um choque de realidade para que possamos conquistar no futuro o desejo que ficou amargurado no passado. Lembro com perfeição do meu pai me dizendo que a vida precisa ser enfrentada com a certeza de que, mesmo que deseje muito por alguma coisa, às vezes o resultado final pode não ser exatamente aquele que pleiteamos”.

A edição de 1950 foi a quarta na história das Copas do Mundo FIFA de Futebol. Ocorreu entre os dias 24 de junho a 16 de julho. Sediado unicamente no Brasil, as partidas foram realizadas nas cidades de Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Historicamente falando, lamentavelmente em virtude da Segunda Guerra Mundial, a Copa do Mundo não vinha sendo disputada desde 1938; as Copas do Mundo de 1942 e 1946 tiveram que ser canceladas. Após a guerra, a Federação Internacional de Futebol apresentava o desejo de ressuscitar a competição assim que possível, e começaram a planejar a próxima Copa. Porém, no período pós-guerra, a maior parte do continente europeu seguia em ruínas, o que contribuiu para que a federação se deparasse com dificuldades em encontrar algum país interessado em sediar o evento, uma vez que muitos governos acreditavam que o cenário mundial não favorecia uma celebração esportiva daquela magnitude. Pela paixão nata, sobretudo pelo futebol, o Brasil se candidatou e acabou sendo eleito para sediar o evento. O país anfitrião seguia bem. Na 1ª fase derrotou a seleção do México logo de cara pelo placar de 4 a 0; empatou por 2 a 2 com a Suíça; e venceu a Iugoslávia por 2 a 0. Na fase final, durante um quadrangular inédito e único em copas, se enfrentaram: Brasil, Suécia, Espanha e Uruguai. Um verdadeiro passeio dentro de campo; em uma série de placares elásticos — chocolate, como diz o dialeto futebolístico —, o Brasil derrotou a Suécia pelo placar de 7 a 1 (baita ironia do destino); e, posteriormente, a Espanha pelo placar de 6 a 1. Esses resultados garantiram a seleção brasileira uma boa vantagem frente ao Uruguai na final que foi realizada em 16 de julho. Com um Maracanã

‘lotadaço’ — oficialmente 199.954 pessoas pagantes, mas com suspeitas de 205 mil expectadores — o Brasil precisava apenas empatar com o Uruguai e o troféu seria nosso. Fato que não ocorreu e fez Uchôa e mais de 50 milhões de brasileiros adiarem as comemorações pela conquista do primeiro campeonato oficial de futebol profissional.

Levanta a cabeça e bola pra frente; segue o jogo. Foi exatamente isso que fez o biografado. Enquanto ainda buscava intimamente curar a dor da perda do mundial, Uchôa recebeu o convite para pela primeira vez trabalhar fora das asas dos seus pais. Tecelão. Essa foi a proposta que partiu da tradicional Fábrica Sergipe Industrial, que funcionava na zona norte de Aracaju. Pertencente ao Doutor João Cruz, um homem empreendedor que buscava operacionalizar a indústria regional com profissionais genuinamente sergipanos, a fábrica era referência funcional por respeitar os direitos trabalhistas, bem como possuir como uma das missões transformar o ambiente de trabalho em uma espécie de extensão da casa de cada funcionário. Fundada 15 de fevereiro de 1882, prestes a completar 140 anos de existência, até hoje a fábrica é considerada como uma das maiores da indústria têxtil do país na fabricação de tecidos e confecção de cama, mesa e banho. Antes mesmo de Uchôa ser convidado para fazer parte do quadro de funcionários, a empresa sempre buscou inovar e proporcionar o desenvolvimento de novos produtos que valorizam o ambiente gerando satisfação, bem-estar, conforto e harmonia para o seu público alvo. Atualmente a empresa possui duas unidades fabris no estado de Sergipe, sendo uma em Aracaju — onde

produz tecido cru — e a filial localizada na cidade de Riachuelo (SE), onde se produz a felpa e confecciona toda linha de cama, mesa e banho. Nesse ambiente também é feito todo o acabamento dos nossos tecidos produzidos na matriz.



A fábrica de tecido Sergipe Industrial está entres os bens culturais que representam a memória e história de Aracaju. Esta imagem foi conquistada junto ao arquivo público do Instituto Histórico de Sergipe.

O crescimento da Empresa é prova da força, ética e entusiasmo de todos os colaboradores envolvidos no processo, com dedicação e buscando sempre a melhoria dos processos, tendo como elemento essencial fortalecer sua marca e a satisfação dos clientes. Visionário, com apuradíssima visão de futuro, Cruz compreendia que, a partir do momento em que o trabalhador se sente à vontade, acolhido pelo local de atuação, o resultado final da obra seria exatamente o desejado pelo grupo gestor. Sem bicicleta, muito menos auto-

móvel, o novo funcionário saía diariamente de casa antes mesmo de os ponteiros baterem às 5h; cruzava a rua Porto da Folha, as avenidas Barão de Maruim e Coelho e Campos, enfrentava inúmeros trechos de piçarra onde passavam ainda os trens da Leste Brasileira, e o Morro do Bonfim. Situada no coração da cidade ainda sem muitas edificações, a região era predominada por árvores e mangues. Por ser um local até então bastante frequentado por viciados em bebidas alcoólicas, Uchôa possuía certo medo em transitar pela área, mas buscava sempre andar pelo meio da rua e tentar apresentar uma fisionomia tranquila. Valorizando a política da boa vizinhança, acenos e falas curtas como: ‘bom dia!’, ‘Deus os abençoe’, e ‘bom final de semana’ ajudavam a construir um cenário de bom relacionamento. No final das contas a impressão que ficou é que a ação deu certo. Nunca, em nenhum momento, Uchôa foi abordado negativamente ou insultado por um desses cidadãos. Conflito mesmo somente no interior da Fábrica Sergipe. Por ser encaminhado para trabalhar em um departamento produtivo onde se confeccionava sacos de algodão para ser utilizado em engenhos de cana de açúcar — um ambiente estereotipado como local predominante ocupado e desenvolvido por mulheres — Uchôa virou motivo de chacota por parte de colegas de farda os quais insinuavam desconfiar da sua respectiva identidade de gênero.

A fim de manter a ordem, respeitar os interesses de João Cruz, e minimizar as possibilidades de discussões, ele optava por baixar a cabeça e menosprezar os movimentos homofóbicos e insanos que já naquele momento lamentavelmente eram protagonizados. Por mais

conteúdo social, cultural e intelectual que as pessoas de bem possuem, muitas vezes o silêncio passa a ser adotado como a melhor das respostas para pessoas as quais não merecem contrapontos. Nos momentos de maior crise, optava por suspender rapidamente as tarefas, seguia ao banheiro onde chorava, enxugava as lágrimas, e retornava ao posto. Nesse caminho se lembrava das orientações de Dona Cândida, quando realizava orações e pedia proteção espiritual para deixar passar toda a onda negativa composta nas brincadeiras nada sadias. Por diversas vezes Uchôa pensou em seguir até o setor de recursos humanos e solicitar amigavelmente o desligamento trabalhista. Consciente das necessidades financeiras, a medida nunca foi aplicada. O dinheiro e o excelente relacionamento junto a outros grupos de funcionários contribuíram para que o pedido de demissão não fosse feito.

“No primeiro momento esse tipo de piada acabou me incomodando pela chatice. Cheguei a pensar em tirar satisfações ou mesmo pedir para sair do trabalho, mas eu precisava daquele dinheiro. Minha família também precisava. Querendo ou não, era pouco, mas ajudava bastante. Como fomos sempre muito apegados à fé, quando estava realmente no ápice da impaciência seguia para o banheiro, chorava, restabelecia o emocional e voltava. Aos poucos isso foi passando ao ponto de acabar. Eu gostava de trabalhar lá. A fábrica realmente é um mundo e a gente — digo por mim — que amo esse estado de Sergipe, me sentia realmente em casa. Me lembro com saudade dos momentos em que a gente parava o trabalho para tomar café debaixo de uma árvore imensa que lá existia. Eu era boia fria. Minha mar-

mita, que na realidade era um pote de 1 kg da empresa de manteiga Turmalina, era recheada por carne assada, cuscuz, macaxeira e farofa, além do cafezinho. Esse era o cardápio que mais variava. Ah! Sem esquecer da banana natural, ou frita, que sempre levava. Também era um momento de descontração que me faz parar no pensamento e me lembrar com carinho de toda a experiência que adquiri naquele ambiente. Meu primeiro emprego que segue presente no meu coração e na minha memória”.

Cerca de 20 anos após deixar em definitivo os serviços prestados na Fábrica Sergipe Industrial, desta vez conduzindo um automóvel ao lado de Amélia, Uchôa transitava pelos entornos do ex-local de trabalho quando percebeu o seu filho, Uchôa Júnior, esticando-se pela janela de olho na fábrica e o questionando sobre o que funcionava naquele ambiente. Emocionado com a pergunta, ele optou por estacionar o carro, descer, e, mesmo que do lado de fora da fábrica, explicar que por meses trabalhou naquela indústria. Com um nó na garganta, ele conseguiu relatar ao filho parte dos momentos ímpares que vivenciou naquela região. Desde a rua em que apontava antes de bater o ponto, até o ‘até amanhã’ desejado aos vigias. “Foi realmente um momento único que não me foge da memória. Expliquei tudo direitinho; a hora da chegada, o início das atividades, o que fazia; colegas de trabalho mais próximos, chefes bons, outros não muito de papo. O café da manhã debaixo da árvore. Enfim, fiz um apanhado geral de nostalgia. Fui feliz ali e como disse há pouco, aprendi muito. Esse meu primeiro emprego realmente não passa nem um pouco em branco em minhas lembranças”.



JOUBERTO UCHÔA JUNIOR

Segundo Filho do Casal
Graduado em Direito
Mestre em Comunicação

“Começar a compartilhar parte da nossa experiência no que se refere ao lado humano do meu pai é fácil; não exige da nossa mãe e dos meus irmãos uma certa preparação para tal. O problemão mesmo é saber como parar de falar. Tudo isso porque estamos diante de uma missão que é apresentar fatos inéditos, os quais poucas pessoas em seu contexto geral tenham conhecimento. A figura do professor Jouberto Uchôa de Mendonça como profissional da educação superior há décadas é tranquilamente assimilada por brasileiros de vários estados, em especial aqui do Nordeste, mas conhecer a fundo mesmo a sua história de vida e seu lado de ser humano sem precedentes é algo que precisa ser multiplicado. Todos nós temos na vida fontes de inspiração. Aquele cidadão extremamente interligado com as causas sociais; outros bastante populistas; gestores públicos visionários; mulheres símbolos de empreendedorismo; cientistas, matemáticos, profissionais da medicina, enfim, grandioso grupo de pessoas com histórico a ser seguido e reverenciado. Desculpa a modéstia, mas o meu pai, pra mim, é a maior referência de todas em absolutamente tudo. Ninguém é perfeito. Fal-

tou nele uma dose do perfil de minha mãe, mas o bom é que eles se completam, e, assim, os transformam em uma só pessoa. Meu pai é uma pessoa que age tanto pelo coração, que as outras fazem questão de estar perto para ouvir, tirar uma foto, abraçar... quando chega em qualquer que seja o local, nunca, absolutamente nunca, ele fica de canto. Sempre alguém vai até ele cumprimenta-lo.

Comecei a perceber isso ainda criança, quando a gente vestia roupas com as cores azul e branca, e saíamos para assistir jogos da Associação Desportiva Confiança (ADC); seja no Estádio Sabino Ribeiro, ou lá no Lourival Baptista (Batistão). Já há alguns 30 ou 40 anos, quando ele chegava em algum lugar, para sair era complicado. Falava com todo mundo, brincava com todos; hoje, completando 60 anos de instituição de ensino, esse calor humano com ele é ainda maior. Evidentemente parou nos últimos dois anos devido a pandemia [provocada pelo novo coronavírus], mas tenho certeza que logo em breve voltará a ser como era antes. Ele é uma figura. Eu não sou muito ligado para futebol, já ele, como muitos sabem, é torcedor firme do Confiança e do Vasco. Ele se envolve com o esporte de uma forma que chega a ser preocupante. Recentemente estava com a minha casa em reforma, e precisei passar uns dias na casa dele; certa vez entrei no quarto e ele, religioso que é, estava com os olhos pregados na televisão assistindo a um jogo do Vasco, com os dedos cruzados, sentado na beira da cama. Eu falava com ele, e nem me olhava e respondia direito. Não tive outra alternativa a não ser orientá-lo para ter cuidado e evitar um problema de saúde. Ele é assim: intenso com o esporte, com a cultura, com os amigos, com os colaboradores e negócios que envolvem a instituição, com a visita pelo menos três vezes por semana em feiras livres, e com a família. Tudo

dele é intenso, e, ao mesmo tempo, leve. Quem observa as ações idealizadas por ele e minha mãe fluindo aparentemente de forma tranquila hoje, sequer imaginam os perrengues do passado.

É muito viva na memória da gente essa passagem em que estávamos no carro e ele parou em frente a fábrica que trabalhou no bairro Industrial e começou a contar algumas histórias. Eu fui o responsável por perguntar onde estava o restaurante, depois que ele disse que se alimentava debaixo de uma árvore que ficava perto da capelinha, mantida pelo shopping erguido naquela região. Eu lembro perfeitamente do quanto ele ficou emocionado. Outra vez saímos em visita por alguns pontos da cidade; para nós, filhos, foi ótimo lembrar parte da nossa infância. Já para nossos filhos foi fundamental para conhecer realmente na prática tudo aquilo que os avós contam com detalhes ao longo dos anos. Em uma dessas paradas conseguimos entrar em uma das casas que nossa família morou. Os quatro filhos conheceram parte das dificuldades enfrentadas por nossos pais, mas os netos, só de boca mesmo. Esse passeio apresentou uma sequência de cenas capazes de contextualizar com riqueza de detalhes o quanto o passado não foi nada fácil. Meus pais são de origem bastante humilde, e isso foi intensificado nesse circuito que fizemos uns três anos antes da pandemia. Entender e respeitar a existência do bloquinho de anotações é um nada diante daquilo que eles já enfrentaram na vida. Sabemos que as cobranças constituem um perfil administrativo que eles dois adotaram no início da década de 60 e que deu certo apesar das inúmeras adversidades.

Quando a gente viaja, ele faz questão de anotar certos projetos que deram certo lá fora, tira fotos, e traz

para mostrar aos gestores públicos do nosso estado. Alguns até recebem as dicas, mas botam na gaveta e nunca mais põem pra frente; outros, não. Um caso emblemático aconteceu no município de São Cristóvão que criou 'a cidade da seresta'. Meu pai sempre gostou de dançar; viajava com minha mãe para encontrar amigos em outros estados, e, em uma dessas viagens, trouxe a ideia de criar uma cidade da seresta em Sergipe. A ideia até foi acatada com sucesso por São Cristóvão, mas os governos mudaram e não deram sequência. Percebo que por um lado ele fica triste, mas por outro possui a consciência limpa de que fez a parte dele e tentou ajudar de alguma forma. Ele sempre foi humilde nas palavras e nos gestos. Um dos pilares do grupo [Tiradentes] é sem dúvidas a humildade e o excelente relacionamento entre todos os profissionais que vestem a camisa da instituição. Isso segue começando por ele. Já teve, mas hoje não tem muita paciência para reuniões longas. Quando uma delas acontece, e ele fica impaciente, logo se levanta, vai até a copa ou área onde estão as garrafas de café, bota em uma bandeja ao lado de copos contendo água, e sai distribuindo com as pessoas participantes daquele encontro. Serve a todos, independentemente da função que ocupa. Pode ser o mais novo estagiário contratado até um representante do governo federal; o tratamento é igual. Na história do nosso estado tivemos inúmeras personalidades, a exemplo de Oviêdo Teixeira, João Alves Filho, Zé Peixe e Augusto Franco. Não tenho dúvidas que o meu pai já faz parte desse seleto grupo de ícones históricos da nossa gente.

Visionário nato! Adquiriu um terreno na Farolândia, onde ninguém queria, sem serviço de saneamento básico, pavimentação e reduto de lendas como a da noiva loira do Conjunto Augusto Franco. No final dos anos 80 e iní-

cio da década de 90, esse conto chegou a atormentar os motoristas que trabalhavam naquela localidade. Conta a lenda de que a loira era noiva de aviador e antes da moça casar aconteceu um acidente aéreo fatal; desde então a moça andava em todos os locais perto dos aeroportos para ver se encontrava o noivo. Esse conhecimento popular sobrenatural afastava os investidores; menos meu pai. Acho que aprendeu a lidar com essas histórias quando trabalhou no Pio Décimo. Resultado: comprou o terreno em lotes divididos e transformou a história da zona sul de Aracaju. Não seria demais dedicar a ele 70% do progresso que foi gerado, sobretudo, no bairro Farolândia e toda a região do Conjunto Augusto Franco. Esse mesmo avanço representativo ele começou a levar a partir do ano de 2000 para o interior sergipano. Dono de uma racionalidade impressionante, a gente, em casa, brinca quando diz que ele é o mais lúcido e inteligente da família. Minha mãe aprendeu muita coisa com ele. Já nós, filhos, desenvolvemos as ações e projetos, mas o maestro de tudo é ele e minha mãe. Um ajuda o outro; razão e emoção andam 24h por dia lado a lado. Meu pai se emociona quando fala que, quando toda família se mudou para São Paulo, ele decidiu ficar em Sergipe e vencer as dificuldades. Isso é de uma representatividade tão grande que nos emociona todas as vezes que ele lembra da cena dos meus avós e tios dentro de um ônibus seguindo para a capital paulista. Chegou um tempo que ele falava bem assim:

— Senhor Deus, pai do universo, peço encarecidamente que, quando conseguir realizar esse projeto de vida, pode me levar, estarei pronto e satisfeito. Estarei ciente de que as minhas metas foram atingidas e que deixarei para que meus filhos e amada esposa possam administrar, juntos, sem intrigas e desavenças. Que o povo de meu estado de

Sergipe possa ser agraciado com essa conquista e que ajudem a proporcionar mais progresso para esse lindo e aconchegante estado.

O engraçado disso tudo é que quando ele percebia que tinha conseguido conquistar tal sonho, a exemplo da transformação da Faculdades Integradas Tiradentes em cidade universitária, ele, por toda vida bastante religioso, voltava a fazer orações e conversava com Deus desfazendo parte daquilo que havia declarado antes:

— Meu Pai celestial, sei que havia dito que estaria pronto para partir caso conseguisse conquistar esses objetivos. Peço por favor que retire essa parte do que eu havia dito. Deixe-me curtir nem que seja um pouco de todo esse esforço e trabalho desenvolvido com o seu amparo. Eu sei que falei que estaria pronto para partir, mas me deixe desfrutar disso, nem que seja só um pouco.

Ele sempre deixa claro que se tiver alguma homenagem para fazer, que a faça com ele em vida para que possa curtir. Ao saber do interesse e desenvolvimento desse livro, todos nós da família ficamos bastante satisfeitos e ansiosos pelo conteúdo. Será uma satisfação imensa poder ler e saber o que outras pessoas também têm a falar sobre esse lado mais humanista do que empresarial dos meus primeiros professores (Jouberto Uchôa e Amália Cerqueira). Parabenizo e agradeço mais uma vez por esse trabalho literário, bem como deixo aqui registrado que se não tivermos mais iniciativas como essa, possivelmente muitas histórias muito pertinentes — sobre e para a história do estado de Sergipe — infelizmente tende a se perder com o passar dos anos”.

PONTUALIDADE: exemplo a ser seguido

Contabilizando elogios em virtude de sua dedicação exemplar para com a atuação profissional, ainda no início da primeira metade da década de 50 Jouberto Uchôa foi convidado pela direção geral da Fábrica de Tecidos Confiança para trabalhar como auxiliar operacional do saudoso Mestre Walterloo. Assumir essa função não se tratava de uma medida fácil. Simplesmente considerado na época como o principal mestre de tecelagem do estado de Sergipe, e um dos mais experientes da região Nordeste, seu novo chefe apresentava um perfil harmonioso, didático, mas ao mesmo tempo extremamente exigente. Ícone do setor até a atualidade, Walterloo, além de líder, também é apontado pelo biografado como um professor comprometido em repassar aos mais jovens parte do seu conhecimento. Trabalhadores aprendizes com interesse e dedicação; jovem com atos de corpo mole eram logo descartados. Muito emociona Uchôa o fato de este convite para mudar de emprego tenha recebido o aval do próprio mestre. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que Aracaju possui hoje pouco mais de 650 mil habitantes. Há 70 anos esse povoamento não passava de 150 mil. Mesmo sem a tecnologia atual, os comentários entre as empresas sobre seus funcionários ocorriam de forma frenética. Por mais que João Cruz não desejasse perder um dos seus reverenciados profissionais, a mudança foi irreversível. A Fábrica Confiança foi fundada em 18 de outubro de 1907 pelo Coronel Sabino Ribeiro Chaves, sendo a segunda do setor têxtil da

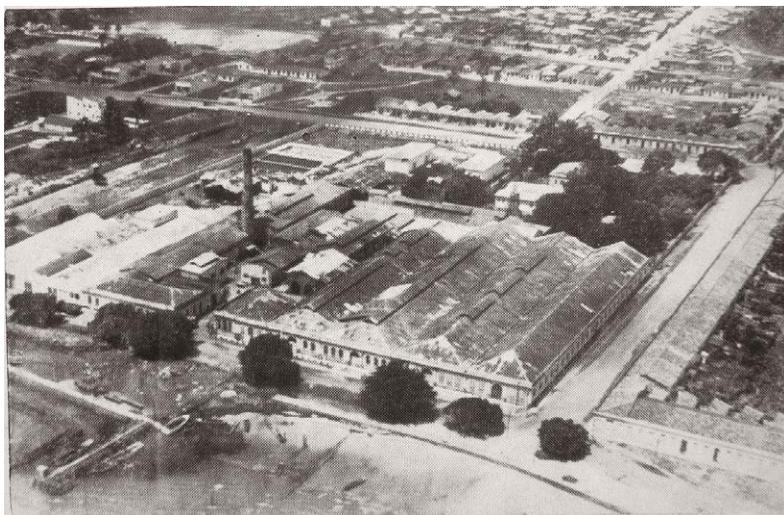
capital sergipana. Sob o nome de Ribeiro Chaves & Cia., a fábrica se tornou referência e desejo de centenas de trabalhadores das mais variadas áreas em virtude de ser a pioneira na menor unidade federativa do país a promover a concessão de benefícios sociais aos operários e familiares como: casas erguidas na própria Vila Operária, assistência médica — na Policlínica Operária Sabino Ribeiro —, bem como creches e uma Associação Desportiva. Era um mundo operacional que fervilhava 24 horas na zona norte de Aracaju, local até então conhecido também como: O Tecido. Em 20 de dezembro de 1913, em meio ao governo do então General Siqueira de Menezes, o nome foi mudado em definitivo para Bairro Industrial.

Se o clima era de pulsação, nada mais justo que Uchôa mostrar na prática o porquê de ter sido convidado para trabalhar naquele local. Sabino Ribeiro era estrategista. Sempre foi. De olho no crescimento paulatino do seu negócio, buscava sempre ser o primeiro, ou um dos, a chegar no ambiente de trabalho para demonstrar exemplo. Se o resultado positivo de um negócio empreendedor é a imagem do seu gestor master, então que o bom exemplo fosse dado inicialmente pelo próprio dono. Pontualidade nunca foi um problema para Uchôa. Acostumado desde a infância a acordar cedo e respeitar a programação diária junto aos avós — e posteriormente com os pais em seus negócios de família — o professor costumava sempre chegar em torno de 15 à 20 minutos de antecedência para bater seu ponto de entrada. Sair um pouco mais tarde devido ao volume de serviço também não era tido como empecilho. A meta individual sempre foi manter a honra e a concepção gestora de que ele se tratava de um funcionário a ser reconhecido. Se por um lado a cidade era impulsionada econo-

micamente com a operação industrial da região Norte, Uchôa, em seu interior, era movido a aprovações, por mais singelas que fossem. Como se não bastasse o horário respeitado, bem como ser gentil e se apresentar humildemente como ‘figura aluno’, estudar o campo de atuação era um ponto diferencial. Não que o biografado desejasse se tornar um servidor multifuncional, mas dominar as suas respectivas ações e conhecer um pouco do próximo nunca fez, e nunca fará mal a seu ninguém. E era justamente isso o que encantava tanto o Mestre Walterloo, como também o ilustríssimo Sabino Ribeiro. Ético com os colegas de serviço, e comprometido com a farda que vestia, Uchôa seguia construindo sua história, ampliando a rede de amigos e adquirindo conhecimentos teóricos e práticos. Administração, operação e uma dose razoável de jogo de cintura.

“Se na [Fábrica] Sergipe Industrial era tudo muito novo para mim, modéstia à parte, na Fábrica Confiança eu já carregava um pouco de experiência. Trabalhar com o Walterloo na empresa do Dr. Joaquim Sabino Ribeiro foi uma honra imensa. Lá pude aprimorar meus conhecimentos e vivenciar meses ao lado de um professor que nos cobrava imensamente, mas que também sabia de forma simples repassar o conteúdo. Nossos líderes imediatos eram bastante didáticos e isso facilitava bastante. O resultado, as metas e os objetivos centrais dessa fábrica eram alcançados constantemente. Um ambiente onde os direitos trabalhistas eram reais, a oferta de benefícios sociais se fazia presente e, sinceramente falando, a gente voltava para o nosso meio familiar com a sensação de dever cumprido. Era muito satisfatório. Assim como todo emprego ou convivência estudantil, de fato existiam alguns perrengues, mas

eram situações pontuais e amplamente compreensivas. Com habilidades os administradores conseguiam solucioná-los. Foi aí que passei a aprender um pouco mais dessas posturas políticas — não eleitoreiras, claro — de lidar com os perrengues. Falar a verdade e valorizar o bom diálogo são medidas inteligentes. Na maioria das vezes precisamos ouvir mais e falar menos. Por isso que Deus nos concedeu dois ouvidos e uma boca. Conhecimentos na minha juventude que trouxe para a minha vida como um todo”.



Vista aérea da Fábrica Confiança e da Vila Operária. Imagem publicada pela Revista da Associação Sergipana de Imprensa nº 1, no ano de 1949.

Pouco menos de 20 anos antes de Uchôa entrar na folha de pagamento da Fábrica Confiança, em uma tarde de outubro de 1935 a chaminé da empresa seguia a todo o vapor. Paralelamente ao fluxo trabalhista, na área externa encerrava um torneio de voleibol entre o hoje centenário Cotinguiba Esporte Clube e a seleção

de Aracaju. Ao final da partida, Epaminondas Vital e Isnard Cantalice — dois atletas com espírito e atitudes idealistas —, entre um moderado gole e outro de cerveja, conversavam com o objetivo de fundar um clube de voleibol e basquete. De olho disfarçado no bate-papo, logo em seguida Joaquim Sabino Ribeiro Chaves foi abordado por Cantalice. Em posse de uma proposta informal, a dupla desejava que o empresário aderisse ao projeto desportivo. Apaixonado por esporte, os três decidiram então, juntos, transformar a teoria das ideias em práticas. Menos de um ano depois, exatamente no dia 1º de maio de 1936, foi formado então o time de basquete e voleibol com operários da Fábrica Confiança. Já em 1º de maio de 1949, em comemoração ao Dia do Trabalhador, a Associação Desportiva Confiança (ADC) lançou seu time de futebol. Nascia ali uma das mais fortes e potentes agremiações do esporte sergipano. Nesse mesmo ano foram disputadas as olimpíadas operárias com a participação os funcionários da Fábrica Confiança.

“Essa aposta deu tão certo que pontualmente seis anos depois, em 1º de maio de 1955, o clube azul, através do Dr. Joaquim, realizou o sonho de todo time de futebol: construir o seu estádio de futebol, o estádio Sabino Ribeiro. Uma felicidade imensa para a população proletária e para todos os atuais e ex-funcionários da Fábrica Confiança. Para completar a festa — é preciso lembrar esse momento de rivalidade esportiva —, já no primeiro clássico realizado no estádio, o Dragão arrasou o Club Sportivo Sergipe ao vencer por 6×1. Com todo o respeito à instituição e aos meus nobres amigos torcedores do Sergipe, foi uma festa linda; um baile pra cima dos vermelhinhos que poucos azulinos esquecem”.



HYAGO FRANÇA
Presidente da Associação
Desportiva Confiança (ADC)

“O professor Jouberto Uchôa de Mendonça é o típico cidadão sergipano que por vida tem apresentado um perfil de apoio, incentivo e investimento ao nosso clube proletariado. Recordo-me, inclusive com perfeição, o quão presente se fez, em especial na fase em que meu pai, Fernando França, ocupou o cargo de presidente da ADC entre os anos de 1988 e 2000. Essa dedicação para com o clube, na minha observação, já ocupava o papel de torcedor protagonista, e, tanto no período em que assumi o cargo de vice-presidente em 2014 e presidente em 2017, o professor nos procurou para reforçar o seu apoio, e o apoio do Grupo Tiradentes. Algo que me marca muito foi poder acompanhar a sua presença na última eleição democrática do clube, em que ele se fez presente para votar a favor do nosso programa de gestão do Confiança, onde, ainda que no meio de um grupo gigantesco de torcedores associados, fez questão de reforçar que toda a estrutura física da Universidade Tiradentes em Sergipe, ou fora, está à disposição do clube para os treinamentos. Isso sem falar que o professor costuma ir ao estádio para assistir aos jogos e participar das festas quando

conseguimos conquistar alguma competição. Mesmo que nesses momentos de extrema felicidade, em seus discursos, em meio à emoção quando fala do clube e da sua história, Uchôa busca apresentar palavras de conforto e paz. Por diversas vezes, tanto nessas reuniões comemorativas, bem como em palestras que costuma realizar na própria Unit sobre o esporte em seu contexto geral, Uchôa busca criar um clima de paz entre torcedores e jogadores, membros da comissão técnica e cronistas esportivos. Uma forma de enaltecer que, apenas unindo as forças será possível proporcionar avanços para o clube e para a economia do nosso estado. Jamais poderia deixar de destacar a sua importância para o desporto sergipano; ainda sobre esse ciclo contínuo de atividades educacionais, as reuniões, seminários e debates costumam contar com dirigentes de clubes diferentes, membros de torcidas organizadas, da nossa Federação Sergipana de Futebol, acadêmicos de vários cursos de graduação e pós-graduação justamente para pedir paz nos estádios, união dos setores público e privado, além de gestão participativa e democrática nos clubes e praças de esporte. Então, diante de tanta dedicação e amor ao Confiança, não temos condições de falar e vivenciar a história da nossa Associação Desportiva Confiança sem citar e enaltecer a figura ilustre do professor Jouberto Uchôa de Mendonça. Eu estou presidente do clube, mas sinto-me à vontade para deixar aqui, imortalizado em nome de todos os torcedores, jogadores e gestores do Confiança, o nosso imenso voto de agradecimento ao professor, torcedor azulino, Uchôa.”

OS NOVOS DESAFIOS TRABALHISTAS

Se trabalhar em fábrica havia se tornado uma rotina comum para o biografado, mudar de área de atuação era um desafio. De fino e bom relacionamento com as pessoas, Jouberto Uchôa recebeu o convite para trabalhar na imponente loja A Moda. Um estabelecimento comercial de propriedade de João Hora de Oliveira, considerado até hoje como o patrono do Club Sportivo Sergipe (CSS), rival do Confiança, time presente no coração do biografado. Apontada pela altíssima sociedade como o estabelecimento comercial das altas grifes, apresentando o que havia de mais moderno no cenário da moda nacional e internacional, a loja esbanjava glamour e vitrines que viraram ponto turístico. Durante os domingos e feriados, por exemplo, não era nada difícil de se deparar com dezenas de pessoas das mais variadas comunidades da região metropolitana de Aracaju transitando pela rua João Pessoa, centro de Aracaju, seguindo em direção do Edifício Mayara, onde ficava instalada a loja. A proposta desses grupos era ficar observando cada detalhe das roupas expostas na frente de uma das lojas mais conceituadas do Nordeste. Lidar com a turma socialite de Sergipe era interessante. Gerava inúmeras oportunidades de ouvir os mais variados relatos de vida traçada por pessoas de uma outra classe social, mas que chegou ao ponto de saturar a paciência em trabalhar naquele espaço. Mesmo seguindo a linha de bom funcionário, Uchôa optou por seguir em busca de outro ambiente trabalhista. Em comentário reserva-

do concedido ao pai, Uchôa apresentou esse desejo de mudança sem sequer imaginar que Jacinto iria batalhar em busca de atender ao pleito do filho. Dito e feito. Já na segunda metade dos anos 50 chegou a carta de oferta para estágio no Departamento de Saúde Pública do Estado de Sergipe, onde se juntaria com mais dois jovens a compor a equipe do químico José Barreto Fontes. Juntos, o quarteto foi responsável por construir o Laboratório de Análises Clínicas da Secretaria de Estado da Saúde. Em público, Uchôa foi reconhecido pelo chefe devido ao seu empenho e compromisso com os afazeres diários.

Por mais que os ex-chefes pudessem imaginar, esse tipo de elogio funcionava como querosene em candeeiro. Mesmo com a carga trabalhista intensa, o biografado ainda encontrava tempo para atuar como assistente social no Conjunto Agamenon Magalhães, zona norte da capital. Eram atividades trabalhistas, mas que se tornavam em lazer para o jovem em meio a um dos primeiros condomínios habitacionais de Sergipe. E olha só a ironia (positiva) do destino. Pelo sorriso sempre presente no rosto, bem como o amor que por toda a vida lhe transbordou pela cultura local, foi exatamente neste ambiente social que o biografado obteve a feliz oportunidade de conhecer o Dr. Walter Cardoso, diretor geral do Departamento de Saúde. O gestor, de forma humilde, surpreendeu o professor ao convidá-lo para assumir o posto de marcador de quadilha junina do Conjunto Residencial Agamenon Magalhães. A proposta foi aceita. As condições operacionais foram concedidas. O resultado dessa ação? Sucesso absoluto. Um arrastapé pesado, cadenciado e envolvente que nem defendia Luiz Gonzaga, Dominginhos, Jackson do Pandeiro,

Elba Ramalho e toda essa trupe de forrozeiros natos. Xote, xaxado, baião e forró comendo no centro e levantando o público a cada nova apresentação. Passa longe de Uchôa se autodenominar o melhor marcador de Sergipe na época. A verdade é que ele era diferenciado e os membros da quadrilha faziam por onde arrepiar turistas e nativos que amam a cultura nordestina. Diante do sucesso absoluto, que seguia expandindo por toda a capital, o Professor Manoel Joaquim Soares, diretor geral do Colégio Pio Décimo, o convidou para também marcar a quadrilha dos alunos. Contrato rápido de três meses. Tempo suficiente para elaborar uma apresentação caprichada para a festinha junina interna entre estudantes, pais e professores. Independentemente do possível sucesso a ser conquistado, esse prazo seria expirado conforme previsto no contrato, e, quem sabe, no ano posterior, um novo convite.



“Sempre gostei de cultura e folclore. Acho lindas as nossas essências sergipanas, nordestinas. Fazia tudo aquilo por amor e talvez por isso foi um sucesso incrível. Confesso que me deparava com aquela missão mais como um momento de lazer do que ação trabalhista. Estava feliz, e isso contribuiu mais que diretamente para conquistarmos todos juntos uma aprovação generalizada. O que realmente não imaginava era que o professor Joaquim chegaria ao ponto de me chamar para marcar a quadrilha do Pio Décimo, e, depois de junho, me chamar para me efetivar como funcionário da escola. Não tinha como recusar. Iria trabalhar em um ambiente o qual sempre gostei desde a minha passagem por Girau. O amor pela escola, pela educação, está na veia; jamais poderia deixar de agradecer pela passagem no Departamento de Saúde de Sergipe, e me tornar funcionário de uma instituição educacional. Sempre soube que vivenciar o dia a dia dentro de uma escola se tratava de uma oportunidade ímpar de abranger o conhecimento. Como parte dos meus familiares deixou Sergipe para morar no estado de São Paulo, pedi para morar dentro da escola e ser o responsável por abrir e fechar a unidade. A proposta foi aceita e a partir deste momento começou meu acesso irreversível no mundo educacional”.

Autorizado a funcionar pela portaria nº 965, datada em 12 de novembro de 1954 pelo Ministério da Educação e Cultura, reconhecido pela lei estadual nº 1.614 de 25 de novembro de 1968, a instituição escolar, inicialmente chamada de ‘Ginásio Pio Décimo’, foi erguida na rua Estância, entre as ruas Santa Luzia e Itabaiana, região central de Aracaju, onde permanece em funcio-

namento até a atualidade. Às noites, após o expediente e prestes a dormir, Uchôa seguia para uma das salas de aulas onde recebeu da diretoria a permissão para esticar uma rede e passar as noites. O sono fragmentado era constante. Não apenas pelo fato de substituir um colchão por uma rede, mas pelo medo de almas que supostamente lhes perturbavam. Paralelo ao pânico que possuía de vidas passadas, foi contado a ele que, exatamente no local onde costumava descansar, uma senhora, cozinheira do próprio colégio, havia morrido. Para completar o tormento, nas madrugadas de vento forte as janelas costumavam vibrar e emitir barulhos que o faziam acreditar que a ex-funcionária estava querendo entrar na sala e também dormir na rede. Apesar do medo e das noites mal dormidas, Uchôa seguia cumprindo os horários e multiplicando o bom relacionamento com os alunos e pais. Em sinal de crescimento dentro da instituição, ele foi mudando gradativamente de cargo. Apesar de se manter como marcador oficial da quadilha, Uchôa passou de vigia para bedel, auxiliar de secretaria administrativa e coordenador operacional; seguindo esse caminho evolutivo dentro da instituição foi convidado para assumir interinamente o cargo de diretor nos momentos em que Manoel Joaquim precisava se fazer ausente da instituição. Com o aval dos funcionários e apoio dos pais dos alunos, Uchôa se tornou uma espécie de braço direito da direção geral, e um dos responsáveis por atender o público externo, deliberar melhorias na instituição e solucionar problemas que surgiam no cotidiano comum em qualquer centro educacional. Uma atuação de destaque e consecutivo reconhecimento financeiro.



Faixa do então Ginásio Pio Décimo, na rua Estância, em Aracaju, no ano de 1955. De toda a composição estrutural desta imagem, apenas parte das grades seguem compondo a instituição atual.

Apesar de toda a dedicação ao colégio, ainda no primeiro semestre de 1960, quando o fluxo de atividades disciplinares estava engrenando na nova década, Uchôa foi dispensado da instituição em virtude de José Walter Soares de Lima, irmão do dono — Manoel Joaquim Soares —, ter enfrentado uma intensa crise econômica ao ponto de se deparar com a necessidade de fechar a Farmácia Globo, a qual era proprietário e ficava situada na rua Laranjeiras, Centro de Aracaju. O fim dessas atividades empresariais ocorreu no segundo semestre de 1959. Desempregado e passando por necessidades, a opção foi buscar auxílio do irmão para que fosse contratado pela instituição. Sensibilizado pelo cenário familiar enfrentado, a alternativa encontrada na época foi agradecer ao período de dedicação trabalhista protagonizado por Uchôa e o demiti-lo. A partir daquele momento, enquanto Walter passava a assumir

o cargo mais alto da associação de ensino e cultura, o professor biografado se deparava pela primeira vez com o desemprego, sem ofertas de serviço. Em meio a essa turbulência, além de enfrentar dificuldades financeiras, o sr. Jacinto [pai de Jouberto Uchôa] decidiu dar entrada no processo de aposentadoria em virtude das perseguições que passava a observar no Poder Executivo Estadual, em especial, após o início do mandato protagonizado por Leandro Maciel. O objetivo paralelo também era deixar Sergipe na perspectiva de conquistar um futuro melhor na capital paulista. Persistente, Uchôa mais uma vez decidiu manter-se em Sergipe e enfrentar mais dois anos de estudos técnicos. Nesse mesmo período seu pai foi convidado para trabalhar como motorista da empresa Cruzeiro do Sul no Aeroporto de Congonhas. O salário era pouco, mas o suficiente para realizar algumas economias. “A situação era realmente muito ruim pela falta de dinheiro e pela distância que nos feria por dentro de saudade. Fase difícil tanto para mim, quanto para todos os meus familiares que moravam em São Paulo. Só Deus para compreender em sua magnitude a dificuldade em que passamos. Apesar das minhas boas referências, o país tinha se tornado um tonel de pólvora prestes a explodir e a oferta de emprego ficou escassa. Como sempre gostei de estudos, o jeito foi manter focado enquanto aguardava ansioso por novas oportunidades de trabalho. Oferta essa que não chegou. Nesse período cheguei a me pegar refletindo por inúmeras vezes sobre o porquê de tanto sofrimento. Como a fé sempre moveu nossa família, seguíamos firmes, detendo as barreiras sem sequer imaginar que Deus começava a exagerar comigo. O Ginásio Tiradentes, um sonho até então distante, estava prestes a ser lançado e me surpreender já no primeiro ano de atividades”.

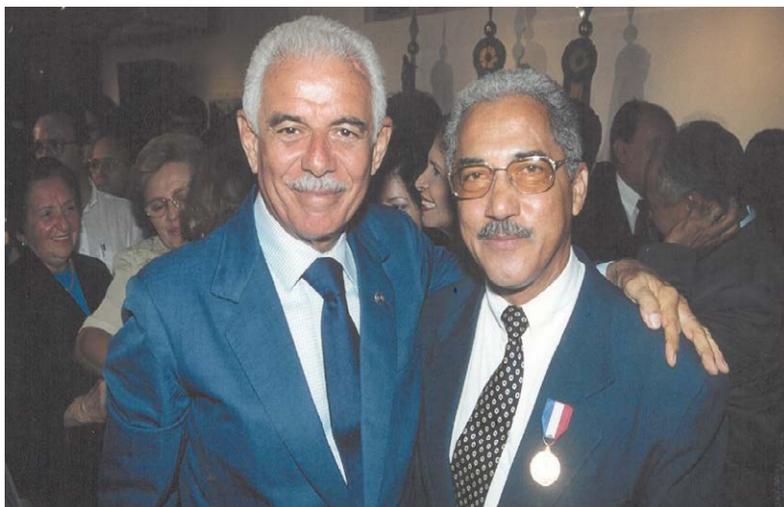


**WELLINGTON DANTAS
MANGUEIRA MARQUES**

Advogado, Professor, Ex-Secretário de Estado e Líder Estudantil durante o processo de Redemocratização do Brasil

“Falar sobre o professor Jouberto Uchôa é gratificante para qualquer sergipano, para qualquer pessoa de bem que respeita e ama a educação, e que compreenda a educação como promoção do ser humano como fator de libertação, de progresso, de humanismo e de solidariedade. Tenho a satisfação em conhecer o amigo Uchôa desde o período em que ele sequer tinha a Unit, ou mesmo o Ginásio Tiradentes. Já o admirava como sergipano apaixonado por suas raízes culturais e sociais, mas devo enaltecer que esse respeito expandiu ainda mais quando ele, ao deixar o Pio Décimo, construiu essa beleza, essa grandeza que é a Universidade Tiradentes. Uma instituição que começou tímida com poucos cursos e em pequenas salas de aulas. Toda a minha família tem a maior e mais profunda admiração pelos professores Jouberto Uchôa e Amélia Cerqueira. Minha tia, Alvina Marques, que era representante do Ministério da Educação (MEC) em Sergipe, juntamente com a professora Celina, sempre observou Uchôa e toda a sua família como grandes incentivadores da cultura e da expansão de conhecimento através dos livros didáticos. Esse relacionamento mais próximo no campo administrativo por parte da minha tia fez com que toda a Famí-

lia Dantas Mangueira Marques passasse a respeitá-lo ainda mais como ilustre cidadão sergipano. Isso contribuiu para que a gente passasse a vê-lo como grande exemplo de superação, dignidade e solidariedade humana. A minha irmã, Wedna Mangueira, também atuou na seccional do MEC em Sergipe, e passou a identificar o professor como um empreendedor, um homem que honra a família, os amigos, o saber e o esporte. Somos apaixonados por esporte, temos isso em comum; ele torce pela Associação Desportiva Confiança que é azul e branco, já nós torcemos pelo Cotinguiba Esporte Clube. O amor pelo azul desportivo está presente em nossa alma. Um grande desportista, um grande professor, amigo e colega pois estudamos juntos na Faculdade de Direito de Sergipe; viajamos juntos em excursões por ele organizadas, chegamos a ficar hospedados em um convento em Salvador e foram momentos de muitas alegrias. Um camarada sergipano que sabe brilhantemente transformar os momentos de lazer em oportunidade de desenvolvimento e conhecimento unificado sobre os mais variados assuntos. Um homem desse merece todo o valor e o respeito do povo de Sergipe”.



ECONOMIAS QUE SE MULTIPLICARAM

Se tem uma coisa que tira qualquer pai e mãe do sério é saber que seu filho passa por algum tipo de dificuldade. O acolhimento é nato; a busca por solução é imediata. Apesar dos avanços tecnológicos visíveis nos anos de 1960 e 1970, os meios de comunicação ainda eram mínimos. Cartas seguiam dominando o sistema enquanto a distância permanecia aplicando golpes contra aqueles que, por inúmeras ocasiões dessa vida, permaneciam morando em cidades diferentes. No caso da Família Uchôa, Jacinto possuía plena convicção que o silêncio predominante de Jouberto significava, na prática, momentos de aflição e noites conturbadas. Uma espécie de martilho diário no peito daqueles que movem montanhas para se deparar novamente com o sorriso estampado no rosto do seu filho, ou neto. Herbert Lemos De Souza Vianna, líder do grupo Paralamas do Sucesso — formado no município fluminense de Seropédica, em 1982 — foi feliz no ano de 1989 quando criou e lançou a canção: ‘Lanterna dos Afogados’. Uma obra musical que traduz em uma de suas estrofes o real sentimento vivenciado décadas atrás pelos pais de Uchôa. Apesar dos tormentos vivenciados, a esperança de dias melhores servia como ponto de equilíbrio e resistência:

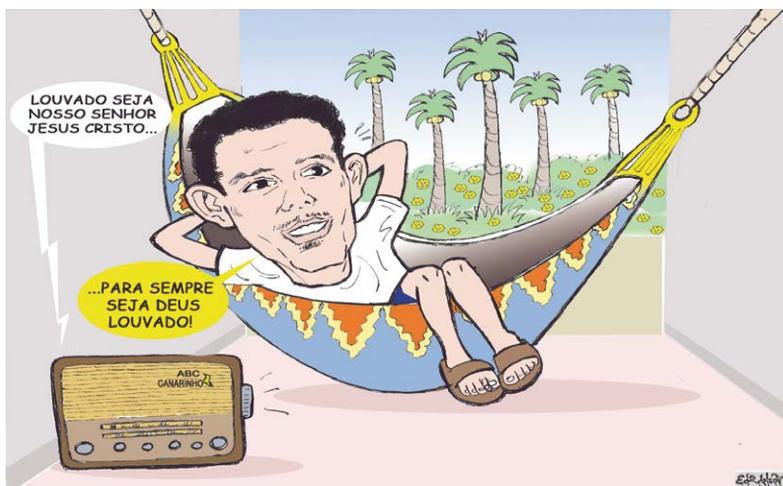
“...Quando está escuro
E ninguém te ouve
Quando chega a noite
E você pode chorar

Há uma luz no túnel
Dos desesperados
Há um cais de porto
Pra quem precisa chegar...”

(Herbert Vianna)

Uchôa sabia se virar, o que faltava era um impulso que lhe ofertasse condições de se desenvolver. Além das habilidades administrativas conquistadas não apenas no setor industrial, mas, sobretudo, em seus anos de atuação dentro da instituição Pio Décimo, a fama de cidadão ético e amplamente de confiança seguia predominando entre as pessoas que o conhecia, ou mesmo já havia ouvido falar. O problema é que sem dinheiro e/ou investimento paralelo, os planos futuristas para sair do papel ficam um pouco mais difíceis. Na realidade: muito mais difícil. Há de concordar que se trata de uma missão quase impossível, mesmo para aquele que a positividade assume o papel de sombra. A probabilidade de todo esse conjunto de sonhos virar pó é alta; beirando sua total impossibilidade. Sem que houvesse o pedido explícito do filho, Jacinto em um ato que mudaria para sempre — não somente a história econômica da família, mas sim de uma região brasileira — decidiu retirar do banco todas as suas economias contabilizadas desde o primeiro dia em que pisou no estado de São Paulo e enviou para Uchôa. A missão? Não mais depender de patrão. Adiantando o tempo e fazendo uma alusão à Constituição Federal em vigor desde 1988, diríamos que esse montante financeiro já tinha destino certo. Uma espécie de verba carimbada. Jacinto, apesar de não ter dialogado com detalhes sobre o enredo daquela atitude, em seu interior imaginava — e ele estava completo de razão — que o montante seria

utilizado para meios educacionais. Com profissionalismo, ampla visão de futuro, e, agora, com dinheiro, Uchôa decidiu lançar em Aracaju, na rua Laranjeiras, nº 567, o Ginásio Tiradentes. Uma atitude que apesar de todos os empecilhos enfrentados na primeira década de atuação, resultou naquilo que Jacinto Uchôa, Cândida Rodrigues, Sr. Manoel Rodrigues e D. Maria José tanto sonhavam: a multiplicação de sorrisos. Um grupo educacional que desde o final do milênio passado tem modificado para melhor o cenário econômico, bem como a transformação profissional de milhares de sergipanos.



“Esse prefixo religioso, muitas vezes apresentado pelo eterno Rei do Baião, Luiz Gonzaga — quando costumava cantar a música ‘Respeita Januário’ —, representa demais para mim. Era jovem, 26 anos, mas ao mesmo tempo um adulto que seguia infeliz pela falta de oportunidades. Possuía a consciência tranquila sobre as minhas atuações trabalhistas em todos os locais em que estive empregado, mas por dentro estava me sentindo triste e

isso chegou aos meus pais. Como? Só vim descobrir depois de ser pai pela primeira vez. A gente faz de tudo para que os nossos filhos estejam felizes. Foi exatamente isso que meu pai fez. Fico sempre emocionado ao tratar deste fato porque existem pessoas que não conhecem os bastidores das famílias vizinhas e a julgam de forma equivocada. Não nasci no popular berço de ouro. Perdi irmãos justamente pela falta impiedosa de condições básicas na infância. Fui levado para a casa dos meus avós pelo fato de meus pais não desejarem se massacrar mais uma vez pela perda de mais um filho... aquela atitude de meu pai, além de me salvar de perrengues do momento, ainda me ajudou a realizar um sonho que seguia comigo, mesmo que até aquele momento ainda aparentasse distante. Todo santo dia eu vou dormir e acordo pensando em fazer o melhor, ser humilde com as pessoas e abraçar sempre que possível os meus filhos e netos. Minha emoção não é à toa. Saibam que a cada novo diploma assinado me vem na memória os votos de confiança e torcida depositados pelos meus pais desde o primeiro dia de aula no Ginásio Tiradentes, em fevereiro de 1962”.

GINÁSIO TIRADENTES

Com toda a estrutura física devidamente preparada para receber os alunos, professores e demais funcionários administrativos, a espera ficou por conta apenas do alvará de funcionamento que naquele momento ainda era expedido e protocolado em cartório por meio da Inspeção Seccional do Ensino Secundário do Estado de Sergipe; fato marcante na vida empresarial de Jouberto Uchôa de Mendonça o qual ocorreu ainda no início do primeiro semestre de 1962 sob a assinatura do Dr. Otilio Muniz Barreto de Aragão. No fluxo do desenvolvimento, logo após reuinar toda a papelada necessária e apresentar ao Departamento de Educação do Governo do Estado, ainda nessa primeira etapa da década de 60 o Ginásio Tiradentes recebeu a permissão oficial de ofertar à sociedade os cursos de ensino infantil, pré-primário e primário. Alvará jamais esquecido pela Família Uchôa, o qual foi carimbado pelas mãos do Dr. Curt Vieira, então responsável pela Secretaria de Estado da Educação (SEED). Se a fé e as palavras possuem poder, então multipliqui, Senhor. Para a inesperada surpresa do biografado, o mês de fevereiro sequer havia sido fechado quando se deparou com a necessidade de correr em busca de professores gabaritados a fim de compor o quadro profissional da nova unidade escolar. Multiplicando a rede de amizades, assim que anunciou publicamente a abertura do Ginásio Tiradentes, cerca de 30% dos responsáveis pelas crianças e adolescentes até então estudantes do Pio Décimo decidiram não renovar a matrícula e migrar para a promissora instituição

de ensino. Para dar jus ao reconhecimento apresentado pelos pais destes jovens estudantes — muitas vezes incentivados pelos próprios filhos que enxergavam no Professor Uchôa a figura de um líder educacional —, o gestor maior da instituição necessitava, sobretudo, escalar uma seleção de educadores. Antes, porém, foi publicada em 16 de outubro de 1961, a ata de posse da primeira diretoria do Ginásio Tiradentes. Um momento ímpar na história da educação no estado de Sergipe, que contou como protagonista o diretor geral: Jouberto Uchôa de Mendonça; o seu pai, Jacinto Uchôa de Mendonça, como titular absoluto da tesouraria; Estael David de Meneses, como auxiliar de direção; e Rosilda Barreto, secretária geral. A sessão solene foi realizada em Aracaju a partir das 16h. Conforme exige a legislação nacional, a ata foi publicada no Diário Oficial do Estado em 02 de dezembro do mesmo ano, sob a inscrição de nº 14.379.



Primeira reunião de professores realizada em fevereiro de 1962, antes de iniciar as atividades do Ginásio Tiradentes.

Parte deste elenco de professores foi formado inicialmente pelos mestres: Adelci Figueiredo Santos, Geografia Geral e Geografia do Brasil; Cândida Viana Ribeiro, Canto Orfeônico; Cecília Teixeira, José Joaquim d'Ávila Melo e Elze do Prado Barreto, Desenho; Duclerc Chaves e Maria do Carmo de Melo Maynard, Português; Edilberto Reis Cunha e Félix d'Ávila, Educação Física; Elódia Calda Barros e José Carlos de Sousa, Língua estrangeira/Francês; José Antônio de Costa Melo, Latim; José Maria Rodrigues Santos, Médico assistente de Educação Física; Leão Magno Brasil e Raimundo Aritiquiba Lobão, Matemática; Lúcia Viana Ribeiro e Renato Valois das Chagas, Língua estrangeira/Inglês; Maria Emília Nunes de Andrade, Economia Doméstica e Trabalhos Manuais; Maria Olga de Andrade, Ciências Naturais; Padre Fernando Medeiros, Religião; Rosilda Barreto, Economia Doméstica; Cacilda Wiltshire de Freitas, Vanda Santana Marcena e Vilma Santana Marcena, História Geral, História do Brasil e História da América. Essa turma foi fechada no início da primeira quinzena de março de 1962, tendo como principais pré-requisitos a respectiva experiência profissional, o conhecimento curricular sobre o assunto a ser ministrado em sala de aula, a participação e apresentação de projetos educacionais em congressos, bem como o histórico de pontualidade funcional, o imprescindível bom relacionamento para com os colegas de profissão e com os alunos. No geral, eram 39 especialistas, sendo 20 homens e 19 mulheres, recebendo no final de cada mês o mesmíssimo salário. Em 21 de abril de 1962 a instituição foi oficialmente inaugurada, dando início ao primeiro semestre letivo do hoje Grupo Tiradentes.

O quadro inicial das turmas disponibilizava: Curso Infantil, com nove alunos; Curso Pré-Primário, com 13 alunos; Curso Primário, 1ª série com 17 alunos; 2ª série com 28

alunos; 3ª série com 23 alunos; e a 4ª série do hoje Ensino Fundamental com 17 alunos. O curso Ginásial (Ensino Médio) contava com cinco turmas do primeiro ano sendo a turma 'A' com 42 alunos; 'B' com 37; 'C' com 40; 'D' com 49; e 'E' com 57 estudantes. Já o segundo ano ginásial era formado por 45 alunos na turma 'A'; e, por fim, o 3º ano com 36 jovens estudantes.

A primeira turma a fechar o limite máximo de estudantes foi o terceiro ano 'B', que contou com os alunos: Antônio Cardoso Sobrinho Filho, Antônio César Bravo, Antônio de Pádua B. de Menezes, Beatriz Clésia Lima D'Eça, Célia Barros Nunes, Edvaldo Santana, Eduardo Roberto Barreto, Emília Dantas Correia, Inês Garcez de Andrade, Ismael Viana da Silva, Jorge Daltro Freire, José Antônio de Matos, José Nelito Alves, José Raimundo Barreto Costa, José Raimundo Souza, Josefa de Carvalho Resende, Josefina Andrade de Vasconcelos, Joselita Batalha de Góis, Lúcia Maria de Matos, Luiz Barreto Sobral, Magna Maria Costa Souza, Magnólia Costa Souza, Maria Batalha Andrade, Maria do Carmo Almeida, Maria Elvira Góis Araújo, Maria Laura Silveira Fontes, Maria Rita de Jesus, Marlene Gonçalves de Oliveira Lins, Marlene Santana, Marta Maria Franco Morais, Melchizedeck de Castro Silva, Selma Gomes Santos, Selma Pirajá Alves e Thereza Selma Cavalcante. A lista ficou completa com a presença de Amélia Maria Cerqueira, esposa de Uchôa, mãe dos quatro filhos, e avó dos netos do biografado. Uma ex-aluna que chegou na vida deste ilustre sergipano através do amor puro e verdadeiro a fim de somar, bem como ajudar a transformar o Ginásio Tiradentes em uma máquina que recepciona e profissionaliza milhares de estudantes para o campo de trabalho. O segundo, e último nome ausente nesta lista inicial, refere-se a Luciano Ribeiro Santos, oficialmente o primeiro estudante a se matricular na instituição educacional.



Imóvel situado na Rua Laranjeiras, nº 567, centro de Aracaju, onde começou a funcionar o Ginásio Tiradentes. Por cinco anos seguidos a instituição funcionou neste local.

Diante do representativo impulso funcional da recém criada instituição ginásial, já no ano seguinte, ainda no primeiro trimestre, foi a vez de a gerência estadual de educação permitir que a instituição passasse a oferecer aos sergipanos os cursos técnicos de Pedagogia, Contabilidade e Serviço Administrativo. Avanços graduais, mas que mostravam na prática a perspectiva de avanço e crescimento da unidade até então apenas escolar. Ao longo dos próximos cinco anos, Uchôa e toda a equipe diretiva trabalhava com a perspectiva única de se firmar operacionalmente, bem como atender aos anseios dos pais, os quais, na maioria das vezes, resumia-se apenas no avanço consistente da educação dos seus filhos. Essa missão nunca foi fácil; até hoje, é o objetivo primordial em todo o Grupo Tiradentes. Acontece que, quando se possui um elenco impecável de professores altamente pós-gradua-

do, esse tipo de 'desejo contratual' acaba sendo atendido. Entre 1962 e 1967 foram contabilizados mais de três mil alunos. Reclamações existiam, porém por parte de alguns poucos alunos. O contexto educacional daquele período era outro. Professor escolar era visto na sociedade como figura suprema dentro de uma sala de aula ou laboratório técnico. Na perspectiva de investigar os motivos das críticas que chegavam direcionadas à educador 'A' ou 'B', a instituição descobria com frequência que os pleitos dos alunos se resumiam na forma severa em que o profissional conduzia metodologicamente a sua respectiva disciplina. Enquanto adolescentes sussurravam no pé do ouvido dos coordenadores pedagógicos, por outro lado os pais e/ou responsáveis por estes estudantes defendiam a postura educacional dos docentes e pediam, junto à direção geral do Ginásio Tiradentes, que mantivesse o nível de cobrança educacional e disciplinar para com os seus estudantes.

“Eu já tinha uma certa experiência que carregava da minha passagem pelo Pio Décimo, sabia que não podíamos, jamais, cair na lãbia 100% dos alunos. Toda e qualquer denúncia das crianças e dos adolescentes eram analisadas de forma consistente até que conseguíssemos apurar todos os fatos e chegar ao denominador comum. Ocorre que na imensa maioria das vezes essas reclamações resumiam no montante de atividades de classe, e extra classe, as quais os professores passavam. Essa forma de trabalhar era totalmente apoiada pelos pais. Eles compreendiam que apenas intensificando a apresentação dos conteúdos disciplinares seria possível contribuir para que as crianças, adolescentes e jovens daquele momento se transformassem em profissionais exemplares no futuro. Esse era o selo de qualidade que o Ginásio Tiradentes apresentava à sociedade, e que o tanto contribuiu para já

no início das nossas atividades conseguíssemos conquistar cada vez mais o número de alunos matriculados. Uma surpresa para mim que nunca imaginei nos meus melhores sonhos que em tão pouco tempo conseguiríamos alcançar tamanho sucesso. Diariamente, assim como ocorria com o meu ex-chefe Sabino Ribeiro — presidente da Fábrica Confiança —, buscava ser o primeiro a chegar e o último a sair. Morava bem perto e isso ajudava na maioria das vezes. Sempre fui, e vou dormir com um caderninho de anotações já me programando para os dias posteriores. Essa é uma prática diária que deu certo naquela primeira década do Ginásio, e que prefiro seguir realizando independentemente do patrimônio que o grupo possui hoje. Assim como ocorreu no início da década de 60, confio muito nos nossos professores e demais funcionários. O que pesa já há algum tempo é que não tenho mais a mesma disposição que tinha há 30 ou 40 anos; a idade chega e preciso mudar um pouco o ritmo da rotina. Apesar disso, sei que devo ser exemplo para que o progresso unificado permaneça para todos nós.”

DESPEJO ARBITRÁRIO E SEM JUSTA CAUSA

Mesmo com a fama de bom pagador, sem deixar de quitar as parcelas mensais do aluguel fora das datas previstas em contrato, por motivos até hoje não revelados, Elza Valadares, proprietária do imóvel onde funcionava o Ginásio Tiradentes, decidiu acionar o poder judiciário e reivindicar a reintegração de posse em caráter imediato. Toda a ação de despejo foi realizada no início da primeira quinzena do mês de fevereiro de 1967, sem o conhecimento mínimo por parte de Uchôa e demais membros da diretoria administrativa. Diante do pedido, o Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe (TJ/SE) convocou a proprietária do prédio, bem como a parte contratante, para participar de uma audiência de conciliação a fim de atender em parte o pedido da requerente. Ainda nesse encontro a proposta era ofertar um prazo razoável para que Jouberto Uchôa cumprisse com as mudanças jamais imaginadas para aquele momento. Essa reunião ocorreu na sexta-feira, 17 de fevereiro de 1967, na sede do poder judiciário, em Aracaju, onde ficou deliberado que a instituição de ensino teria um prazo máximo de seis meses para deixar o imóvel com data a contar do dia 20 de fevereiro. Apesar do impacto com a determinação, Uchôa voltou se reunir com sua esposa Amélia Cerqueira e com os pais diante da perspectiva de definir o rumo das atividades institucionais. Neste primeiro momento o receio do biografado era que o antigo cenário familiar voltasse a impactar nos planos de futuro. Vale clarear a memória do caro

leitor que, assim como o ocorria naquele instante com o Ginásio Tiradentes, nas décadas anteriores o pensionato e a empresa fornecedora de marmitas da família também haviam conquistado sucesso absoluto nos três primeiros anos de atuação. Uchôa possuía a plena convicção que era preciso trabalhar a base durante os próximos seis meses para que o desejo empresarial não resultasse em mais um fechamento de portas e sonhos escorridos pelo ralo. A família tinha plena convicção do que fazer. Apesar do susto, seis meses era teoricamente um prazo aceitável para buscar um novo ambiente adequado para dar sequência às atividades. Com sabedoria seria possível criar um calendário que atendesse ao pleito da proprietária do imóvel e às determinações judiciais.

O pensamento tinha lógica. Em quatro meses seria possível encontrar com calma outro imóvel adequado, comunicar a mudança prévia aos pais dos alunos e professores, organizar o serviço de mudança de cadeiras, armários e demais patrimônios justamente no período de férias de meio de ano. Talvez, caso toda essa estruturação administrativa não sofresse alterações inesperadas, fosse realmente possível respeitar a ordem judicial antes mesmo do prazo concedido ser expirado. O problema é que a vida vez ou outra nos prega cada situação... Quem nunca se deparou com cenários aparentemente negativos em ritmo sequencial? Se não tiver força de espírito, camarada, a queda pode ser devastadora. Exatamente nove dias após a assinatura do termo de audiência, na madrugada do dia 25 para 26 de fevereiro, às duas horas da matina de um domingo, a arrendatária do espaço — frise-se, com o apoio de alguns agentes da Polícia Militar do Estado de Sergipe — decidiu utilizar a

chave reserva que possuía sob sua custódia e entrar no prédio para promover a retirada de todos os pertences da unidade escolar. A operação seguia silenciosa dentro do possível, mas não ao ponto de despertar a curiosidade de funcionários e vizinhos da instituição, os quais acharam a movimentação estranha e decidiram seguir até a casa de Uchôa e Amélia para denunciar o fato. O mensageiro responsável por apresentar a notícia nada agradável foi o funcionário José Guilherme de Miranda. Assustado, o professor vestiu-se adequadamente e partiu para a instituição. Ao chegar no local, de imediato foi abordado por um oficial que anunciou a respectiva proibição de deixar qualquer pessoa adentrar ao imóvel. Mesmo com amplo amparo legal, concedido pelo TJ, 1967 o Brasil seguia sendo administrado pelo Governo Militar, sob o comando do Marechal Humberto de Alencar Castello Branco (Marechal Castello Branco), e a voz militar muitas vezes era superior a qualquer instância. Com o impasse, o jeito foi seguir até a delegacia plantonista em posse de todos os documentos oficiais do poder judiciário com a proposta de denunciar o desrespeito às decisões carimbadas em audiência. Ao apresentar os fatos, Uchôa foi orientado a seguir até a casa do delegado — que ficava instalada no bairro São José — com o objetivo de levá-lo até o Ginásio Tiradentes e evitar que a operação clandestina permanecesse em curso. Depois de insistentemente chamar pela autoridade, uma voz de dentro do imóvel pediu que o denunciante retornasse à delegacia e aguardasse. A promessa era que o delegado iria se arrumar e em seguida se direcionar ao posto policial para resolver o problema.

Esse encontro não ocorreu em virtude de o delegado apenas ter se direcionado ao posto de trabalho

oito horas após o recado dado a Uchôa. Apesar do sono e cansaço visível em meio a um constrangimento espiritual, o professor optou por deixar a delegacia no início da manhã e seguir até a casa do amigo José Augusto Siqueira. Um nobre cidadão sergipano que tinha em toda a Família Uchôa um apreço humanista e fraterno. Ao ouvir os relatos emocionados do inquilino, Siqueira seguiu imediatamente com Uchôa até a residência de Balduino Ramalho, um advogado experiente, com amplo conhecimento e acesso ao clero jurídico de Sergipe, o qual aceitou assumir a defesa e reivindicar em caráter emergencial uma liminar de manutenção de posse. Em tempo relativamente rápido, menos de 72 horas depois o pedido foi aceito pelo então juiz de direito Dr. Abdon de Barros Monte. Em seu despacho, o meritíssimo determinou a saída instantânea da proprietária e cumprimento integral da decisão anterior. O prazo de seis meses voltava a ser imposto pelo TJ. Não por muito tempo. Talvez, contando com um apoio paralelo e sigiloso que também jamais foi revelado, a dona do imóvel seguia não atendendo às ordens judiciais. Todo esse conflito sendo protagonizado a menos de 15 dias do reinício das atividades educacionais na instituição. Enquanto de um lado Uchôa buscava a todo custo se desdobrar para reassumir a administração do imóvel, na outra ponta Amélia era a responsável direta por responder aos inúmeros questionamentos realizados por estudantes, funcionários e pais dos alunos. Sem nunca ter se envolvido com pedidos direcionados à políticos, Uchôa se deparou com a necessidade de seguir até a Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, Centro de Aracaju, onde foi recebido pelo então presidente da casa, o deputado Santos

Mendonça. Mostrando-se compreensivo às lamentações de Uchôa, o parlamentar prometeu se reunir com representantes do poder executivo sergipano, sobretudo técnicos da Secretaria de Estado da Educação, e, em breve, apresentar uma resposta.

“[A resposta] não demorou a chegar. Não me recordo quantos dias, mas isso ocorreu na mesma semana, início de março. O Governo do Estado me ofereceu uma casa pequena, localizada no antigo Conjunto Cidade dos Funcionários. Um imóvel com apenas quatro salas, insuficiente para atender as 12 turmas por turno, as quais, juntas, contavam com mais de 700 alunos entre crianças e adolescentes. Isso sem falar que para chegar até a porta dessa casa era preciso passar por uma ponte improvisada que ficava sob um córrego. Durante a visita, moradores da região disseram que em tempos de chuva e maré alta o córrego enchia ao ponto de transbordar. A área ficava inundada e realmente não era possível transferir o Ginásio para aquela casa. O que me tirava o sossego era perceber que a pressão por parte dos pais só aumentava, e com total razão, porque muitas escolas já davam início ao ano letivo enquanto nós permanecíamos nessa batalha de resistência. Todos seguiam impedidos de estudar, e os nossos funcionários colaboradores de trabalhar. Só Deus sabe muito bem o que passamos nesse período. Foi preciso multiplicar as esperanças para que esse tormento fosse superado. Enquanto o problema não era solucionado em definitivo, a cada novo dia a gente vivenciava a luta contra o tempo. Se não fosse o apoio primeiramente da minha família, poderia ter abandonado um projeto que sentia não ser mais apenas meu, mas sim de centenas de famílias aracajuanas.”



Aeroporto Internacional de Salvador (SSA) Deputado Luís Eduardo Magalhães, Bahia. Mais um ponto de partida aventurada por Jouberto Uchôa de Mendonça. Local que segue presente em sua memória de luta. A imagem acima apresenta as varandas onde as pessoas podiam ver quem embarcava e desembarcava nas aeronaves. Imagem registrada pelo Governo da Bahia no início da década de 1980.

Em mais uma medida impulsiva, Uchôa decidiu seguir até o estado do Rio de Janeiro com o objetivo único de ser recebido pelo irmão Jorge Uchôa de Mendonça. Morando há mais de cinco anos na capital fluminense, ele era formado em direito e seguia se especializando na área. Para chegar até lá o professor precisou sair de Aracaju à noite em viagem pela rodovia federal BR-101 com destino à cidade de Salvador (BA), onde tentaria pegar um voo para o Rio. Sua primeira experiência com viagem de avião não foi confortável. Ao chegar no hoje Aeroporto Internacional de Salvador (SSA) Deputado Luís Eduardo Magalhães, Uchôa percebeu que apenas uma aeronave, mesmo assim de carga, permanecia em solo se preparando para seguir à região sudeste brasileiro. Vivenciando cenas hollywoodianas, o persistente

professor conseguiu abordar o comandante geral do avião e solicitar uma ‘carona’ até o destino final. Após ouvir atentamente aos relatos, o oficial decidiu permitir a viagem com duas condições: 1ª, teria que viajar sentado nas cargas sem direito a ir ao banheiro ou mudar de local, e, 2ª, ao chegar no Rio teria que esperar ao menos meia hora para descer da aeronave. “Não podia transportar pessoas. O avião era exclusivo para transporte de cargas e, no máximo, os funcionários da companhia aérea que trabalhavam nesse serviço de carga e descarga. Quando chegamos tive que aguardar um pouco justamente para que os fiscais não percebessem a irregularidade e, sei lá, talvez gerar uma punição para o comandante. Fiz tudo direitinho como ficou acertado e paguei uma taxa de 125 Cruzeiros. Foi tudo muito corrido, arriscado, mas que felizmente deu certo. O avião aparentava ter um tempo útil já avançado, costumo dizer que era um ‘teco-teco’, mas fez uma viagem tranquila de pouco mais de 2h no ar. Por preservar sua identidade real eu nunca nem soube o nome do comandante e dos seus auxiliares, mas compreendo que aquele aval para a viagem irregular acabou nos ajudando mais até do que poderíamos imaginar.”

Ao desembarcar no Rio de Janeiro, de imediato Uchôa dirigiu-se ao ponto de embarque para barcos com destino à cidade de Niterói, onde residia o irmão juntamente com os familiares. Sem se deparar com o trânsito caótico que predomina há décadas o cenário do estado, o percurso entre paradas para embarque e desembarque de passageiros não demorou mais que 40 minutos. Ciente da chegada programada do irmão para discutir problemas ligados à instituição educacional, assim que pisou os pés na residência houve tempo apenas para cumprimentos rápidos em meio a doses de café expresso. Angustiado, logo Uchôa chamou Jorge para uma área reservada onde

apresentou com calma e de forma detalhada passo a passo dos impasses que estava vivenciando. Atento às declarações, Jorge decidiu solicitar um afastamento temporário das atividades trabalhistas, nada mais que 10 dias, a fim de dirigir-se à Aracaju com a perspectiva de provocar junto ao poder judiciário outra medida liminar que dispusesse ao contratante o direito legal de seguir em posse do imóvel até que expirasse os seis meses antes impostos pelo próprio TJ. Com a teoria seguindo totalmente no sentido contrário da prática, já em solo sergipano Jorge pôde perceber que a medida deveria ser abortada. Mesmo com total amparo jurídico, a proprietária do imóvel seguia dispondo de algum tipo de apoio paralelo o qual conseguia inviabilizar a reintegração de posse para o inquilino. O fato é que Uchôa já estava cansado daquela novela de péssimo gosto, e, por mais que as chaves da escola porventura voltassem à sua posse, ele não mais desejaria permanecer naquele imóvel. O encanto havia se esgotado diante do sofrimento. Reassumir o espaço era como se fosse viver seis meses corridos achando que a cada madrugada poderia ser novamente acordado por funcionários denunciando nova intervenção da então proprietária do imóvel. Uchôa estava saturado de todo aquele transtorno físico e psicológico, e, definitivamente, não desejaria mais insistir; dar murro em ponta de faca.

Em nova rodada de debates internos, exclusivamente entre os familiares, Uchôa, Jorge e Jacinto recordaram-se que o juiz de direito da Comarca de Japaratuba (SE), Djalma Ferreira de Oliveira, residia com a família em uma casa imensa localizada na avenida Canal, nº 370, hoje conhecida como avenida Airton Teles. Eles sabiam que aquele imóvel possuía o dobro de compartimentos à disposição dos familiares do meritíssimo. Para se ter noção do espaço, o imó-

vel contava com dois cômodos de quarto para cada pessoa residente no imóvel. Isso sem falar da ampla cozinha, dos mais de quatro banheiros, da sala, garagem e do quintal que esbanjavam condições reais para os anseios do Ginásio Tiradentes. Conscientes da necessidade de escalar uma comissão representativa para convencer o Dr. Djalma Ferreira para deixar o ambiente com a família e alugar o espaço para a escola, juntamente com Uchôa, Jorge e Jacinto foram os professores Alcebides Melo Vilas Boas e Walquírio Correia Lima. Com o dom da palavra e a recorrente fama de bom pagador, após ouvir atentamente à cartada crucial de Jouberto, o desembargador pediu licença aos visitantes, conversou rapidamente em um local reservado com os familiares, e logo em seguida anunciou que havia, em conjunto, aceitar as condições contratuais e deixar o espaço. No termo de obrigação do contratante existia uma cláusula a qual exigia o fornecimento de frete para que o espaço pudesse ser logo desapropriado pela família, e, assim, finalmente a instituição dispor de um local apropriado para tardiamente iniciar o respectivo ano letivo. A essa altura do campeonato o professor estava disposto a tirar do próprio bolso para contratar pessoas e caminhões com a missão de realizar o serviço com a maior brevidade possível. Acontece que o governo do estado e o poder judiciário também desejavam solucionar o caso. Sem apresentar indícios de negativa, o próprio Departamento de Estradas e Rodagens disponibilizou carretas para realizar as mudanças pessoais do desembargador para a nova moradia familiar, bem como todos os pertences do Ginásio Tiradentes que seguiam ocupando as dependências na rua Laranjeiras, casa de nº 567. Aos que porventura tiverem a oportunidade de transitar por este local, saibam que ali Uchôa vivenciou um mix emocional entre momentos de glória e desespero.



Com o apoio do Departamento de Estradas e Rodagens (DER), colaboradores da instituição e servidores concedidos pelo governo do estado promovendo a transferência dos móveis, materiais didáticos e demais pertences do Ginásio Tiradentes.

O final feliz se tornou possível graças a ação coletiva envolvendo desde funcionários da instituição à piloto de avião de carga. Hoje o Grupo Tiradentes segue progressista e multiplicando profissionalização estudantil em virtude de toda essa corrente do bem orquestrada ainda no final dos anos 60, sobretudo, por Jacinto, Amélia, Jouberto, e todos os demais membros da Família Uchôa. A luta pode até ser árdua, mas com a família ao lado a vitória estará sempre cada vez mais próxima. Por dois anos, entre 67 e 68, a instituição funcionou neste local sem sequer apresentar o mínimo de

indícios os quais pudessem tirar o sossego de Uchôa. O Dr. Djalma Ferreira de Oliveira seguia cumprindo com fidelidade cada item contido no contrato, com amistoso diálogo diante do seu inquilino, bem como chegando ao ponto de orientar amigos e conhecidos a matricular os filhos na instituição. O cenário bem que era outro; acontece que o ditado popular brasileiro é claro, e gera um ponto de exclamação ao alertar que: gato es-caldado tem medo de água fria. Sem sequer expandir seus ideais administrativos, Uchôa e Amélia começaram a seguir o exemplo do Sr. Jacinto quando, de forma pessoal, passaram a reduzir gastos naquele momento analisados como desnecessários, e deram início às economias. Como o biografado nunca possuiu a ânsia de esbanjar poder econômico, realizando gastos com serviços ou objetos supérfluos, o final dos anos 60 foi marcado por um pente fino na movimentação financeira do casal e da instituição. Toda a verba necessária para quitar folha de pagamento, manutenção do colégio e as contas de água, energia e aluguel, por exemplo, seguia sem alteração; o restante, não. Cada centavo de lucro era guardado à sete chaves como uma espécie de poupança carimbada, sem ser possível subtrair até o final do segundo semestre de 1968. Seguindo categoricamente aos planos, em novembro de 68 Uchôa voltou a se reunir com o Dr. Djalma Ferreira para agradecer a todo o apoio concedido ao longo dos últimos dois anos, e anunciar que a partir do dia 1º de janeiro de 1969, o Ginásio Tiradentes passaria a funcionar, desta vez, em sede própria. Ambiente humilde, mas registrado em cartório como de propriedade de Jouberto Uchôa de Mendonça. Aquele pânico de ser acordado com ordem de despejo passava a se tornar algo do passado.

As noites começavam a ser mais desfrutadas, enquanto o ritmo evolutivo do Grupo Tiradentes não parava de engrenar compulsoriamente.

“Sabe porque conseguimos dar esse passo adiante? Por causa da minha família e da ajuda de alguns amigos. Amigos de verdade que na hora do desespero não hesitaram em correr para oferecer ajuda, seja ela qual fosse. Me espelhei em meu avô e no meu pai que quando decidiu ir morar em São Paulo passou a realizar economias que para ele fazia sentido, mas sem saber qual era de fato esse o sentido. Intuição de pai. No seu interior meu pai possuía a plena convicção que aquele esforço seria retribuído no futuro próximo, ou a longo prazo. Depois de resolver a questão com a ordem de despejo na primeira unidade do nosso Ginásio, em conversa com Amélia e com o meu próprio pai, informei que iríamos nos apertar ao máximo que fosse possível para ainda naquela década poder afastar de vez esse fantasma que vez ou outra seguia nos assustando. Ser despejado com mais de 700 alunos para acolher, e dezenas de funcionários para quitar os salários, não foi nada fácil. Dormir era difícil, e o que mais desejava era poder alcançar o objetivo de passar a usufruir de um espaço integralmente nosso. Não sou nada vaidoso para dizer que essa evolução existiu a partir da minha iniciativa ímpar; na realidade um grupo de pessoas maravilhosas contribuiu muito para que os fatos positivos comesçassem a sobressair sob os negativos. Sou grato aos funcionários que me acordaram para avisar da movimentação na escola; grato ao piloto de avião, aos professores que foram comigo até a casa do ilustríssimo juiz dr. Djalma, aos pais dos alunos que compre-

enderam imensamente a nossa luta, e, claro, aos meus pais, irmãos e esposa. Sem cada um deles não conseguiríamos vencer aquelas dificuldades. Quanto ao delegado que me deixou mais de oito horas esperando e a proprietária da casa que nos expulsou mesmo estando do lado equivocado da situação, esses estão perdoados. Sei que Deus os perdoou, e, eu, um nobre filho [do Senhor], quando me deparei pelas ruas de Aracaju, passei a cumprimentá-los de forma harmoniosa. Aos olhos de terceiros como se nada houvesse acontecido.”



Segunda sede do Ginásio Tiradentes, em 1967, localizada na avenida Airton Teles, em Aracaju. Nesse local foi possível multiplicar o número de estudantes, professores, funcionários dos mais variados departamentos trabalhistas e carimbar o selo de qualidade educacional da instituição.



ANCELMO GOIS
Jornalista e amigo

“Devido a minha mudança de residência no início dos anos 1970, perdi muito do contato presencial com o ilustre professor Uchôa, mas dentre tantas histórias bacanas e marcantes em minha vida, posso listar duas passagens relevantes para apresentar aos leitores. A primeira situação ocorreu ainda nos anos 1960, quando tinha 16 anos. Eu era menino, em fase inicial de qualificação profissional, mas já era repórter do extinto Jornal Gazeta de Sergipe. Certo dia cheguei na redação e me passaram uma pauta orientando seguir até a rua Laranjeiras, no Centro de Aracaju, e registrar um processo de reintegração de posse. Há décadas, jornalistas vez ou outra se deparam com esse tipo de cobertura; para a minha triste surpresa, aquela ocorrência envolvia a proprietária de um imóvel, a qual havia conseguido um apoio tático policial contra a direção do Ginásio Tiradentes. Fui ético com as minhas funções, mas sou humano e fiquei com o coração partido ao assistir a retirada do colégio. Quando eu cheguei no espaço, a porta já estava cheia de mobília escolar, materiais didáticos, professores, pais, alunos... o cenário era triste. O professor estava abalado; isso era nítido em seu semblante e na voz trêmula. O que o estado inteiro não sabia, muito menos

o poder judiciário da época e a própria dona do imóvel alugado, era que aquela derrota se transformaria em um baita de um cajado para Jouberto Uchôa manter viva a sua missão nesse campo espiritual. Foi na dor que a Unit se transformou nesta instituição gigantesca que é hoje.

Após a ordem de despejo, nós [da Gazeta de Sergipe] seguimos acompanhando os passos do professor até o momento em que ele conseguiu um novo imóvel localizado em uma região nada nobre, com problemas sanitários e com a presença de bordéis nas redondezas. Acontece que Jouberto Uchôa sempre foi uma pessoa tão sedutora e compromissada com a educação, que um grupo representativo de pais ou responsáveis decidiu seguir com ele para qualquer que fosse o novo logradouro. Esta é mais uma das comprovações de que em nossa história milenar humana, por inúmeras vezes, a derrota é essencial para a reação. Impossível contar todos os casos de pessoas que atingiram o sucesso absoluto, mesmo após sofrer quedas e golpes dos mais diversos e insanos possíveis. Jouberto Uchôa é uma prova disso, e eu sou testemunha. Não só eu, como também a minha esposa Janete Correia de Melo Góis. No ano de 1968, naquela fase difícil politicamente, em que o país vivenciava o início do regime militar, ela foi convidada para ser professora no Ginásio Tiradentes. Naquele mesmo ano, mais precisamente no mês de outubro, a Janete foi para Ibiúna, município localizado no interior de São Paulo, para participar do 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE). Quem gosta, ou já se interessou no assunto sabe que se tratava de um encontro estudantil amplamente legal na nossa concepção, mas clandestino, proibido pela ditadura militar.

As forças da Segurança Pública descobriram a aglomeração dos jovens secundaristas e docentes, realizaram um

verdadeiro cerco e prenderam centenas de pessoas; entre elas, sergipanos como a Janete Correia e os amigos Laura Marques e Wellington Mangureira. Naquele momento nós tínhamos a plena convicção que o professor Uchôa poderia demitir minha esposa. A princípio ninguém sabia da detenção, mas logo em seguida aquela ação explodiu na mídia e todos ficaram sabendo do caso. Se Aracaju contabiliza hoje um quantitativo ainda pequeno de habitantes se comparado a outras capitais, imagina em 1960 quando sua população não passava de 100 mil moradores. Todo mundo sabia do que se passava na casa vizinha. Ao retornar para Sergipe, ao contrário daquilo que imaginávamos, o professor Jouberto Uchôa recebeu a Janete de braços abertos; quis saber de todos os detalhes daquela ocorrência, e defendeu que a vivência protagonizada em Ibiúna poderia, na prática, ajudar no desenvolvimento dos estudantes matriculados na instituição. Foi uma postura de coragem. Mesmo diante das atrocidades já impostas pela administração federal no final da década de 60, Uchôa decidiu abraçar sua funcionária e enfrentar o regime que há poucos dias havia abordado e prendido a Janete. Quem faz isso, quem adota essa postura, são pessoas de índole progressista, que sabem respeitar a democracia e, acima de tudo, defendem o seu quadro de colaboradores. Para os leitores desta obra, apresento uma indagação: deu para entender o porquê de os funcionários e ex-funcionários do Grupo Tiradentes defenderem tanto os professores Uchôa e Amélia Cerqueira? Por mais que aquela prisão fosse legal na ótica do governo, na visão humanista se tratava de uma intervenção imoral, repressora e antidemocrática.

Minha família é suspeita para falar do professor Jouberto Uchôa de Mendonça. Mesmo que de longe, depois que vim morar aqui no Rio de Janeiro, passei a acompanhar um pouco da evolução empresarial do nobre reitor. Poucas

pessoas não abandonam seus costumes depois que atingem certa estabilidade financeira. É natural... com o passar dos anos, o cidadão que gostava de cachaça passa a achar ruim e prefere vinho premiados mundialmente; deixam de ir na feira e passam a comprar em redes de supermercado; abandonam o velho e bom pastel com caldo de cana, para só se alimentar com lagostas e peixes nobres; mudam a sua forma de tratar as pessoas. Tudo isso não aconteceu com Uchôa. É bem verdade que ele nunca foi adepto de bebida alcoólica, mas vejam que dentre os outros exemplos, o professor jamais abandonou as suas essências adquiridas na infância. Jouberto Uchôa, até hoje no auge dos seus 85 anos, é frequentador nato de feiras livres e mercados centrais. Somos apaixonados pela Família Uchôa. Falo isso com o máximo de orgulho e gratidão”.



Clipping do Jornal Gazeta de Sergipe, registrando a ordem de despejo e peregrinação de Jouberto Uchôa de Mendonça em busca de novo local a ser instalado o Ginásio Tiradentes.

A ARTE PESSOAL EM ENTERRAR SITUAÇÕES DESAGRADÁVEIS

No auge da sua produção poética, o ilustríssimo baiano natural da cidade de Itabuna, Jorge Leal Amado de Farias, ou, simplesmente, Jorge Amado, escreveu a crônica intitulada 'O Cemitério'. Nascido em 10 de agosto de 1912, e falecido em 06 de agosto de 2001, ele é apontado como um dos mais famosos e traduzidos escritores brasileiros de todos os tempos. Não que esse seja o integral sentimento pessoal de Jouberto Uchôa, porém, 'O Cemitério' de Jorge Amado bem que se confunde com essa passagem enfrentada pelo sergipano aqui biografado.

“Tenho horror a hospitais, os frios corredores, as salas de espera, antessalas da morte, mais ainda a cemitérios onde as flores perdem o viço, não há flor bonita em campo santo. Possuo, no entanto, um cemitério meu, pessoal, eu o construí e inaugurei há alguns anos quando a vida me amadureceu o sentimento. Nele enterro aqueles que matei, ou seja, aqueles que para mim deixaram de existir, morreram: os que um dia tiveram a minha estima e perderam.

Quando um tipo vai além de todas as medidas e de fato me ofende, já com ele não me aborreço, não fico enojado ou furioso, não brigo, não corto relações, não lhe nego o cumprimento. Enterro-o na vala comum de meu cemitério — nele não existe jazigo de família, túmulos individuais, os mortos jazem em cova rasa, na promiscuidade da salafrarice, do mau caráter. Para mim o fulano morreu, foi enterrado, faça o que faça já não pode me magoar.

Raros enterros — ainda bem! — de um pérfido, de um perjuro, de um desleal, de alguém que faltou à amizade, traiu o amor, foi por demais interesseiro, falso, hipócrita, arrogante — a impostura e a presunção me ofendem fácil. No pequeno e feio cemitério, sem flores, sem lágrimas, sem um pingo de saudade, apodrecem uns tantos sujeitos, umas poucas mulheres, uns e outras varri da memória, retirei da vida.

Encontro na rua um desses fantasmas, paro a conversar, escuto, correspondo às frases, às saudações, aos elogios, aceito o abraço, o beijo fraterno de Judas. Sigo adiante e o tipo pensa que mais uma vez me enganou, mal sabe ele que está morto e enterrado.”



MARILDA UCHÔA

Quarta Filha do Casal
Graduada em Administração
Pós-Graduada em
Administração Financeira

“Algumas características do meu pai não têm como não me chamar a atenção. São coisas que me marcam muito, e, talvez, a primeira de todas, a sua autenticidade. A gente costuma dizer que ele é, e sempre foi, uma pessoa desprovida de timidez. Esse tipo de comportamento passa longe. Ele costuma fazer aquilo que surge na cabeça dele, momentaneamente sem preocupação sobre aquilo que

as outras pessoas porventura possam falar ou pensar. Eu acho isso incrível porque ele valoriza especialmente a convicção dele, e é com esse perfil de vida que se sente muito feliz, realizado. Minha mãe e nenhum dos filhos se preocupa muito com esse comportamento explosivo, porque sabemos que ele jamais seria capaz de adotar uma ação que possa prejudicar ou ofender o próximo; tudo o que faz de forma espontânea e apenas na tentativa de transformar o ambiente em mais leve e harmonioso entre todos os presentes. Outra coisa que me chama muito a atenção e carrego comigo ao longo da minha vida é o dom que ele possui para perdoar certas mágoas; tenho certeza que minha mãe falou em entrevista para esse livro. Meu pai é uma pessoa que guarda 0% de mágoas. Tenho pra mim que ele não esquece de certas situações, mas é incapaz de cultivar esse rancor.

Se tivesse que apostar em uma virtude para o sucesso dele, pode ter certeza que todas as minhas cartas seriam destinadas para essa forma de lidar com aqueles, ou aquilo, que em algum momento da vida te partiu o coração. Ele é tranquilo demais; uma coisa raríssima de acontecer é a gente se deparar com o nosso pai esbravejando onde quer que esteja. Vez ou outra ainda nos dá um certo puxão de orelha, mas é numa classe sem igual. Estamos falando de um ser humano que — conforme o leitor tem observado — já passou por situações delicadas, muito difíceis em sua vida, e que seria fácil ser arrogante e botar a culpa naquilo que o fizeram sofrer no início da sua vida empresarial quando ainda acessava os primeiros anos da juventude. Até hoje, quando ele se depara com posturas que avalia desnecessária, passa uma semana e ele já fica bem, diz que passou e bola pra frente. É algo que ainda nos causa certo impacto, mas ao mesmo tempo a gente

aprende a cada dia mais com ele; admiramos muito esse potencial humanista dele. Acredito que herdei um pouco disso dele; não sou igual, na mesma proporção, mas não sou de guardar mágoas de ninguém. Eu não esqueço; por isso acho que ele também não, mas fazemos de tudo para enterrar esses momentos inconvenientes.

Sobre a minha infância, é muito viva em minha memória a rotina de trabalho dos meus pais. Eles sempre foram muito presentes nos três turnos. A gente costumava ter contato direto com eles nas refeições, e isso era sagrado. Televisão na hora da refeição? Nem pensar. Erámos todos reunidos para desfrutar do alimento e termos aquele momento de elo familiar. Era a nossa hora de conversar e de protagonizar as brigas de infância comuns, como sempre ocorreu com tantas outras famílias. Esses momentos me impulsionam a nostalgia; no geral era tudo muito feliz. Ainda hoje temos muito encontros parecidos, mas nada igual ao período em que não havíamos atingido a maioria. A dedicação quase que exclusiva para as atividades da instituição eram nos dias úteis. Me recordo muito bem de toda sexta-feira à noite a gente se arrumar para ir a um barzinho comer pastel, caranguejo ou queijo assado na brasa. Já no sábado eles gostavam de sair juntos para dançar ou se reunir com amigos, muitas vezes no restaurante João do Alho que era bem próximo da nossa casa. A energia e disposição deles sempre me chamaram muita a atenção, inclusive hoje que sabemos o quanto é puxado a vida de um adulto. Antes de sair para esses encontros ele beijava muito a gente. Ele é uma pessoa apaixonada por contato físico; meu pai gosta de abraçar, beijar, apertar a mão, dar um beijo na cabeça, fazer um carinho... sou suspeita para falar. Ser acordada com beijo e palavras bonitas; eu e meus irmãos temos muita sorte.

Pra mim meus pais são fora da média; é algo que não era comum acompanhar esse perfil em famílias de muitos amigos da infância e adolescência. Claro que todos possuem uma postura de vida e isso precisa ser acima de tudo respeitada, mas meus pais, desculpem, são diferenciados. Ainda sobre as reuniões em família, até hoje temos a satisfação e o presente de Deus em ter nossos pais conosco em datas comemorativas. Não mais naquele vigor porque a idade não permite, mas eles sempre estão ali; conversam um pouco, se alimentam e vão descansar. Daqui a pouco voltam, contam uma piada, fazem um carinho na gente e sentam no sofá para cochilar. Esse tipo de situação acontece mais com o nosso pai; minha mãe costuma ficar um pouco mais de tempo com a gente. Lembro bem que muitas vezes nós — filhos, ainda crianças —, sentíamos ciúmes da forma como ele tratava os seus funcionários na frente de todo mundo, e foi justamente nessa fase em que eles nos ensinaram a cuidar das pessoas como se todos nós fôssemos irmãos de sangue mesmo. Nós crescemos com a sensação de que ele gostava mais dos funcionários do que da gente [risos]. Por isso que quando a gente ouve de um colaborador dizer que se sente em casa na instituição, ou que jamais se sentiu desamparado por meus pais, é verdade. É um aprendizado que carregamos desde os primeiros minutos de vida.

Cada conhecimento desse nós fazemos questão de compartilhar com os nossos filhos. Certa vez estava no Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, quando no banheiro fui abordada por uma mulher que pediu licença e perguntou se eu era de Aracaju. Eu respondi que sim, e ela revelou que me reconheceu porque costumo passar pelo Colégio Salvador. Vejam como são as coisas, isso em São Paulo. Até aí, estava surpresa com a situação em ter sido reconhecida fora do meu estado. Foi quando ela disse que o filho

dela também estuda no Colégio Salvador, e que sempre observou a maneira como meus filhos tratam com amor as outras pessoas, independentemente se são colegas de classe, professores ou demais funcionários da instituição. Na hora fiquei sem reação de tão emocionada. Acreditei naquele momento que parte do que aprendi com meus pais também estava sendo procedido pelos netos. Quando encontrei com meus filhos fiz questão de parabenizá-los e dar uma valorizada na atitude deles, claro. Da mesma forma que repreensões educacionais são necessárias, enaltecer os aspectos positivos também se trata de uma medida fundamental. Minha mãe mesmo é super vovó coruja. Ela diz que ama os filhos, mas que a melhor parte deles, e dos filhos, estão depositados nos netos. Meus pais são isso: vivem transbordando amor e palavras de afeto.

Eles nunca impuseram os valores: você tem que fazer isso... você tem que fazer assim... não! Isso nunca aconteceu. Os aprendizados que possuímos deles foram passados de forma leve, sem pressão. Temos a convicção que essa metodologia educacional familiar deu muito certo ao ponto de a gente também assumir o controle e passar para os nossos filhos. Parece que a missão acaba sendo atingida sem gerar qualquer tipo de impasse ou transtorno. Tudo aquilo que a gente vai vendo dentro de casa, todo santo dia, já no modo automático levamos para a nossa vida adulta. Graças a Deus, eu e meus irmãos somos muito próximos e comungamos desses relatos que apresento aqui. Mostrar neste livro os bastidores ao lado dos nossos pais pra gente é motivo de muita alegria. É um reconhecimento que eles recebem em vida, e se deparam com mais uma oportunidade de estar ao lado de amigos, colaboradores da instituição e familiares. Agradecemos demais pela dedicação, interesse e o carinho especial pela produção desta obra literária”.

UM ESPAÇO PARA CHAMAR DE MEU



Menos de dez anos após fundar o Ginásio Tiradentes, Jouberto Uchôa inaugura a primeira sede própria instalada na rua Lagarto, nº 264, região central de Aracaju. Hoje o prédio histórico é ocupado por cursos de graduação da Universidade Tiradentes.

Somente sabe o real sentimento de possuir uma casa própria aqueles que felizmente possuem qualquer que seja o imóvel em seu nome. Fugir do aluguel não se trata de uma missão fácil no cenário contemporâneo, e também nunca foi fácil em décadas anteriores. Apesar de a primeira sede oficial do Ginásio Tiradentes não apresentar os confortos desejados pelos professores Uchôa e Amélia, o prédio era próprio e com o passar dos semestres seria possível adequá-lo conforme seus respectivos sonhos. Esse avanço foi gradual. Nada muito extravagante, tampouco luxuoso. Para que esse progresso se fizesse possível, o primeiro ato fixado pelo casal foi deixar de morar em casa de aluguel e ocupar uma das salas de aula da instituição. Muitos desses ambientes sem piso, azulejo e cadeiras novas, mas com a nítida impressão que naquele espaço possuía os melhores professores e a garantia de qualificação educacional das crianças e adolescentes. A sociedade sergipana compreendia isso; os pais, e/ou responsáveis pelos alunos, seguiam depositando doses múltiplas de confiabilidade nas propostas de Uchôa. Sobre os episódios amargos da vida, em certo domingo de 1969 o casal decidiu ir ao disputado Cinema Vitória para assistir ao filme: 'Picnic – Férias de Amor'. Um filme do gênero drama, o qual apresentava a vida norte-americana durante os anos 50. Foi filmado em cinemascope e dirigido por Joshua Logan, com roteiro de Daniel Taradash, baseado na peça teatral homônima de William Inge. Vencedor do Prêmio Pulitzer, ele era composto pelos atores: William Holden, Kim Novak, Susan Strasberg, Cliff Robertson, Arthur O'Connell, Nick Adams, Betty Field, Rosalind Russell e Verna Felton. O filme era um sucesso absoluto em todo o mundo, e, em Aracaju, era marcado por filas para assisti-lo. Ao retornar do momento de lazer, o casal percebeu

que a instituição educacional havia sido invadida, tendo mantimentos e todas as roupas subtraídas. Sem condições financeiras para recompor o guarda-roupas — em virtude do alto investimento feito na aquisição do imóvel —, a solução foi aceitar doações de familiares e comprar poucas peças até restabelecer o armário. Apesar do susto foi possível driblar a ocorrência e seguir com os planos.



PAULO PAIVA

Egresso do Ginásio Tiradentes
Coronel da Polícia Militar do
Estado de Sergipe

“Uma das coisas nesta vida que eu me sinto muito à vontade de demonstrar para todos é a minha admiração pela Família Uchôa. Fico emocionado e honrado em saber que, entre milhares de alunos que passaram pelo Ginásio Tiradentes, eu sou um daqueles que de forma positiva estão na lembrança da professora Amélia Cerqueira e do professor Jouberto Uchôa. Os dois são referências em tudo para mim; exemplos de bons pais, educadores, religiosos, compromissados com a cultura e folclore sergipano, enfim, ambos são símbolos de perfil de ser humano a ser seguido e multiplicado. Me recordo bem que, graças a um convênio firmado entre a instituição escolar e a Fábrica Sergipe Industrial — local em que meu pai tra-

balhava —, tive a oportunidade de estudar na escola que já no início da década de 1960 era referência de qualidade no estado. Quando meus pais me matricularam, a escola já estava localizada em prédio próprio na rua Lagarto, e a minha primeira turma foi o pré-primário; por lá permaneci até a 7ª série do ensino fundamental. Sem dúvidas, uma fase crucial na formação da minha base de conhecimento e educação no contexto geral. É viva em minha memória a presença sempre constante dos professores Uchôa e Amélia nas salas de aula para conversar com os estudantes, os professores, e, depois das aulas, sempre ouvir os pais. Nesse mesmo período, passei a conhecer um pouco mais da família, devido a minha aproximação com [Uchôa] Júnior, que por muitos anos foi meu colega de classe, e amigo nos intervalos. Fico agradecido por esta oportunidade, porque o livro me faz recordar inúmeras passagens positivas em minha vida.

Esse perfil humanista de Jouberto Uchôa é nítido que vem de berço. O mesmo ambiente que eu dividi com o filho dele, também existiam outros estudantes os quais assim como eu, estavam ali devido ao convênio educacional. É inegável a importância do Grupo Tiradentes para a formação de milhares de pessoas. Estudantes das mais variadas classes sociais, formações familiares e etnias. Tenho a plena convicção que a reunião de perfis múltiplos contribuiu demais para a evolução da Tiradentes como instituição, e, evidentemente, de cada jovem estudante ali presente. Sou testemunha do desenvolvimento estrutural. Ano após ano assisti a construção de novos blocos, contratação de mais funcionários lotados nas mais diversas áreas de serviço, e aquisição de materiais didáticos e equipamentos sempre de última geração. Não posso deixar de destacar os ensinamentos que tínhamos nas ques-

tões de impulsionamento do amor ao próximo, respeito, fé em Deus e valorização da nossa sergipianidade. O esporte era forte também. Fiz parte de muitas equipes desportistas, e foi pelo Ginásio Tiradentes que participei do meu primeiro Jogos Escolares. Já no período pós ensino infantil, fundamental e médio, tive mais uma vez a honra de ocupar uma das cadeiras da instituição, mas desta vez como acadêmico de Direito. Foi na então Faculdades Tiradentes que coleí grau como advogado. Dentro de casa, com os meus pais, aprendi a ser grato; no Ginásio Tiradentes não foi nada diferente. Por isso, agradeço sempre a Deus pela oportunidade que tive de estudar nesta escola, e conhecer esse casal indiscutivelmente maravilhoso. Obrigado por tudo, professores. Meu coração transborda de emoção ao perceber que o Grupo Tiradentes completa 60 anos com um campo de atuação gigante, internacional, mas com as mesmas raízes e características daquele primeiro semestre de 1962.”

TIRADENTES: o futuro se constrói hoje!

Já no início da década de 70, com o país embalado economicamente e feliz com a conquista do tricampeonato mundial de futebol, Jouberto Uchôa percebeu que o ensino superior no estado de Sergipe seguia totalmente no sentido contrário das demais unidades federativas do país. Atrasado, Sergipe possuía apenas três faculdades públicas. Muitos dos trabalhadores da época atuavam em vários seguimentos sem sequer terem enfrentado disciplinas de graduação ou cursos técnicos. Com o agora Colégio Tiradentes estabilizado, mantendo centenas de jovens estudantes matriculados, o biografado começou a analisar a possibilidade de criar a Faculdades Integradas Tiradentes. Uma instituição particular — a primeira da história de Sergipe — a qual inicialmente agregaria os cursos de graduação, e não mais técnico em: Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis. Em posse de todos os documentos exigidos pelo Ministério da Educação, e devidamente pronto para liderar a luta por mais essa evolução, no início do primeiro semestre de 1972 Uchôa apresentou a papelada e protocolou o requerimento burocrático solicitando a permissão para criação da instituição de ensino superior. Ciente da necessidade de apoio administrativo por parte de parlamentares sergipanos junto ao governo federal, o professor seguiu para Brasília onde se reuniu com o ex-governador, e então senador da república Leandro Maciel. Natural da cidade de Rosário do Catete — cidade à 37 km de distância da capital sergipana, Aracaju —, Maciel acolheu o pedido de Uchôa e passou a assumir a figura de responsável principal por realizar o

diálogo junto ao Poder Executivo Federal a fim de conceder a permissão para fundação da Faculdades Integradas Tiradentes. Na segunda quinzena de junho do mesmo ano, Leandro Maciel convidou Jouberto Uchôa para uma reunião, quando foi anunciado que o governo havia deliberado pela permissão. Impactado com a notícia recebida, Uchôa agradeceu o empenho do senador, prometeu jamais esquecer da sua ação na realização daquele progresso e retornou para casa. Com a face carimbada de choro em meio a sorrisos marotos, emocionado ele comunicou à família a notícia que acabara de receber. Marcando a Família Uchôa para a eternidade do nosso estado, em 11 de julho de 1972 foi oficialmente apresentado à sociedade sergipana a Faculdades Integradas Tiradentes (FITs). O Diário Oficial da União, com a assinatura do presidente Emílio Garrastazu Médici, dava ênfase à autorização concedida inicialmente pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).

“Me emociono fácil. Não é por causa da idade, não. Desde jovem eu sempre fui de me emocionar, principalmente com as coisas boas, com aquelas notícias que nos enche o coração de felicidade. Essa notícia vinda do senador Leandro Maciel mexeu muito com o meu sentimental e não consegui segurar o choro de felicidade. Chorava sorrindo. Me lembrei de tudo o que já havia passado antes mesmo de criar o Ginásio Tiradentes; lembrei do sofrimento da minha família, sobretudo dos meus pais e avós, para nos ofertar comida. Me lembrei do despejo e do quase fim do nosso sonho de ter uma instituição de ensino. Me passou pela memória o assalto que sofri com Amélia quando estávamos morando em uma sala de aula. Foi realmente um momento de adrenalina pura. Me considerava a pessoa mais feliz do mundo naquele instante e sou realmente grato a todo o empenho do nosso ex-senador. Sou consciente em saber que esse avanço só

foi possível por ele [Leandro Maciel] também acreditar em nosso trabalho. Digo nosso porque tudo isso que possuímos hoje só se tornou possível pelo empenho da minha família como base de tudo, bem como de todos os professores e demais funcionários; faço questão de sempre ressaltar isso. Todos nós vestíamos a camisa da instituição e crescemos juntos. Por esse motivo preciso, por questão de honra e agradecimento, cumprimentar cada um dos colaboradores. Por mais atrasado que eu esteja, busco dar um abraço, apertar a mão, e conceder qualquer que seja a atenção para os funcionários. Do meu amado pai que me ajudou financeiramente, da minha mãe que sugeriu o nome 'Ginásio Tiradentes', até o mais recente funcionário contratado com carteira assinada, todos nós somos e formamos o Grupo Tiradentes. A criação da faculdade foi mais uma demonstração de que estávamos juntos e assim seguiríamos.”



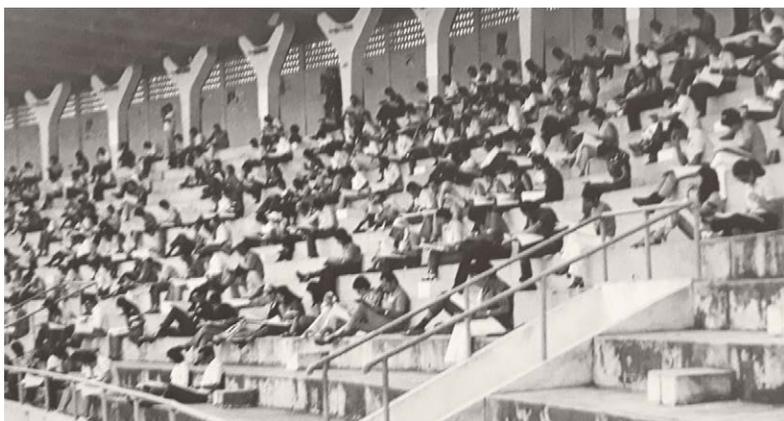
Primeira sede da Faculdades Integradas Tiradentes, localizada na região central de Aracaju.

Sobre a criação do nome, a proposta inicial era que a instituição — ainda no momento da criação do ginásio —, levasse o nome de alguma personalidade sergipana a exemplo de Tobias Barreto, Olímpio Campos ou Inácio Barbosa. Apesar desse interesse particular de Uchôa, em uma leve pesquisa foi possível se deparar com todos esses representativos nomes de sergipanos expostos em escolas, praças ou órgãos públicos. Em conversa com a mãe, Cândida Rodrigues, foi informado que no estado de São Paulo havia um colégio com o nome Tiradentes. Histórico e conhecido mundialmente por sua participação ativa na Inconfidência Mineira, Tiradentes é considerado patrono das Polícias Militares e Polícias Cíveis do Brasil. Por sua representatividade social, de imediato Jouberto Uchôa decidiu por acatar a sugestão apresentada por sua mãe; de forma natural e já esperada pela sociedade em geral, a faculdade carregou o mesmo nome da instituição colegial. Na solenidade de inauguração da faculdade ele fez questão de ressaltar esse momento familiar e enaltecer a participação de D. Cândida na concretização daquele momento histórico. Uma fase em que acessar o ensino superior tratava-se de um privilégio para poucos. Uma das missões da faculdade era justamente mudar esse cenário e permitir que mais jovens recém formados no ensino ginasial pudessem se especializar em cursos de graduação. Uma forma, inclusive, de qualificar os profissionais atuantes em Sergipe e contribuir para o progresso unificado do estado. A partir deste início dos anos 70 foi possível se deparar com uma mudança positiva de comportamento. Apoiado pelo irmão Jorge, e disposto a seguir como exemplo para os jovens mesmo repleto de demandas administrativas das instituições, Uchôa prestou vestibular e conseguiu acessar à Faculdade de Direito. Paralelo ao

conhecimento profissional, o conteúdo adquirido em sala de aula passava a contribuir diretamente na direção funcional das respectivas unidades educacionais. Assuntos teóricos e de conhecimento geral apresentados por professores do mais alto gabarito, recordado com saudades por Uchôa, como os docentes: Gonçalo Rollemberg Leite, Luiz Pereira de Melo, Juviniiano de Carvalho Neto, Rui Eloy dos Santos e Osman Hora Fontes.

Entre os colegas de classe estavam: Gicélia Araújo Torres, Elias Hora Espinheira, Marlene Martins Leal Soares, Walter Ribeiro Santos, Nilo Alberto Jaguar de Sá e José Alceu Menezes. Aos que chegaram a duvidar da possibilidade de Uchôa continuar com o mesmo ritmo, administrando o ginásio e a faculdade enquanto cursava Direito, o tempo serviu para cessar com qualquer desconfiança nesse sentido. Nos anos em que Uchôa voltou a enfrentar diariamente as salas de aula foi possível equipar o Ginásio Tiradentes com mobílias novas, criar laboratórios de física, química e ciências, construir o maior auditório estudantil da época com capacidade para até 600 pessoas, ampliação da sala dos professores, refeitório, áreas de lazer e construção de uma biblioteca ampla com livros didáticos e obras literárias de sergipanos. Isso sem citar também as acomodações disponíveis para tirar dúvidas com os professores. Mesmo fora do horário de aula, muitos professores costumavam frequentar o espaço e tirar dúvidas com aqueles estudantes interessados em sugar o máximo de conhecimento disponível de cada mestre educacional. Com o devido aval para iniciar as aulas, ainda no segundo semestre de 1972 a Faculdades Integradas Tiradentes realizou o seu primeiro vestibular o qual contou com estudantes de idades que variavam entre 28 e 32 anos. Essa faixa etária

comprovava os argumentos apresentados por Jouberto Uchôa sobre a dificuldade de adolescentes e jovens conseguirem acesso ao ensino superior até aquele momento. A curiosidade dessa fase fica por conta do local onde foram realizadas as provas. Sem espaço adequado para reunir centenas de candidatos a uma das vagas disponíveis, o professor necessitou reivindicar junto ao governo de Sergipe a liberação da área coberta, setor B, do Estádio Lourival Baptista, em Aracaju. A permissão foi concedida com a condição apenas que a faculdade se responsabilizaria diretamente pela segurança, organização, manutenção e limpeza do espaço durante a realização das provas. As exigências foram imediatamente aceitas e o processo seletivo ocorreu sem registro de contratempos. Para tentar evitar as populares 'colas', os candidatos foram estrategicamente posicionados com distância média de meio metro, enquanto professores e inspetores da instituição transitavam pelos corredores da arquibancada.



Vestibular realizado no segundo semestre de 1972 no Setor 'B' do Estádio Estadual Lourival Baptista, hoje conhecido como 'Arena Batistão', bairro São José, zona Sul de Aracaju.

“Não diria que foi um monitoramento amador. Os professores, inspetores e demais funcionários do nosso grupo estavam ali para ficar de olho não apenas no combate às colas, mas no serviço funcional em geral. Costumo dizer que assim como tem sido ao longo de todos esses anos, aquele episódio contou mais uma vez com a soma de apoio por parte daqueles que sempre acreditaram na nossa missão. O fato é que, na realidade, nós não possuíamos condições estruturais para realizar um processo seletivo tão imenso como aquele primeiro vestibular sem o apoio do Estado. Foi por meio da Secretaria de Estado do Esporte e do Lazer, da Segurança Pública e da própria Educação, que conseguimos o espaço e pudemos enfim realizar nosso processo. Foi um sucesso e isso até hoje fica marcado não apenas na minha memória, mas também na de todos — e isso inclui, lógico, os candidatos — que vivenciaram naquele dia mais uma mudança no cenário do ensino superior de Sergipe. O Batistão é um templo épico da cultura e do desporto. Já fui inúmeras vezes acompanhar jogos do Confiança, do Vasco da Gama do Rio de Janeiro, a eventos sociais, e, todas as vezes que me deparei ainda do lado de fora com a entrada principal das cadeiras entre os setores ‘A’ e ‘B’, não tem como não me emocionar. Sei que parte da história da nossa instituição de ensino superior tem ligação direta com esse estádio. Sou grato à gestão pública daquele momento, dirigida pelo governador eleito pela Assembleia Legislativa de Sergipe, Paulo Barreto de Menezes, líder do então partido político Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Foi com o aval final dele que conseguimos a liberação necessária para realizarmos o vestibular. Confesso que se não fosse essa permissão do poder executivo estadual, não sei qual seria o nosso ‘plano B’. Até hoje não consigo imaginar

um local melhor que a Arena Batistão para aquela ocasião. Felizmente a permissão ocorreu de forma rápida e a Faculdades Integradas Tiradentes fortaleceu suas bases, passando, assim, a protagonizar junto com a Universidade Federal de Sergipe o ensino superior em nosso estado”.



DIONÍSIO UCHÔA

Terceiro filho do casal
Graduado em Design de
Interiores

“Eu sou um torcedor eterno das ações do meu pai. Um homem que carrega e compartilha com todos uma essência social fantástica, jamais deparada por mim em qualquer outra pessoa. Ouvir suas histórias sempre foi gratificante, e, ao mesmo tempo, nos intriga a conhecer de perto essas realidades vivenciadas há mais de meio século. Em uma oportunidade recente, fomos ao município de Girau do Ponciano, onde ele morou com os avós, e tivemos a oportunidade de visitar a casa em que ele morou. Fomos na igreja que costumava participar das quermesses, as praças que brincava na infância e a escola em que estudou. Foi uma viagem maravilhosa no tempo; inúmeros momentos de se arrepiar mesmo e se emocionar com tamanha nostalgia. Em Aracaju também já tivemos a oportunidade de visitar inúmeros desses locais em que

moramos, ou que ele trabalhou na adolescência e no início da juventude. Uma região literalmente marcante para a gente é o Centro da capital. Primeiro porque o Ginásio Tiradentes surgiu ali, segundo devido a paixão pela Central de Abastecimento de Aracaju (Ceasa), e a minha identidade com as lojas de bicicleta que ficavam ali em frente ao Terminal Rodoviário Governador Luiz Garcia, ao lado do terminal de integração do transporte público da região metropolitana. Desde que me conheço como gente tenho viva na lembrança meu pai em feiras livres. Fomos muitas vezes ao Ceasa, aos mercados centrais, e me lembro que ficava encantado com aquelas lojas de bicicleta. Nossa base estrutural é simples, humilde; nós fomos criados para valorizar as coisas simples. Sinto falta das noites de sexta-feira em que meus pais compravam aquele sanduíche tipo cachorro-quente 'passport' no trailer Sorriso. Compravam três, para os filhos mais velhos; meu irmão [Uchôa] Junior era muito pequeno e ficava de fora.

Ainda nesse contexto social, me pego na boa lembrança das feiras que participávamos em prol da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Elas aconteciam no Parque da Sementeira, quando quase tudo aquilo ali era areia com algumas árvores. As famílias de empresários se reuniam, montavam suas barracas e comercializava o que queriam. No final do evento, todo o valor arrecadado era revertido para ajudar a associação. Nós participávamos ativamente de tudo; não tinha a postura de comprar os produtos a serem vendidos e simplesmente deixar lá na barraca para outras pessoas venderem e a gente sair apenas pousando de bom moço na foto. Nós participávamos mesmo; era de uma felicidade imensa. Essa inclusão nas ações sociais foi feita tanto por meu pai, quanto por minha mãe. Os dois são os principais respon-

sáveis por nós — filhos e netos — termos essa disposição e vontade para buscar sempre ajudar ao próximo. Nossas aulas envolvendo valores morais e humanistas tínhamos diariamente dentro de casa. Aprendemos ainda na barriga de nossa mãe que não devemos abrir espaço para destratar ou ofender quem quer que seja, e em qualquer que fosse a circunstância. Hoje, agir de maneira diferente seria um erro brutal; seguiria no sentido contrário daquilo que era vivenciado dentro de casa e no próprio Ginásio Tiradentes. Fico feliz em dar seguimento a esses ensinamentos. Todos os netos possuem raízes ideológicas plantadas por meu pai.



Imagem pertencente ao acervo do Memorial de Sergipe. No canto direito superior é possível observar o Parque da Sementeira. Os eventos citados por Dionísio costumavam ser realizados em frente aos lagos, ou na entrada principal do parque. Esta imagem foi registrada na década de 1970.

Costumo me emocionar quando me lembro de certa fase da vida quando meu filho ainda acadêmico foi contratado para estágio. Seria muito cômodo deixar ele dentro

de uma sala com ar-condicionado trabalhando na Universidade. Ele me disse que gostaria de estagiar, e eu pedi um tempo para entrar em contato com alguns amigos. Pouco tempo depois disse a ele que iria trabalhar em uma agência do Santander. Dito e feito. Começou a prestar serviço dentro daquele período de estágio diário, quando, depois de um mês se não me falha a memória, a gerente do banco me chamou para conversar. Imagina só o quanto fiquei preocupado. Chegando lá, ela me relatou que tinha três estagiários na casa, e ficou espantada ao observar que apenas o meu filho topou usar aqueles coletes com a frase 'Posso te ajudar?'. Aquilo foi de uma gratificação tão grande que não tive outra resposta a não ser deixar bem claro que nós não somos nada, nem levamos nada dessa vida. Para se plantar o bem, tem que tratar todos com respeito. Vestir aquele colete não rebaixa, ou não deveria rebaixar o ego de ninguém. Muito pelo contrário, se trata de um serviço digno e que eleva a essencialidade daquele servidor para a empresa. Passaram-se os dias, e, em outra oportunidade, eu passava pela avenida Barão de Maruim quando de longe avistei ele [filho] em pleno horário de trabalho andando pela calçada. Logo parei o carro e perguntei o que estava fazendo fora do banco; ele sorriu, e disse que havia sido liberado pelo supervisor para ir na padaria comprar pão, leite e manteiga para os colegas. Por mais que tenhamos condições de proporcionar algum tipo de luxo para os filhos, nós aprendemos que é preciso estudar e trabalhar para conquistar o que é nosso. Essa cobrança foi passada todo santo dia pelos nossos pais, e nós quatro também repassamos para os netos que demos a eles [Jouberto Uchôa e Amélia Cerqueira].

Esse reconhecimento de humildade é o que mais nos deixa gratificados. Vejam que situação bacana; isso não

é raro acontecer. O único luxo que meus pais se presentavam, merecidíssimo, diga-se de passagem, é poder viajar para algum lugar do Brasil e do mundo com os filhos; todo mundo junto. Certa vez a gente passeava tranquilo por Lisboa, conhecendo aquela cidade histórica, sua arquitetura, gastronomia... quando de repente ouvimos: professor! Olhamos uns aos outros enquanto o rapaz se aproximava. Ele aparentava ter uns 30 anos de idade. Chegou perto, se apresentou como egresso da Tiradentes e filho de 'fulano de tal'; meu pai tem uma memória quase perfeita, eu não. Não me lembro o nome dele e do pai. Nesse momento meu pai deu um abraço nele e disse que se lembrava perfeitamente de todos os nomes citados. Que inclusive era irmão de fulana, que namorou com beltrano, que morava na rua tal, perto de fulaninha e que estudou determinado curso de graduação na época em que a Unit era faculdade. O rapaz ficou muito emocionado e registraram uma foto juntos. Isso acontece com bastante frequência, não é raro. Quando isso acontece, pode ter a certeza que ele ganha a viagem inteirinha. Que ver coisa? É quando uma dessas pessoas se aproxima, apresenta a sua história e no final dá um beijo na cabeça do meu pai em sinal de respeito. Pronto! Aí ganha meu pai, minha mãe fica emocionadíssima, e todos nós seguimos radiantes pelo resto do passeio.

Tudo isso pelo amor à causa; eles dois agem muito mais pelo aspecto sentimental, do que pela visão exclusivamente empresarial financeira. Ambos assumiram e definiram ainda na década de 60 que utilizariam a educação como missão de vida; uma forma de plantar e semear coisas maravilhosas para Sergipe e milhares de famílias. Os quatro filhos entraram nesse ramo por consequências naturais. Ainda na infância e adolescência todo final de

semestre a gente se reunia para produzir as provas do vestibular. Praticamente tudo era feito por nós; eu tinha de 14 para 15 anos nesse período. As exceções, claro, ficavam pela elaboração das questões, e da digitação que ficava sob responsabilidade de professores e de Messias, nosso colaborador que foi enviado pela faculdade para o estado de São Paulo com o objetivo de aprender e se aperfeiçoar no programa Word. Vejam que louco! Microsoft Word! Durante os finais de semana, já com todo o material digitado e na formatação certinha, nós ficávamos na sala do meu pai tirando cópia das provas, grampeando, encadernando e organizando por cores, em pastas feitas com cartolina colorida. Tudo ficava em cima da mesa de reunião. Esse computador — talvez o primeiro em Sergipe —, ficava nessa mesma sala dos nossos pais, e só o Messias era autorizado a manusear no período de organização do vestibular. Com o passar do tempo a instituição foi crescendo e nos deparamos com a necessidade de contratar uma empresa especializada nesse tipo de operação. Foi aí que a empresa central de concurso CESGRANRIO acabou sendo a escolhida para nos ajudar nesse processo. O grupo técnico chegou, tinha amplo *know-how* no país inteiro, mas a gente conhecia muito bem da operação, e continuamos acompanhando os trabalhos mesmo que um pouco mais de longe. Nossas funções passaram a ser outras; depois que o vestibular passava e as listas de aprovados eram publicadas, a gente finalmente podia descansar um pouco. Eu digo ‘a gente’, com exceção do meu pai. Ele não desliga nem quando está dormindo.

Isso é verídico e posso provar. Ao se deitar, deixa ao lado um caderninho com lápis e caneta; se durante o sonho surgir algo interessante, ele acorda e anota para não correr o risco de esquecer. Em viagens, esse bloquinho

também anda do lado dele. É como se fosse de um lado minha mãe e do outro o caderninho de anotações. Certa vez tomei uma puxada de orelha que não esqueço. Estávamos em uma praia quando ele falou bem assim:

— *Meu filho, venha aqui rapidinho [achei que seria alguma orientação operacional no celular dele]. Tive uma ideia, o que você acha de a gente levar isso para o pessoal do administrativo e implantar na nossa instituição?*

Eu disse: “pai, por favor, estamos de férias, trabalhamos muito, vamos descansar um pouco a mente. Vamos tentar curtir esse momento em família e deixar um pouco de lado as tarefas da instituição. Deixe isso anotado aí, que quando a gente voltar para Aracaju a gente senta e conversa de forma mais tranquila. Ele respondeu:

— *É triste ver que vocês não estão mais nem aí para a nossa empresa. Não podemos deixar passar as oportunidades, e essa ideia aqui pode ser muito positiva, mas percebo que vocês querem deixar assuntos importantes para depois. Não é porque estamos descansando que não podemos conversar sobre alguns assuntos, mesmo que seja aqui, na praia.*

Ele é assim. Claro que a gente relevou a bronca; sabemos que ele não tem vida social. Vou dar uma dica a você [Milton Alves Junior, autor desta obra] e aos leitores: se por um acaso na vida de vocês encontrarem meu pai em algum restaurante conversando sobre tudo, menos sobre a empresa, podem apostar na loteria. Com exceção única e exclusiva da feira, em qualquer outro lugar pode ter certeza que tem a instituição Tiradentes envolvida. Seja em reuniões com uma, duas ou três pessoas, ou em grupos com um maior número de participantes. Não ter dado encaminhamento àquele chamamento na praia para ele é

tido como uma ofensa. Acontece que ele está anos luz à frente da gente. Volto a dizer: não conheço ninguém com perfil e determinação igual a ele. Há uns dez anos, como de costume, entrei na sala dele para dar a benção, e percebi ele com um olhar solto, meio aéreo e sem falar nada com nada. Eu sabia que havia algo de estranho. Saí dali e fui direto falar com minha mãe. Chegando lá, comentei que estava achando-o com jeito diferente do comum, e, por sorte, minha irmã Marília, que é médica, já estava na instituição. Chamamos ela. Na mesma hora foi lá examiná-lo. O oxímetro deu 40%, e a pressão estava muito baixa. Levamos ele de imediato para o Hospital São Lucas, onde foi diagnosticado um princípio de infarto. Enquanto ele estava sendo estabilizado, desci com minha mãe e irmã para tomar um café rápido. Nesse momento minha cardiologista pessoal se aproximou e disse que se depa-rou com meu pai internado e perguntou quando ele seria submetido a uma cirurgia. Pelo que a equipe médica havia dito, isso aconteceria uns quatro dias depois.

Ela ficou espantada, e disse que se a gente esperasse aquele tempo todo poderíamos perder nosso pai. Foi uma estrela guia que apareceu naquele momento. Por orientação dela contratamos um serviço de Unidade de Terapia Intensiva (UTI no ar), e naquela noite ele foi transferido para um hospital em São Paulo. Menos de 15 horas depois ele já estava sendo submetido à cirurgia. Ficou internado uns dez dias e voltamos para Aracaju com ele esbanjando saúde; um pouco impactado com o tapa na cara que a vida nos deu, mas com vida. Acreditamos que ele iria diminuir o ritmo de trabalho, iria relaxar mais e passar a caminhar na praia ou socializar mais com os amigos sem que houvesse conversa sobre a instituição. A demora foi ficar 100%; recuperou a saúde, vida normal.

Isso acontece até hoje. Ninguém segura ele; nem minha mãe, nem os filhos, nem os netos. Quem mais se aproxima disso é a secretária, Tereza Cristina, juntamente com o motorista, Cláudio. Eles são os anjos da guarda dos meus pais. Mesmo assim, vez ou outra vou na sala dele e quando vejo que ele não chegou ainda, ligo para saber o que ocorreu. Quando isso acontece, já sei que ele está em alguma unidade, geralmente em Itabaiana, Lagarto, Estância ou Propriá vendo como estão as coisas. Quando Deus toca no coração e ele relaxa um pouco, ou está na feira, ou deitado na rede assistindo e rindo com pegadinhas. Ele é um encanto de pessoa. Sou apaixonado por meus pais. Agradecemos muito todo o carinho e admiração que este livro nos proporciona. Sem dúvidas, uma oportunidade a mais para que o tempo não deixe cair no esquecimento o quanto meus pais fizeram e fazem pelo estado de Sergipe”.

O INÍCIO DA GRADUAÇÃO SUPERIOR EM SERGIPE

A fim de conhecimento científico geral, é preciso enaltecer que o processo de inclusão do ensino superior no estado de Sergipe foi iniciado em 1920, vindo a funcionar em definitivo no ano de 1950 com a criação das Escolas de Ciências Econômicas e de Química, a Faculdade de Direito e a Faculdade Católica de Filosofia em 1951. Em 1954 criava-se a Escola de Serviço Social, e em 1961 a Faculdade de Ciências Médicas. Com esse número de escolas superiores foi possível pleitear a criação de uma universidade pública em Sergipe. Através da Lei nº 1.194, datada em 11 de julho de 1963, o governo de Sergipe oficialmente autorizou a transferência dos estabelecimentos de ensino superior existentes no estado para a Fundação Universidade Federal de Sergipe, naquele instante em organização integral por parte do governo federal. Apesar da aprovação deliberada pela administração estadual, a instituição apenas foi lançada em 28 de fevereiro de 1967, por meio do Decreto-Lei nº 269, e carimbada em 15 de maio de 1968.

Percebendo no dia a dia a necessidade de ampliar as estruturas, entre o vestibular de 1972 e o segundo semestre de 1974, sem se deixar levar pelo poder atraente do glamour, apesar de possuir uma conta bancária mais fortalecida se comparado aos anos anteriores, Jouberto Uchôa e a professora Amélia continuaram aplicando a metodologia administrativa de investimento múltiplo dos lucros na própria instituição. A conta era simples: para cada centavo de lucro obtido, 80% era destinado ao

progresso da instituição, e 20% para as necessidades do casal. Essa porcentagem menor envolvia desde alimentação e vestuário, bem como com os justos momentos de lazer. Em virtude desse criterioso e fiel objetivo, o casal conseguiu adquirir um imóvel na rua Simão Dias, Centro de Aracaju, onde passaria a ser operacionalizado como espécie de 'Bloco B'. Toda a estrutura física estava pronta ainda no mês de novembro de 1974. Se dependesse apenas do interesse do casal, o reinício das aulas no primeiro trimestre de 75 ocorreria em um ambiente novo, mais espaçoso e confortável. Na comparação entre o passado e aquele então presente, a situação era outra. Metaforicamente analisando os fatos, é possível perceber que a roda gigante girou e ergueu a Família Uchôa para o alto. Em visível contraponto ao mês de fevereiro de 1967 — quando Uchôa amargou em sua alma o sabor de presenciar o Ginásio Tiradentes sendo despejado da casa localizada na rua Laranjeiras, nº 567 —, sete anos após foi possível se dar ao luxo em adiar a inauguração de um segundo imóvel. Estrutura própria, registrada em seu nome no cartório. Mais importante que abrir as portas do Bloco B, naquela circunstância era fundamental inovar; criar brilho extra nos olhos dos estudantes, pais, funcionários e sociedade em geral. Os seis primeiros meses de 1975 foram destinados à compra de novas cadeiras, quadros, materiais de uso didático, televisores modernos, mesas confortáveis para os professores, como também estruturação das salas destinadas aos profissionais da instituição nos momentos de descanso entre uma aula e outra. O simples ato de cortar a fita simbólica de inauguração tratava-se de uma ação rasa para os anseios dos jovens empreendedores no ramo da educação; Uchôa e Amélia queriam mais. Para a surpresa do casal,

apesar de todo o empenho, esse desejo foi conquistado, mas sem antes voltar a se deparar com contratempos administrativos aplicados pelo governo federal.

Acontece que, no âmbito legislativo nacional, o alvará de funcionamento da instituição publicado em Diário Oficial da União deixaria de ter validade sem que um segundo reconhecimento público fosse concedido pelo Conselho de Educação do próprio governo federal. Uma espécie de união de alvarás; uma encaixava na outra e sem essa permissão em conjunto seria inviável manter o funcionamento da faculdade. Acreditando que todos esses processos burocráticos seriam atendidos, Uchôa recebeu no mês de maio um grupo de fiscais do Ministério da Educação que aterrissou no Aeroporto Santa Maria, zona sul de Aracaju, com a missão de vistoriar a segunda etapa estrutural erguida e equipada pela instituição superior de ensino. A visita técnica ocorreu dentro do planejado, de forma harmoniosa entre as partes e com apresentação detalhada de cada departamento administrativo, das salas de aulas e laboratórios. No cronograma estratégico tudo correu conforme planejado. O que restava era aguardar a emissão do alvará complementar de funcionamento. Fato que não ocorreu. O laudo técnico emitido pelo Conselho Federal negou a permissão por imaginar que toda aquela estrutura exemplar não passava de uma postura irregular por parte da instituição com o propósito único de ludibriar os fiscais. Sem sequer pedir a apresentação das notas fiscais de cada cadeira, birôs e demais mobílias novas — muitas delas ainda embaladas — os peritos acreditaram que todo o material seria devolvido para empresas fornecedoras desses materiais assim que o grupo retornasse à Brasília. Angustiado, Jouberto Uchôa decidiu imediatamente marcar uma audiência com Dom Luciano

José Cabral Duarte, arcebispo de Aracaju e então membro regional do Conselho Federal de Educação, a fim de apresentar a respectiva tréplica sobre o caso. Para o professor biografado, o líder da igreja Católica em Sergipe era — e o futuro mostrou que ele estava certo nessa ideologia — o ponto de referência necessário para reverter aquela ação negativa do Estado.

“Eu fui para essa reunião com base. Era minha oportunidade de mostrar que um engano estaria botando em risco, mesmo que em parte, a continuidade do nosso trabalho. Para mostrar que aquela rejeição do Conselho havia sido aplicada equivocadamente, passei uns dois dias reunindo todas as notas físicas e documentos paralelos para mostrar a Dom Luciano. Minha ideia era apenas comprovar e convencê-lo que deveria nos ajudar naquela situação. Conseguimos. Ele percebeu nossa aflição, se solidarizou, e marcou em caráter emergencial uma reunião com os membros do conselho que haviam vistoriado a faculdade. Apontando o erro como de extrema gravidade, Dom Luciano apresentou cópias do conteúdo que havia o apresentado, e acabou conseguindo reverter a decisão. Naquele momento estávamos, em definitivo, liberados para criar novas turmas e, sobretudo, formar os estudantes. O primeiro alvará do MEC permitia vestibular e aulas; já esse segundo certificava os diplomas. Confesso que foi mais um mês angustiante para nós que estávamos na comissão de frente da parte administrativa da faculdade. Recebi de meus pais e avós a educação necessária para que, em público, jamais deixasse de reconhecer a importância de cada pessoa na construção e evolução do Grupo Tiradentes. Dom Luciano foi mais um anjo que nos ajudou categoricamente com suas bênçãos”.



**JOSÉ ANDERSON
NASCIMENTO**
Presidente da Academia
Sergipana de Letras

“A minha relação com o professor Jouberto Uchôa de Mendonça é de muitos anos; quando falo muitos anos, para vocês terem ideia, é desde o período em que ele foi auxiliar de ensino no Colégio Pio Décimo, na rua de Estância, quando, naquele momento, dava início à sua trajetória na educação fundamental, passando pelo ensino médio e posteriormente ao superior com a criação da primeira faculdade particular do estado de Sergipe. Quando ainda adolescente, eu estudava no Colégio Tobias Barreto, mas tinha muitos amigos matriculados no Pio Décimo. Por inúmeras vezes eu me deparei com Uchôa e me lembro que os meus amigos sempre falavam bem dele, mesmo que naquele momento a figura de professor de matemática e fiscal de corredor ainda fosse estereotipado como figura de amplo rigor. No início da década de 1960 ele já apresentava um perfil diferente ao ponto de chamar a atenção de absolutamente todos. Fora do ambiente ainda colegial, me lembro bem dos momentos em que passava pela frente da residência da professora Amélia Cerqueira e presenciava parte da evolução do relacionamento lindo que eles construíram como família. Eu destaco isso por-

que eu morava na rua de São Cristóvão, e a gente ficava realmente encantado com o jeito cavalheiro e romântico que o Professor Uchôa já desde aquele momento tratava a dama que te despertou o amor eterno.

Ao lado de Amélia, com muita luta, empenho e dedicação eles conseguiram criar a instituição que veio a se tornar universidade. Um ambiente acadêmico que se consagrou como uma das principais instituições do nosso país; certamente entre as três mais importantes das regiões Norte/Nordeste. Passamos a ter uma aproximação maior a partir do momento em que ele ingressou na Academia Sergipana de Letras [ocorrida em 13 de abril de 2013]. Por toda a sua dedicação à literatura e educação sergipana, anos anteriores a essa posse na ASL, eu já havia apresentado como proposta a concessão da Medalha Silvio Romero ao Professor Jouberto Uchôa, que é a mais alta comenda oferecida por nossa Academia. Outra imensa satisfação que tenho nesta vida é que pude presidir a sessão em que o empossou imortal da Academia Sergipana de Letras. Estamos prestes a completar 10 anos dessa posse, e destaco que ele sempre tem se mostrado interessado em contribuir ao máximo junto às atividades da instituição literária de Sergipe. Sabe aquela concepção de perfil, a qual destaquei quando ainda era adolescente? Pois bem, Uchôa permanece com o mesmo modo de pensar, agir, e, acima de tudo, tratar as pessoas. Apesar da mudança econômica financeira, a família em seu contexto geral não se deixou levar pela hipnose do envaidecimento. A pessoa Uchôa enquanto professor de ensino médio, e a pessoa hoje reitor de uma instituição com a grandeza da Unit, é absolutamente a mesma. São 60 anos de evolução patrimonial, mas também de manutenção da sua base educacional, adquirida com o

máximo de primor enquanto residia com seus pais e/ou avós em Girau do Ponciano.

Me sinto honrado em compartilhar com esta obra literária um pouco da minha vivência com o professor Uchôa. É preciso sempre enaltecer a trajetória linda que foi e tem sido traçada por verdadeiras personalidades do nosso estado, e, sem que haja o mínimo de dúvidas possível, posso garantir que Jouberto Uchôa e Amélia Cerqueira são ícones da nossa sergipanidade; um casal que dedicou a sua vida para o avanço coletivo do nosso povo, das nossas artes, cultura, educação e economia. Como amigo e presidente da ASL, eu só tenho a expor palavras de agradecimento. Estamos diante de uma obra que apresenta a história de um professor, nascido e criado em um âmbito familiar humilde, mas que a história seguirá sempre viva para mostrar o quão ele foi diretamente responsável pelo acesso de milhares de pessoas no ensino superior, bem como o acesso destes profissionais graduados no mercado de trabalho. A sua intervenção empresarial de vanguarda contribuiu para a criação de inúmeras vertentes responsáveis para a projeção de futuro promissor; tudo isso aplicado ao longo de seis décadas ininterruptas a um conjunto incalculável de gerações formadas, sobretudo, por inúmeras crianças e adolescentes”.

1975: Tiradentes realiza a primeira formatura do Ensino Superior

Como as atividades educacionais seguiam ocorrendo dentro do calendário disciplinar desde o primeiro semestre de 1972 — momento em que a faculdade começou a funcionar —, menos de dois meses após receber a permissão do Conselho Federal de Educação para formar as turmas, a Faculdades Integradas Tiradentes (FITs) graduou, em 11 de julho de 1975, a sua primeira classe do ensino superior. Um momento épico para o grupo institucional; uma mudança positiva no ramo do ensino gradual para o estado de Sergipe, mas que, de tabela, gerou conflitos junto à acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe. A curiosidade, motivo do conflito protagonizado pelos estudantes no mês de agosto daquele mesmo ano, fica por conta do fato de a unidade particular ter conquistado junto ao governo federal a permissão para formar os respectivos discentes antes mesmo de o próprio Estado conceder a mesma liberação à UFS. Ou seja, apesar de nova no mercado, bem como por se tratar de uma instituição do seguimento particular, a Tiradentes oficialmente formou uma turma antes mesmo da própria unidade federal. Essa concessão gerou certa indignação junto aos estudantes e professores da instituição federal os quais foram às ruas protestar e pressionar o então reitor da UFS, o professor Luiz Bispo. Um gestor de bom relacionamento com a comunidade acadêmica, mas que, na avaliação dos manifestantes, estava deixando a desejar quanto a luta burocrática pelo termo que concedia a permissão

para colação de grau. Apesar das intensas ações democráticas protagonizadas pelos estudantes, essa liberação federal apenas foi concedida à universidade pública em 17 de dezembro de 1976. Nesse período, apesar de possuírem a grade curricular concluída, centenas de estudantes precisaram aguardar de forma paciente, ou não, o dia em que poderiam, enfim, pôr as mãos no diploma. Apesar de a solenidade de formatura contribuir para minimizar os sucessivos conflitos, no momento da colação houveram críticas setorializadas contra a UFS. O pedido dos contribuintes era que a universidade trabalhasse de forma intensiva para conquistar e disponibilizar o mesmo fluxo evolutivo até então já desenvolvido pela FITs.



Primeira turma formada pela Faculdades Integradas Tiradentes, em julho de 1975. Registro fotográfico realizado pela instituição após missa de ação de graça realizada na Catedral Metropolitana de Aracaju, região central da capital sergipana.

Dentro de um contexto preconceituoso e intransigente, a sensação que vivia fervilhando a mente de Uchôa envolvia deméritos profissionais protagonizados por parte do se-

tor educacional, bem como da própria sociedade sergipana contra a instituição particular. Uma espécie de unificação a fim de menosprezar a educação que era oferecida pela Tiradentes. Esse tipo de manifestação ocorria das mais variadas formas. Um exemplo lembrado com facilidade pelo professor trata-se do campeonato estadual desportivo de 1975, realizado na quadra do Ginásio Charles Moritz, Centro de Aracaju, quando por diversas vezes as equipes da instituição particular foram hostilizadas. Chamados de ‘time de sobral’, com referência a estudantes que acessaram a Tiradentes supostamente após não conquistar êxito para estudar na UFS, foi preciso a direção da instituição convocar reuniões com os professores para fortalecer junto aos seus alunos a qualidade técnica que cada um possuía. Na realidade dos fatos, tratava-se de uma ação interna que buscava psicologicamente tentar conscientizar os estudantes que eles, assim como os acadêmicos da UFS, possuíam condições suficientes para conquistar êxito no mercado de trabalho, mesmo tendo passado por salas de aula particulares. Enquanto essa ação psicológica e de domínio qualitativo acontecia no interior da instituição por intermédio direto dos docentes, já no campo administrativo do colégio e da faculdade Jouberto Uchôa seguia intensificando os investimentos estruturais, contratação de professores com alto nível de graduação, respeitando as legislações trabalhistas, fortalecendo a publicidade particular e mostrando à sociedade que a tentativa de descrédito funcional das respectivas instituições não passavam de manobras lamentáveis praticadas por reduzido número de pessoas com algum, raso ou alto, nível de inveja pela ascensão conquistada em menos de dez anos pelo grupo por ele idealizado. Fatos que causam indisposição ao biografado — de igual modo ao protagonizado por Elza Valadares — mas que se faz neces-

sário para que o caro leitor desta obra possa compreender o quanto a Família Uchôa necessitou multiplicar as doses de paciência e pôr para escanteio qualquer tentativa de sepultamento do grupo educacional que até hoje segue multiplicando o índice de novos profissionais graduados.

Paralelo a todo esse trabalho, a Família Uchôa possuía um relacionamento amplamente harmonioso com comunidades religiosas, grupos artísticos, comunicadores, empresários e clubes desportivos a exemplo do Confiança e do Cotinguiba. Dentro deste campo de inter-relacionamento institucional, o Grupo Tiradentes conseguia realizar ações em conjunto, as quais também contribuíam para mudar a ideia de instituição composta por estudantes incapazes de atuar com profissionalismo no mercado de trabalho. Em uma rápida ponte entre passado e presente, hoje é possível compreender com base sólida que todo o ensaio negativo contra a Tiradentes não passava de manobras impostas por defensores da tese ‘quanto pior melhor’. Fica claro que essa ideia descabida contra o progresso do estado buscava apenas um resultado: o fim da instituição. O problema — para os invejosos de plantão — era que Uchôa era o maestro de todo o projeto. O dom empresarial vem de berço; já a força para combater as barreiras impostas pela vida surgiu na primeira batida do coração, enquanto aconchegado no ventre de D. Cândida. Além da incrível presença de profissionais indiscutivelmente qualificados em atuação nos quatro cantos do mercado nordestino brasileiro, é possível se deparar com egressos do Grupo Tiradentes em atuação de destaque nas demais regiões do país, bem como no mercado norte e sul-americano, europeu e asiático. Para chegar a esse ponto de reconhecimento internacional foi preciso redobrar as doses de paciência, sabedoria e relação humana com a sociedade. Durante toda essa caminhada a fé se manteve sempre presente.



CYNTHIA DE MENEZES ALVES
Egressa formada em Turismo
Desde 2016 trabalha no setor
administrativo do Cirque du Soleil

“O Professor Jouberto Uchôa de Mendonça é a típica referência que podemos utilizar com grandeza toda vez que alguém porventura nos perguntar sobre a história do estado de Sergipe. Ele é ícone da base progressista de um povo e de uma nação. Ao longo destes 60 anos de história empresarial, ele foi capaz de acreditar, fortalecer e impulsionar os respectivos sonhos, bem como aplicar inúmeros avanços em todos os 75 municípios pertencentes a este pequeno pedaço de terra geográfico denominado de Sergipe. Somos incapazes de identificar quantas ações positivas foram geradas pela instituição. Desde a geração de empregos, valorização da nossa identidade cultural, passando pelos ensinamentos profissionais até a formação de amizades que levamos para a vida. O Grupo Tiradentes, por mais que esteja oficialmente configurada em um espaço destinado ao ensino superior, na prática ele vai muito além disso. Paralelo a toda estrutura física, composta por salas de aulas, auditórios, laboratórios e biblioteca ampla, os professores eram impecáveis; tenho inúmeras lembranças muito frescas em minha mente da dedicação dos educadores. Falando em professores, e, nesse caso, voltando a me dirigir ao reitor, nos meus quatro

anos de estudante pude perceber o quanto ele possuía uma postura semelhante ao de outro ícone da nossa educação em Sergipe: o professor Olympio, fundador do Instituto Canadá. Quem estudou nesse curso sabe perfeitamente do que estou falando. Olympio e Uchôa são dois docentes que seguiram no mundo empresarial e por vida sempre buscaram por zelar pelo seu maior patrimônio: a reputação. Seja nos corredores estreitos do Instituto Canadá, ou em qualquer que seja o espaço da Unit, me recordo perfeitamente deles conversando conosco, estudantes, para ouvir elogios, reclamações e sugestões. Um trabalho de ouvidoria e gestão participativa. Esse tipo de consulta não seguia resumida nas dependências internas. Muitas vezes eles já se dirigiram aos pais ou responsáveis dos estudantes para de igual modo ouvir opiniões relacionadas ao serviço prestado por cada uma das instituições. Não me restam dúvidas que foi durante esses diálogos que surgiram muitas ideias que resultaram em programas de sucesso. É fato que a nossa luta diária na busca pelo conhecimento, bem como a nossa base familiar, antes, durante e pós graduação, ajudam a fazer a diferença quando buscamos entrar e se manter no mercado de trabalho, mas seria injusto não reconhecer a importância do professor Jouberto Uchôa para a concretização dos nossos sonhos. Pela eternidade será impossível falar sobre a Educação no estado de Sergipe sem citar nomes como Olympio, Ofenísia Freire e Jouberto Uchôa. Entre o meu primeiro dia de graduação e a colação de grau, a Universidade Tiradentes sem dúvidas foi uma extensão do meu lar, da minha formação como profissional e do meu aperfeiçoamento como ser humana.”

APOIO À CULTURA E AOS PROJETOS QUE PROMOVAM VALORIZAÇÃO À SERGIPANIDADE

As instituições educacionais por ele administradas sempre estiveram, e estão, de portas abertas a todo e qualquer grupo cultural que busque fomentar as essências regionais. Com um impecável espírito de quadrilheiro junino, desde o primeiro dia de aula no Ginásio Tiradentes o biografado compreendia que apenas intensificando o relacionamento social seria possível construir avanços unificados. Interligando teoria à prática, sempre ficou evidente que, com as instituições alcançando progressos institucionais, outros seguimentos extra gestão empresarial também conquistariam melhorias. Uma espécie de ponto guia; um ‘norte’ a ser seguido por outros setores.

“Ser como as outras era fácil, comum e natural para quem era novo no mercado e desejava primeiramente se firmar. Fomos na contramão dessa perspectiva. Começamos com um colégio já repleto de alunos, lançamos a faculdade com sucesso absoluto ao ponto de formar uma turma com diploma comprovado pelo Ministério da Educação antes mesmo da instituição federal, e conseguimos destrinchar todas as iniciativas que buscam nos desmoralizar, e, acima de tudo, humilhar nossos alunos e professores. Nada como o tempo para mostrar que a nossa diferença estava na sabedoria; o mercado é amplo e cabe a todos. A questão é: precisa estar à frente e oferecer o que há de melhor. Como se não bastasse os egressos atuando com o máximo de brilhantismo em incalculáveis locais de trabalho, a nossa ligação social faz a diferença. Não somos apenas um grupo

preocupado com as demandas internas; nós seguimos ao longo de todos esses anos buscando estreitar o elo com as comunidades. Enquanto estiver em vida essa será uma das minhas bandeiras. Seja em nossas unidades em Sergipe, ou fora daqui, a população e suas fidedignas estruturas culturais serão respeitadas e enaltecidas. As instituições Tiradentes são zonas que acolhem todas as etnias religiosas, agremiações culturais, desportivas, econômicas sociais, trabalhistas, políticas e ideológicas. Tudo isso compondo um único objetivo: valorizar e impulsionar o progresso da nossa educação superior. Esse sempre foi o nosso diferencial e, talvez, por isso tenha gerado no passado certa aversão espontânea por um pequeno grupo de pessoas passivo de piedade. No que se trata das nossas diferenças coletivas, reforço que tudo deve ser baseado no respeito. Todos que fazem a Tiradentes compreendem que as diferenças culturais, religiosas, financeiras e esportivas devem ser respeitadas de forma fiel. Eu, particularmente, por exemplo, enquanto provoico torcedores do Sergipe quando meu Confiança ganha um clássico, também sou provocado por flamenguistas quando meu Vasco sai derrotado de campo. Tudo dentro do campo natural da cultura. Sempre fomos uma família do bem preocupada em descontrair nos momentos adequados e nos dedicando às tarefas educacionais e administrativas nos instantes subsequentes. Em todos os momentos a partir do ponto de entrada batido, o clima dentro da instituição deve ser leve. Sempre foi assim, e deste mesmo modo deve permanecer”.

Toda essa dedicação se torna possível quando metas administrativas são impostas após serem deliberadas, ainda no meio familiar. Uma rota que segue desde o estudo que avalia se essas ações são capazes de serem alcançadas; o prazo para que esse desejo se torne realidade; o

grupo social que será atingido; até a análise que envolve o nível de elo familiar aquele progresso vai resultar. Não basta pensar, transformar o ambiente de trabalho em um local sobretudo prazeroso, permanece assumindo a função de lenha que impulsiona para a frente todos os estabelecimentos com a marca Tiradentes. Esse foi o segredo do imponente Teatro Tiradentes. Dias após consolidar a permissão oficial emitida pelo governo federal para criar e formar turmas, Uchôa e Amélia decidiram desenvolver um projeto arquitetônico para a construção de um espaço direcionado para apresentações culturais, palestras, seminários e solenidades de gala, a exemplo de homenagens à professores e colação de grau. Visando até minimizar os olhares negativos, sem muito alarde publicitário o espaço começou a deixar o campo ideológico presente apenas nos rabiscos realizados por engenheiros, e passou a se tornar realidade em estrutura física. Impulsionado pelo desejo pessoal de concluir em curto prazo mais aquele empreendimento, em 11 de julho de 1976 a Família Uchôa inaugurou o espaço exatamente da forma que tanto desejava: formando a primeira turma da Faculdades Integradas Tiradentes. Internamente, a promessa apresentada ainda em 1972 por Uchôa a alguns estudantes e funcionários estava se concretizando.

Mais um ponto positivo na credibilidade social e de mercado estudantil. Um marco na história do ensino superior do estado de Sergipe que contou com a participação de um aracajuano nascido em 06 de abril de 1923, e filho de Elvira Maria Rosa e Silvano Braz de Jesus. Trata-se de Nestor Souza Braz. Ícone operacional de palcos, luz e sons teatrais. Profissional almejado por artistas nacionais, e que por sucessivos anos prestou seus serviços a uma gama de mestres do drama, comédia, musical e dança. Para empoderar tamanha representatividade do Teatro Tiradentes, Uchôa

se dirigiu pessoalmente à Nestor Braz com a proposta de lhe convidar para se tornar o técnico geral do mais novo e moderno espaço cultural de Sergipe. A resposta positiva concedida ao professor biografado durou mais de 31 anos de serviços prestados ininterruptamente. Com exceção das merecidas férias e dos feriados prolongados presentes no calendário brasileiro, Nestor vestiu a camisa da instituição e buscou viver diariamente cada m² daquele espaço. Como se não bastasse o zelo pela casa de espetáculos, o especialista buscava a todo instante fortalecer o bom relacionamento com a Família Uchôa, com os amigos, demais funcionários da instituição e com os estudantes. Para ele, cada jovem matriculado na faculdade merecia todo o cuidado possível, uma vez que, em sua sábia concepção, todos representavam o futuro da nação. Quanto mais preparados estivessem, melhor seriam os resultados no desenvolvimento de Sergipe e do Brasil. O reconhecimento de Uchôa para com toda as três décadas de dedicação ocorreu em maior escala ainda no final de 2007. Comovido com a morte do seu funcionário em 27 de outubro daquele ano, Jouberto Uchôa e Amélia Cerqueira decidiram decretar luto interno na instituição, e, de imediato, nomear o espaço cultural para Teatro Tiradentes Nestor Souza Braz. Identidade que segue intocável desde então. Semelhante às dezenas de outros profissionais que trabalhavam na instituição, Nestor foi testemunha do sacrifício físico e mental desenvolvido ano após ano pela direção da faculdade. Tudo isso na batalha por avanços e conquistas de suas metas. A faculdade sequer havia completado 10 anos de fundação quando o Ministério da Educação concedeu permissão para lançar em Aracaju o primeiro curso particular de Direito; medida devidamente aprovada por todas as instâncias educacionais, jurídicas e administrativas de fiscalização da esfera federal.



Teatro Tiradentes, mais uma das ideias apresentadas e concretizadas pelos professores Jouberto Uchôa e Amélia Cerqueira.

“Quando inauguramos o segundo prédio da faculdade, anexo à estrutura do Ginásio Tiradentes, dentro de casa, em conversa reservada com nossos familiares mais próximos, percebíamos que a gente estava diante de um empreendimento que estava dando certo, seguindo no rumo correto do crescimento. Além de uma estrutura física de qualidade com mobília e demais materiais didáticos de alto nível, a gente contava com uma verdadeira seleção de professores e técnicos educacionais. O bom relacionamento com o setor público em Sergipe e em Brasília também seguia firme. Estávamos felizes no âmbito funcional; a questão central naquele momento ficava mesmo por conta do social. Todos nós da família sempre fomos apaixonados por cultura e as suas inúmeras correntes. Em meio à euforia em saber que o MEC havia nos concedido o direito de lançar e posteriormente formar turmas nos cursos de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis,

recordo-me que cheguei na antiga sala dos professores e anunciei que a Faculdade iria construir um teatro, e que a colação de grau da primeira turma aconteceria lá. Apesar do ânimo da maioria, muitos [professores], assim como inúmeros estudantes, acharam que não conseguiria cumprir a promessa. Os desafios realmente eram muitos, mas acontece que eu tinha dado a minha palavra e iria cumprir. Sem muito alarde em pouco mais de dois anos a estrutura estava praticamente pronta. Cumpri a promessa e ainda de quebra contratamos Nestor Souza Braz para trabalhar conosco. Um cidadão sergipano ilustre, extremamente profissional e que tanto contribuiu para o nosso progresso. Ele também foi testemunha dos nossos passos mínimos, mas sempre presentes. Acontece que a instituição Tiradentes por vida foi formada por uma família. Não somente no elo parentesco, de sangue divino, mas também de cristãos. Um grupo até o final dos anos 1970 pequeno — se comparado com o atual — mas que vivenciava cada vitória; cada avanço coletivo. Assim ocorreu, por exemplo, com o lançamento inédito em Sergipe do curso de Direito. Um marco que inovou o campo de opções do ensino superior, bem como ajudou a abrir caminhos para tantos outros cursos de graduação de, na minha avaliação, extrema relevância para Sergipe”.

REGISTRO OFICIAL DO CURSO DE DIREITO

Depois de incontáveis visitas à gabinetes de parlamentares sergipanos em Brasília, debates e reuniões com o alto escalão do governo federal, e de apresentar blocos de documentos, em 26 de maio de 1980, por decreto de nº 84.733/80 publicado no Diário Oficial da União, a Faculdade Tiradentes recebeu a permissão para lançar o curso. A autorização complementar não demorou a ser divulgada. Com portaria de nº 417/83, em 06 de outubro de 1983 o MEC emitiu a permissão para graduar turmas. De igual modo ao ocorrido na primeira metade da década de 1970, a instituição particular de ensino superior recebeu a liberação para operacionalizar e administrar este curso antes mesmo de oferta semelhante ter sido direcionada à instituição pública. Conforme avaliação realizada naquele instante por técnicos ministeriais, a UFS não possuía, ou demonstrava, as condições mínimas estruturais para ofertar o curso de graduação tão desejado pela juventude sergipana. Focado em seu empreendimento, Uchôa convidou o paraibano Balduino Ramalho para assumir o primeiro cargo de diretor do curso de Direito da Tiradentes. Nascido em 17 de julho de 1913, na cidade de Conceição, região Alto Sertão da Paraíba, o mais recente profissional a integrar o grupo de diretores da instituição era formado pela Faculdade de Direito de Fortaleza (CE), em 1943. Indo além da meta de formar turmas, Balduino — reconhecido por muitos como cidadão sergipano — contribuiu ainda para projetar a criação interna do

escritório modelo, e do escritório de assistência jurídica gratuita da instituição. Essas inovações ocorreram em 1º de setembro de 1997. Um avanço que necessitou de ampla organização institucional antes mesmo de se tornar disponível a estudantes e população em geral. Esse conjunto de ambientes, além de proporcionar estudo prático aos acadêmicos em formação, é possível atender a custo ‘zero’ as pessoas que necessitam de orientações jurídicas. Desde os primeiros passos coordenados por Balduino Ramalho, a proposta de Uchôa era justamente unir o conteúdo teórico recebido dentro das salas de aula, com as atividades práticas. Uma medida que qualificava os estudantes, e, conforme desejado por Uchôa e Amélia, atendia — como até hoje atende — o lado social.



Formada por 35 homens e 20 mulheres, no ano de 1985 o grupo participou de uma missa de ação de graças na Catedral Metropolitana de Aracaju. Esta imagem faz parte do acervo pessoal de Milva Cerqueira Alves, ex-aluna desta primeira turma de Direito da Faculdade Integradas Tiradentes, e, hoje, procuradora do estado de Sergipe.



BELIVALDO CHAGAS

Egresso da Faculdades
Integradas Tiradentes
Governador do Estado de Sergipe

“Quem me conhece, mesmo que não tão de perto ou com riqueza de detalhes, sabe o quanto sou apaixonado por nossos ícones da sergipanidade. Seja o boiadeiro do sertão que conduz seu pequeno rebanho como forma de alimentação diária familiar, até o mais graduado gestor público ou empresário que, com o seu trabalho, consegue gerar emprego e renda, e, dessa forma, contribuir para o progresso do nosso estado de Sergipe. Me sinto muito confortável, e até suspeito para falar sobre o professor reitor do Grupo Tiradentes, Jouberto Uchôa de Mendonça. Um indiscutível nobre cidadão sergipano que, apesar das inúmeras adversidades da vida, soube acreditar e investir em seus sonhos e, ao longo dos últimos 60 anos, formar cidadãos com vasta qualidade profissional.

Quando digo que sou suspeito para falar da importância do Professor Uchôa e sua família para o nosso estado é porque eu faço parte deste grupo imenso formado por pessoas que, através da instituição, teve acesso ao ensino superior. Fui acadêmico da primeira turma de Direito da então Faculdade Tiradentes; se existem milhares de sorrisos espalhados pelo mundo, egressos das intervenções

educacionais do [Grupo] Tiradentes, eu sou um desses. Nunca é tarde para nós agradecermos por tudo aquilo que as pessoas em seu contexto geral nos proporcionaram de bom, e de aprendizagem unilateral. Quando me refiro a aprendizagem, me faz recordar todo o período em que ocupei uma daquelas cadeiras da instituição, e pude observar não apenas a dedicação de cada funcionário — fosse ele professor, auxiliar administrativo ou servidor de serviços gerais.

No dia a dia era possível se deparar com o professor Jouberto Uchôa circulando pelos corredores e salas da faculdade, e conversando com nós acadêmicos. Sempre muito disposto a dialogar sobre todo e qualquer assunto que envolvesse a sua empresa, era possível ainda usufruir de horas conversando sobre Direitos Humanos, arte, cultura, esporte local e nacional, como também a necessidade em utilizarmos os nossos aprendizados na instituição como forma de proporcionar avanços não apenas pessoal, mas de evolução regional e nacional. Os anos foram passando, estamos em seis décadas de Tiradentes, e muito me emociona perceber que a missão apresentada ainda no Ginásio Tiradentes, lá na década de 60, segue presente neste patrimônio educacional; costumo dizer que se trata de uma fábrica de preparação dos jovens e adultos para o mercado internacional.

Respeito ao próximo; amor à vida; valorização e investimento na educação; fé em Cristo; comprometimento com as nossas raízes sociais, culturais e esportivas. Esses são alguns dos aprendizados que filtramos dos mestres dentro de cada sala de aula ou laboratório, reflexo daquilo que sempre foi exigido pelo cidadão social e empresarial que é o professor Jouberto Uchôa. Esta obra literária

homenageia, em vida, um professor que durante todo esse tempo segue com um belíssimo sorriso estampado no rosto a cada novo diploma por ti assinado. Obrigado, professor! Sergipe, o Nordeste e Brasil tem muito a agradecer pelo empenho empresarial futurista, mas, sobretudo, pelo seu exemplo ímpar de ser humano”.



Governador pelo estado de Sergipe, Belivaldo Chagas Silva, durante a solenidade de colação de grau no curso de Direito.

O PROGRESSO NA COMUNICAÇÃO SOCIAL E SUAS HABILIDADES PROFISSIONAIS

Enquanto a FITs iniciava os primeiros períodos do curso de Direito, já no mês de março de 1981 a instituição revolucionou mais uma vez o mercado estudantil do estado. Até então apontada como atividade técnica em virtude da ausência de graduação no ramo regional, a faculdade recebeu a permissão para disponibilizar o curso de Comunicação Social, com habilidade em Jornalismo. Desde a formatura da primeira turma de comunicadores profissionais, para atuar nesta área específica em Sergipe é necessário que haja formação superior com diploma. Por reconhecimento aos jornalistas que antes mesmo dessa data já haviam escolhido essa profissão como destino trabalhista, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) os reconhece como profissionais gabaritados para tal função. Depois do segundo semestre de 1984 — quando ocorreu a formatura da primeira turma oficial de Jornalismo —, para atuar na área é necessário enfrentar quatro anos de sala de aula. Essa exigência ocorre mesmo depois que o Supremo Tribunal Federal (STF), em 17 de junho de 2009, considerou inconstitucional o Decreto-Lei 972/69, que exigia a formação de nível superior específica para a prática do jornalismo. Por ser facultativo — e isso inclui o regimento do próprio Supremo que, em 2013, lançou um concurso público com vaga destinada à jornalista exigindo a graduação para a função. A Universidade Tiradentes sempre valorizou a formação do bom jornalista.

Um exemplo prático dessa aposta está também na aquisição de equipamentos modernos destinado ao Complexo de Comunicação Social (CCS). Uma realidade presente no dia a

dia dos mais de 300 alunos atualmente matriculados nesse curso. Esse espaço se torna possível justamente em virtude do Decreto do Governo Federal de número 85.656/81, e da portaria do Ministério da Educação de nº 1.156. Publicações realizadas em 1981 no Diário Oficial da União, permitindo a Faculdades Integradas Tiradentes a iniciar as atividades superiores nesse meio profissional. Por compreender a necessidade de seguir com cautela a cronologia de avanços institucionais, o CCS foi inaugurado apenas em 1999 quando a faculdade já havia se transformado em universidade. Nesse espaço, além de recepcionar discentes de Jornalismo, há, ainda, salas e laboratórios destinados a estudantes dos cursos de Publicidade e Propaganda, Designer, Arquitetura e estúdios de gravações onde são produzidos os conteúdos das disciplinas de Educação a Distância (EAD). Um ambiente repleto de professores e técnicos de áudio, vídeo, luz e imagens, o qual permite que a união entre a teoria adquirida em sala de aula una-se perfeitamente à prática. Com a licença do nobre professor biografado — como autor desta obra e egresso da Universidade Tiradentes — preciso dar meu testemunho aos caros leitores: o Complexo de Comunicação Social é modelo para o mundo do Jornalismo. Não basta apenas ter em seu elenco uma gama de professores mestres e doutores; estrutura operacional de mercado é essencial para a preparação dos futuros comunicadores. O conjunto dessas bases segue contribuindo para o desenvolvimento do Grupo Tiradentes. O diferencial de toda essa história ímpar para Sergipe é a forma como Jouberto Uchôa de Mendonça incansavelmente permanece administrando a instituição; mecanismo empresarial, apoio e valorização dos funcionários, além da contínua expansão dos cursos e respectivos departamentos. Tudo isso atrelado ao idealismo social que foi apurado ao longo das últimas décadas.



Solenidade de inauguração do Complexo de Comunicação Social (CCS), até hoje o mais completo e moderno espaço destinado a estudantes de Comunicação e produção de conteúdos do Ensino a Distância (EAD).



RONALDO NUNES LINHARES

Professor
Doutor em Ciências da
Comunicação

“Eu tenho um respeito muito grande pelo professor Jouberto Uchôa, e é perceptível que o carinho dele pela minha pessoa também é recíproco. Confesso que uma das virtudes que posso enaltecer dele é justamente o jeito brincalhão que ele costuma ter com as pessoas que trabalham com ele, ou são amigas dele. É impressionante como a gente já se conhece há tanto tempo e ele costuma tirar brincadeiras com a minha barba e ao meu desgosto por certos tipos de calçados. Eu particularmente não sou nada adepto de calçados fechados como sapatos e tênis; a minha adesão de vida em termos de calçado é chinela de couro. Já Jouberto Uchôa ele é muito formal na forma de se vestir; por mais que se trate de uma pessoa descontraída por natureza, raras serão as vezes em que iremos nos deparar com o professor, diríamos, um pouco mais com trajes informais. Acho engraçado que todas as vezes que nos deparamos em corredores, palestras ou demais eventos, ele sempre me pergunta se estava chegando da praia. É perceptível que ele desejaria que estivesse com sapato social, por exemplo, mas jamais se utilizou da prerrogativa de patrão e determinou que mudasse o meu jeito, o qual me sinto mais confortável. Uchôa deseja ver o próximo bem, mesmo que a postura do colaborador seja oposta a dele.

Me recordo com carinho do dia em que fui convidado por ele para montar um projeto destinado à criação de um curso exclusivamente destinado a profissionais bacharelados em

determinada área de atuação, mas que também desejavam cursar a grade de licenciatura. Uchôa sempre se antecipou muito das ações, mas esse momento foi um tanto diferente; tínhamos menos de 24 horas para apresentar o trabalho. Em uma sala reservada, totalmente equipada, confortável e silenciosa, fiquei isolado com mais dois colegas professores. Esse projeto era pra ser elaborado, desenvolvido, revisado e aprovado até o final da madrugada do outro dia porque um técnico do Ministério da Educação iria desembarcar em Aracaju e precisávamos ter esse material impecavelmente pronto. Foi uma missão incrível, mas que chama a atenção também por outro motivo muito peculiar: mesmo se tratando de um serviço bastante cansativo, o professor Uchôa não saiu do nosso lado em instante algum. Mandou comprar alimentação, bebida, petiscos, saía para pegar água e café para a gente... essa atenção foi essencial para que aquela demanda fosse atendida com o mais absoluto sucesso. Temos — e isso ocorre há décadas — um reitor que não se debruça ao comodismo que a estrutura lhe oferece e permite; Jouberto Uchôa é um nato incentivador das produções funcionais pelo simples fato de ser humilde. A gente se sente à vontade com a presença dele; a gente se sente seguro o suficiente para vestir a camisa da instituição em qualquer que seja a circunstância.

Outro projeto que me sinto honrado em participar, foi o que implantou o Ensino a Distância (EAD). Com uma visão diferente do universo vivenciado na primeira década desse segundo milênio, os professores Uchôa e Amélia determinaram que toda a estrutura fosse formada por profissionais da casa, e que, caso necessário, novos especialistas fossem contratados para serem incluídos na grade de colaboradores. Nenhuma outra faculdade ou universidade do Norte/Nordeste faziam isso; a prática operacional era feita por meio de empresas, tipo colégios, terceirizados. A Unit respeitava, mas ao mesmo tempo era contra essa metodologia

por defender que a terceirização acaba em alguns momentos deixando a desejar na atividade fim, e esse risco eles não desejavam correr. Por mais que a nova estrutura demandasse de maior investimento financeiro se comparado com os serviços terceirizados, a Unit prezou mais uma vez pela extrema qualidade do serviço a ser repassado para o acadêmico. São por esses, e tantos outros motivos, que nos fazem ter orgulho em fazer parte dessa instituição que completa 60 anos. Uma história linda, composta sobretudo pelo respeito, cidadania e educação com o máximo de qualidade para todos. Um ambiente em que nós funcionários nos sentimos em casa, e acolhidos por toda a direção.

É difícil encontrar um colaborador que tenha menos de cinco, dez anos; existe, claro, mas em termos percentuais os recém contratados são minoria. É muito comum em outros ambientes de trabalho se deparar com o registro de pessoas que são contratadas hoje, e daqui a dois anos sem motivo palpável são mandadas embora; isso não acontece no Grupo Tiradentes. Eu particularmente devo a minha formação profissional como professor do ensino superior à Unit; foi lá que cursei meu mestrado, meu doutorado; foi lá que recebi a permissão de me afastar sem ônus financeiro por seis meses enquanto cursava meu pós-doutorado em Portugal, enfim, eu tenho um nome constituído na Unit. Para mim é uma imensa gratidão fazer parte desse sonho traçado pelo professor Uchôa e que mudou a vida de milhares de pessoas em Sergipe, no Brasil e no mundo. Obrigado e parabéns professor Jouberto Uchôa; em especial por ter a garra e resistido às adversidades que a sua trajetória impôs pelo caminho. Fico feliz pela credibilidade e oportunidades que a mim foram ofertadas. Que esta obra literária possa representar um abraço carinhoso, fraterno, que todo o estado de Sergipe e os inúmeros egressos espalhados pelo mundo devam a ti, retribuir”.

ODONTOLOGIA: curso pioneiro na área de saúde

Menos de seis meses após criar oficialmente o curso de Direito e Comunicação Social, a direção da Faculdades Integradas Tiradentes deu início ao processo burocrático administrativo para lançar o primeiro curso ligado à área de saúde. Com plena consciência que a instituição não possuía condições básicas para iniciar as atividades curriculares já com graduação em medicina, Uchôa, familiares e profissionais mais próximos da gestão institucional realizaram pesquisas de campo a fim de observar qual a principal demanda assistencial os sergipanos mais necessitavam. Paralelo a esse trabalho realizado pela iniciativa privada, naquele momento números recém apresentados pelo governo do estado de Sergipe, por meio da Secretaria de Estado da Saúde (SES), revelaram que o setor odontológico apresentava ampla carência de profissionais gabaritados. Em posse dessas estatísticas, o Grupo Tiradentes desenvolveu um projeto que apresentava minunciosamente os motivos pelos quais seriam importantes para o povo sergipano a criação de um curso de graduação na área odontológica. Entre dados, fotos, estatísticas e depoimentos dos próprios usuários do sistema público de saúde, uma comissão formada por gestores da instituição seguiu até o Conselho Estadual de Saúde com o objetivo de revisar o material antes de apresentá-lo em definitivo ao colegiado do Conselho Federal de Odontologia (CFO). Aprovado por unanimidade em menos de 48h, visando ampliar a seleção de apoiadores desse projeto, foi a vez de Jouberto Uchôa se reunir

com conselheiros regionais de saúde. Muitos desses encontros foram realizados na sede do Instituto Parreiras Horta, em Aracaju, onde sinais positivos apresentados pelos conselheiros se multiplicavam a cada apresentação bem explanada pelo professor. Bom de venda, em posse de dados que o impulsionavam seus objetivos para o alto, bem como o seu carisma ímpar, a impressão conquistada era de aprovação imediata, sem possíveis contratempos antes de seguir para análise final junto ao CFO, em Brasília.

Acontece que treino é treino, e jogo é jogo. Essa expressão muito utilizada nas rodas de debates desportivos se adequou perfeitamente para aquela situação. No encontro deliberativo do conselho, apesar das promessas positivas recebidas a menos de 72 horas, um a um, os conselheiros foram votando e apresentando argumentos contrário ao projeto de criação do curso. Ao menos três membros, os quais anteriormente haviam apresentado indícios de votação aprovando tudo o que foi pleiteado pela instituição de ensino, no momento crucial optaram por mudar sua postura. O placar inicial? 7 X 0. Uma lavada maior que o 7 X 1 sofrido pelo Brasil na semifinal da Copa do Mundo Fifa de Futebol, em 08 de julho de 2014, em pleno Mineirão lotado. Apesar das esperanças estarem se esgotando, o cenário começou a mudar no momento em que chegou a vez do Doutor José Sotero apresentar as respectivas argumentações seguidas do voto. Com o dom da palavra, reforçando a importância do desenvolvimento estudantil em Sergipe, bem como as dificuldades visíveis enfrentadas pelo povo sergipano junto ao sistema de saúde pública, o conselheiro votou a favor e pediu que os demais conselheiros observassem com nitidez todo o benefício que a instituição educacio-

nal — incluindo o Ginásio Tiradentes — havia conquistado ao longo dos últimos anos. Por coincidência, ou não, logo em seguida foi a vez do médico Dr. Hyder Gurgel, então diretor da Clínica Pediátrica São Domingos Sávio. Com um discurso fundamentado à favor da Tiradentes, ele seguiu a mesma linha de raciocínio lógico adotada por José Sotero, e optou por impulsionar a reviravolta do placar. Voto a voto o quadro foi mudando a favor da faculdade. Com a virada jamais esquecida, familiares e gestores institucionais que acompanhavam a sessão, ensaiaram comemorações as quais logo foram contidas. Após essa vitória inicial, era preciso se preparar para seguir com destino à Brasília onde enfrentariam outras rodadas de votação. Dessa vez, junto aos conselhos federais de Saúde, e Educação.

Ao contrário de todo o nervosismo vivenciado na reunião regional, na capital federal os votos favoráveis à criação do curso beiraram a unanimidade. Concluída essa etapa, restava apenas aguardar o desembarque de uma comissão formada por técnicos do Ministério da Saúde, e do próprio Ministério da Educação, a qual produziria um relatório orientando o governo federal a baixar e publicar portaria concedendo, ou não, o alvará de oferta da nova opção de graduação estudantil. Em virtude dos constantes pedidos que envolviam a criação de novos cursos, naquele instante muitos desses peritos, em um passado não muito distante já haviam desembarcado em Aracaju e conheciam bem a instituição. Sabiam na prática que Sergipe possuía uma unidade de ensino superior gabaritada para atender a novas demandas, além de apresentar visíveis sinais de expansão estrutural. Apesar dessas alegações positivas terem sido apresentadas reservadamente por alguns desses fiscais ao professor

Uchôa, o líder da instituição Tiradentes sabia na prática que não poderia gerar brechas para surpresas negativas. Manter o crescimento administrativo, operacional e estrutural era mais que necessário; demonstrar isso ao poder público estadual, federal e, sobretudo à sociedade, também. Não se tratava de uma questão de aparência social. A proposta sempre foi mostrar por 'A+B' que o Grupo Tiradentes era diferenciado. Pensava no progresso e por esse motivo não se deixava seduzir-se pela armadilha muitas vezes perversa da comodidade.

“Se hoje nós temos orgulho ao ponto de estufar o peito e dizer que o nosso curso de Odontologia é reconhecido com nota máxima junto ao Ministério da Educação, isso ocorre em virtude de toda uma luta enfrentada desde o dia em que decidimos pleitear a liberação para a instalação do curso. Mesmo com o resultado positivo que tivemos em Brasília, e a alta credibilidade que já tínhamos construído junto aos grupos de fiscais do MEC, era de total consciência que deveríamos preparar as salas e laboratórios com a missão de continuar reforçando a boa imagem que passávamos junto ao governo federal. Além disso, preparar esses ambientes e já começar a analisar o currículo dos melhores professores para aquela área era mais que fundamental. Se de um lado o setor administrativo seguia fortalecendo o elo positivo entre a Tiradentes com o MEC, do outro, o administrativo/operacional tinha por obrigação manter a evolução gradual das nossas estruturas. Essa combinação deveria dar certo; e deu. Temos centenas de profissionais amplamente qualificados que se formaram em nossa instituição. Volto a dizer: não é à toa que [o curso de] Odontologia segue com nota 5 [a máxima] junto à avaliação do Conselho Federal de Saúde e Educação”.



**JOSUÉ MODESTO DOS
PASSOS SUBRINHO**

Secretário de Estado da Educação,
do Esporte e da Cultura (SEDUC),
e ex-Reitor da Universidade
Federal de Sergipe (UFS)

“É uma figura marcante da sociedade sergipana do final do século XX e início do século XXI. Possivelmente o maior representante entre nós do tipo social empreendedor com foco em educação. No Brasil, como se sabe, a educação esteve por séculos dividida entre a Igreja Católica e o Estado, com participação secundária das igrejas evangélicas. Enquanto gerações de educadores inspirados pelo manifesto dos Pioneiros da Educação militavam em favor da expansão da escola pública, laica e comprometida com uma pedagogia moderna, empreendedores não vinculados institucionalmente às igrejas e pouco comprometidos com os valores educacionais mais renovadores iam ocupando espaços deixados pela explosiva urbanização do país e pelo seu crescimento demográfico. O que diferencia este tipo de empreendedor educacional em relação aos tradicionais dirigentes vinculados às instituições religiosas é sua flexibilidade na gestão das escolas, sua percepção quanto às oportunidades de negócios surgida no vácuo da insuficiente expansão das escolas estatais e da demora na resposta das escolas mais tradicionais em identificar e se posicionar no mercado educacional em expansão e

mutação. Um elevado grau de pragmatismo para atender as percepções da sociedade no que concerne à qualidade e solidez do ensino ofertado, de atender aos mutantes requisitos da legislação educacional e, principalmente, de se apresentar como portador da modernidade efetiva, muito mais que da retórica tão presente no mundo dos educadores caracterizam esses empreendedores que com maior ou menor sucesso se espalharam pelo território brasileiro.

Jouberto Uchôa de Mendonça representa muito bem esse tipo ideal de empreendedor educacional. Consta que foi na juventude empregado em uma escola privada, onde certamente aprendeu os segredos do negócio vindo a abrir sua própria escola. A história está viva e marcada pela eternidade para mostrar o quanto aquela unidade escolar deu certo. Só podemos imaginar que o professor Uchôa lapidou nesses anos iniciais seu talento em cativar as pessoas, em persuadi-las a depositar nele toda a confiança possível; isso tudo em torno de um projeto educacional capaz de atender aos desejos de conhecimento estudantil secundarista exigidos pelas respectivas famílias. O fato é que ele, sua família e seus colaboradores conseguiram se destacar no cenário local até então predominado por escolas privadas, vinculadas às instituições religiosas.

O grande salto que o grupo deu foi o ingresso no ensino superior, no início da década de 1970. Neste caso não havia concorrência privada, apenas a presença da Universidade Federal de Sergipe que incorporava em 1967 as antigas faculdades isoladas antes de sua efetiva instalação em 1968. Havia uma grande demanda por ensino superior não completamente suprida pelas instituições estatais. Mas a agilidade em perceber e responder com ofertas de cursos demandados pelo mercado, de atender aos requisitos re-

gulatorios das autoridades educacionais, em se antecipar para ocupar os melhores lugares na oferta de cursos superiores, caracterizou a trajetória deste líder do setor educacional. Todos os cursos superiores que em algum momento estiveram em evidência no mercado nacional, foram pioneiramente ofertados por sua instituição em Sergipe. Também percebeu o potencial do mercado do interior do estado, se implantando nos principais polos regionais; foi arrematador do progresso ao ofertar vagas que contemplassem estudantes de estados vizinhos. Jouberto Uchôa se antecipou quanto a relevância da educação à distância, da pós-graduação para lhe conferir a agilidade institucional na criação de cursos, propiciados pela transformação de Faculdade em Universidade e, por fim, de atuar além das fronteiras sergipanas, já que o estado se tornara pequeno para o porte de sua empresa educacional.

São pouquíssimos os grupos econômicos sergipanos que conseguiram o feito de partindo de Sergipe se firmarem no mercado regional e/ou nacional. Jouberto Uchôa lidera um desses grupos com fino faro empresarial atendendo simultaneamente muitos requisitos, mas nenhum mais importante do que comprovar aos seus acadêmicos de que está ofertando algo de valor, mesmo porque ele está estabelecido em um mercado de competidores cada vez mais poderosos. Sua trajetória exemplifica muito bem o crescimento de um segmento educacional que prosperou no Brasil e que está passando por novas mutações. Resta saber como estão se reposicionando os novos líderes deste setor em Sergipe e no Brasil.”

13º CONSELHO FEDERAL DE ADMINISTRAÇÃO

Visionário e amplamente atento ao cenário geral do estado, o professor percebeu que mesmo prestes a completar dez anos de lançamento do primeiro curso particular de Administração, todos os alunos graduados na área — incluindo aqueles formados pela Universidade Federal — se deparavam com a obrigatoriedade em se deslocar até Salvador (BA), a fim de dar início ao processo de aquisição do registro profissional. Até o início dos anos 1980 sem obter uma unidade seccional do Conselho Federal de Administração, grupos de administradores sergipanos seguiam em comboio juntamente com delegações do estado de Alagoas com o propósito de conquistar o reconhecimento nacional da profissão. Na perspectiva de mudar esta realidade, Uchôa se uniu a amigos como Álvaro Brito, Denise Rollemberg, Daniel Lopes, Gildo Matos, Roosevelt Dias e Gervasio Moura, para, ainda no primeiro trimestre de 1983, começar a lutar pela instalação do conselho em Sergipe. A batalha era unificada entre os estados de SE e AL, mas a princípio a proposta era somar forças e instalar uma unidade em solo aracajuano. Para diminuir os transtornos causados pelos mais de 700 km entre ida e volta de Salvador, reuniões e plenárias foram realizadas em Brasília com a presença de parlamentares dos dois estados (SE/AL), ministros, representantes do Conselho Federal, bem como de representantes do Conselho instalado na capital baiana. A luta era unificada. A união dos administradores nordestinos tinha como meta única impulsionar a profissão na região. Aos poucos esses objetivos estavam sendo conquistados. Menos de dois meses após esse encontro em Brasília, certos de que

estavam percorrendo as vias legais e coerentes na busca pelo aval federal, uma comitiva formada por professores, administradores, deputados estaduais e federais, vereadores, estudantes e membros da Federação Nacional da Indústria e Comércio, seguiu para Florianópolis, capital de Santa Catarina, onde participou do Encontro Nacional de Administração. Diante do amplo número de conselheiros federais presentes no evento, o grupo solicitou audiência com os representantes nacionais e apresentou documentos os quais comprovavam as capacidades técnicas e estruturais disponíveis em Sergipe para que uma unidade fosse instalada. Como se não bastassem as garantias de seccional adequada, respeitando todos os padrões nacionais, os militantes pró-criação do conselho apresentaram ainda o quantitativo abrangente de estudantes formados pelas instituições com atuação de ensino superior nos estados de Sergipe e Alagoas.



Por estar posicionado no coração administrativo da cidade de Aracaju, a primeira sede do Conselho Federal de Administração, Seccional Sergipe, foi instalada no 18º andar do Edifício Estado de Sergipe, popularmente conhecido como Maria Feliciano, em alusão a sergipana mais alta do Brasil. Com 2,25 metros de altura, Maria Feliciano ganhou o título de mulher mais alta do Brasil em 1961 no Programa “A Hora da Buzina” apresentado por Chacrinha. (Foto: Salir Fotografia)

“Nós não fomos para esse encontro com a esperança remota de conquistar nossos objetivos. Na realidade, nosso grupo possuía a plena convicção que estávamos apresentando mais do que era necessário para criação de mais uma seccional do conselho, desta vez, em nosso estado. Até aquele momento as regiões Sul e Sudeste do Brasil contavam com 90 mil estudantes de Administração, isso representava mais de 81% do alunado nacional. A diferença era grande se comparado ao Nordeste e as demais regiões do país. Acontece que nosso desenvolvimento nessa área também era indiscutível e atender os nossos pleitos não tratava apenas de uma modesta atenção aos apelos, mas sim uma necessidade para a classe profissional. Felizmente os conselheiros presentes naquele encontro concordaram com os nossos argumentos, e, seguindo o protocolo presente na Lei de número 4.769/1965, decidiram por oficializar a resolução normativa 49/83 que concedeu o regulamento para a criação do nosso conselho em conjunto. A partir daquele momento Alagoas e Sergipe passavam a obter um conselho próprio. O 13º da história do país. Nossos jovens recém formados pela Tiradentes, ou pela própria Universidade Federal de Sergipe, passavam a contar com um conselho dentro de casa, diria assim. Os transtornos gerados pela distância diminuíram de forma significativa. Aos colegas de Alagoas a maratona permanecia, mas bem menor se comparada às rotinas anteriores. Não por muito tempo. Nós, nordestinos, temos simpatias múltiplas. Parece que, apesar das divisas, somos sempre um só. Apesar de termos conquistado juntos esse conselho, o mesmo grupo seguiu unindo forças para em curto prazo criar o 14º conselho; desta vez em Alagoas. Costumo dizer que essa fase foi intensa em minha vida porque enquanto seguíamos buscando medi-

das para fortalecer a Faculdades Integradas Tiradentes, a gente também estava trabalhando extra sala de aula. Se empenhar para conquistar esses avanços não significava destinar benefícios apenas para os nossos alunos, mas sobretudo para o progresso do nosso estado de Sergipe, para a nossa região Nordeste, e isso era o que nos fazia compreender cada sacrifício produzido”.



CLAUBERTO RODRIGUES DE OLIVEIRA
Professor
Doutor em Biotecnologia Industrial

“Com o máximo de orgulho e sentimento de afeto a tudo aquilo que a Família Uchôa me proporcionou, inicio esse meu relato de agradecimento dizendo que sou egresso da Universidade Tiradentes. Desde 2014 componho o quadro de colaboradores da instituição, mas o meu elo com a Unit é de bem antes, quando ingressei para cursar uma graduação, e, em seguida, dei início aos estudos de mestrado. São quase 20 anos de ligação direta ou indireta com o professor Uchôa, e o que me chama muito a atenção é que em todos os eventos em que pude ter o contato com ele, por vida se mostrou solícito em tudo. Durante esses diálogos, muitas das vezes nós professores e coordenadores de cursos até tentamos usar da formalidade, mas é

impressionante como ele faz questão de deixar o ambiente descontraído; ele costuma dizer que agindo assim os debates sobre pleitos, propostas e sugestões acabam naturalmente fluindo melhor, capaz de gerar resultados positivos para todos; quando fala todos, o professor Uchôa inclui: acadêmicos, colaboradores e sociedade em geral. Ao perceber que o clima está formal demais, ele diz:

— *Não, não precisa dessa formalidade! Vamos deixar esse clima aqui mais leve* [e logo em seguida apresenta aquele sorriso que já é uma verdadeira marca registrada].

Diante das limitações que as demandas funcionais impõem ao professor Uchôa, a presença dele transitando por blocos e áreas de convivência dos estudantes diminuiu um pouco, mas longe de se tornar raro encontrar ele visitando os espaços. Essa presença faz aumentar o sentimento de propriedade do aluno com a instituição. É extremamente positivo observar que o fundador de todo esse patrimônio faz questão absoluta em conversar de igual para igual seja com nós professores, profissionais dos serviços gerais, seguranças, profissionais do administrativo... enfim, o jovem estudante se sente mais acolhido ao assistir esse tipo de conduta desenvolvida não apenas por Uchôa, mas também, de igual modo, pela professora Amélia e os quatro filhos do casal. Eles transformaram vidas, e isso eu trago para o meu exemplo. No início da década passada, quando acessei pela primeira vez na instituição, eu vivenciava uma fase totalmente diferente da que enfrento hoje. Eu pagava a matrícula, passava o semestre inteiro devendo porque não tinha condição com o salário que recebia na época, e, mesmo assim, sempre tive pela instituição uma imensa facilidade, um verdadeiro leque de condições para honrar com os compromissos que estava em débito.

Isso, vale destacar ainda, que nesses períodos de acúmulo de dívidas semestrais, em nenhum momento fui constrangido ou imputado de acessar as salas de aula por existir certa pendência financeira. Mesmo que no sufoco, garanto aos leitores que foi através desta graduação que consegui mudar minha vida; igual a esse meu testemunho, conheço várias pessoas que enfrentaram a mesma situação. Fico impressionado com o valor real que o Grupo Tiradentes gera à prata da casa; a impressão é que as portas se abrem ainda mais. Já estando professor, fui convidado para ser membro de colegiado, membro do Fórum do Desenvolvimento Regional, integrante da Comissão Disciplinar, coordenador de estágio e coordenador de curso. Terceirizando exemplos, posso destacar que tive alunos que foram convidados para estagiar e logo em seguida foram efetivados, onde continuam até hoje. Desde o primeiro dia de aula, lá atrás no Ginásio Tiradentes, o grupo chegou para melhorar a vida de muita gente. Não só por mim, mas por milhares de pessoas, posso pontuar que o nosso sentimento é um só: muito obrigado! As nossas vidas mudaram em decorrência do seu sonho que virou realidade, e, assim, contribuído para que milhares de sorrisos fossem colhidos”.

CRIAÇÃO DE NOVOS CURSOS

Enquanto o Brasil fervilhava na economia, na instabilidade social, e, sobretudo, no cenário político parlamentarista — diante dos encaminhamentos os quais resultaram na queda da intervenção militar, iniciada na madrugada do dia 31 de março de 1964 e que retirou antidemocraticamente o presidente João Belchior Marques Goulart —, Jouberto Uchôa seguia se reunindo com a respectiva equipe pedagógica a fim de ampliar o leque de opções de cursos. Foi justamente em um desses encontros realizados em 1983, sob o consumo sempre presente de cafezinho expresso, que surgiu e foi debatido o interesse em implantar o curso de Biblioteconomia. Considerada uma das áreas de atuação profissional mais antiga da humanidade, o cidadão bibliotecário atua, sobretudo, no campo interdisciplinar e multidisciplinar do conhecimento que analisa as práticas, perspectivas e as aplicações de métodos de representação e gestão da informação e do conhecimento, em diferentes ambientes de informação, tais como bibliotecas, centros de documentação e centros de pesquisa. Com a instituição sergipana flutuando em credibilidade — apesar do transtorno administrativo em Brasília —, o Ministério da Educação demorou menos de um ano para publicar o Decreto de nº 90.628/84, e, posteriormente, a Portaria de nº 310/87, concedendo permissão por tempo indeterminado para geração e formatura de novas turmas. Esses foram os primeiros protocolos emitidos pela União, ainda no final da década de 1980, os quais serviram como peças de

encaixe; uma espécie de conexões pertencentes a uma série de três etapas pleiteadas pelo grupo acadêmico. Paralelo à graduação em Biblioteconomia, a direção da Faculdades Tiradentes solicitou ainda a permissão para o curso de Letras Português/Inglês. Por entender que o conhecimento e domínio da língua estrangeira é o principal instrumento de comunicação entre os povos mundiais, Uchôa buscava qualificar a sociedade sergipana para o futuro próximo. Um mundo cada vez mais interativo, de relacionamentos sociais instantâneos, e que exige múltiplas habilidades das pessoas. Em 1988, a Tiradentes já defendia a ampliação do estudo de língua estrangeira por compreender a indispensável oportunidade de reforçar com base rígida o estudo das ciências humanas e exatas, bem como das expressões literárias e culturais de uma sociedade como um todo.

Concluindo a etapa 2/3, o governo federal oficializou a criação do curso por meio de publicação do Decreto nº 97.554/89, e do reconhecimento de legalidade por meio de Portaria de nº 730/91. Todos propagados por meio do Diário Oficial da União. A conclusão com louvor da lista contendo uma tripla solicitação de reconhecimento e autorização junto ao MEC ocorreu aos 48 minutos do segundo tempo do ano de 1989. Em posse do Decreto 97.645/89, e a Portaria 711/91, a Faculdades Integradas Tiradentes estava apta para oferecer ao mercado de estudo superior em Sergipe a graduação em Serviço Social. Um campo de estudo que surgiu no Brasil ainda na década de 1930, o qual possui como missão apurar e desenvolver medidas que contribuam para o progresso urbano – industrial. Transformar a sociedade em uma região de avanço igualitário. A primeira formatura desse curso ocorreu em 1993, quando 33 estudantes do sexo femi-

nino colaram grau. Hoje, além da continuidade de oferta desse campo de estudo profissional, a Universidade Tiradentes possui o Centro de Atendimento, Estudos e Pesquisas em Serviço Social (CAEPSS). Um ambiente na maioria das vezes utilizado por alunos que já concluíram 50% do curso, e que atende a grupos vulneráveis, a exemplo de crianças, adolescentes, idosos e pessoas as quais apresentam algum tipo de necessidade especial. Prestes a completar 30 anos de fundação do Ginásio Tiradentes, Uchôa e Amélia já contabilizavam sucesso absoluto no empreendimento que decidiram apostar, sem sequer imaginar que a última década do século XX lhes reservaria saltos ainda mais altos. Aos que, porventura, pensem o contrário, mesmo com os sucessivos resultados positivos já alcançados, a família Uchôa mantinha impulsionando os desejos de novos avanços.



Jouberto Uchôa e Amélia Cerqueira ao lado dos filhos. Por tradição, em todas as atividades oficiais do Ginásio e Faculdades Integradas Tiradentes, a família se fazia presente como forma de enaltecer a importância de todos para o crescimento das instituições.

“A nossa meta nunca foi entrar em conflito com outros colégios, faculdades ou qualquer outro instituto educacional. O diferencial da gente sempre foi oferecer aquilo que não se encontrava disponível aos jovens recém concluídos o ensino médio no estado de Sergipe. Assim aconteceu com os três primeiros cursos de graduação que deram o pontapé inicial para a FITs, e de igual modo ocorreu com o curso de Direito, Serviço Social, Odontologia e a própria área de comunicação, com destaque para o Jornalismo, que também era desenvolvido por profissionais brilhantes em nosso estado, mas para se obter conhecimento técnico profissional era preciso se mudar para outro estado e se inscrever em alguma faculdade. A nossa sede mesmo era disponibilizar seguimentos estudantis que ajudassem a qualificar o nosso povo, gerar emprego e renda, além de atender o social e apoiar a cultura, sejam os grupos de Aracaju ou de qualquer outro município sergipano. Nós tínhamos a plena convicção que estávamos consolidados no mercado, isso era amplamente real e notório ainda no final dos anos 1980, mas mesmo assim era de nossa consciência que poderíamos avançar ainda mais, ampliar a instituição, lutar por conquistar mais conhecimentos do Ministério da Educação e transformar a faculdade em universidade. Nos preparamos para essa fase. Como se não bastasse o trabalho administrativo — buscando organizar documentos para apresentar ao governo federal —, todos os professores trabalhavam para conseguir passar aos alunos o máximo de conhecimento. De nada adiantava reunir todos documentos exigidos pelo MEC, se na prática as notas dos alunos não passavam da média. O trabalho era coletivo, como sempre foi. A vitória de um era também a vitória de todos. Sei que no mais íntimo dos sentimentos pessoais, somente Deus pode

compreender a minha felicidade e satisfação em ter multiplicado as economias dos meus pais ainda no início da década de 1960. Mesmo em um momento de dor, sofrimento pela distância, e falta de oportunidade de emprego, meus pais confiaram nos meus propósitos e até hoje faço por onde agradecê-los. Um apoio que recebi dos meus avós, pais, esposa, filhos, familiares mais próximos e mestres da educação que sempre reconheceram essa nossa perspectiva de avanço unilateral. As três primeiras décadas do Grupo Tiradentes foram de crescimento exemplar; eu só não sabia que o sonho da nossa família em fundar a primeira universidade particular do estado de Sergipe estava tão próximo de ocorrer. Jamais quero ser apontado como um herói, empresário ou qualquer outro julgamento que não seja a de um professor que ama a sua terra natal, suas raízes, e dedicou a sua vida pela educação e formação de jovens promissores. O meu amor é pela educação; a chegada das demandas empresariais foi uma consequência natural dessa nossa dedicação pelo conhecimento e pelo seu íntegro compartilhamento”.

O COMEÇO DE UMA NOVA ERA

O Brasil sequer havia completado cinco anos de pós-queda do regime militar e da nova Constituição Federal, quando, em meados de 1991, o governo federal, até então sob a direção executiva do presidente Fernando Collor de Melo, líder do Partido da Reconstrução Nacional (PRN), decidiu revolucionar o campo da educação no país. Além de mudanças direcionadas ao ensino infantil, fundamental e médio — com a inclusão de novas disciplinas obrigatórias na grade curricular —, o Ministério da Educação, por intermédio do Conselho Federal de Educação, apresentou ao congresso nacional medidas que buscavam impulsionar o ensino superior em caráter instantâneo, se possível, ainda dentro da última década do milênio. Para conquistar e implantar esse ‘boom’ educacional, e, conseqüentemente, econômico, a proposta apresentada aos deputados federais e senadores era permitir que uma comissão extremamente rigorosa pudesse conceder alvarás às instituições públicas e particulares de ensino as quais eram faculdades, mas apresentavam reais condições físicas estruturais e administrativas para serem transformadas em campus universitário. Contando com um conselho formado por doutores no campo da Educação, este grupo possuía como presidente o professor Dr. Manoel Gonçalves Ferreira Filho. Muitos com mais de 40 anos dedicados ao progresso educacional da nação, aquela medida categoricamente elaborada pelos conselheiros federais, aprovada pelo Palácio da Alvorada, bem como pelo parlamento, em Brasília, despertou em Jouberto Uchôa o desejo de graduar a Faculdades Integradas Tiradentes em

universidade. A primeira instituição universitária de iniciativa privada do estado de Sergipe. Como se não bastasse o respectivo quadro profissional, composto por docentes e gestores pedagógicos da mais alta qualidade funcional, a instituição esbanjava uma estrutura física totalmente dentro dos parâmetros definidos pelo governo federal. Diz o ditado popular brasileiro que: ‘o peixe morre pela boca’, sendo assim, antes mesmo de publicitar o processo protocolar de mudança na nomenclatura e na composição organizacional da instituição, o nobre sergipano biografado se dirigiu até a capital brasileira onde se reuniu com representantes das faculdades de Potiguar (RN), Cruzeiro do Sul, Sorocaba e Anhembi Morumbi, todas com sede no estado de São Paulo, e da Faculdade Amazônia (PA). Esse encontro técnico possuía como missão compreender melhor a proposta governamental. Para detalhar cada item, conselheiros federais se fizeram presentes no debate e apresentaram passo a passo dos procedimentos burocráticos necessários para que o alvará pleiteado fosse concedido sem intercorrências.

De volta à Aracaju, Uchôa reuniu a família e oficializou seus planos para o futuro. Um futuro próximo, frise-se. A ideia do professor nada mais era que inaugurar a Universidade Tiradentes até o final da primeira metade dos anos 90. Planejamento ambicioso, mas totalmente capaz de ser concretizado. Três anos lhes restavam para surpreendentemente atingir essa meta analisada por muitos professores e sociedade em geral como ação impossível de ser conquistada. O foco dos negativistas de plantão estava centralizado nos anseios apresentados pelo diretor geral da FITs. Além de anunciar o início do processo de mudança, Jouberto Uchôa havia publicado ainda que a instituição iria construir um novo e moderno campus universitário. Por estar vacinado contra as vibrações negativas que tanto o

atingiram nas décadas de 60 e 70 durante a criação e desenvolvimento do Ginásio Tiradentes, ele optou por não detalhar seus planos. A única informação dava conta que muito em breve Sergipe passaria a contar com uma instituição não apenas modelo para o Brasil, mas sim para toda a América do Sul. No que se refere ao grupo de pessoas, o qual seguia sem acreditar no cumprimento das promessas, a resposta não estava atrelada às condições financeiras da instituição. Com o fundo contábil no ‘verde’ e mantendo a fama de excelente pagador de financiamentos, as concepções opositoras defendiam que o Grupo Tiradentes não teria tempo hábil para atingir aquelas metas. Em três anos era preciso enfrentar e vencer o processo burocrático tramitado em Brasília, buscar fundos econômicos para encontrar e comprar um terreno para erguer o novo prédio em Aracaju, comprar equipamentos, mobílias, materiais didáticos, contratar professores, técnicos, seguranças, agentes de serviços gerais e demais profissionais dispostos a atuar no novo local. O leque de dúvidas em torno dos objetivos de Uchôa era vasto, o problema, ao menos para o grupo de opositores descabidos, era que, apesar das inúmeras demonstrações de perseverança e conquistas adquiridas ao longo dos últimos 29 anos, esses negativistas insistiam em duvidar da pessoa errada.

Disposto a mais uma vez revolucionar o ensino superior em Sergipe, Jouberto Uchôa se reuniu primeiramente com a esposa Amélia Cerqueira e os filhos, na perspectiva de se debater no meio familiar quais seriam os passos a serem definidos naquele momento. Em posse das estratégias estabelecidas, foi a vez de se reunir com os diretores pedagógicos e especialistas com maior afinidade — os quais atuavam na Faculdade Tiradentes — apenas como forma de melhorar caso fosse preciso, e carimbar o roteiro de-

finitivo a ser seguido. Para evitar contratempos com uma possível base teórica incompatível com as exigências do Conselho Federal de Educação, a instituição decidiu contratar especialistas com reconhecimento nacional para elaborar e desenvolver o projeto administrativo, pedagógico, estrutural e social a ser protocolado junto ao MEC. Entre esses técnicos estava o Dr. Carlos Antônio Monteiro. Um paulistano natural do município de Marília, o qual carregava em seu currículo uma vasta experiência nessa área. Ele foi o coordenador responsável por esta etapa de criação da Universidade Tiradentes. Através dos seus respectivos conhecimentos — muito bem pagos, frise-se — foi possível chamar a atenção do órgão federal para as perspectivas de progressão protagonizadas por uma unidade educacional localizada na menor unidade federativa do país. Durante reuniões em que participou em Brasília ao lado do Professor Uchôa, ou, vez ou outra, representando majoritariamente a FITs, foi enaltecido com dados o desejo da instituição em ampliar suas estruturas mediante a compra de novo terreno. A missão, a ser impulsionada já nas primeiras semanas pós-decreto autorizando a criação da Unit, era ampliar o número de cursos de graduação, laboratórios e salas de aulas modernas, criação de biblioteca no novo campus, espaço amplo para o estacionamento de veículos, além, claro, de impulsionar o mercado econômico mediante a contratação de centenas de professores e profissionais do setor administrativo e operacional. De imediato, assim que a instituição fosse inaugurada, ao menos 250 novos profissionais seriam contratados. Isso sem falar no grupo formado por pedreiros, auxiliares, engenheiros e seguranças que seriam contratados para trabalhar na construção do novo empreendimento. Como se não bastasse a força técnica, no campo político esse apoio seguia contabilizan-

do novas adesões. Verdade seja dita, em virtude da sua capacidade empresarial, atrelado ao carisma de sempre, o professor Uchôa conquistou a colaboração do governo do estado de Sergipe por meio da Secretaria de Educação (SE-ED), da Federação da Indústria e Comércio, da Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe (Alese), da Prefeitura de Aracaju e da Câmara Municipal de Aracaju (CMA).

O contexto em torno daquela ocasião era realmente diferenciado. No melhor estilo água e óleo, os quais os componentes não se misturam, Jouberto Uchôa conseguiu em torno daquele projeto privado unir a SEED junto ao Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Sergipe (Sintese), ao Sindicato dos Profissionais do Ensino do Município de Aracaju (Sindipema), e as demais associações de docentes em atuação em Sergipe. Essa união se fez necessária como medida direta de incluir em um grupo de estudos: professores, gestores públicos, estudantes e seus respectivos representantes. Um trabalho em conjunto visando o progresso unificado do cenário educacional em Sergipe. Na teoria os planejamentos seguiam o cronograma elaborado; o problema mesmo era que depois de 21 anos enfrentando o regime militar, censuras à cultura e imposições muitas vezes nada degustadas pelos professores, a classe trabalhadora estava carente de uma ação realmente positiva. Os educadores confiavam nas perspectivas da FITs, e passaram a defender que, caso o governo federal aceitasse as propostas do grupo Tiradentes, o mercado local se depararia com um avanço histórico jamais vivenciado pela população regional. Conforme deliberado pelo Poder Executivo Federal, ainda no primeiro semestre de 1991 uma comissão do MEC, composta por membros nomeados pelo presidente Fernando Collor de Melo, deu início ao processo de análise dos projetos com foco nas argumentações

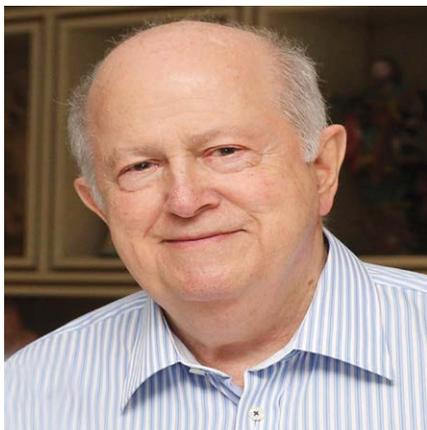
indicando ampliação da composição física das faculdades, a construção do sistema pedagógico e administrativo, além do impacto positivo que o decreto poderia proporcionar ao estado — isso inclui o progresso municipal, estadual e nacional. Carlos Antônio Monteiro sabia que as análises não resumiriam, em especial, às edificações e contrato de profissionais. Essa era a tendência normal do trâmite. Muito além desses estudos, o Conselho Federal desejava observar a qualidade dos cursos até então ofertadas por cada faculdade, a média de nota dos alunos e do nível profissional dos professores, o programa político pedagógico adotado pelas instituições, e os cursos que seriam ofertados. Possuir uma biblioteca era um ponto de extrema positividade nessa corrida pelo alvará federal. Fazendo uma breve interligação ao aspecto esportivo, diríamos que em uma partida valendo ficticiamente seis pontos, a instituição sergipana estava saindo vencedora. Paralelo à oferta de uma biblioteca repleta de livros, artigos e revistas, a Faculdades Integradas Tiradentes possuía em sua grade educacional o curso destinado a futuros bibliotecários.

Depois de tantas demonstrações de múltiplas qualidades, fica até redundante destacar que o resultado do pleito foi carregado de elogios. Muito bem elaborado, debatido e apresentado ao Ministério da Educação, o projeto foi aprovado com votos de louvor por parte da Câmara de Legislação e Normas. Em 1º de agosto de 1994, com o relato favorável do conselheiro federal Raulino Tramon-tin, o governo federal despachou oficialmente a permissão para transformar a Faculdades Integradas Tiradentes, em Universidade Tiradentes. Além de Raulino, o conselho deliberativo era composto por: Manoel Gonçalves Ferreira Filho, Ernani Bayer, Cícero Adolpho da Silva, Dalva Assunção Souto Mayor, Edson Machado de Souza, Fábio

Prado, Genaro de Oliveira, IB Gato Falcão, Jorge Nagle, José Francisco Sanhotene, José Luittgard Moura de Figueiredo, Layrton Borges Miranda Vieira, Margarida Maria do Rego Barros Pires Leal, Paulo Alcântara Gomes, e Sidney Lima Santos. No dia da votação final, ao lado de Uchôa estavam Amélia Cerqueira, o senador Lourival Baptista, o Dr. Carlos Antônio Monteiro e um grupo reduzido de coordenadores pedagógicos da ainda FITs. Com o voto favorável, a luta da comissão sergipana naquele momento era pressionar a administração — naquele momento já sob gestão do então presidente da república José Sarney, pós-impeachment de Fernando Collor de Melo, em 29 de dezembro de 1992 — para que publicasse no Diário Oficial da União a portaria que graduava a faculdade em universidade. Com o apoio do também senador Albano Franco, esse momento histórico ocorreu em 25 de agosto de 1994.



Meses antes de a Universidade Tiradentes começar a construir e entregar a primeira etapa do campus Farolândia, ainda no início dos anos 90 a instituição ocupava apenas as dependências da própria Faculdades Integradas. A partir deste momento, em menos de dez anos foram inaugurados os campos Unit Farolândia e Unit Estância.



**ALBANO DO PRADO PIMENTEL
FRANCO**

Empresário
Ex-Governador do Estado de Sergipe
Ex-Presidente da Confederação
Nacional da Indústria (CNI)

“A partir do momento em que você passa a abdicar de parte da sua vida social, seja ela familiar ou entre amigos, para se dedicar ao desenvolvimento progressista de um estado através da educação, essa pessoa merece todas as homenagens possíveis enquanto estiver aqui entre nós, como também pelos próximos séculos. Percebo que isso ocorre, e assim seguirá, como aconteceu com ilustres personalidades sergipanas a exemplo de Fausto Cardoso, Inácio Barbosa, Oviedo Teixeira, Olímpio Campos, Marcelo Déda Chagas, Augusto Franco e tantos outros. Jouberto Uchôa de Mendonça é ícone da educação fundamental, ginásial e superior; um cidadão filho iluminado de Deus que antes mesmo de me aproximar dele, me tornar amigo e cúmplice das benfeitorias por ti protagonizadas, eu já o admirava, assim como toda a sua família. Com uma educação pessoal exemplar, evidentemente herdada dos pais e avós, ele, ao lado de Amélia Cerqueira, seguiu essa metodologia humanista e ensinaram o caminho certo da vida a seus filhos e netos. O estado de Sergipe tem muito a reverenciar esse homem que revolucionou positivamente o final do milênio anterior, e assim segue com a expansão

do Grupo Tiradentes não só em nosso estado, mas também em outros cantos do país e do mundo. Em torno do planeta temos sergipanos egressos das instituições Tiradentes, levando a bandeira de Sergipe e desenvolvendo os ensinamentos que aqui aprenderam dentro de uma sala de aula e em laboratórios. Enquanto gestor público, por acreditar e confiar nos seus projetos, sempre busquei — em especial enquanto governador do estado — acolher os pedidos apresentados pela instituição; e todos deram muito certo. Como as pessoas não são perfeitas [risos], enquanto ele torce pela Associação Desportiva Confiança (ADC), eu sou ‘Gigante Rubro’, torcedor do ‘Mais Querido’, Club Sportivo Sergipe (CSS). Tudo bem, jamais deixaria de reverenciá-lo por esse simples detalhe. Uchôa, apesar das dificuldades enfrentadas nos seus primeiros 20, 30 anos de vida, soube com maestria vencer os obstáculos, sempre respeitando o próximo e erguendo a manga da camisa para trabalhar enquanto também buscava manter focado nos estudos. Um homem extremamente do bem, preocupado com o futuro dos jovens e do nosso estado. Este livro contribui muito para que possamos dar sequência às homenagens que o professor Uchôa tanto merece. Através de fotos e textos, conhecer os bastidores da sua trajetória de vida é uma honra para todos que foram diretamente ou indiretamente acolhidos por suas ações direcionadas, sobretudo, à educação e ao mercado de trabalho. Sou suspeito para falar sobre Jouberto Uchôa; na minha concepção, um dos grandes nomes da nossa terra Serigy”.

AVANÇOS MULTIPOLARIZADOS

Neste período, enquanto os procedimentos burocráticos seguiam em tramitação no Congresso Nacional, Uchôa, Amélia e os filhos se reuniram de forma reservada para mapear a geografia da capital sergipana e encontrar um local apropriado para erguer aquele que se tornaria o maior campus acadêmico do estado de Sergipe. No contexto deliberativo familiar estava orientado a buscar por um espaço que coubesse no teto financeiro da instituição, que gerasse progresso social e econômico da região, bem como apresentasse um solo plano, capaz de não gerar maiores investimentos para a construção base das estruturas físicas. Pressa não existia. A proposta mesmo era identificar o ambiente apropriado e dar sequência ao projeto evolutivo. Depois de seis meses monitorando os 43 bairros aracajuanos, com o apoio incondicional do amigo Júlio Almeida Rosa — inclusive, então aluno da Faculdade Tiradentes —, Jouberto Uchôa decidiu seguir em companhia de Amélia até o bairro Farolândia, na zona Sul de Aracaju, onde a família do empresário José Domingues Fontes — líder do comércio de ferragens — havia deixado para a família um sítio dentro dos parâmetros visualizados como ideais para o propósito educacional do Grupo Tiradentes. Bem recebidos pela viúva e por uma comissão de filhos do casal, Uchôa deu início a apresentação da proposta de compra, a qual incluía, além do repasse financeiro, uma cota de matrícula para possíveis netos e/ou bisnetos de José Domingues. A

proposta foi aceita e o acordo devidamente protocolado em cartório. Na ponta do lápis, a aquisição de um imóvel medindo 155.000 m². Como forma de comemorar a compra do espaço e o bom desenvolver das ações documentais em Brasília, o primeiro passo foi restaurar a capelinha erguida em 1840. Dentro do novo empreendimento da Família Uchôa de Mendonça, aplicar as melhorias estruturais necessárias na casa sagrada não se tratava apenas de uma medida individualista de Uchôa, mas sim, a maneira ideal que a família encontrou para agradecer pelos objetivos alcançados ao longo dos últimos 30 anos, bem como proteger o patrimônio pelas próximas décadas. Funcionando desde a inauguração do Campus Aracaju Farolândia, a capela conta com uma vasta programação cultural realizada todos os anos, inclusive nos períodos de férias dos acadêmicos e docentes. A Noite Cultural, a Trezena de Santo Antônio, Nossa Senhora Aparecida — padroeira do Brasil —, além de outras festividades em consonância com o calendário litúrgico, representam momentos importantes para os fiéis assíduos às suas atividades cristãs. No templo, alunos, professores, demais funcionários da universidade e a comunidade do Augusto Franco costumam se reunir para orações, confraternizações e acompanhar de perto o calendário religioso e cultural. Atualmente as missas são celebradas todas as segundas-feiras, às 11h, e quartas e quintas-feiras, às 17h. As reuniões com o Grupo de Oração Reaviva acontecem às quintas-feiras, após o ato religioso. Apesar das limitações impostas pelo espaço, a capelinha da Unit segue há mais de duas décadas em plena atividade conforme previsto por Uchôa em 1994.



Por tradição, a existência de uma Capela sob o domínio familiar também representa status e sinônimo de riqueza cultural e fé, requisitos determinantes nos clãs tradicionais. Na imagem, a Capelinha da Unit no período em que Jouberto Uchôa promoveu a aquisição do terreno.



JOSÉ EDNILSON

Amigo e Colaborador

Há 31 anos profissional lotado no
Setor de Contabilidade

“Será que eu tenho histórias pessoais e de testemunhos para contribuir com esta obra? Falar sobre o professor Jouberto Uchôa é falar com o coração; conheço ele e trabalho junto à sua família somente há 36 anos. Mais de 50% de sua trajetória com a instituição Tiradentes eu estou ao seu lado. A sua vida empresarial se confunde muito com o perfil humanista. Ele trata as pessoas com um zelo tão grande, que por em diversas oportunidades me deparei com ele conversando com colaboradores, perguntando se estes funcionários estavam tristes. Uchôa, quando identifica algum trabalhador com aspecto de tristeza, chega ao lado e pergunta o que houve. Se for algo relacionado à instituição ele simplesmente pergunta de qual forma pode agir para que o profissional volte a ficar satisfeito com o cargo em que exerce. É uma pessoa que faz questão de ajudar os outros. Estamos caminhando para quatro décadas, e eu jamais vi o professor destratando ninguém, muito pelo contrário, o que ele faz é levar alegria de alguma forma para a casa das pessoas... [pausa na fala] eu me emociono ao tratar desse assunto porque me faz recordar minha mãe, minha esposa e meus filhos.

É algo tão frágil, que posso garantir que será impossível esquecer das coisas boas que os professores Uchôa e Amélia me proporcionaram.

Eu nem tinha seis anos que trabalhava com eles, quando me chamaram na diretoria da faculdade, lá na rua Lagarto, e me revelaram que a instituição estava se organizando para ser transformada em universidade. Isso ocorreu em dezembro de 1990. Durante a conversa eles me informaram que por exigência do Ministério da Educação (MEC), para que eu continuasse assinando os documentos do setor contábil da empresa, era preciso que eu tivesse ensino superior. Eu não tinha dinheiro para esse investimento; deixei isso claro para eles. Meu salário era restrito para os custos que uma família de classe média-baixa possui. Entendi o pleito deles e pedi desculpas. Pois bem, Uchôa olhou nos meus olhos e disse que havia conversado com a professora Amélia e, juntos, decidiram que a Tiradentes iria custear meu ensino superior. Como o vestibular já era em janeiro, agradei a bolsa, e pedi para prestar vestibular na edição do meio do ano. De prontidão ele respondeu que não. Foi enfático na negativa e disse que seria em janeiro; que eu fosse para a biblioteca, que pegasse dica com professores, enfim, que eu me virasse. Aquele foi um dos dias mais felizes da minha vida. Naquele tempo nem todo mundo tinha condições de bancar um curso superior. Quando contei a novidade para a minha mãe, meu pai e minha esposa, todos nós choramos muito de felicidade.

Percebi que minha mãe ficou muito emocionada com a possibilidade de ver o filho dela formado. Abracei a causa, estudei bastante e quando saiu a lista de aprovados lá estava o meu nome. Durante o curso, quando as disciplinas

apertavam, eles deixavam que eu levasse para casa parte dos trabalhos da instituição. Era puxado, me dividia em dois, três, quatro, mas todos dois sempre acreditaram no meu potencial. No dia da minha formatura, vejam como são as coisas, isso aconteceu há quase 25 anos, e não me sai da lembrança: na hora de receber o diploma Uchôa se levantou, pegou o diploma da mão do paraninfo da turma e fez questão de me entregar. Seria normal ouvir parabéns, felicidades ou qualquer outro sinônimo. Mas ele disse bem assim:

— A partir de agora você é o mais novo colaborador desta instituição com o nível superior completo. Que tudo aquilo que você adquiriu nas aulas teóricas e práticas possam ser utilizadas diariamente quando vestir a camisa desta instituição a qual você está ajudando a construir. Juntos estamos trabalhando para que outras centenas de pessoas possam colar grau, assim como acontece com você hoje. Só tem mais uma coisinha: se prepare para cursar uma pós-graduação. Quem passou anos desenvolvendo uma graduação, uma pós será fichinha.

Uchôa e Amélia são assim. Eu me sinto em um nível de responsabilidade funcional, moral e ética tão grande que talvez ninguém, a não ser eu e Deus, para ter total convicção. No dia 08 de setembro de 1993, um dia de quarta-feira, não esqueço disso jamais: estava trabalhando quando o professor me chamou lá na diretoria da faculdade e pediu para que eu preparasse um cheque; na realidade, aquele era O CHEQUE. O meu colega do setor ‘contas a pagar’ estava de férias, e eu fui o responsável por preencher o talão que comprava o primeiro lote do sítio localizado na Farolândia. O preenchimento foi meu, mas a assinatura, claro, foi dele. Foi es-

se cheque que adquiriu a área onde foi erguido o bloco A, e o primeiro minishopping. Eu me sinto muito parte dessa história; assim como eu, todos os colaboradores que usam, ou já usaram o crachá da instituição, sabem que de alguma forma contribuíram para cada progresso conquistado. Não estou falando apenas de uma empresa que cumpre os direitos trabalhistas. O Grupo Tiradentes se confunde bastante com a visão humanista dos professores Jouberto Uchôa e Amélia Cerqueira. Uma instituição que oferece plano de saúde, inúmeros benefícios para se qualificar nos campos do estudo e do trabalho, e, acima de tudo, nos acolhe ao ponto de nos sentirmos literalmente em casa. A Família Uchôa é responsável direta pela mudança de rumo na minha vida, e na trajetória de milhares de outros brasileiros, sobretudo, nós, filhos do Nordeste”.



Exatamente neste local foi construída a reitoria da Unit Farolândia. Imagem registrada no início dos anos 90; para cada árvore derrubada, uma muda foi plantada no próprio terreno, onde não seria erguida nenhuma estrutura física.

ERGUENDO AS ESTRUTURAS FÍSICAS

O controle da engenharia operacional do novo campus universitário de Sergipe ficou por conta dos técnicos especialistas da Construtora Lins Borges. Uma empresa de propriedade do nobre e reconhecido engenheiro civil José Augusto Machado. Paralelo à missão de restaurar a capelinha, o primeiro passo a ser dado foi erguer o prédio do Bloco A. Logo em seguida foi a vez de edificar os blocos onde seriam realizadas as atividades técnicas e laboratoriais, salas de professores, auditórios, área desportiva, administrativa, de lazer e refeições, além do amplo estacionamento contendo 44 mil m². Um ambiente capaz de receber centenas de carros particulares e vans trazendo estudantes de vários pontos da capital, bem como de municípios do interior sergipano. Ali começava a traçar o desenvolvimento educacional de milhares de jovens brasileiros, sobretudo dos nordestinos. Além dos sergipanos em sua representativa maioria, até o cenário contemporâneo, centenas de jovens naturais dos estados da Bahia, Alagoas e Pernambuco compõem o quadro de discentes da Universidade Tiradentes. Ligando o presente ao passado, é possível observar em seu histórico a interconexão entre profissionais de todos os estados nordestinos. Enquanto o setor administrativo seguia acompanhando os trâmites burocráticos em Brasília, aguardando receber do MEC a permissão oficial para transformar a faculdade em universidade, em solo aracajuano a meta do professor Uchôa era impulsionar não somente a construção dos primeiros metros quadrados de estrutura física, como, também,

promover à comunidade — sobretudo à região do bairro Farolândia e do conjunto Augusto Franco — avanços reais na qualificação de vias públicas, melhorias na rede de saneamento básico, incentivo à construção de condomínios habitacionais, e criação de galerias. Falando-se ainda no impacto econômico, a chegada da Unit à região sul da capital sergipana gerou, e segue gerando a oportunidade de abertura de micro, médias e grandes empresas como bares, restaurantes, casas de cópias, estacionamento, postos de combustíveis, mercearias e grandes redes de supermercado. O fato é que a presença do Campus Unit Farolândia contribuiu para que uma perspectiva de futuro promissor, até então prevista pelo estado somente para a primeira década dos anos 2000, fosse positivamente adiantado ainda para os instantes finais do primeiro milênio. Por meio da portaria de nº 1.274, datada em 25 de agosto de 1994, o governo federal, por meio do Ministério da Educação e do Desporto, o professor Jouberto Uchôa recebeu a permissão para lançar a Universidade Tiradentes e mais uma vez revolucionar o mercado do ensino superior em Sergipe. Esse alvará emitido pelo poder executivo nacional se tornou possível após o Conselho Federal de Educação ter encaminhado ao então ministro Murílio de Avellar Hingel, o parecer favorável aos interesses da FITs. Essa sinalização se fez presente por meio do parecer favorável de inscrição: 735/1994. Depois de 22 anos de lançamento da faculdade, Sergipe oficialmente ganhava a primeira universidade particular de sua história.

“O movimento em busca de profissionais naturais de nosso estado e de esferas vizinhas para trabalhar na construção da nossa instituição foi grande. Engenheiros do mais alto gabarito trabalhando a todo o vapor com arquitetos, pedreiros, auxiliares e seguranças patrimo-

niais. Desde o início, quando conseguimos com todos os esforços adquirir o terreno do José Domingues Fontes, foi possível perceber e visualizar o movimento produtivo na cidade. Geramos empregos de forma direta e indireta. Confesso que não consigo apresentar com precisão a quantidade de profissionais trabalhando na área delimitada da instituição, mas posso afirmar que passava de 150. Isso contando com os especialistas que também foram contratados por nós para pavimentar ruas, parte da canal 5 e promover a urbanização da comunidade. De forma paralela não posso esquecer de indicar ainda a construção de um sistema, tipo galeria de águas pluviais. Um espaço de três metros de largura por 1,5 de altura. Essa estrutura desenvolvida logo no início dos anos 90 ajuda até hoje a evitar, por exemplo, o transbordamento da canal e o mal cheiro que ocasionalmente costumava gerar transtornos aos moradores que residiam nas imediações da canal. Esses transbordamentos costumavam ocorrer em virtude do arremesso de lixo domésticos, móveis, pneus, garrafas pets e demais objetos não apropriados para o local. Esse pensamento de avanço unificado sempre se fez presente na imaginação de nossa família. Meus pais, tios, minha esposa e nossos filhos por vida compreenderam que apenas gerando melhorias multissetoriais seria possível desenvolver a nossa instituição na mesma velocidade da cidade. Seria cruel da minha parte dizer que o que vivenciamos hoje partiu exclusivamente da minha mente, dos meus momentos ímpares de pensamento puro e exclusivo ao desenvolvimento do Grupo Tiradentes. Se chegamos ao patamar atual é porque Deus me ofertou uma família unida, que veste a camisa, reconhece o valor do próximo e trata a todos com ética, respeito e humanidade. Não menos

representativo que os meus entes, também nos deparamos com profissionais das mais diversas áreas profissionais que contribuíram diretamente na conquista de cada missão. O resultado disso tudo é que gestores públicos de todas as esferas, e a população, reconheceram nossas perspectivas e nos ajudaram a seguir tentando trazer o futuro cada vez mais para o nosso presente. Essa é a cara do nosso grupo genuinamente sergipano”.

O reservatório citado pelo Professor Uchôa é totalmente lacrado, protegido com estruturas firmes de concreto, tendo apenas uma porta que permite o acesso restrito a funcionários gabaritados para realizar os serviços de manutenção.



Jouberto Uchôa e Amélia Cerqueira acompanhando as obras do bloco A do Campus Farolândia. Diariamente o casal, em companhia dos filhos, costumavam visitar o espaço e conversar sobre o empreendimento com pedreiros e engenheiros mobilizados na obra da primeira etapa da Unit a qual durou dois anos.

Seguindo no processo natural das ações, logo após a conclusão das primeiras obras destinadas à Unit Farolândia, um conselho deliberativo sob o comando majoritário de Jouberto Uchôa e Amélia Cerqueira foi desenvolvido para selecionar o novo grupo de coordenadores pedagógicos, professores, técnicos, auxiliares administrativos e equipes de segurança patrimonial e serviços gerais. A orientação nesse seguimento contou com o apoio de especialistas da mais alta confiança, os quais já haviam trabalhado, ou, naquele momento, ainda faziam parte do quadro funcional da Faculdade Tiradentes. De início a universidade lançou seu primeiro vestibular ofertando vagas para os cursos de graduação em: Administração de Empresas, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas; Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas; Biblioteconomia; Tecnologia em Processamento de Dados; Matemática; Ciências Biológicas, Licenciatura plena e bacharelado em modalidade médica. Ainda no segundo semestre de 1994 foi inaugurada a Cidade Universitária Professor Jouberto Uchôa de Mendonça. Um ambiente que sempre esbanjou excelente acomodação destinada aos professores e estudantes. Nesse local é possível intensificar os conhecimentos técnicos e práticos atrelados à projetos de pesquisa os quais possam contribuir de alguma maneira com desenvolvimento da nação.

Visível aos olhos daqueles que torciam pelo sucesso da universidade como forma de impulsionar o desenvolvimento comercial, econômico, estudantil, cultural e social da população sergipana, o Campus Farolândia foi inaugurado ofertando o que havia de melhor em tecnologia destinado à comunidade acadêmica. Foram três anos de

atividades operacionais na obra que passaria a realizar o sonho de milhares de pessoas em acessar o ensino superior e concluir uma graduação. Trinta anos após Uchôa e seus pais terem depositado toda a confiança na criação do ginásio e faculdade Tiradentes, a Unit surgiu com a mesma perspectiva em oferecer educação de qualidade com valores e condições acessíveis para pagamento. Contando nas costas com as três décadas de conhecimentos múltiplos nos setores administrativo, operacional e financeiro do mercado da educação na menor unidade federativa do país, conforme foi destacado no início dessa obra, o professor biografado possuía ainda vasta experiência no setor produtivo industrial. Aqueles que possuem a oportunidade de dialogar com o professor rapidamente percebem que as marcas da infância seguem presentes no seu dia a dia. Dentro da própria casa, quando criança, observou projetos comerciais dos seus pais, depois de indiscutível sucesso, ter fechado as portas. Elevar em alto grau percentual os valores das mensalidades seria arriscar todo o projeto de crescimento empresarial. Contabilizar lucros sempre se fez necessário, mas apresentar preços ‘abusivos’ em virtude do crescimento estrutural da Universidade Tiradentes tratava-se de uma ação descartada no contexto idealista de Uchôa. Como se não bastasse o desejo de apresentar ao público possibilidades reais de acesso ao ensino superior, a Unit chegava para entrar no mercado competitivo e passar a recepcionar dezenas de estudantes de estados vizinhos. Conforme já era esperado, até o segundo semestre de 1997 o índice de matrículas oriundas de estudantes migrados de outros estados para Sergipe seguia tímido. Os avanços eram reais, mas com fluxo ainda em fase de experiências; testes. Sem intensificar os investimentos em comerciais e demais peças publi-

citárias fora do território sergipano, o impulso começou a ser identificado por meio de comentários propagados positivamente pelos próprios acadêmicos. A arte da popular e infalível publicidade ‘boca a boca’ fez mais uma vez a diferença. Os primeiros a desembarcarem na capital sergipana foram irmãos e primos desse grupo de jovens já estudantes da instituição. A propagação positiva da Unit passou a ser incontestável e atraente aos olhos daqueles que porventura não tinham condições financeiras em arcar com as demandas financeiras em sua terra natal.



Estrutura pronta para receber os acadêmicos. Nessa imagem é possível observar de cima toda a extensão do bloco A, e da primeira etapa do minishoping.

Por mais confuso, ou mesmo intrigante que seja, em inúmeros casos no contexto do cenário financeiro era mais viável — financeiramente falando — deixar algumas cidades interioranas dos estados de Alagoas e da Bahia, por exemplo, e mudar-se para Aracaju, em vez de se mudar para as capitais: Maceió e Salvador, respectivamente.

O conjunto financeiro destinado à moradia, matrícula, alimentação e transporte conseguia ser menor que seguir à capital de seu estado de origem. Mesmo se tratando de uma cidade planejada — a primeira do Brasil, frise-se —, Aracaju possuía pouco mais de 110 anos de fundação e viver aqui não se exigia tanto esforço financeiro dos pais e/ou responsáveis se comparado a outros estados do Nordeste. Confrontar os investimentos contábeis com instituições situadas nas regiões Sul e Sudeste estavam integralmente fora de qualquer cogitação. Vir à Sergipe era, e é, bastante atraente. O estado já apresentava boas condições; o fato é que, em meio às limitações financeiras de milhares de famílias, e ao desejo de realizar o sonho de colação de grau superiores, a Unit foi visualizada como possibilidade real, a cereja do bolo. Paralelo às competências educacionais da instituição de ensino, Jouberto Uchôa seguia trabalhando em família visando buscar novos avanços em cada curso de graduação. Foram nos momentos finais do milênio passado que o curso de Comunicação Social — com habilitação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda — ganharam o Complexo de Comunicação Social (CCS). Um espaço superior a 500 m², o qual oferecia aos estudantes a experiência de vivenciar na prática parte das situações frequentemente enfrentadas por profissionais já diplomados. Mais de 20 anos após o seu lançamento, o CCS permanece dispondo de equipamentos cada vez mais modernos, professores e técnicos com ampla experiência no mercado de trabalho, e, como se não bastasse, apontado como um dos complexos estudantis de referência nas regiões Norte e Nordeste. Além das atividades realizadas diariamente de forma presencial, departamentos contidos nessa estrutura estão dedicados com exclusividade à produção de conteúdos desti-

nados ao Ensino a Distância (EAD). [Mais pra frente desta obra literária vamos observar o quanto essa estruturação, idealizada em Sergipe pela Unit, se apresentou como ferramenta tecnológica fundamental e, em especial, durante todo o ano de 2020 e 2021. Período sombrio que ficou marcado na história da humanidade em decorrência da pandemia mundial provocada pela Covid-19 / Sars-CoV-2 coronavírus]. Ainda sobre o CCS — no que se refere aos espaços direcionados aos estudantes de jornalismo —, o local possui um estúdio de televisão onde são produzidos, gravados e editados programas de até cinco minutos desenvolvidos por estudantes matriculados a partir do sexto período, e exibidos na TV Atalaia, filiada à Rede Record. Esse complexo é apenas um reflexo de tantos outros setores profissionais que foram erguidos ao longo da história recente.



JOSÉ ALVES DANTAS

Amigo e Colaborador

Há mais de 20 Anos atuante no
Departamento de Infraestrutura
da Unit / Campus Farolândia

“Eu cheguei para trabalhar na Unit Farolândia a convite do professor Uchôa quando, de todo esse mundo acadêmico que hoje nos deparamos, existia apenas o bloco A. Para vocês terem uma ideia, tudo isso aqui era um

grande terreno e onde hoje existe o Complexo de Comunicação Social (CCS) era, na realidade, uma espécie de galpão utilizado para armazenar coisas. Me recordo com muita gratidão do dia em que o professor disse que queria conversar comigo; depois de realizar umas atividades, fui até a sala dele, e lá ele me disse que eu estaria responsável por recrutar pessoas capacitadas para transportar móveis com cuidado e armazenar nesse galpão para depois armazenar nos demais blocos que estavam em fase de construção. Esse foi um trabalho que começamos a realizar lá pela metade dos anos 1990, mas que ano a ano fomos realizando de acordo com o crescimento deste campus. Posso dizer com propriedade que eu vivenciei a evolução de cada etapa da Unit Farolândia, e o que me deixa ainda mais feliz é perceber o volume de pessoas que desde aquele momento foram contratadas com a tão desejada carteira assinada para exercer suas funções. Se vocês acham que o professor Uchôa apenas passava a demanda e desaparecia, estão muito enganados. Ele sempre foi, e é, presente nas atividades. Por todo o instante ele se preocupava em me perguntar como estavam os serviços, se estávamos precisando de alguma ajuda operacional com maquinário, equipamentos de proteção individual, caminhões, ou mais pessoas para serem contratadas.

Para ser pontual, eu comecei a desenvolver minhas funções na Unit Farolândia em 1993, vejam só vocês: estou prestes a completar 30 anos. Esse perfil funcional desenvolvido pelo professor e por toda a sua família, contribuí diretamente para que todos os funcionários vistam a camisa do grupo. Jouberto Uchôa e a professora Amélia formam aquele perfil de gestor que incentiva os seus colaboradores a crescerem juntos com a insti-

tuição. Pode perguntar a qualquer pessoa que trabalha em qualquer uma das unidades; uma das provas disso que estou falando é a média de anos de serviços prestados pelo seu quadro de funcionários. Temos inúmeros profissionais que contabilizam mais de 20 anos de casa; existe outro gigante grupo de pessoas com mais de 10... 15 anos de Unit. Todos com ampla perspectiva e desejo em continuar usando o crachá da instituição. O Professor dá exemplo a todos nós, todo santo dia. Não é incomum observar ele transitando de terno pela universidade, e, ao encontrar um papel no chão, se abaixa para pegar e depositar em uma lixeira. Ele é humilde; tem uma base simples. Por suas atitudes a gente tem a plena convicção que jamais abandonou o seu histórico de dificuldades na infância, e os aprendizados que recebeu dos pais e avós. Confesso que fico bastante emocionado em falar da Família Uchôa, todos eles. Eles fazem com que a gente se sinta alguém na vida; eles nos proporcionam inúmeras oportunidades para crescer na vida seja pelo meio da educação, como também pela oportunidade de emprego.

Quero aqui, pela eternidade, deixar registrado o meu muito obrigado aos professores Uchôa, Amélia e seus quatro filhos. Quando fui entrevistado, dias antes de começar a trabalhar nesta instituição, fui perguntado se estaria disposto a honrar meus compromissos e ajudar a conquistarmos juntos cada novo progresso. Quase 30 anos depois, posso reafirmar o compromisso que firmei lá atrás. Eu não tenho perspectiva de parar; só Deus sabe o dia exato em que chegarei ao meu limite. Enquanto isso não acontece, sigo firme cumprindo com a construção daquele mesmo sonho que iniciamos em conjunto. Peço encarecidamente a Deus que dê a toda

Família Uchôa longos dias de vida. Por duas oportunidades tive adoentado e recebi a incrível surpresa da visita dos professores em minha casa. Me emociono ao falar sobre esse assunto porque eu, assim como muitos que usam o crachá do grupo, não vemos Jouberto Uchôa e Amélia como patrões; por sua humildade e humanidade, eles são nossos ícones, a impecável figura de líderes a serem seguidos”.

GASTRONOMIA EM SERGIPE

Aos amantes da alimentação de qualidade e com cinco estrelas, o bloco do curso de Gastronomia da instituição é um verdadeiro cartão postal da universidade. Disponível na lista de graduações por meio da portaria SERES/MEC Nº 216, publicado no Diário Oficial da União em 31 de outubro de 2012, ao acessar o campus Farolândia o cidadão se depara com o bloco destinado ao conhecimento, prática e experimento gastronômico.

Até o final da primeira década desse milênio se deparando com a necessidade de trazer trabalhadores especializados em outros estados para atuar no mercado sergipano, empresários das redes de hotelaria, bares, restaurantes e buffet passaram a perceber que a Universidade Tiradentes se tornava em polo de novos talentos na área. Como se não bastasse a oportunidade para que profissionais sejam graduados, pós-graduados e passem a ocupar vagas antes destinadas apenas a chefes nascidos em outras unidades federativas, a instituição ocupa hoje o topo do ranking regional na profissionalização dessa classe trabalhadora que ajuda a fortalecer, sobretudo, a culinária sergipana e nordestina. Toda a estrutura aqui citada foi estudada, discutida e elaborada com a participação dos professores Jouberto Uchôa, Amélia Cerqueira e seus filhos. Desde a criação do Ginásio Tiradentes — e o fim das suas atividades escolares no segundo semestre de 1999 —, os procedimentos administrativos são deliberados em família. Essa é uma das fórmulas de sucesso que contribui para o progresso gradativo de cada setor, curso e projetos de expansão. Falando-se em abrangência, somente nos

primeiros 15 anos iniciais da Unit, o mercado do ensino superior em Sergipe pôde observar um aumento representativo na lista de graduações ofertadas, em 1994 eram 11 cursos; já em 2010 a instituição apresentava um leque com 32 formações profissionais. Uma evolução beirando a casa dos 300%. Sempre mantendo o ritmo qualificativo, a instituição contava nesse primeiro momento com os cursos de Administração, Arquitetura e Urbanismo, Biomedicina, Ciências Biológicas – bacharelado e licenciatura –, Ciências Contábeis, Ciências da Computação, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Designer Gráfico, Direito, Educação Física – bacharelado e licenciatura –, Enfermagem, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia Mecatrônica, Engenharia de Petróleo, Engenharia de Produção, Farmácia, Fisioterapia, Geografia – licenciatura –, História – licenciatura –, Informática – licenciatura –, Letras Inglês – licenciatura –, Letras Português – licenciatura –, Matemática – licenciatura –, Nutrição, Odontologia, Pedagogia – licenciatura –, Psicologia, Serviço Social e Sistema de Informação. Incluindo os cursos tecnológicos ainda no ano de 2009, a instituição elevava o leque de ofertas para um patamar ainda mais representativo ao agregar: Designer de Interiores, Estética e Cosmética, Gestão Financeira, Gestão Pública, Gestão de Recursos Humanos, Petróleo e Gás, Produção Multimídia, Segurança no Trabalho e Sistemas para Internet. Oferecendo um suporte mais que imprescindível na qualificação profissional de todos os acadêmicos – além, claro, da presença diária dos professores – a biblioteca, que possui um acervo superior a 160 mil itens, dentre livros, periódicos, monografias, mapas, filmes, documentários e outros materiais digitalizados, permanecia sendo um porto seguro da educação na universidade. Cenário vivenciado no início da primeira década dos anos 2000, e que segue palpável e acessível aos milhares de estudantes.

“Nós sabemos e estamos realmente sempre trabalhando o psicológico para que esse sonho de décadas permaneça realizando o sonho de milhares de pessoas que buscam na nossa instituição a possibilidade de encontrar uma área de atuação que o agrade e lhe faça trabalhar profissionalmente no futuro. Acontece que tenho uma compulsão por crescimento, já percebi isso. Moderado, ético e de respeito a todos os campos legais, mas isso é constante. Não me vejo feliz, por exemplo, ter um curso de fisioterapia, psicologia e direito, e não permitir que todo o conteúdo adquirido em sala de aula seja testado em prática em um laboratório esteja ele instalado no próprio campus ou em outro prédio fora dele. Ao longo dos anos percebemos ainda que essas atividades práticas, sempre acompanhadas por professores e demais especialistas de cada área de atuação, poderiam ajudar à população. Uma forma de abranger o conhecimento e atender ao social. Já a partir dos 65% do curso graduado, muitos começam a experimentar todas as semanas o que enfrentarão assim que se formem. Da mesma forma como sempre fiz ainda no início das atividades do Ginásio Tiradentes, eu durmo e acordo com um bloquinho de notas, caneta e lápis ao meu lado; meus filhos estão falando a verdade quando disseram que se durante o sonho profundo surgir alguma ideia positiva a ser discutida em família e posteriormente no conselho administrativo, eu me levanto rapidamente, escrevo e depois volto a dormir. Ou tento retomar o sono. Sempre foi assim e deu certo. Sou um eterno apaixonado pela educação em seu contexto universal, e uma das situações que me deixa realmente feliz da vida ao ponto de ganhar meu dia é chegar em nossa instituição e observar o movimento grande de jovens entrando e saindo dessa biblioteca. Não foi por acaso que ela foi equipada próximo

ao bloco da reitoria e do administrativo geral, para que eu possa sempre ficar te admirando. Um espaço que foi arquitetado com muito carinho e deve sempre ser explorada de forma ilimitada por todos os nossos alunos que desejam aprofundar as suas pesquisas. Cada metro quadrado das nossas estruturas foi pensado sempre no progresso educacional de Sergipe e de todos os demais estados onde o nosso grupo foi instalado. Sabemos na prática que apenas com educação de qualidade é possível construir um mundo mais evolutivo, com pessoas qualificadas e aptas para transformar sempre para melhor o futuro das próximas gerações. Assim fizemos quando compramos o sítio do empresário José Domingues Fontes no início da década de 1990, e assim segue até hoje”.



Biblioteca central do Grupo Tiradentes. São três pavimentos destinados a obras dispostos para serem explorados por estudantes de todas as áreas de graduação na Universidade Tiradentes, bem como monografias, biografias, cordel e materiais produzidos em áudio e vídeo em formato de documentários e filmes.

SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL – docentes e discentes em prol do planeta

Nem só de concreto batido é formada a Universidade Tiradentes. Se mostrando atenta ao impiedoso e devastador aquecimento global, que reflete diretamente na onda de calor que atinge, sobretudo, países tropicais como o Brasil, a instituição tem buscado desde o início dos anos 2000 ampliar as áreas verdes da unidade estudantil e de seus blocos paralelos na perspectiva de contribuir para com o processo de defesa do meio ambiente e da vida no planeta. A atenção especial adotada pela administração universitária, compartilhada com os milhares de alunos, tem como ponto base de pesquisa dados apresentados pelo Met Office, serviço meteorológico do Reino Unido, os quais indicam que no período entre 2014 e 2023 a humanidade estará diante da década mais quente em 150 anos. Mesmo com especialistas opositores defenderam que esses indicativos podem apresentar cenário conflitante com a realidade futura, as previsões do Met Office, ao menos nos sete primeiros anos desse estudo, fazem sentido. 2021 foi quente. O primeiro trimestre de 2022 também segue fortalecendo a tese do Met Office. De janeiro de 2015 à dezembro de 2020 — a temperatura média global ficou próxima ou ligeiramente acima desta marca de 1°C a mais. Cientistas da Organização das Nações Unidas (ONU) possuem dados ainda mais preocupantes. Um relatório sobre os impactos de longo prazo apresentado no segundo semestre de 2019 e início dos anos 2020 mostram que há possibilidade de aumento de temperatura de 1,5°C. O índice de

confiabilidade desses dados ultrapassa a casa dos 90%, e recebem o selo de credibilidade emitida pela Organização Meteorológica Mundial (OMM), pela National Aeronautics and Space Administration (Nasa), bem como pela Administração Oceânica e Atmosférica Nacional. Nos últimos encontros realizados pelo Grupo dos 20 (G20), formado pelos ministros de finanças e chefes dos bancos centrais das 19 maiores economias do mundo — mais a União Europeia —, acordos sobre comércio global e meio ambiente estão sendo pautados como forma de impulsionar as políticas ambientais e minimizar os efeitos negativos sentidos pela população mundial. Entre ações naturais e criminosas, somente no ano de 2019 foi possível observar um aumento de 30% no índice de devastação provocada pelo fogo na floresta Amazônica, em comparação com todo o ano de 2018. Esses dados foram compilados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), o qual observou ainda que 89.178 incêndios foram detectados por satélite entre os dias 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2019. Em termos de indicativo percentual, os sinistros alcançam a casa dos 82% de aumento se comparado com o ano de 2013. Os livros servem para apresentar às futuras gerações os fatos históricos do passado. Seguindo nessa linha, é preciso destacar que foi no ano de 2019 que o Brasil — e o mundo — se deparou com o chamado “dia do fogo”. Investigado pela Polícia Federal, a ação apresentava indícios de protagonismo criminoso, assumido por fazendeiros e grileiros que desejavam chamar atenção do governo federal através das queimadas. O presidente Jair Messias Bolsonaro, por sua vez, de forma sucessiva e oficial, sem apresentar provas, responsabilizou as Organizações Não Governamentais (ONGs) pelos incêndios no bioma amazônico. Adotando uma postura amplamente oposta, e bem

antes desse agravamento no cenário nacional, um selo firmando o compromisso da Unit para com a defesa da fauna e da flora foi desenvolvido ao mesmo tempo em que a universidade passou a realizar seminários, semanas temáticas e produção de conteúdos educativos ligados ao meio ambiente. Além da plantação de mais árvores, manutenção das já existentes e da ampliação de áreas destinadas a gramados, a instituição busca conscientizar a sociedade, em um contexto unificado, em substituir veículos poluentes por bicicletas, excluir o consumo de bebidas em copos de plástico descartáveis — substituindo por canecas e copos —, banimento do uso de canudos de plásticos, bem como evitar qualquer atitude a qual possa gerar riscos de incêndio em matas.

O resultado positivo de todo esse trabalho educativo, assim como em outras oportunidades, pôde ser visto com representatividade entre os dias 28 de setembro de 2019 e 05 de janeiro de 2020. Uma mobilização estudantil, que contou com a participação de professores fora de qualquer horário de expediente trabalhista ou acadêmica foi realizada depois que toneladas de petróleo cru começaram a chegar à costa sergipana. A tragédia ambiental, apontada por dezenas de órgãos regionais e nacionais como a mais representativa da história do país, atingiu todas as praias do estado de Sergipe, e mais três rios — São Francisco, Vaza Barris e Poxim. Diante do cenário de intoxicação a banhistas e sucessivas mortes causadas à vida marinha, estudantes e professores se reuniram para criar um calendário voluntário a fim de remover das faixas de areia a maior quantidade possível do produto oleoso. Ao obter conhecimento da ação, bem como disposta a colaborar com a ação humana dos acadêmicos, a instituição ofertou kits contendo equipamentos de proteção individual como:

máscaras, luvas e botas, os quais foram compartilhados com os grupos que se dividiam em dias e áreas de atuação. A concentração dessas atividades ocorreu entre as praias da região norte, na altura do município de Pirambu, até a zona sul, entre as praias da Caueira, em Itaporanga d’Ajuda, e Abaís e Saco, na cidade de Estância. Coincidentemente, ou não, a relação de apoio e preservação do meio ambiente por parte de Jouberto Uchôa de Mendonça vem de berço. Nascido em 17 de setembro, o nobre sergipano biografado faz aniversário apenas quatro dias antes do Dia Mundial da Árvore, ou da Floresta. Quando ainda residia em Girau do Ponciano com os avós, aprendeu a defender a vida ambiental e sempre buscar multiplicar a plantação de árvores, de preferência, as frutíferas. Um conhecimento de educação ambiental recebido na infância, o qual buscou compartilhar com os respectivos filhos, netos, sobrinhos, professores e alunos matriculados em uma das unidades pertencentes ao Grupo Tiradentes.

“A minha infância foi marcada desde o amor e respeito para com o próximo, como também de conhecimento cultural, desportivo e educacional. Uma educação muito diferente do que alguns ainda pensam. Não fica restrito apenas ao conteúdo apresentado pelos mestres professores como matemática, história e religião, por exemplo, mas sim a uma educação generalizada; uma educação de mundo. Isso passa também pela missão que todos nós possuímos em defender as florestas, a vida marinha, as aves, enfim, a natureza. É o mínimo que podemos retribuir a quem tanto nos atribui. Fiquei, confesso, muito feliz e emocionado ao saber que jovens de várias idades, professores e demais funcionários da nossa Tiradentes se uniram e foram às praias para ajudar na limpeza depois que aquelas camadas de óleo chegaram em nossa região. Foi mais uma demonstração de

que estamos percorrendo o caminho correto; uma via única de respeito e defesa para com o nosso maior patrimônio que é a vida. Reconheço que essa ação pessoal desses seres humanos conscientes não partiu de uma educação restrita à Universidade Tiradentes, mas, em especial, da base familiar de cada um deles. Estamos nessa missão para ser uma extensão da boa educação e visão de futuro adquirida ainda no seio íntimo familiar de cada jovem que fez, faz e/ou fará parte do nosso elenco de estudantes. Sabemos que o planeta precisa demais de ações como essas para tentar reverter o quadro negativo que estamos enfrentando ao longo das últimas décadas, mas estamos fazendo a nossa parte e assim nos manteremos: unidos em defesa da natureza e da qualidade de vida universal.”



Em 22 de abril de 2015, Jouberto Uchôa, acompanhado da esposa e dos quatro filhos, realizou o plantio de árvores em homenagem ao Dia da Terra. Uma ação de interesse coletivo [pessoal, familiar e empresarial] como forma de impulsionar a valorização da natureza, bem como incentivo para que colaboradores e acadêmicos também desenvolvam atividades voltadas à preservação do Meio Ambiente.



ANDERSON REGO SIQUEIRA

Amigo

Egresso da Faculdades

Integradas Tiradentes

Colaborador atuante no

Departamento Financeiro do

Grupo Tiradentes

“Se for botar na ponta do lápis, eu conheço o professor Jouberto Uchôa de Mendonça há mais de três décadas, e há exatos 35 anos eu faço parte do seu grupo de funcionários. Ele sempre foi um homem gentil. Certa vez, isso lá pelos idos de 1980, estava trabalhando no meu antigo local de serviço quando me deparei com ele e com aquele jeito fraterno de sempre me fez a seguinte pergunta:

— *Meu filho você está estudando? Vejo que você possui um potencial incrível e pode cultivar esse seu dom. Tenho uma proposta para você; vamos conversar para que eu possa lhe apresentar umas possibilidades de crescimento intelectual e profissional.*

Eu disse que tinha feito vestibular, mas não tinha dado seguimento. Ele olhou firme para mim, que nem um pai faz com um filho e um neto, e disse que queria me ver no próximo processo de seleção estudantil que aconteceria pouco tempo depois daquele encontro. Aquilo ficou na minha mente, e decidi prestar vestibular mais uma vez. Ali começou a fundo a minha relação mais próxima com a família Uchôa. Me inscrevi, passei, e durante o desenvolver do curso de Ciências Contábeis sempre me deparava

com ele. Me chama a atenção, também, as inúmeras vezes que ele vinha até mim, e aos meus colegas de classe, para conversar e questionar se tudo estava seguindo dentro dos conformes. Era uma preocupação unilateral; ele queria saber de absolutamente tudo! Se as salas estavam limpas, se os professores chegavam no horário certo, se nossas demandas na coordenação eram atendidas, se o departamento administrativo atendia a gente bem, ou se a gente se sentia seguro. Falando como acadêmico, a gente se sentia muito acolhido pela instituição, como também extremamente confortável para apresentar alguma queixa, sugestão ou elogio. Certamente aqui alguém já deu um testemunho neste sentido. Eu achava isso o máximo porque caía por terra todo aquele estereótipo de diretor intocável, sabe? O jeito simples dele lidar com todas as pessoas provocava certa surpresa positiva.

Talvez ele nem se lembre dessa passagem, mas certa vez, em um dia de chuva intensa, eu estava saindo da faculdade por volta das 21h, quando me deparei com o professor Uchôa com a camisa de manga comprida arregaçada acima do cotovelo, segurando uma barra de ferro tentando desentupir um cano. Dentro e fora da instituição, ele mostra ser um ser humano simples, que conseguiu com muita luta e perseverança construir o Grupo Tiradentes com toda a sua representatividade estrutural, mas que jamais foi capaz de destratar seus funcionários, ou qualquer que seja o trabalhador terceirizado. Não há registro, ao menos eu não tenho conhecimento, de nenhuma ocasião envolvendo ignorância, prepotência ou falta de senso humanista por parte do professor Uchôa. Sabe aqueles eventos de confraternização em final de ano que as empresas costumavam fazer até pouco tempo antes da pandemia [provocada pelo coronavírus]? Já

como funcionário, cansei de ver Uchôa e a professora Amélia enfrentando a fila da alimentação junto com os colaboradores. Muita gente ainda tentava orientar eles a furarem a fila, dando prioridade absoluta aos anfitriões, mas eles prontamente rejeitavam. Aproveitavam aquela oportunidade para conversar um pouco mais com os funcionários que estavam ao seu lado na fila. Eram em momentos como esses que novas ideias eram apresentadas, e, em curto ou médio prazo, a depender da sugestão, a instituição botava em prática. O melhor disso tudo? No ato da concretização desses fatos ele sempre buscou reconhecer de forma pública de qual funcionário aquela ideia havia sido surgida. São posturas como essas que fazem com que seus colaboradores permaneçam vestindo a camisa da empresa.

Ainda dentro desse contexto de atividades sociais entre os funcionários, nós tínhamos campeonatos internos de futebol entre times formados pelos setores da Tiradentes; por exemplo: profissionais da contabilidade contra servidores da segurança; trabalhadores da limpeza contra professores do curso 'A'. Por inúmeras vezes quem assumia o apito [árbitro] era ele. Eu me divirto com essas lembranças porque no início das partidas, quando algum atleta ou técnico tinha qualquer crítica às decisões do 'Uchôa juiz de futebol' as pessoas costumavam segurar a onda; já no final o cenário não era o mesmo; o pessoal protestava, mas nunca Jouberto Uchôa usou da sua autonomia como dono da empresa para reprimir. Ambiente futebolístico, ele sempre soube lidar muito bem. Lembra quando eu relatei que o professor Uchôa falou duro comigo, me incentivando a estudar, como se fosse um pai? Pois bem, no ano de 2017 tive um problema na vista e precisei passar por um procedimen-

to especializado. Estava em casa, respeitando o repouso que os médicos passaram, quando o interfone tocou e o porteiro disse que os professores Uchôa e Amélia estavam na portaria para me visitar. Eles são maravilhosos, é de uma atenção sem precedentes. A família inteira é marcada pelo amor e atenção para com o próximo. Muito me emociona falar sobre o casal, seus quatro filhos, e Dona Nena, irmã da professora Amélia. Todos eles com um coração maior que essa universidade inteira”.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA, HUMANA E PARA TODOS

Olhar para o amanhã, pleiteando inclusão, vida qualificada e direitos unificados, depende exclusivamente das medidas as quais podem, e devem, ser adotadas no hoje, agora, nesse exato momento da leitura. Assim como ocorre com a defesa e valorização do meio ambiente, o Grupo Tiradentes desde o início dos anos 1960 tem pluralizado as ações funcionais que permitem estudantes e professores portadores de alguma necessidade especial, as condições reais para adquirir conhecimento. Esse conjunto de ações, promovido em amplo nível de respeito ao programa de Acessibilidade na Educação Superior criado pelo Ministério da Educação, parte desde a disponibilidade de dezenas de rampas e vagas de automóveis destinadas à cadeirantes, além do piso tátil destinado a deficientes visuais, professores gabaritados, e equipamentos modernos que minimizam as dificuldades deparadas pelos estudantes especiais. Todas essas medidas são conferidas ainda na etapa inicial do projeto e durante a execução das obras, e/ou reformas, para que nenhum equívoco operacional possa gerar aos assistidos qualquer tipo de obstáculo. Por possuir consciência naquilo que envolve acessibilidade mundial, Jouberto Uchôa é apontado pelos próprios funcionários da Universidade Tiradentes como um insistente observador do acolhimento destinado ao público especial. Paralelo aos serviços inclusivos à cidadãos com algum tipo de dificuldade motora, a instituição também se preocupa em conceder melhor amparo social a idosos, gestantes e lactantes. Mesmo diante dos avanços já contabi-

lizados ao longo das últimas três décadas em torno desse assunto, desde setembro do ano de 2019 o Grupo Tiradentes tem realizado plenárias, seminários e congressos de acessibilidade os quais discutem a multiplicação de políticas públicas, metodologias, tecnologias assistidas e a inclusão de alunos na rede regular de ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Organizado pelo Núcleo de Apoio Pedagógico e Psicossocial (NAPPS), entre os temas comumente debatidos estão: os desafios dos intérpretes de Libras, transtorno do espectro autista altas habilidades/superdotação, e ideação suicida. Minicursos com 30 horas complementares também são realizados com a participação de egressos capazes de servirem de inspiração. Entre os convidados especiais a participar do primeiro congresso, por exemplo, foi o aracajuano Lucas Aribé. Deficiente visual desde a infância, no início dos anos 2000 Lucas foi graduado em Comunicação Social, com habilidade em Jornalismo. Popular por sempre defender a bandeira da melhoria na acessibilidade em todos os ambientes públicos e particulares, em 2012 pela primeira vez foi eleito vereador por Aracaju, e reeleito em 2016; em 2020 não conseguiu repetir o sucesso nas urnas. Seu tempo ainda é dividido entre a dedicação à música, às atividades da Igreja Católica e aos debates de interesse coletivo.

Em depoimento emocionado concedido pelo egresso da Universidade Tiradentes a esta biografia, Lucas Aribé revelou que possui uma graduação em virtude das condições de acesso ao estudo as quais foram diariamente disponibilizadas pela instituição particular. Referindo-se ao professor Jouberto Uchôa como um dos principais mentores da educação regional, e um dos ícones do campo empreendedor de Sergipe, o jornalista esclarece que, apesar das limitações impostas pela deficiência visual,

e, conseqüentemente, motora, recebeu o devido amparo educacional por parte de coordenadores pedagógicos, professores e colegas de turma, além das facilidades assistenciais que ocorriam desde a possibilidade de estacionar em vagas mais próximas do bloco em que estudava, até a disponibilidade de livros em braile e aplicativos com sistema IOF e Android que possibilitavam melhorias constantes na leitura e escrita dentro da maior biblioteca particular do estado de Sergipe. Sem deixar de lembrar a importância dos respectivos parentes mais próximos na conquista da graduação superior, ele enaltece que durante quatro anos a Universidade Tiradentes foi apontada como uma extensão do seio familiar. A escolha pela instituição inaugurada em 1994, menos de uma década antes de Lucas concluir o ensino médio e acessar o curso de jornalismo, ocorreu devido os atributos apresentados aos estudantes portadores de algum tipo de necessidade especial.

“No início, eu, em especial, cheguei cheio de dúvidas de como seria essa minha passagem pela universidade. Antes de me matricular no vestibular e concorrer a uma das vagas disponíveis naquele pleito universitário, minha mãe já tinha ido à instituição, conversado com alguns funcionários administrativos e professores para conhecer de perto as estruturas. Isso sem falar no olhar clínico que somente uma mãe possui. Analisou todos os pontos possíveis, e depois me ajudou a realizar um sonho que sempre foi conquistar uma graduação. Depois de ter sido aprovado no vestibular, já na minha primeira semana de aula percebi que a instituição estava amplamente apta a me conceder os suportes necessários para me ajudar nessa graduação. Me recordo com precisão dos fatos que ao longo dos anos, especialmente durante palestras e seminários, quando obtive a possibilidade em ser apresentado ao professor Uchôa,

ele me cumprimentou com respeito, de forma acolhedora e harmoniosa. A cada novo encontro, sempre uma palavra de incentivo e garantia de nos oferecer o melhor. E digo mais, não era somente comigo; percebia que todo esse posicionamento era dedicado aos demais estudantes, tenham eles algum tipo de necessidade ou não. Sem querer minimizar críticas por se tratar de uma biografia destinada a este ilustre sergipano que doa a vida pela qualificação educacional de milhares de estudantes, eu nunca, jamais, me senti afastado, jogado de escanteio em qualquer que fosse a atividade teórica ou prática. Como muitos me acompanham ao longo dos últimos dois mandatos como vereador por Aracaju, luto por melhoria na acessibilidade e inclusão unificada em nossa capital, e, na Universidade Tiradentes, nunca me deparei com nenhum obstáculo que resultasse na minha exclusão de atividades. Acho que já deu para o leitor observar que eu sou meio que suspeito para falar sobre a importância de Jouberto Uchôa de Mendonça na minha vida, e na vida de tantos outros jovens os quais passaram, passam, ou passarão pelo ensino superior oferecido não somente pela Universidade Tiradentes, mas também por todo o seu grupo educacional e assistencial. Não é por acaso que o Grupo Tiradentes vem recebendo com frequência do Ministério da Educação, sucessivas notas 5 (cinco), a mais alta aplicada pelo Conselho Nacional de Educação. Uchôa não é apenas um professor, ele é um exemplo íntegro a ser seguido por aqueles que desejam transformar esse mundo em um local de moradia mais humana, igualitária e progressivamente educativa. A educação, cultura e cidadania são os pilares do crescimento multicultural e social; os nossos professores Uchôa e Amélia, juntos, já construíram um legado incrível que jamais a história de Sergipe deixará ser esquecido.”



Além das vagas reservadas a portadores de necessidade no estacionamento construído anexo à cidade universitária, nas imediações de cada bloco de salas de aulas, laboratórios, biblioteca ou prédios dedicados ao setor administrativo, existem dezenas de espaços amplos destinados aos veículos especiais. Respeitando as normas nacionais de acessibilidade, esses ambientes possuem pinturas e placas enaltecendo a disponibilidade exclusiva aos cidadãos de direito reservado.

Atualmente, conforme destacado pela instituição, somente na Unit Sergipe há mais de 38 mil alunos, distribuídos em mais de 60 graduações, somando as presenciais e a distância; 20 cursos de especialização; 10 MBAs e seis programas de pós-graduação *Stricto sensu* (cinco mestrados e cinco doutorados), sendo quatro deles com nota 5 (três mestrados/doutorados e um doutorado em rede — Renorbio) e apenas um com nota 4, atribuídos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Um desses programas é o doutorado da Rede Nordeste de Biotecnologia (Renorbio), do qual a Unit é a única instituição de ensino superior particular nucleadora. Em 2015, a Unit participou de uma das nove combinações de universi-

dades contempladas pelo programa *100,000 Strong in the Americas Innovation Fund* para intercâmbio estudantil patrocinado pela ExxonMobil. Um ano antes, em 2014, já havia sido apresentada no Guia de Excelência da Universidade de Cambridge como referência de qualidade na educação. Todas essas iniciativas voltadas à internacionalização da educação superior aceleraram a instalação do Tiradentes Institute, centro de estudos em parceria com a Universidade de Massachusetts, em Boston, considerado por críticos mundiais como sendo um celeiro de ensino superior do planeta. A inauguração aconteceu em dezembro de 2017, fortalecendo a missão da instituição em formar cidadãos capazes de contribuir para o desenvolvimento do mundo globalizado. Dados reais, atualizados, e que se coincidem positivamente com a realidade já vivenciada no início dos anos 2000, conforme relatos de Lucas Aribé. Esses indicativos capazes de reforçar o nível de qualidade contínua da universidade são realizados anualmente pelo governo federal, por meio do MEC. Paralelo à experiência de cada professor, das salas de aulas, laboratórios, biblioteca e aspectos sociais, como, por exemplo, a valorização ao meio ambiente, inclusão social e apoio às características regionais do seu povo, a apresentação de desejo em continuar buscando aperfeiçoar cada setor também é analisado pelos fiscais federais. Entre os destaques desta última década está o curso de medicina. Um desejo antigo por parte da população sergipana, o qual impulsionou o professor Uchôa a trabalhar incansavelmente até a conquista do aval protocolado pelo Ministério da Educação. Se nos anos 80 a então Faculdade Tiradentes já havia revolucionado com a criação do curso de Odontologia — primeiro da área de saúde —, a partir de 2010 esse avanço foi ainda mais representativo.

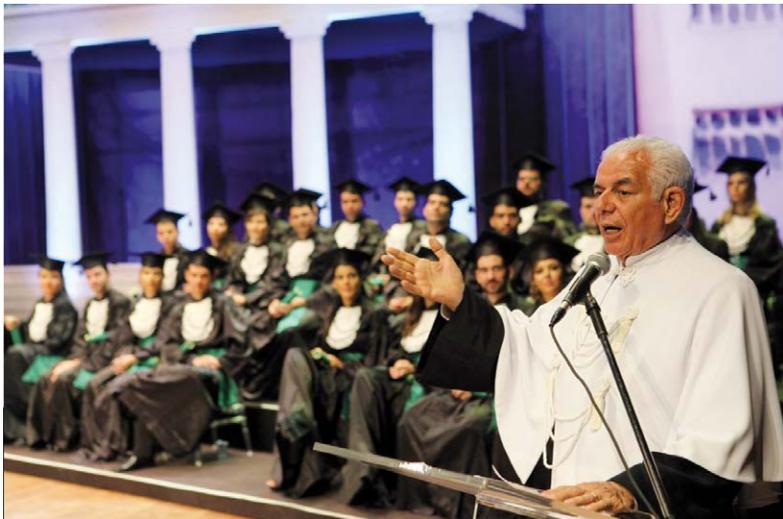
MEDICINA: um curso em prol da vida

No subconsciente dos produtores de legados não basta atingir as metas e estacionar. Aqueles que desejam seguir avançando e conquistando novos horizontes sentem-se impulsionados pela instiga sadia em utilizar-se de um papel, juntamente com um lápis anexado a uma borracha na extremidade, e desenhar seus novos planos. Desde 17 de setembro de 1936, Jouberto Uchôa cultiva esse sentimento. Onze anos após inaugurar a Universidade Tiradentes, em 2005, o professor biografado voltou a reunir a família para discutir a possibilidade em dar início ao processo de requerimento para implantação do curso de medicina. Em dezembro daquele mesmo ano o projeto foi oficialmente protocolado junto ao Ministério da Educação por intermédio da Secretaria de Educação de Ensino Superior (SESU). Com uma estrutura administrativa ainda mais eficaz se comparado às décadas de 1980 e 1990, a instituição desenvolveu um programa tendo como ponto de partida as exigências presentes nas Diretrizes Nacionais do Curso de Graduação em Medicina. Uma espécie de cartilha básica para quem possui instituições de ensino superior e deseja reivindicar o curso em sua respectiva grade. Dentro do cronograma técnico básico era preciso, por exemplo, dispor de um médico com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva; capacitado a atuar, pautado em princípios éticos no processo de saúde-doença em diferentes níveis de atuação. Todo esse conjunto de exigências com ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação à saúde na perspectiva da integralida-

de da assistência, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania como promotor da saúde integral do ser humano. Por compreender a necessidade em buscar inovações de mercado e contribuir diretamente com o avanço dos estudos na área, de medicina, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Unit foi baseada na metodologia *Problem Based Learning* (PBL), em português: Aprendizagem Baseado em Problemas. Contando com um esforço inigualável ao passado recente, a instituição apresentava como proposta infalível a contratação de profissionais altamente gabaritados e de reconhecimento técnico social, bem como a construção de um bloco de três andares com salas de aulas, laboratórios (morfofuncional e habilidades) e centros especializados de estudos direcionados aos acadêmicos de medicina. Além desses espaços o ambiente possuía a perspectiva de, em curto prazo, erguer salas dos professores, auditórios, biblioteca setorial e departamentos inovadores onde se realizariam capacitações constantes dos docentes convidados a educar os futuros profissionais. Diante de todo esse aparato teórico e prático estrutural, no dia 27 de novembro de 2008 a Comissão Técnica de Acompanhamento e Avaliação (CTAA), reconheceu com excelência o compromisso da Unit diante do futuro novo curso de graduação.

Aos olhos de Uchôa, Amélia Cerqueira, filhos e profissionais da Tiradentes que trabalhavam periodicamente para alcançar o alvará federal, essa nota máxima concedida pela comissão servia de presente natalino antecipado. Assim como ocorreu em 1994, quando a Faculdades Integradas deu espaço para a Universidade Tiradentes, 2009 também foi um ano histórico. Em rápida retrospectiva é possível citar a morte do ídolo pop mundial Michael Jackson, a trágica queda do avião da Air France — que resul-

tou na morte de 228 pessoas após decolar do Aeroporto Tom Jobim, no Rio de Janeiro — e o surgimento da gripe suína. No âmbito esportivo, o Rio de Janeiro ganhou o direito de sediar Olimpíada de 2016, enquanto o Flamengo conquistava o hexacampeonato brasileiro. Menos de quatro meses após ser considerado cinco estrelas pelo CTAA, em 19 de março — dois dias após a capital sergipana comemorar os seus 154 anos —, o pleno do Conselho Nacional de Saúde, por recomendação direta da Comissão Intersectorial de Recursos Humanos (CIRH), julgou e aprovou como satisfatório o pedido de autorização do curso de Medicina por parte da Universidade Tiradentes. Vencendo as etapas burocráticas constantes na legislação brasileira, já no dia 28 de outubro, uma quarta-feira, a Coordenadoria Geral de Regulação e a Diretoria de Regulação e Supervisão de Ensino Superior votaram a favor da autorização. Diante das manifestações positivas apresentadas oficialmente pelos grupos ligados ao SESU, o governo federal, ainda sob o último mandato do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, oficializou, por intermédio do Ministério da Educação, a aprovação do curso de Medicina para a Unit. Essa permissão, com Portaria de nº 1.602, foi devidamente instituída em publicação realizada no Diário Oficial da União em 06 de novembro de 2009, jornal de nº 213-9/11, seção 1, página 66. Sem tempo hábil para seguir com as comemorações pela aprovação federal, porém, com as estruturas físicas e administrativas prontas para dar start à primeira turma, o setor técnico da instituição deu início ao processo de organização seletivo, e logo nos dias 20 e 21 de janeiro de 2010 realizou o primeiro vestibular para o curso superior. Conforme previsto em edital, os 50 candidatos com melhor pontuação conquistaram as vagas disponíveis.



Contando com a presença dos professores Jouberto Uchôa de Mendonça e Amélia Maria Cerqueira Uchôa, a primeira turma de medicina colou grau no dia 18 de dezembro de 2015 com 28 mulheres e 24 homens. Como forma de agradecer a toda a parceria familiar e empresarial concedida por sua esposa, Jouberto Uchôa solicitou encarecidamente que o nome da turma fosse denominado: “Amélia Maria Cerqueira Uchôa”. A aprovação dos docentes foi unânime.

Na seleção dos primeiros professores convidados a fazer parte dessa história estão: Ana Célia G. Melo Soares, Bruno Campelo Leal, Déborah Mônica Machado Pimentel, Francielle Temer de Oliveira, João Carlos Todt Neto, João Fernandes Brito Aragão, José Aderval Aragão, José Arnaldo Vasconcelos Pereira, José Jeová de Oliveira Filho, Luciana Valente Borges, Marcos Antônio Almeida Santos, Maria da Pureza Ramos Santa Rosa, Maria Inês B. Bocardí, Maria Luzivânia de Jesus Borges, Marieta C. Gonçalves, Nadja Faro Batinga Dória, Ricardo Azevedo Barreto, Sônia Oliveira Lima, Soraya Dantas de Moraes, Thiago Oliveira Ferrão, Valdinho Aragão de Melo, Valéria Maria Prado Barreto, e Walter Marcelo Oliveira Carvalho. No processo de escolha dos docentes foram convidados

a participar da comissão administrativa membros do Conselho Regional de Medicina (CRM) e gestores da Sociedade Médica de Sergipe (Somese). Entre esses profissionais estavam: Dr. Roberto Gurgel, Dr. José Arnaldo Palmeira, Dr. José Ederval Aragão, Dr.^a Salviana Carla Palmeira e a Dr.^a Débora Pimentel, a qual acabou aceitando um posterior convite para também fazer parte da primeira lista de docentes de medicina da instituição. A missão única nesse momento era selecionar nomes de profissionais que em caráter imediato aceitassem a proposta em diminuir a presença nos respectivos consultórios médicos, e passassem a ocupar as salas de aula. Entre as medidas iniciais adotadas pela instituição está a aquisição de 500 mil blocos de conteúdos históricos, os quais disponibilizavam, por exemplo, lâminas contendo fragmentos de tecidos e órgãos humanos incluídos em parafina que foram preparados com exclusividade para estudo pelo ícone da medicina sergipana, o Dr. e pesquisador Nestor Piva. Anexado a esse material alvo de pesquisas durante décadas, existiam — e assim seguem — os laudos anatomopatológicos correspondentes a esses objetos de análise. Esse conjunto de ações técnicas coordenadas por Uchôa contribuiu para que mais de 90% dos convites fossem aceitos pelos nomes inicialmente incluídos na lista de professores.

“Nós não temos cursos como ‘a menina dos nossos olhos’. Todos são importantes em nossa história, possuem a sua contribuição social que está presente em nossa missão, e bem assim acontece com medicina. Acontece que se trata de um curso diferenciado no sentido do pedido popular. Não apenas eu, como reitor, mas também minha esposa, meus filhos e assessores mais próximos, por anos fomos abordados e perguntados o porquê de a Universidade Tiradentes ainda naquele momento não dispor

desse curso. Apenas disponível na Universidade Federal de Sergipe, dezenas de pessoas nos pediam que medicina fosse incluída na nossa grade de cursos de graduação. Percebemos que o índice desses pedidos era extenso e decidi, mais uma vez em família, discutir os rumos a serem adotados para atender a essa demanda. 2004 foi um período de debates internos, já no ano seguinte partimos para a criação do projeto. Um conteúdo teórico que ultrapassava os pedidos básicos do Ministério da Educação. Para disponibilizar um cenário diferenciado desse curso em Sergipe, sabíamos que era de extrema importância investir sobretudo em estrutura física, condições de estudo e trabalho, laboratórios impecáveis e professores do mais alto gabarito profissional e educacional. Assim fizemos e apresentamos ao governo federal. Dentro do campus Farolândia iniciamos a construção de um novo bloco para polarizar os estudos na área da saúde. Um ambiente moderno onde se pode trabalhar as áreas teóricas e práticas com o mais exemplar sistema educacional possível. Devido à coerência dos dados, das perspectivas, bem como do histórico acadêmico administrativo, felizmente em 2009 conquistamos, juntos, esse alvará e nada mais justo do que a primeira turma receber o nome da professora Amélia. Uma pessoa que chegou em minha vida para somar, me deu filhos maravilhosos e veste a camisa da nossa instituição desde a década de 60 quando ainda trabalhávamos para consolidar as ações do Ginásio Tiradentes”.

Com dez anos de atuação no mercado estudantil superior de Sergipe, vale reconhecer que diante do alto e consecutivo investimento semestral, o curso de medicina naturalmente permanece sendo o de maior investimento financeiro por parte dos acadêmicos. Mesmo com valores diferenciados, em comparação com outros cursos da área

de saúde, a cada nova edição do vestibular da Unit é possível identificar que medicina é o curso proporcionalmente — para com o número de vagas disponíveis — o mais concorrido da instituição. Para se ter ideia desta seleção, no pleito de 2018 foram inscritos 966 candidatos; destes, 70 foram aprovados e 896 ficaram excedentes. Em decorrência da alta disputa por uma dessas vagas, em janeiro de 2019 a coordenação do curso decidiu ampliar para 80 o número de aprovados no vestibular 2019/01. Já na edição especial para medicina, com atuação em todos os campi administrados pelo Grupo Tiradentes, o vestibular comemorativo aos 10 anos desse seguimento educacional contou com 1.407 candidatos, dos quais 240 obtiveram êxito, e 1.167 ficaram excedentes. A aplicação dessas provas foi realizada nos dois primeiros dias de dezembro de 2019, quando, além do tradicional exame de redação, os candidatos enfrentaram 50 questões definidas da seguinte forma: 20 perguntas de múltipla escolha sobre a Língua Portuguesa, 15 dedicadas à Língua Estrangeira, e mais 15 de Matemática. No segundo e último dia de provas foram 70 questões, sendo 10 sobre Geografia, 10 de História, 15 sobre Física, mais 15 destinado à Química, e outras 20 de Biologia. Apresentando um nível de avaliação semelhante desde o primeiro ano de atuação no mercado universitário, o curso de medicina do Grupo Tiradentes possui avaliação máxima [5], apresentado pelo governo federal, por intermédio de análises rigorosas realizadas frequentemente por uma comissão nacional formada por técnicos ligados ao Ministério da Educação.

“Nada nesse nosso meio de administração da universidade me deixa tão feliz, e de paz com a consciência e a alma, do que saber que nossos cursos, seja ele qual for, segue melhorando na pontuação avaliativa do MEC, ou

mesmo mantendo a nota máxima conquistada na análise técnica anterior. O curso de medicina é justamente um desses casos de sucesso. Começamos com 50 vagas e uma estrutura realmente exemplar, e nesses dez anos que passaram muito rápido fomos aperfeiçoando ao ponto de nos deparar com a necessidade de ampliar o número de vagas. Além da avaliação positiva do governo, o que nos leva a acreditar no exemplar bom desenvolvimento teórico e prático do curso é perceber que a concorrência também segue crescendo. A Família Uchôa se sente honrada com essa confiança depositada junto à Tiradentes, e posso garantir que tudo isso serve de pressão interna para que possamos continuar trabalhando de forma intensificada não apenas para manter esse retorno assertivo, mas para seguir avançando gradativamente assim como acontece com os estudos da medicina no mundo. Os desafios são grandes a cada momento e sabemos o quanto precisamos preparar esses jovens para a luta diária, a qual muitas vezes envolve situações que jamais puderam imaginar”.

Esse depoimento prestado pelo professor Uchôa foi registrado no início do segundo semestre de 2019. Evidentemente sem prever a onda negativa, triste e avassaladora que em poucos meses passaria a atingir em cheio milhões de famílias em torno do planeta, Jouberto Uchôa já se mostrava preocupado com as surpresas nada agradáveis que a vida não se intimida em nos golpear. Sim, um golpe. Duro, impiedoso e que não apenas intriga a medicina, mas também a ciência. Por mais que ambas estejam avançadas, alcançando resultados cada vez mais positivos e em menor período se comparado às décadas anteriores, os desafios citados pelo professor biografado surgem sem ao menos apresentar indicativos prévios. Com o curso de Medicina prestes a completar 10 anos de criação na Uni-

versidade Tiradentes, todas as atividades alusivas a este marco histórico na educação superior de Sergipe precisaram inicialmente ser suspensas, e, em seguida, canceladas em definitivo. Apresentando um forte poder de destruição no sistema respiratório dos seres humanos, em 1º de dezembro de 2019 o novo coronavírus (Sars-Cov-2) foi identificado pela primeira vez na cidade de Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China. O primeiro caso foi reportado oficialmente à Organização Mundial da Saúde (OMS) apenas em 31 de dezembro do mesmo ano. Ao menos até o mês de outubro de 2020, pesquisadores de vários países acreditavam que a Covid-19 tenha sido originada da zoonótica, uma vez que os primeiros casos confirmados tinham principalmente ligações ao mercado atacadista de frutos do mar de Huanan, que também vendia animais vivos. Apesar dos sinais de alertas emitidos cada vez mais incisivos por equipes médicas do continente asiático, o grau de gravidade até a segunda quinzena de janeiro de 2020 seguia em segundo, terceiro ou quarto plano no ranking de preocupação por parte de bilhões de pessoas. Enquanto os casos se multiplicavam em frações de segundos e passavam a infectar milhares de habitantes do continente europeu [em especial nos países: Itália, Espanha e França], no Brasil o primeiro caso foi oficializado apenas no dia 26 de fevereiro, em plena quarta-feira de cinzas, pós-carnaval. A OMS, por sua vez, reconheceu o impacto pandêmico da doença em 10 de março. Justamente nas duas semanas envolvendo o primeiro caso da doença no Brasil, e a data de reconhecimento da pandemia, a Organização de Saúde observou que o número de casos da Covid-19 fora da China havia aumentado 13 vezes, e a quantidade de países afetados havia triplicado. Naquele instante, eram contabilizadas 118 mil infecções em 114 na-

ções, sendo que 4.291 pessoas haviam morrido. Enquanto o medo tomava conta do mundo, no Brasil a Covid-19 não passava de uma ‘gripezinha’ ou ‘resfriadinho’, conforme avaliado pelo presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, em pronunciamento oficial apresentado em cadeia nacional na noite do dia 24 de março.

Não! Absolutamente o problema não era tão simples assim, conforme o presidente seguiu defendendo. Seja para idosos, pessoas com algum tipo ou grau avançado de comorbidades, ou mesmo para brasileiros com algum suporto histórico de atleta, a história está viva para mostrar o quão equivocada Jair Bolsonaro estava. Enquanto mais de 200 milhões de brasileiros se deparavam com o início da pior pandemia enfrentada pelo país na sua respectiva história, em Brasília o governo protagonizava conflitos internos os quais resultaram em: 1- exoneração do ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta; 2- nomeação e posterior pedido de exoneração por parte do ministro substituto, Nelson Luiz Sperle Teich; 3- mais de cinco meses com o próprio Ministério da Saúde sendo administrado por gestores interinos. Enquanto isso, em 30 de abril de 2020 a doença ultrapassava a casa dos 100 mil casos confirmados; em 19 de junho esse estudo oficial registrou mais de um milhão de registros; menos de um mês depois, em 16 de julho, o Brasil já registrava mais de dois milhões de casos. Em agosto a casa dos três milhões foi atingida enquanto mais de 100 mil pessoas haviam perdido a vida em decorrência de complicações causadas pela doença. É preciso destacar que antes mesmo de esse cenário se agravar, inclusive no estado de Sergipe, a direção da Universidade Tiradentes optou por permitir que estudantes de medicina, matriculados regularmente no 12º — e último — período do curso, pudessem antecipar as respecti-

vas colações de grau, e, assim, poderem ser inseridos no mercado de trabalho a fim de fortalecer a linha de frente que buscava combater a doença. Conforme destacado pela pró-reitoria da Unit, para pleitear essa antecipação o estudante da área de saúde precisava estar devidamente matriculado em algum dos cursos destacados na portaria 383 do MEC (a qual incluía também os cursos de Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia), ter concluído o Teste de Conclusão de Curso (TCC), cursado todas as disciplinas, cumprido até 75% do estágio curricular e estar regular no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade). Somente no campus Unit Farolândia esse procedimento legal foi pleiteado por 90 acadêmicos; na unidade Unit Alagoas a situação não foi diferente, mais de 40 estudantes buscaram a colação neste mesmo período. Ações que ocorreram semanas após a instituição realizar treinamentos intensivos e específicos sobre o quê — ao menos até aquele instante —, o campo da medicina no mundo tinha conhecimento a respeito do novo coronavírus.

No Centro Universitário Tiradentes, em Maceió, por exemplo, sob a coordenação da professora Nilza Martins, os alunos puderam trocar informações com o Dr. Fernando Maia. Neste encontro técnico foi explicado que antes mesmo da Covid-19 o mundo, em especial os continentes Asiático e Europeu, já haviam se deparado com impacto importante em termos de saúde pública, como a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), identificada em 2002, e a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS), identificada em 2012. Para combater a doença e ajudar a salvar vidas, os profissionais da saúde necessitavam estar preparados. Todo esse trabalho desenvolvido em sala de aula pela instituição ocorreu enquanto os estados de Alagoas e Sergipe não apresentavam nenhum caso confirmado da

doença. Esses registros foram oficializados pela Secretaria de Estado da Saúde em 08 de março, em Alagoas; e 14 de março em Sergipe. Esses dois casos ocorreram respectivamente nas capitais Maceió e Aracaju. Com ação paralela aos acadêmicos em processo final de colação de grau, estudantes dos cursos incluídos na portaria 383 do MEC buscaram realizar grupos de assistência voluntária com atuação em unidades hospitalares, unidades básicas de saúde (postos de pronto atendimento), blitz de realização de testes rápidos da Covid-19, bem como comitês internos os quais buscavam analisar, monitorar e ampliar os estudos técnicos sobre a doença. Sempre buscando respeitar as orientações de segurança apresentadas, sobretudo pela Organização Mundial da Saúde, os acadêmicos eram acompanhados por professores e coordenadores dos cursos. Atividades em conjunto que resultaram no intercâmbio geral de conhecimento envolvendo profissionais da saúde com atuação no Sistema Único de Saúde (SUS), acadêmicos, professores e os próprios pacientes.

“Deus sabe de todas as coisas, inclusive, o quanto esse belo e honroso trabalho desenvolvido por estudantes e professores da nossa instituição pôde ajudar na recuperação de centenas de pessoas. Isso sem contar com a atuação dos egressos dos cursos ligados à saúde que atuaram de fato na linha de frente. Prefiro não me adentrar às posturas administrativas governamentais que optaram por seguir no sentido contrário daquilo que a ciência e a própria OMS apresentavam como medidas eficazes no combate à doença; destacar o trabalho brilhante que estes estudantes e profissionais produziram é mais que gratificante; lava a alma com a sensação de que o dever tenha sido cumprido nessa primeira década de prestação de serviço educacional. Mesmo com esse sentimento, não posso deixar de enaltecer que

todos nós ficamos tristes e preocupados com tudo o que aconteceu e está sujeito a acontecer com a humanidade. Em 2009, quando lançamos o curso de medicina, jamais se fez presente em nossa imaginação um período tão angustiante como este. Não estava no script que nos dez anos [do curso] de Medicina estaríamos vivenciando esse tormento, mas quem somos nós para escrever o roteiro da vida? Volto a afirmar: Deus sabe de todas as coisas. Se não foi com festa, ao menos foi com orações e resultados positivos. Em dez anos conseguimos formar uma legião de profissionais gabaritados ao ponto de salvar vidas, isso é o que importa. Quando o curso debutar, completar 15 anos, quem sabe a gente não esteja vivenciando um momento indiscutivelmente mais propício para atos festivos. Assim esperamos. Por enquanto optamos apenas por respeitar a memória daquelas pessoas que em Sergipe, no Nordeste, Brasil, ou mundo, acabaram não resistindo à violência provocada por essa doença.”



GERALDO CHAGAS

Amigo

Colaborador do Grupo Tiradentes

“Jouberto Uchôa de Mendonça é sinônimo de trabalho; é falar de humanidade, solidariedade, visão futurista, acolhimento social, cultural e, sobretudo, educacional. Um ser humano sem precedentes e extremamente em

extinção. Aquela típica pessoa que se pudéssemos multiplicar, hoje o mundo seria muito mais pacífico, justo e harmonioso. Ele é um mestre que muito motivou a nossa juventude, e assim segue motivando as novas gerações por sua história de vida. Um cidadão de origem pobre, com condições financeiras precárias na fase da infância e adolescência, mas que transbordava educação base. A limitada condição econômica jamais interferiu na forma de aprender, viver e respeitar o próximo; estou falando de formação de caráter impecável, herdado dos seus pais e avós. Jouberto Uchôa, filho de servente de estado e de um pai motorista público, os quais lhes construíram raízes essenciais na formação da sua dignidade e respeito. Eu tive a honra de ser um dos estudantes que frequentou as salas de aulas e corredores da então recém fundada Faculdade Tiradentes. Desde aquele momento já era possível perceber que devido a sua liderança entre os funcionários, forma de lidar com os pais e estudantes, e perfil idealista, mesmo com tamanhas adversidades que precisou enfrentar, já era nítido que Uchôa jamais iria abandonar os seus sonhos. Não me restam dúvidas que ele é um ser iluminado, estrategicamente posicionado por Deus em nosso estado de Sergipe, com a missão de proporcionar os avanços que o nosso povo tanto precisava. Lá se vão seis décadas de atuação no mercado da educação, e ele segue incansável.

Vejam como são as coisas, quando estudante do curso de administração, nós tivemos alguns entreveros, em especial quando estive à frente por uma fase do Diretório Central dos Estudantes. Me recordo que eram atritos algumas vezes até intensos, mas tudo dentro da composição progressista; tanto eram que em 1976 quando consegui completar minha graduação em Ciências Contábeis,

voltamos a conversar, e foi naquele momento que recebi o convite para trabalhar na instituição. Ele não guarda rancor, nem mágoa de ninguém. Quando eu digo que travei lutas com o professor Uchôa, e mesmo assim ele abriu canais de diálogos para que pudesse ser inserido no quadro funcional da instituição, muitos não acreditam. Ele é um homem de visão; me deu uma oportunidade para mostrar fidelidade aos projetos da Tiradentes, e por mais de 40 anos segui honrando com esse compromisso. Por ser visionário, o professor percebeu que as nossas pautas naquele momento apresentadas pelos estudantes não se tratavam de uma postura anarquista; na realidade, e isso é verdadeiro, os nossos embates visavam apenas a melhoria, o avanço e o resultado positivo para todos nós. Vivenciei os dois lados da moeda: estudante e funcionário. Por conhecer bem a sua índole como ser cristão, defendo que ele seja homenageado todas as vezes que se fizer possível e necessário. O povo de Sergipe deve muito ao legado deste nobre filho.

Aprendi duas coisas com ele e que carrego comigo ao longo da minha vida. Primeiro, que não desejo ter pessoas ao lado que falem apenas coisas que eu quero ouvir, ou seja: preciso de pessoas críticas, as quais mostrem onde estou pecando e como devo proceder para corrigir aquele possível erro. Essas sugestões, a Família Uchôa deseja ouvir de qualquer funcionário, lotado em qualquer que seja o departamento. Já a segunda aprendizagem é referente às homenagens; se tiver que fazer algum agradecimento em decorrência da minha conduta como pessoa, que seja em vida. Quero vivenciar esses momentos de reconhecimento múltiplo. Digo múltiplo porque devemos valorizar e dar nome àquelas pessoas que com a gente ajudam a alcançar os objetivos. É um erro falar sobre a educação no estado

de Sergipe sem citar o nome dos professores Uchôa e Amélia. O nosso estado tem o dever de tirar o chapéu para eles. Falo isso com o coração, em combinação com a razão. Passei 42 anos trabalhando na instituição; hoje não estou mais. Não dou brecha para pensarem que posso estar apresentando aqui esses elogios por interesses paralelos. Uchôa é um amigo, um irmão; um homem que sempre respeitou o seu semelhante e seus colaboradores. Jouberto Uchôa de Mendonça é um ser humano ímpar. Volto a enaltecer: pessoa de caráter indiscutível, raro”.

EXPANSÃO DO CURSO DE MEDICINA EM MEIO À COVID-19

Antes mesmo de milhões de pessoas serem infectadas com o coronavírus entre dezembro de 2019 e, ao menos, até o mês de maio de 2020, a Universidade Tiradentes já vinha trabalhando administrativamente a fim de ampliar o leque de oportunidades aos sergipanos que porventura desejassem concorrer a uma vaga no curso de medicina. Diante dos resultados positivos alcançados por 19 anos, o professor Uchôa solicitou que equipes técnicas realizassem estudos na unidade Unit Estância, com a perspectiva de lançar no município uma extensão deste curso fora da região metropolitana de Aracaju. Datada em 12 de junho de 2020, o Ministério da Educação, através da Portaria nº 173, publicada no Diário Oficial da União (DOU), concedeu à instituição a permissão em desenvolver projetos de seleção com livre concorrência, e implantar na região centro-sul do estado o curso de Medicina. Esse vestibular foi autorizado pelo próprio MEC para ser realizado ainda no segundo semestre de 2020. Por se tratar de uma condução administrativa definida com antecedência, horas após a publicação da portaria governamental, o processo de seleção foi divulgado. A pedidos dos professores Uchôa e Amélia Cerqueira, como medida de assegurar a saúde dos candidatos e funcionários frente à pandemia do novo coronavírus, as provas não ocorreram na metodologia tradicional/presencial. Por compreender que adotando essa medida seria possível dispor de total segurança para todos participantes, a orientação foi aprovada em

caráter imediato por todos os dirigentes que completam o núcleo administrativo do Grupo Tiradentes. Coordenado pela Comissão Permanente de Processos Seletivos (COMPESE/UNIT), a seleção ocorreu por intermédio das notas individuais obtidas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM/2019). De acordo com a Portaria nº 173, bem como com compromissos assumidos no edital 01/2018 do Programa Mais Médicos, foram ofertadas um total de 50 (cinquenta) vagas; destas, 05 (cinco) serão destinadas aos municípios de Estância, oriundos de escola pública, que concorreram à concessão de bolsas integrais, conforme disposições previstas em edital específico. Conforme destacado pela instituição, a proposta do projeto pedagógico dos cursos de Medicina do Grupo Tiradentes é atualizada e inovadora, baseada no método PBL – Problem-Based Learning (Aprendizagem Baseada em Problemas), que mantenham a relação ensino-aprendizagem tendo o aluno como protagonista do processo.

Desta vez em depoimento prestado por telefone, o professor Uchôa lamentou o momento crítico em que a humanidade enfrentava, e destacou a importância em levar ao interior sergipano a oportunidade de encontrar, formar e qualificar jovens talentos os quais possam utilizar da medicina uma ferramenta de acolhimento e assistência especializada nas pessoas. “A gente fica realmente caçando uma notícia boa para se apegar. Nosso brilho nos olhos estão cada vez mais turvos com milhões de pessoas ficando doentes, infectadas pelo vírus, e tantas outras partindo [morrendo]. Sempre defendemos a vida e a segurança de todos os estudantes, professores, colaboradores, seja do administrativo ou operacional, enfim, não haviam condições nenhuma em manter as aulas e demais atividades presenciais. Enquanto seguimos nessa batalha,

fomos abençoados com uma informação excepcional que foi a permissão para a gente levar o curso de medicina para a cidade de Estância onde estamos presentes desde o ano de 2000. Costumo dizer que seguimos preservando a vida de todos, ao mesmo tempo em que contribuimos para a realização do sonho da graduação de milhares de alunos. A nossa torcida é que todo esse tormento passe logo e possamos voltar a observar nossas salas de aulas repletas de estudantes dedicados, garantindo o futuro progressista do nosso estado e país”. Em respeito às restrições impostas por autoridades públicas, as aulas teóricas ocorreram ao vivo, por meio do Google for Education, até 31 de dezembro de 2020. O cumprimento dessas medidas respeitava a portaria MEC nº 544 que disciplina e orienta as instituições de ensino superior do país a realizarem aulas virtualizadas.

DECÓS DAY HOSPITAL: teoria e prática à disposição de estudantes e população

Com a consolidação do curso de medicina em Aracaju, em janeiro de 2017, mais precisamente no dia 26, a Universidade Tiradentes inaugurou o Decós Day Hospital. Apresentando e dispondo à sociedade sergipana um novo conceito de serviços na área de Saúde, o ambiente permite a realização de procedimentos multifuncional e multidisciplinar destinada a pequenas e médias cirurgias as quais possibilitam, no máximo, 12 horas de internamento. Apesar de não atender ao Sistema Único de Saúde (SUS), o serviço desde então realiza convênios e apresenta uma tabela de baixo custo aos clientes que desejam ser acolhidos no sistema particular. Como se não bastasse o atrativo econômico diante de um local amplamente moderno e acolhedor, o ambiente de extensão da Unit possui um quadro de médicos da mais alta qualificação, o qual é acompanhado sempre por grupos de alunos concludentes do curso de medicina a fim de aprofundar os conhecimentos. Todo o projeto administrativo e arquitetônico foi acompanhado pelo professor Uchôa, que também segue monitorando o serviço já em desenvolvimento de ampliação significativa do espaço. Para melhor atender aos funcionários, pacientes e acompanhantes, o local dispõe ainda de um amplo estacionamento, com capacidade para mais de 150 veículos, que fica localizado a menos de 50 metros.



Decós Day Hospital, desenvolvido pela Universidade Tiradentes e erguido na avenida Mario Jorge Menezes Viêira, 2477, bairro Coroa do Meio, zona sul de Aracaju. Desde o seu primeiro ano de assistência, os atendimentos ao público ocorrem de segunda à sexta, das 6h30 às 18h30, e aos sábados, das 6h30 às 11h30.

“O hospital passou a ser idealizado e projetado poucos semestres após iniciarmos com o curso de medicina na instituição. Era do nosso total conhecimento que o espaço presente na instituição [Unit Farolândia] já atendia aos pré-requisitos exigidos pelo Ministério da Educação, mas mesmo assim nossa família seguia com a perspectiva de oferecer aos estudantes deste curso, oportunidades semelhantes a de outras linhas de estudo. Trago de berço a consciência para com o acolhimento social onde quer que nós estejamos. Minha esposa e nossos filhos seguem essa mesma linha de pensamento; jamais será demais ressaltar isso. Atrelado à missão em qualificar o curso de Medicina, bem como atender a população com tarifas abaixo do

mercado, decidimos criar essa unidade clínica hospitalar. Um ambiente onde as pessoas são bem recebidas, acomodadas e são atendidas por profissionais da medicina. Estamos em fase final de ampliação para atender ainda mais a demanda que vem crescendo ao longo dos últimos anos. Até o início dessa década, possuíamos condições de realizar até 400 cirurgias de médio e pequeno portes por mês; a partir já do primeiro semestre de 2022 será possível multiplicar esses procedimentos. Ao lado dos professores, sempre será possível se deparar com um grupo pequeno de estudantes em fase de conclusão de curso. Um intercâmbio de informações, conhecimento, os quais elevam o nível de aprendizado dos nossos futuros médicos, bem como atende aos anseios dos pacientes. O grau de aprovação positiva por parte dos pacientes, beira a totalidade. Essa evolução é fruto do trabalho desenvolvido, coordenado e idealizado por meus filhos. Eles são os grandes responsáveis por esta expansão estrutural e consecutivo índice de aprovação”.

Entre os serviços prestados estão: pediatria, ginecologia, psicologia, mastologia, pacientes com problemas gástricos, estudos de doenças infectocontagiosas, otorrinos, oftalmologistas, realização de exames e cirurgias de pequenas e médias complexidades, além de acolher atletas e ex-atletas sergipanos. Para facilitar o acesso dos pacientes em busca de serviços, todos os campos de atuação podem ser realizados por meio de planos de saúde conveniados e/ou de forma particular.

SERVIÇO CULTURAL, SOCIAL, TRANSPARENTE E PARA TODOS

Em busca de um envolvimento social transparente, onde a população de modo geral possa ter acesso às dependências internas e externas das salas de aulas, laboratórios, departamentos administrativos e demais complexos acadêmicos da instituição, ainda no primeiro semestre do ano 2000 a Universidade Tiradentes lançou o programa 'Portas Abertas'. Desde então, grupos de crianças, adolescentes, empresários e turistas podem solicitar acesso às unidades da instituição e conhecer um pouco mais dos serviços educacionais que são oferecidos pela universidade. Por norma desse programa, os visitantes são acompanhados sempre por uma comissão formada por técnicos operacionais, gestores administrativos e professores de cada bloco. Tendo como propósito impulsionar a busca por uma maior integração gradual entre público externo e interno — evidentemente sem contar com os acadêmicos que já fazem parte da grade estudantil —, o professor Jouberto Uchôa trabalha para que as novas gerações conheçam os benefícios gerados pelo Grupo Tiradentes desde que foi criado ainda na primeira metade dos anos 60. Dentro desse contexto, o programa está disponível também aos estudantes de outras instituições de ensino superior, os quais porventura apresentem interesse em migração/transferência. Para a Unit, a proposta nesse sentido não é promover ações antiéticas de recrutamento de estudantes de faculdades paralelas,

mas sim, apresentar o espaço e oferecer condições para aqueles que de forma voluntária buscam conhecer melhor a Unit. Para que o objetivo desse programa seja alcançado com o sucesso anteriormente planejado, a primeira instituição particular do estado de Sergipe oferece aos seus acadêmicos já formados uma espécie de acompanhamento de egressos, o que acaba sendo um atrativo a mais para o público externo que não descarta a possibilidade em se tornar acadêmico Tiradentes. Além de apresentar propostas de cursos de pós-graduação e mestrado, a ideia é acompanhar cada estudante na inclusão ao campo de trabalho. A cada surgimento de vaga que é apresentada por empresas parceiras da Unit, uma espécie de carta de recomendação é oferecida pela instituição indicando seus ex-alunos. Essa medida surgiu em uma das noites de sono do professor biografado. Ao lado do inseparável bloquinho de notas e uma caneta, a ideia foi cuidadosamente anotada a fim de não se perder no esquecimento da mente, e, posta em prática em 2004 por meio do departamento de Pró-Reitoria Adjunta de Assuntos Comunitários e Extensão (PAACE). Dois programas paralelos que se confundem por possuir objetivos semelhantes.

Contextualmente falando, fica impossível citar em apenas uma obra literária cada ação social desenvolvida ao longo dos últimos 60 anos pela Família Uchôa — desde os avós, aos netos do professor biografado; essa essência humanista está no sangue. Uchôa segue os ensinamentos adquiridos desde o período em que residia em Girau do Ponciano. Antes mesmo de aprofundar à assistência social por meio do programa Portas Abertas, em 1997, com base na Resolução do Consepe nº 006/95, a instituição criou o Programa de

Assistência Integral à Melhor Idade (PAIMI). Administrado pelo curso de Serviço Social, as ações buscam atender pessoas a partir dos 60 anos de idade e desenvolver atividades na área de educação, buscando um aperfeiçoamento cultural, moral, espiritual e intelectual do público-alvo. Dentro do calendário anual são realizadas exibição de filmes e documentários, seguido de discussão, excursões, visitas culturais, gincanas e festas, atividades de animação e recreação, caminhadas, vacinação, além de trabalhos em crochê, bordados, pinturas e artesanatos. Ao longo das últimas duas décadas mais de cinco mil pessoas foram acolhidas — a custo ‘zero’ —, pelo PAIMI. Uma situação semelhante a adotada desde 23 de fevereiro de 1996 pelo Grupo de Dança da Unit. Por sempre ter afeto múltiplo com os trabalhos de resgate, preservação e difusão do folclore e cultura sergipana, Jouberto Uchôa permitiu que o Teatro Tiradentes se tornasse palco dos trabalhos a serem desenvolvidos pelo bailarino e coreógrafo Hamilton Marques. Frutos dessa pesquisa de campo artística, o grupo criou e realizou apresentações inéditas como: Asa Branca, Retrato de Aracaju, Reisado, Os Parafusos na Contemporaneidade, Tributo a Piazzola e Guerreiro. Até o novo coronavírus impor restrições, estudantes e funcionários podiam participar do grupo por meio de seleção; para o público externo era disponibilizado uma cota a ser respeitada a cada início de novo trabalho. Mesmo com a redução do número de casos, flexibilizações governamentais, abertura integral do comércio e retorno das aulas presenciais, por esta atividade (dança) haver amplo contato físico, as atividades do grupo seguiam suspensas até a segunda quinzena de janeiro de 2022.



HAMILTON MARQUES

Amigo
Diretor e Coreógrafo do Grupo
de Dança

“Esse livro possui uma ideia fantástica que é mostrar o lado do professor Uchôa, o qual a grande maioria das pessoas em Sergipe, e fora aqui do estado, certamente não conhece. Na realidade, quando a gente se depara com a imagem do professor, por todo o patrimônio que ergueu, a impressão natural que passa é de um homem extremamente capitalista e que possui um certo distanciamento dos seus colaboradores. Se algum leitor ainda tiver alguma dúvida quanto a isso, aproveitem essa biografia para redefinir esse conceito. Jouberto Uchôa é um cidadão tutor de uma sensibilidade e humildade tão grande, que realmente nos impressiona; o mais bonito disso tudo é que ele não é uma figura isolada na família. A sua esposa, a professora Amelia Cerqueira, os seus quatro filhos e netos, não ficam nem um pouco longe dessa forma de tratar as pessoas, cuidar do próximo e prezar pela civilidade entre todos, independentemente de quaisquer que sejam sua etnia, crença ou classe social. O patrimônio do Grupo Tiradentes está formado, inclusive, em unidades fora do Brasil, mas a essência é exatamente a mesma do período em que o mentor disso tudo precisou se mudar para o interior de Alagoas e residir por um tempo com os avós. Uchôa e Amélia possuem uma diplomacia com os operários

que jamais vi em ninguém com a condição [financeira] deles.

Eu sou do tempo em que, ainda quando a instituição era Faculdades Integradas Tiradentes, demos início ao grupo de dança que era de uma multiculturalidade incrível. Com o apoio dos professores, e, nesse caso, sobretudo por Dona Amélia que é uma pessoa extremamente apaixonada por dança, nosso grupo era formado por estudantes e professores dos mais variados cursos de graduação. Já me despertou a curiosidade para conhecer um pouco da fase infantil e adolescência do professor Uchôa; foi com base nesses estudos que percebi o quanto é um exímio apaixonado pela cultura, e o quanto compreende que através da música, dança e teatro é possível impulsionar o progresso de um povo. Essa atividade que tive o prazer de desenvolver com os acadêmicos não ficava restrito ao interior da Tiradentes; por diversas oportunidades dei aulas ao casal, e vou confidenciar algo com os leitores: o professor Uchôa é conhecido como pé de valsa; eles possuem um dom incrível para dança de salão. Quem teve a satisfação de participar de festas no salão do late Clube de Aracaju, por exemplo, em algum momento puderam ter observado que eles davam show durante a apresentação da banda Los Guaranis. Mesmo com Dona Amélia calçando um salto de médio para alto, eles rodavam o salão todo e eram aplaudidos. Tenho pouca participação nessa qualidade de passos e giros. Quando conheci eles, os dois já demonstravam muita sensibilidade na dança.

No caso do professor Jouberto Uchôa de Mendonça, tenho pra mim que começou a se apaixonar por esta parte cultural quando ainda era criança e aperfeiçoou depois que passou a marcar quadrilha junina. As vezes fico me perguntando se seria demais achar que o Grupo Tiradentes é o que é hoje também devido a dança? Apostaria que não. Foi através do seu sucesso como marcador e quadrilheiro que foi convidado

para trabalhar no Ginásio Pio Décimo, e lá despertar ainda mais seu envolvimento com o mundo da educação. Infelizmente a pandemia provocada pelo coronavírus fez com que o mundo inteiro se deparasse com a necessidade de promover afastamento social, mas antes disso era comum a família Uchôa receber amigos e colaboradores da Universidade Tiradentes em seu sítio; lá sempre assistíamos apresentações de grupos de Chorinho, samba de coco, quadrilhas e danças em seu conjunto geral. Então, fala-se muito da importância de Jouberto Uchôa para a nossa educação base, fundamental e superior em Sergipe, mas no campo da cultura não é diferente. Ainda na década de 1980, ele foi responsável por planejar e construir um teatro muito bem equipado. Me refiro ao espaço que fica localizado no campus da Unit Centro [de Aracaju]. Muitos diziam que ele viajava demais nas ideias e que o teatro não sairia do papel; pois bem, tanto saiu, como por muito tempo foi eleito o principal palco de cultura do estado, junto, evidentemente, com o Teatro Atheneu.

Ele não é só incentivador, como também colaborador dos artistas genuinamente sergipanos. Um eterno apaixonado por artes; sempre que possível está comprando quadros, rendas, produtos musicais, literários, chapéus, enfim, ele se depara com um artista, vai lá e ajuda. Costuma dizer que infelizmente os protagonistas desse setor em nosso estado enfrentam dificuldades — e isso é muito verdade, e por esse motivo se sente na obrigação de colaborar com aquilo que for possível. Feliz o momento em que pude conhecer o professor Uchôa e Amélia quando eles moravam em uma residência aqui na avenida Beira Mar, no bairro 13 de Julho, onde no ano de 2021 foi construída uma unidade do McDonald's. Gostaria de enaltecer a gratidão de todo o setor cultural para a pessoa Jouberto Uchôa de Mendonça. Além de ser um grande empresário, é um ser humano maravilhoso”.

PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA DE SERGIPE, SUA CULTURA E PERSONALIDADES

Nos instantes finais para a virada do novo milênio, em 1998 — enquanto desportivamente o Brasil vivenciava um clima de euforia em busca do pentacampeonato mundial de futebol, e, no campo administrativo federal, observava Fernando Henrique Cardoso (PSDB) derrotar democraticamente nas urnas pela segunda vez o então ainda presidenciável Luís Inácio Lula da Silva (PT) —, o professor Jouberto Uchôa, ao lado da esposa e filhos, inaugurava o Memorial de Sergipe. Um espaço amplo, posicionado estrategicamente na avenida Ivo do Prado, de frente ao rio Sergipe, em Aracaju, e que disponibilizava um acervo rico em conteúdos históricos sobre o povo, as culturas e personalidades sergipanas. Atualmente o memorial possui mais de cinco mil relíquias entre objetos arqueológicos, troféus, medalhas, moedas, cédulas antigas de dinheiro brasileiro, fotografias registradas por ícones da comunicação local, dezenas de exemplares de jornais e revistas, além de documentos impressos e manuscritos. Isso sem falar das obras de artes, e, evidentemente, documentos históricos da Família Uchôa, bem como da instituição de ensino desde a fundação do Ginásio Tiradentes até a contemporaneidade da universidade com polos no Nordeste brasileiro e em Boston, nos Estados Unidos da América (EUA). Parte desse acervo geral foi adquirido — alguns de forma solidária e gratuita — junto a populares, ou por meio de doação realizadas por empresas e órgãos estatais. Desde sua abertura oficial,

a proposta do Memorial de Sergipe é enaltecer a representatividade cultural, folclórica e desportiva do estado, como também jamais deixar de destacar a importância de personalidades a exemplo de Inácio Barbosa, Fausto Cardoso, Olímpio Campos, Marcelo Déda Chagas, José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe), Oviêdo Teixeira, Augusto Franco, Luiz Barreto e professores como Ofenísia, Rosa Faria e Franco Freire. Sem custo aos visitantes até o final do ano de 2019, o espaço permanecia sendo mantido pela Unit e aberto em horário comercial para sergipanos e turistas que desejassem aprofundar os respectivos conhecimentos sobre Sergipe.

Mesmo já administrando o Memorial de Sergipe, ainda no dia 07 de novembro de 2011, após sucessivas reuniões realizadas com o jornalista e historiador Luiz Antônio Barreto, o professor Jouberto Uchôa decidiu apoiar em caráter múltiplo, a criação do Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura (ITBEC). Com ação semelhante ao centro de manutenção histórica desenvolvida pela Unit, esse instituto sempre visou trabalhar para que a atual e futuras gerações jamais deixem de lembrar dos legados deixados por dezenas de nobres sergipanos. Com foco no anfitrião que dá nome ao espaço, o instituto possui um acervo com mais de 30 mil documentos originados pelo próprio Tobias Barreto. Apesar da rica parceria educacional, menos de um ano após a sua fundação, em 17 de abril de 2012, Sergipe foi informado do falecimento de Luiz Antônio Barreto. Vítima de uma infecção generalizada decorrente a uma infecção urinária, o historiador não suportou às intercorrências no quadro clínico e faleceu. O sepultamento ocorreu sob forte comoção cultural na sede da Academia Sergipana de Letras (ASL), em Aracaju. No final do

segundo semestre de 2011, em entrevista concedida a mim [Mílton Alves Júnior] — quando naquele momento atuava pelo Jornal da Cidade —, Luiz Antônio revelou o nome de professores, empresários e amigos próximos os quais sempre buscaram de alguma forma colaborar com os seus respectivos projetos. Desde o seu fechamento, todo o acervo foi encaminhado para a nova sede do Memorial; este espaço fica localizado na Orla de Atalaia, na zona sul de Aracaju, próximo à Delegacia do Turista. O novo memorial faz parte das festividades alusivas aos 60 anos da instituição Tiradentes.

“Em nosso território Serigy tivemos, temos e certamente teremos nas próximas décadas pessoas que doam a sua vida pelo desenvolvimento ético desse estado, que, apesar de pequeno em sua geografia, vê pessoas como o professor Jouberto Uchôa de Mendonça nascer e se criar. Um homem de uma integridade ideológica sem igual; que valoriza o esporte, a cultura, o meio ambiente, a assistência social e a história como um todo. Com esse perfil humano seria difícil os seus apresentarem uma postura oposta. Sua digníssima esposa, Amélia Cerqueira Uchôa, seus quatro filhos e netos lidam com o próximo com respeito e admiração. Poderia muito bem a ti afirmar que a funcionalidade do Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura deve muito ao professor Uchôa; estaria cometendo um pecado crucial que levaria à minha eternidade. Na realidade, e isso precisa ser enaltecido, a educação e a cultura de Sergipe no contexto geral enfrentam hoje um novo cenário em virtude da intervenção ímpar da Família Uchôa. A história já mostra que possuímos duas realidades distintas antes e durante as ações realizadas por Jouberto Uchôa. À sua família, o meu reconhecimento e incondicional agradecimento”.



Visita de estudantes da rede pública de ensino ao Memorial de Sergipe. Essas atividades, além de serem acompanhadas por professores das instituições que levam as crianças e adolescentes ao espaço, também são guiadas por funcionários credenciados pela Universidade Tiradentes.

“Sempre fui apaixonado por histórias contadas pelos meus pais, avós e vizinhos de maior idade. Tenho como convicção de vida que precisamos valorizar nossas raízes, nossas culturas e os nossos grupos folclóricos. Impossível pensar assim e não reconhecer aqueles que adotaram como filosofia de vida também trabalhar para que as nossas essências regionais não sejam perdidas ou abafadas. Nada mais justo do que criar espaços onde todos nós possamos nos dirigir e conhecer um pouco mais sobre a nossa história. Assim como o Banco do Estado de Sergipe (Banese) administra um museu lindo como é o Museu da Gente Sergipana, a Unit também não mede esforços para permanecer investindo nesse seguimento. Posso garantir que toda a minha família e os gestores do nosso Grupo Tiradentes vivem pensando sempre no avanço educacio-

nal da nossa nação, e, para que isso possa acontecer de fato, não se pode em hipótese alguma deixar de fora o acesso ao teatro, à dança, às celebrações religiosas e ao reconhecimento dos nossos ilustres sergipanos. Luiz Antônio Barreto sempre será lembrado por nós. Ele falava que eu fui um grande incentivador; posso modestamente até ter contribuído para realizar alguns projetos, mas ele sempre foi e será um grande mestre; o grande mentor de centros de estudos como é o Instituto Tobias Barreto. Desconheço a existência de pessoas que não avaliam Tobias Barreto, Inácio Barbosa e Luiz Antônio como referências. Tenho a doce felicidade em ter conhecido, e por inúmeros momentos dialogado com um cidadão tão puro quanto o Luiz [Antônio Barreto]”.

PROGRAMA DE EXTENSÃO: reconhecimento educacional e aplicação econômica

Como forma de ampliar em maior escala o reconhecimento interno junto aos acadêmicos que escolheram a Unit para se qualificar profissionalmente, em 1999, no início do primeiro semestre, Jouberto Uchôa em meio a conversas no âmbito familiar apresentou como projeto a criação do Prêmio Universitário de Monografia. A proposta desde o seu princípio traçado em bloco de anotações era buscar focalizar e valorizar a importância dos estudos técnicos presentes nos milhares de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Uma espécie prática de valorizar os melhores trabalhos, os quais pudessem ser utilizados de alguma forma para expandir o serviço social, cultural e econômico desenvolvido pela instituição superior de ensino. Com o integral apoio da esposa e dos filhos, o projeto foi levado para debate final junto aos demais superintendentes administrativos da Unit como forma de buscar alguma opinião que pudesse agregar valor positivo na iniciativa. Com suas normas devidamente contidas em edital, já em agosto de 1999 — início de novo período letivo — o prêmio foi lançado. Desde então temas como: ‘500 anos do Brasil’, ‘Brasil – 2000 sem exclusão’, ‘Educação e cultura nos 150 anos de Aracaju’ e ‘Conhecimento como forma de promover a acessibilidade’ foram uns dos temas apresentados por alunos de variados cursos e vencedores do prêmio. Assim como ocorre desde o final do milênio anterior, todos os estudantes que desejam participar

do prêmio necessitam apenas seguir as regras previstas no edital do programa e cadastrar o material junto ao sistema desenvolvido e coordenado pela Pró-Reitoria Adjunta de Assuntos Comunitários e Extensão (PAA-CE). Paralelo ao reconhecimento atribuído ao acadêmico que idealizou o respectivo tema inédito, a reitoria da universidade continua estendendo os votos oficiais de felicitação e agradecimento ao(s) professor(es) que tenha(m) compreendido a importância unificada do produto de estudo técnico desenvolvido.

No decorrer da cronologia de vida traçada pelo magnífico reitor do Grupo Tiradentes, a todo o instante o cidadão leitor pôde perceber que passado e presente se confundem em variados temas, formas de agir e medidas familiares as quais Jouberto Uchôa de Mendonça busca, de forma incansável, deixar como legado para a sociedade em geral. Nunca, em circunstância alguma, será demais reconhecer o seu esforço em reverenciar a atuação profissional do professor como ferramenta de valorização cultural e construção progressiva de um povo. No mês de junho de 2008, como de praxe após ser deliberada em consenso familiar, foi criado o projeto de ampliação multipolarizada das relações exteriores. Na busca por manter a Unit dentro das tendências universais presentes no início do novo milênio, o professor idealizador das instituições Tiradentes buscava abranger as oportunidades de ensino e estudo além dos limites geográficos da nossa nação. Um projeto de globalização; intercâmbio educacional e cultural à serviço dos cursos superiores de graduação, estudos técnicos e de pesquisa acadêmica. Sob a coordenação da Pró-Reitoria Administrativa da Unit – dirigida por seu filho, Jouberto Uchôa de Mendonça

Júnior — o departamento foi criado, e, logo no ano seguinte, ocorreu a primeira parceria internacional firmada com a Universidade de Valladolid, na Espanha. Os resultados positivos começaram a acontecer em curto prazo devido ao investimento funcional aplicados logo no início de sua implantação. Entre essas ações é possível citar o convite que a instituição fez ao professor, doutor João Francisco do Lago Rodrigues, para que o mesmo deixasse o Brasil e passasse a representar a Unit em território espanhol. O acordo coletivo envolvendo Tiradentes/Valladolid contribuiu para que em setembro de 2009 o primeiro grupo técnico-científico se direcionasse à Espanha. O projeto deu certo, atraiu um maior número de estudantes e professores interessados no programa, e, até dezembro de 2012, mais de 40 acadêmicos dos cursos de Direito, Arquitetura, Design, Administração e Engenharia já haviam participado do programa de relações exteriores. Essa estatística positiva seguiu evoluindo e em janeiro de 2020 o número de participantes, entre professores e acadêmicos, disparou para mais de 130.

Ao longo desse período o fluxo administrativo entre a Unit e instituições superiores além das fronteiras brasileiras resultou na recepção, também, de estudantes de países como a própria Espanha, a Colômbia, Argentina e Estados Unidos da América. Em 2015, dez estudantes universitários foram acolhidos pelo Curso de Relações Internacionais; já em novembro de 2018 uma nova parceria inédita foi firmada, desta vez com uma das melhores universidades da África do Sul, a University of Johannesburg. Desde o mês de janeiro de 2019 acadêmicos da universidade sergipana possuem a oportunidade de estudar no continente africa-

no. A Universidade de Johannesburg conta com nove escolas e os alunos da Unit interessados em estudar nessa instituição são isentos de taxas acadêmicas, arcando apenas com custos de alimentação e moradia. Esse projeto — que passou a ser denominado de Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional (Promai) — possui atualmente, por exemplo, convênios firmados com universidades do Estados Unidos, Canadá, Portugal, Espanha, França, República Tcheca, Bélgica, Suécia, Alemanha, Itália, Holanda, África do Sul, Colômbia, Peru e Chile. As portas para essas instituições parceiras seguem abertas para estudantes de todos os cursos oferecidos pela Universidade Tiradentes. Essa mesma oferta de ida a um desses países, categoricamente também permite que estrangeiros possam vir à Sergipe e se especializar na Unit. A mais recente abrangência internacional foi oficializada no mês de janeiro de 2020, quando a Universidade Tiradentes, em parceria direta com a Universidade de Massachusetts Boston (UMASS), em Boston, nos Estados Unidos, passou a ofertar aos acadêmicos do curso de medicina um programa de estágio na Rede de Clínicas do Cambridge Health Alliance. Conforme planejado pelo setor técnico das duas instituições de ensino, com duração de um mês — bem como com carga horária semanal de 30 a 40 horas —, a primeira turma estava prevista para ocorrer logo na primeira quinzena do mês de abril. A segunda turma a ser realizada ainda neste primeiro ano de atividade internacional — apesar de sem data oficialmente anunciada — já havia sido confirmada pela universidade sergipana por intermédio da diretoria executiva do Tiradentes Institute. Todos os planos precisaram ser suspensos por tempo indeterminado. Diante da chega-

da e abrangência do coronavírus, sobretudo nos dois países [Brasil, EUA], por proteção às vidas e respeito às recomendações apresentadas pela Organização Mundial da Saúde, os gestores optaram por pausar o andamento da parceria. Dados apresentados pela própria OMS indicam que entre os meses de junho e novembro do ano de 2020, brasileiros e norte-americanos lideraram o ranking de casos confirmados da Covid-19, e das mortes provocadas pelo vírus. Essa predominância permaneceu até a criação e produção da vacina que deu início efetivo à imunização de bilhões de pessoas.

“Esse conjunto de avanços nas relações exteriores partiu de um projeto nosso de inovação e que foi de imediato aprovado pelo colegiado administrativo da nossa instituição. Um projeto que deu certo, e assim segue devido a participação de todos, em especial, aos nossos técnicos que cuidam dos setores administrativos, e dos professores que estão em sala de aula diariamente em contato com os alunos. Costumo dizer que se trata de um tabuleiro de xadrez em que todos nós somos peças importantes e fundamentais para apresentar aos nossos estudantes e professores oportunidades reais de levar os conhecimentos regionais para fora do Brasil, e, assim, ampliar esse ciclo de conhecimento importante para o mundo de forma geral. Muito me deixa emocionado em saber que não apenas dentro do território nacional, mas também em diversos países do mundo, nós temos alunos e ex-alunos, professores e ex-professores, trabalhando com uma excelência profissional incrível. Nobres sergipanos que acreditaram em nossa instituição como modelo e trampolim para brilhar em suas áreas de atuação profissional”.



Programa de intercâmbio da Universidade Tiradentes recebendo estudantes da Espanha e Colômbia em agosto de 2015.

A PRESENÇA DO GRUPO TIRADENTES NO NORDESTE BRASILEIRO

Consolidada no mercado sergipano como a instituição de ensino superior com a melhor avaliação pública apresentada pela sociedade local, em 2005, com a Universidade Tiradentes atuando com dois polos educacionais em Aracaju (Centro e Farolândia), além dos municípios de Estância, Itabaiana e Propriá, os professores Jouberto Uchôa de Mendonça e Amélia Cerqueira deram início ao processo de construção de ideias visando a expansão da universidade com estrutura própria e fora do território sergipano. Devido a proximidade geográfica, bem como pelo amor que carrega desde a infância, a capital alagoana, Maceió, foi escolhida para receber uma comissão de técnicos estatísticos com a perspectiva de identificar a então real necessidade em se implantar uma nova unidade de graduação superior. Após três semanas intensas de análises regionais, durante reunião realizada em Aracaju — onde envolveu a Família Uchôa e superintendentes administrativos do Grupo Tiradentes —, foi percebido que os dados confirmavam com fidelidade às perspectivas empresariais do grupo. Diante dos fatos, a instituição genuinamente sergipana decidiu em consenso unânime dar início à construção de sua primeira unidade fora do estado de origem com o nome: Faculdade Integrada Tiradentes (FITs). Mesmo acreditando que aquela medida reduziria a migração de jovens alagoanos em busca dos serviços realizados pela instituição na menor unidade federativa do país, a proposta era expandir a qualidade funcional carim-

bada pelo Ministério da Educação, e apresentar a milhares de jovens alagoanos propostas e condições de acesso ao ensino superior. Ao contrário do cenário vivenciado nas décadas de 60 e 70 em Aracaju, o professor Uchôa passava a ser apresentado ao estado vizinho como um nobre batalhador pela educação nacional, além de empresário de fino relacionamento, ético e compromissado, sobretudo, com o desenvolvimento social e econômico da região de atuação. Em tempos de aumento no índice de desemprego no Brasil, unir qualificação profissional e ampliar a oferta de novos campos de atuação com carteira assinada tratava-se — e trata, frise-se — de uma intervenção progressista desejada por qualquer região povoada nesse país. Um exemplo desse desejo coletivo está presente em dados estatísticos contabilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em março de 2009 o índice de desemprego atingiu a casa dos 8,1%; onze anos depois, em março de 2020 essa taxa era de 12%; em agosto de 2021 essa taxa de profissionais sem ocupação era de 14,2%. Diante desse cenário negativo que se arrasta desde a segunda metade dos anos 2000, direta e/ou indiretamente, mais de cinco mil pessoas foram convidadas a trabalhar na FITs desde a criação dos projetos arquitetônicos, até as fases de construção estrutural do prédio, implantação dos setores administrativos e operacionais, professores contratados e auxiliares de segurança, limpeza e manutenção da instituição.

O PADRÃO GRUPO TIRADENTES CHEGA A MACEIÓ

Dando início às atividades administrativas da nova instituição em Alagoas, a FITs teve sua primeira sede instalada de forma temporária em um prédio colegial. Esse espaço provisório durou pouco mais de três meses enquanto os trâmites burocráticos permaneciam sendo analisados nas salas e corredores do Ministério da Educação, em Brasília. Em seguida, visualizando a necessidade de ampliar o espaço, foi deliberado que a sede seria transferida para um espaço amplo em um shopping erguido estrategicamente na região central da capital alagoana, próximo a conjuntos habitacionais e redes hoteleiras. Assim como ocorreu com a faculdade em Aracaju, os primeiros cursos de graduação oferecidos foram Administração, Ciências Contábeis e Serviço Social. Em seguida, com o devido alvará concedido pelo Conselho Nacional de Educação do MEC, foram incluídos os cursos de: Ciências Biológicas, Enfermagem, Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Direito. Esse último curso, ao contrário do que ocorreu em Sergipe, inicialmente houve certa ação contrária por parte de unidades defensoras dos advogados. Os impasses foram sanados diante dos resultados positivos conquistados pelos bacharéis que estudavam em um dos campi da Unit. Esse reconhecimento público enaltecido pelo Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe (TJ/SE), bem como por meio da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), contribuiu inicialmente para que as tentativas

de inviabilização do curso na FITs Maceió fossem derubadas. A faculdade era representada pelo diretor geral, o professor Dário Arcanjo de Santana — atualmente [2022] o docente responde pela reitoria do Centro Universitário Tiradentes. Um mestre da educação, sábio no comando funcional da instituição, além de fiel respeitador das orientações apresentadas por Uchôa e Amélia. Esse trabalho em conjunto teve o seu reconhecimento fixado no mercado alagoano, e, em curto prazo, conquistou avanços que carimbaram de vez a tão desejada marca da credibilidade.

Em uma quinta-feira, 11 de setembro de 2014, a então presidente Dilma Vana Rousseff, por meio do Diário Oficial da União (DOU), publicou a portaria N° 795 que concedia à Faculdade Integrada Tiradentes o reconhecimento como Centro Universitário Tiradentes (Unit). Essa medida, conforme presente na Legislação brasileira, permitia à instituição uma ampliação real e significativa das atividades de pesquisas e extensão, além de ampliar as possibilidades para ofertar novos cursos *stricto sensu* (mestrados e doutorados). Como se não bastasse o direito de possuir graduações em vários campos do saber, lhe foi concedida ainda a ampla autonomia para criar cursos no ensino superior. Naquele momento, a antiga Fits possuía pouco mais de seis mil alunos matriculados em um dos 20 cursos de graduação, ou em algum dos 28 de pós-graduação *lato sensu*; em fevereiro de 2020 o número de acadêmicos passava de oito mil, enquanto a oferta de cursos eram 24, e os de pós-graduação atingindo a casa dos 40. Já o número de funcionários atingia a casa dos dois mil. Toda essa evolução ocorreu em oito anos de atuação edu-

cacional. Se ainda existiam dúvidas por mais singelas que fossem, aquele decreto cessava por total qualquer índice de desconfiança para com o Grupo Tiradentes em Alagoas. Desde 2007, após ser transferida para a sede própria, o Campus denominado Professora Amélia Uchôa, possui mais de 67 mil metros quadrados, localizado no bairro de Cruz das Almas. Um ambiente que dispõe de laboratórios, clínicas, bibliotecas com acervo físico e virtual e uma moderna infraestrutura. Conforme modestamente apresentado pelo professor Uchôa, a primeira unidade fora de Sergipe oferece um ambiente adequado ao desenvolvimento das atividades acadêmicas com a exigência necessária para uma formação profissional de qualidade. Com perfil funcional apresentando características semelhantes ao desenvolvido em Sergipe, o Centro Universitário segue realizando e ampliando as ações que contribuem para o desenvolvimento da região. Entre essas medidas práticas estão os grupos operativos, realizados pelo curso de Psicologia que consiste em uma técnica de trabalho coletivo, cujo objetivo é promover um processo de aprendizagem. Na prática, trata-se de um trabalho social focado na educação para a saúde, ampliando a participação da população no tratamento e na conscientização dos cuidados emocionais. Essa iniciativa também possui outros fins, como o ensino-aprendizagem: cuja tarefa essencial é desfrutar de um espaço utilizado para refletir sobre temas e discutir questões que objetivam a melhoria da situação patológica dos indivíduos — tanto a nível físico quanto psicológico —, análises educativas que visam a prevenção dos agravos.



Centro Universitário: nesse ambiente — localizado no bairro Benedito Bentes —, em agosto de 2015 foi inaugurado um campus com a missão de oferecer os cursos da Unit EAD, e também mais quatro cursos presenciais: Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil, Nutrição e Enfermagem. Mais de 80% dos professores possuem mestrados. Desse índice percentual, cerca de 30% possuem doutorado.

“Em momento algum queríamos que a unidade em Maceió fosse vista como uma extensão da Unit Aracaju. Evidentemente que todo o aparato administrativo e social das unidades em Sergipe estaria à disposição para auxiliar no desenvolvimento da instituição em Maceió, mas a meta central era trabalhar de forma paralela para que a instituição conquistasse seus objetivos por méritos próprios. Isso aconteceu; aconteceu até em curto período. Jamais poderíamos negar que o Grupo Tiradentes não contribuiu para o desenvolvimento da instituição em Alagoas, até porque somos uma só família, mas cada um com as suas perspectivas e particularidades regionais. Muito nos orgulha saber que a proposta de erguer uma unidade fora do nosso estado, a qual foi muito debatida

dentro de casa, tem dado muito certo e ajudado tanto a formar novos profissionais com amplo gabarito trabalhista. Seja em Sergipe ou fora do Brasil onde temos estudantes espalhados pelo mundo, mesclar conhecimento teórico, prático à valorização da cultura e expansão da assistência social, sempre será nossa marca. Se não for desse modo nós preferimos suspender o projeto e idealizar outro que se adeque a esse perfil. Como já era esperado, o início da faculdade em Maceió teve seus impasses naturais, presentes na legislação nacional, mas foram resolvidos de forma gradativa em virtude do nosso histórico e nossas novas demonstrações de respeito às normas. Essas demandas burocráticas foram, e são, na realidade, solucionados dentro dos prazos, e hoje podemos garantir que o Centro Universitário Tiradentes em Maceió é uma fábrica de realização de sonhos, acolhimento social e de geração de empregos. Um sucesso conquistado em menos de 20 anos, o qual não seria justo da minha parte dizer que foi fruto apenas do meu trabalho ao lado da querida Amélia [Cerqueira], e dos meus filhos; esses resultados positivos e de grande reconhecimento popular partem de uma união entre todos os funcionários que fazem a instituição”.

No mais popular da expressão brasileira, o professor Jouberto Uchôa, diante da instalação da FITs Maceió [assim intitulada antes de se tornar: Centro Universitário], conseguiu ‘matar dois coelhos com uma cajadada só’. Milênio novo, século XXI, tecnologia pulsando progressivamente nos mais variados campos de atuação profissional, mas mesmo diante desse cenário evolutivo o interior nordestino no Brasil seguia carente de unidades de educação superior. Alagoas pode ser apresentado como investimento modelo. Uma espécie de maquete

que deixou o quadro de estudos, e deu início a uma nova era protagonizada pelo grupo acadêmico sergipano. Após a criação da FITs em Maceió, outra unidade — sendo ela um polo de Ensino a Distância (EAD) — foi erguida no mesmo estado, desta vez na cidade de Arapiraca. Esses avanços fora do território sergipano não pararam em Alagoas. Presente onde nenhuma outra instituição se fazia operante e acolhedora, a Tiradentes partiu para atuação com modalidade presencial e/ou de EAD no estado de Pernambuco. Na terra do frevo, maracatu, dos bonecos gigantes e dos verdadeiros mitos de um povo: Luiz Gonzaga e Lampião, o ensino superior à distância se faz atuante nas cidades interioranas de Caruaru, São Lourenço da Mata, Garanhuns e Petrolina. Mapeada estrategicamente, essas unidades visam levar ao centro dos estados a oportunidade de centenas de brasileiros em acessar o ensino superior e conquistar o sonho de graduação. Um desejo antes presente apenas na imaginação distante, fictícia e abstrata, mas que a Unit, sobretudo a Família Uchôa, fez o favor de tornar realidade. Na capital, Recife, o Grupo Tiradentes atua com a disponibilidade de Centro Universitário, bem como de toda a estrutura EAD, reconhecida pelo MEC como mecanismo educacional superior de alto nível técnico. Diante do perfil paralelo da instituição em levar conhecimento ao interior brasileiro, surgiu a oportunidade de abrir um polo EAD no estado do Rio Grande do Norte. Dispondo do apoio administrativo necessário, a nova instalação foi realizada na cidade de Mossoró. Uma cidade interiorana, distante 281 km da capital, Natal, mas com uma população de 297.378 conforme o levantamento realizado pelo IBGE em 2018. Divisa com o estado do Ceará, a presença do Grupo Tiradentes na cidade fez com que a economia

local fosse impulsionada pela presença de moradores de cidades vizinhas como: Tibau, Grossos, Areia Branca, Serra do Mel, Assu, Upanema, Governador Dix-Sept Rosado, Baraúna e Aracati. Este último município já pertencente ao Ceará.

Descendo ao sul do Nordeste brasileiro, na Bahia a assistência realizada pela instituição é ainda mais abrangente. Além de Salvador, o grupo está presente nas cidades de Alagoinhas, Paulo Afonso, Feira de Santana e Vitória da Conquista. Juntas, essas unidades espalhadas fora do estado de Sergipe contabilizam mais de 15 mil estudantes devidamente graduados pela Unit EAD. Ao todo, conforme presente nos registros da instituição, desde 1976 o Grupo Tiradentes é responsável pela formação de, pelo menos, 65 mil estudantes. Vale frisar que nessa estatística não estão inclusos os milhares de profissionais que se dirigiram a alguma das unidades Unit em busca de cursos de pós-graduação. No portfólio da instituição são mais de 30 cursos entre presenciais e à distância com conceito elevado à nota máxima emitida periodicamente pelo Conselho Nacional de Educação. Por trás do perfil meigo, educado e acolhedor apresentado pelo professor Uchôa, existe um cidadão gestor de personalidade forte, crítico e com amplo grau de cobrança. Essas imposições firmes vivenciadas na maioria das vezes pelos diretores imediatos possuem como foco duplo a missão em atender ao social e garantir a continuidade da evolução precisa e constante. Conquistar a nota máxima de excelência é um objetivo vislumbrado para todos os cursos incluídos na grade institucional; mantê-la, trata-se do primário dever de casa a ser cumprido por cada administrador fardado com a marca, e as cores azul e branca da instituição. Em Sergipe a presença — coerentemente compreensível — é

ainda maior no interior. Por ordem alfabética, a Universidade Tiradentes está presente nas cidades de: Aracaju, Estância, Itabaiana, Lagarto, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Socorro, Poço Verde, Propriá, Tobias Barreto e Umbaúba. Os polos EAD sergipanos também foram instalados de acordo com a população local, bem como diante da necessidade regional. Uma espécie de interligação geográfica com a perspectiva de levar educação superior de qualidade ao maior número de pessoas. Apesar de estar dentro do eixo administrativo sergipano — próximo ao campus Centro e Farolândia, em Aracaju — a realização do vestibular em todas essas unidades respeita, em especial, as diretrizes traçadas para a modalidade EAD, as quais são diferentes da modalidade de ensino presencial.



LUCIANO BISPO

Egresso do Grupo Tiradentes
Presidente da Assembleia
Legislativa do Estado de Sergipe

“Tenho o privilégio de conhecer o professor Uchôa, diria que de longas datas. Pra começo de conversa, eu fui aluno da Universidade Tiradentes, me formei naquela instituição, então possuo propriedade para afirmar que assisti por inúmeras vezes o seu empenho e o desempe-

nho como educador e empresário de visão vanguardista. Não me sai da memória um episódio em que me deparei com o professor Jouberto Uchôa cavando uma vala em frente a universidade. Antes dele pegar na enxada, ele assistiu um operário manuseando o equipamento de forma inadequada; ele ergueu as mangas da camisa, foi até o funcionário e passou algumas dicas. Isso eu vi com os meus próprios olhos. Ele é um homem dinâmico que trabalha, cuida bem das pessoas e segue diariamente trabalhando por aquilo que é justo.

Como sou filho de Itabaiana, não posso deixar de enaltecer a importância da sua intervenção empresarial em nosso município; garanto que o povo é extremamente grato por tudo que foi feito, e segue sendo aplicado em toda a região serrana de Sergipe. Quando estive à frente da administração municipal, ele nos procurou na prefeitura para fazer um investimento. A ideia era montar a primeira unidade da Unit em Itabaiana. Nós realizamos uma parceria incrível. Aceitamos em doar um terreno para a iniciativa privada, e, em contraponto, Itabaiana passou a gerar milhares de empregos diretos e indiretos; se deparou com a oportunidade de formar os seus cidadãos — tornando-os gabaritados para acessar o mercado de trabalho —, e impulsionamos a economia também com a presença diária de moradores de cidades vizinhas que se matricularam no ensino superior; então o avanço foi múltiplo pela harmonia formada entre a nossa gestão pública, juntamente com esse cidadão dinâmico e trabalhador. Os poderes Executivo e Legislativo não doariam terrenos para empresas as quais não apresentassem real condições de avanço. Estou tratando de uma evolução por parte da instituição Tiradentes, mas também de todo o município de Itabaiana.

Fora essa composição empresarial que enalteci aqui, é importante destacar o cidadão Uchôa que é apaixonado por esporte e cultura. Apostaria garantir que o professor está naquele hall de sergipanos com ampla atuação e zelo pela nossa sergipanidade; pelos seus artistas e grupos folclóricos espalhados pelos 75 municípios. Ele é um homem que faz investimentos valorosos para que a gente tenha acesso a estudos que envolvem as nossas raízes. Estamos falando de um homem que Sergipe deve muito a ele; um cidadão que gera milhares de empregos, se preocupa com o próximo, com a nossa economia geral, com a qualificação profissional dos nossos jovens, e com a figura de bom pai, esposo e amigo. Quando falo sobre o professor Uchôa, a impressão que me passa é que ele veio para esse nosso campo espiritual para marcar mesmo a história do nosso povo. Eu não tenho dúvidas que ele é um ser iluminado; não é nada exagerado pontuar que a educação superior de Sergipe nunca esquecerá do seu nome. Podem passar 3.000 anos; a história não há de permitir que Jouberto Uchôa de Mendonça e Amália Cerqueira sejam esquecidos.

Me sinto honrado em estar contribuindo para a construção deste livro que eterniza a história desse homem que tanto fez e segue fazendo pelo estado de Sergipe. Nós temos inúmeros casos de famílias que não possuíam condições de morar em Aracaju, e decidiram se habitar em Itabaiana para que seus filhos tivessem a condição de acessar a uma instituição de ensino superior. Muitas dessas famílias acompanharam os seus estudando, se aperfeiçoando profissionalmente e até hoje moram na cidade, ajudando muito para o crescimento daquela região. Ele é responsável por levar a educação pós período escolar para inúmeras pessoas que estão na gestão de municípios

e poderes legislativos; eu sou um desses; sou egresso com muito orgulho da Universidade Tiradentes. Enquanto tiver forças para falar, estarei agradecendo publicamente ao nobre cidadão sergipano que é o professor Jouberto Uchôa de Mendonça”.



A imagem ilustrada apresenta a Unit Itabaiana (SE). Em todos os polos educacionais da instituição instaladas no interior do Nordeste possuem laboratórios, biblioteca, auditório, salas confortáveis para os professores, postos de saúde e/ou convênios com empresas particulares, central de estágio e acolhimento para egressos que porventura apresentem o desejo de ingressar em cursos de pós-graduação.

“Costumo destacar que a nossa vida institucional é repleta de aprendizados diários, assim como acontece em nossas inúmeras salas de aulas e laboratórios. Ainda aqui em Sergipe observamos que a ida da nossa instituição para a região interiorana passava a atender um desejo antigo dos jovens que possuíam interesse em concluir o ensino médio e logo em seguida acessar a

uma universidade, mas que, por circunstâncias da vida — muitas vezes financeira — não conseguiam encontrar formas de se mudar para Aracaju e trabalhar para realizar esse sonho. Poderíamos dizer que a ida da Unit para as cidades fora da Grande Aracaju serviu, e serve, como medida de oferecer melhores condições de acesso à educação superior. Uma postura que não foi diferente na Bahia, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte e no nosso também estado vizinho, Alagoas. Muitos podem até achar que a instituição apresentada como a ‘menina dos nossos olhos’ é a Unit do Centro e Farolândia, mas na realidade os nossos colaboradores e familiares sabem que é um conjunto. Jamais a Unit seria essa máquina de profissionalização de estudantes se não fosse o começo de tudo. O nosso empenho segue firme desde 1960 com o Ginásio Tiradentes. Erguer essas duas unidades em Aracaju foi um sonho realizado por mim, minha esposa, meus filhos e netos. Juntos com amigos, colaboradores e grandes incentivadores públicos, como foi o caso dos amigos Albano Franco, João Alves Filho e Luciano Bispo, conseguimos atingir um patamar de qualidade. Essa expansão para outros estados, em especial para o interior, passou a ser um presente extra de Deus. Sim! Acreditamos muito nisso. Ele nos abençoou e escolheu para que pudéssemos encontrar caminhos que nos levassem a expandir a educação pelo Nordeste. Se juntos conseguimos atingir esse patamar, que assim permaneça pelas próximas décadas. A educação é de todos e deve ser oportunizada para todos; acreditamos e defendemos isso”.



**DOMINGOS SÁVIO DE
ALCÂNTARA MACHADO**
Diretor de Inteligência
Competitiva do Grupo Tiradentes

“A sua simplicidade, para mim, é algo extremamente marcante. Apostaria dizer que é unânime; quem conhece o professor Jouberto Uchôa o avalia como empresário de indiscutível sucesso, e, no quesito pessoa física, como um ser humano acolhedor. Parece que essas duas visões de análise andam lado a lado, possuem a mesma medida e o mesmo peso. Ao leitor, sugiro que feche os olhos e imagine a grandeza patrimonial, física, que o Grupo Tiradentes possui; pronto! Esse mesmo tamanho possui o coração e a alma dele. Uma generosidade que rompe fronteiras. Tenho o privilégio de conhecer o professor Uchôa e a professora Amélia Cerqueira há mais de 30 anos. Com base concreta em minhas convicções eu te digo: se um dia você, funcionário, precisar urgentemente falar com o professor, e, porventura, ele acabou de sair da sala dele, corra atrás! Isso acontece com ele desde que a universidade era faculdade no centro de Aracaju. Ele sai da sala para fazer alguma coisa e só volta duas... três horas depois. Em todo canto que chega sai conversando com todo mundo. Sente prazer em ou-

vir as pessoas. Esse é um dos motivos para as pessoas que trabalham em sua empresa serem tão respeitadas e apaixonadas pelos seu legado. O bom exemplo vem de cima, e quando falo isso, não se resume apenas ao Uchôa e Amélia; seus filhos e todos os gestores da direção geral são muito atenciosos.

Esse acolhimento não ficava restrito às dependências da instituição. Com o passar dos anos, e, claro, devido aos limites impostos pela Covid-19, muitas atividades sociais que ele sempre gostou de fazer, infelizmente, precisaram ser suspensas. Me lembro que certa vez um grupo de amigos do trabalho foi até a minha casa e prepararam um café da manhã pela passagem do meu aniversário. Quando saí do quarto me deparei com todo mundo bem cedo já sentado na cozinha. Fiquei muito surpreso com a homenagem, mas nem esperava pelo que iria acontecer logo em seguida. Cerca de cinco minutos depois o interfone toca e quando abri a porta era Uchôa com uma melancia, dizendo que ninguém esperou ele para a festinha. Se você acha que as pessoas ficaram tímidas com a presença dele, pode mudar de pensamento. O clima foi muito bom, todo mundo sorrindo e festejando a minha nova idade. Hoje a instituição tem mais de quatro, cinco mil trabalhadores da casa ou terceirizados; cresceu demais. Se qualquer pessoa conversar com algum desses trabalhadores com mais de 15 anos de instituição, pode ter certeza que vão se deparar com uma situação semelhante a essa que apresento a vocês. Uchôa e Amélia são isso; são sinônimos de atenção. Nos momentos felizes e tristes ele está presente. E te digo mais: em casos de óbito, Jouberto Uchôa não faz questão de ir ao velório em qualquer horário. Ele quer ir logo, já e

pra ontem. Quer ser um dos primeiros a chegar e abraçar a família.

A impressão que passa é que para o professor Jouberto Uchôa de Mendonça essa questão de horário se trata de uma mera cronologia do tempo. No início dos anos 2000 eu respondia pela Pró-reitoria de Graduação quando fui chamado por ele para ir até o município de Itabaiana, onde iríamos encontrar o então prefeito Luciano Bispo. A ideia era olhar um terreno onde mais tarde seria erguido mais uma unidade da Tiradentes. Eu topei na mesma hora participar dessa visita. Quando perguntei quando iríamos, ele disse que seria no dia posterior, às 5h. Meio sem jeito, perguntei a ele se não seria cedo demais, chegar na casa dele por volta das 4h40 para sairmos às 5h, sendo que certamente o prefeito só estaria na prefeitura depois das 8h. Uchôa concordou comigo, e adiou nossa saída para às 5h30 [risos]. Assim foi feito. Quando cheguei na portaria, pontualmente no horário definido, o porteiro me informou que ele estava no carro me esperando desde às 5h. Me espantei. Bati no vidro, o motorista abriu a porta, e já no interior do carro ele disse para eu não me preocupar, que, enquanto me esperava, estava lendo jornais. Durante o trajeto até Itabaiana descobri que ele não queria chegar cedo para se reunir com o prefeito, mas sim para a gente ir juntos até a feira para tomar café da manhã. Para ele, não há refeição melhor do que o servido na feira. Foi servido macaxeira com carne frita; lembro como se fosse hoje. Depois ele comprou uns 15 pacotes de biscoito ‘copa do mundo’ e distribuiu de sala em sala quando chegou na reitoria, no campus Farolândia.

Para todos nós, tanto o professor Uchôa, quanto a professora Amélia, sempre foram fontes de inspiração no ambiente de trabalho, no relacionamento com a família e na perspectiva de futuro. Eu cansei de sair da Unit depois das 22h30 e observar que o carro deles seguia lá, parado, aguardando o extra expediente deles acabar. Com esse livro temos a oportunidade de apresentar nosso ponto de vista sobre a vida e o relacionamento que temos com a Família Uchôa. Pais, filhos e netos os quais deixam evidente que quando a gente se sente à vontade em um determinado local de trabalho, aquelas funções profissionais passam longe de ser uma obrigação apenas pelo recebimento salarial no final do mês. Uchôa e Amélia fazem de tudo para que seus colaboradores continuem fazendo parte desse sonho que é levar ensino superior de qualidade para milhares de famílias por Sergipe a fora. Quero aqui externar meus sinceros votos de gratidão, e, em nome dos demais profissionais que vestem a farda do Grupo Tiradentes, apresentar a nossa visão macro quanto aos ensinamentos repassados por Uchôa a todos os seus colaboradores:

— Se Uchôa falar uma vez sobre algum projeto gigantesco, na nossa concepção não passa de um sonho; se ele repetir a mesma coisa em duas oportunidades diferentes, por mais que a ideia seja muito gigante, aparentemente fora da realidade: fique atento! Mas se ele chegar ao ponto de falar pela terceira vez, corra para produzir porque ele vai cobrar, e, na mesma fração de segundo, tenha certeza que será mais uma idealização de muito sucesso.



Entrada principal da Reitoria / Unit Farolândia.

INVESTIMENTO REGIONAL RECEBE SELO DE QUALIDADE DO GOOGLE

Diante do significativo investimento em dezenas de pontos no Nordeste brasileiro, no ano de 2016 a plataforma Google concedeu elevado destaque à Universidade Tiradentes como case de sucesso no site “Juntos dá para fazer mais”, no qual a multinacional relata as melhores práticas dos seus parceiros. De forma pioneira no Brasil, a Unit investiu na estruturação de *learning spaces* e na integração de ferramentas do Google for Education ao seu sistema acadêmico — ambiente onde estudantes e professores interagem de qualquer lugar, a qualquer hora e de qualquer dispositivo. Durante a produção desta obra, em conversa com acadêmicos, foi possível se deparar com a seguinte argumentação: ‘com a Google For Education a impressão que passa é que a Unit está à frente do futuro’. Essa frase foi dita por um estudante do curso de Língua Estrangeira Português/Inglês. O reconhecimento internacional aplicado pela plataforma Google começou a ser desenhado ainda em 2014, quando a instituição foi apresentada no Guia de Excelência da Universidade de Cambridge como referência de qualidade na educação. Já no ano seguinte, em 2015, a Unit foi uma das nove universidades contempladas pelo programa: ‘100,000 Strong in the Americas Innovation Fund’, para intercâmbio estudantil patrocinado pela ExxonMobil. Todas essas iniciativas voltadas à internacionalização da educação superior aceleraram a instalação do Tiradentes Institute; esse centro de estudos foi inaugurado na primeira quinzena do mês de dezembro de 2017 em parceria com a Universidade de Mas-

sachusetts, em Boston. Um ambiente acadêmico apontado pela crítica internacional como celeiro do ensino superior no mundo. Dando sequência a este conjunto de reconhecimento público, em 06 de dezembro de 2018 o Google certificou a Universidade Tiradentes com título mundial de referência. Em virtude da essência familiar dentro do progressista setor administrativo do Grupo Tiradentes, a plataforma decidiu conceder benefícios que contribuem para a qualificação contínua das atividades educacionais protagonizadas pela universidade. Dentre essas ofertas do Google para o setor da Educação, a gigante da tecnologia mundial oferece um pacote de serviços na nuvem, o GSuite for Education, que reúne ferramentas de produtividade semelhante a um pacote Office que eleva a colaboração para universidades e acadêmicos. Para ter ideia básica da sua representatividade funcional, até o final do segundo semestre de 2020 foi possível observar que 80 milhões de usuários permaneciam ativos na plataforma GSuite For Education; dentro desse contexto operacional, 36% das unidades educacionais que utilizam essa ferramenta no mundo são formados por Institutos de Ensino Superior (IES). No Brasil, esse número sobe para 45%, pelo perfil amplamente de acordo com a proposta apresentada pelo Google, bem como por ter abraçado o projeto desde o princípio, a Universidade Tiradentes conquistou o pioneiro título mundial. Para alcançar este nível, a Unit investiu, e muito. A contabilidade institucional não nos pontuou — para inclusão neste livro — o valor exato desses investimentos, mas foi possível destacar que em termos de tecnologia à disposição dos acadêmicos, mais de 20% dos computadores pertencem ao modelo Chromebook. Cerca de 1.500 destes equipamentos encontram-se distribuídos em *learning spaces* (salas com padrão e modelo Google) e bibliotecas; todos integrados aos sistemas acadêmicos da Unit (Magister, para

cursos presenciais e o Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA para graduações a distância utilizando o Chromebook). Para se ter ideia da funcionalidade operacional desses equipamentos, entre os meses de janeiro de 2018 e dezembro de 2019, dos mais de 600 chromebooks disponíveis para uso diário nas bibliotecas, estes foram emprestados em mais de 140 mil oportunidades. Durante a reunião em que recebeu este reconhecimento mundial, realizada em São Paulo, o professor Jouberto Uchôa pontuou em mais uma oportunidade o seu interesse pessoal em seguir fortalecendo a parceria junto ao Google. Em resposta a essa garantia, no segundo semestre de 2019 a instituição inaugurou o Tiradentes Innovation Center, um espaço que possui como finalidade discutir o futuro da educação, atraindo edtechs (tecnologia educacional) e tornando um centro de formação de professores no Nordeste em Google for Education com programas de capacitação e certificação.



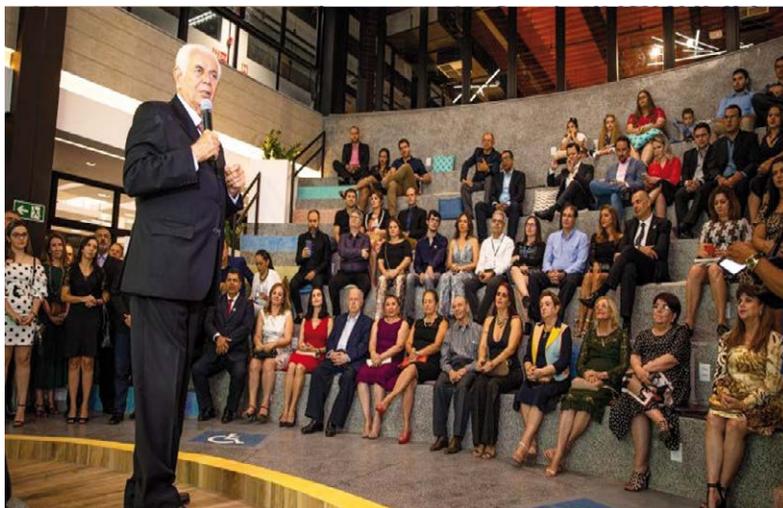
Solenidade de reconhecimento da Universidade Tiradentes como instituição de ensino superior com título de referência mundial concedido pelo Google for Education. O evento foi realizado no dia 06 de dezembro de 2018 na sede nacional do Google no Brasil, em São Paulo (SP).

CENTRO DE INOVAÇÃO VOLTADO À EDUCAÇÃO DA UNIT

O reconhecimento funcional por parte de empresas como a Google ocorre diretamente em virtude de ações pioneiras que atendem aos anseios estudantis por parte dos acadêmicos e professores, como também chamam a atenção de investidores para a aplicação de novos projetos. No dia 25 de novembro de 2019 a Universidade Tiradentes inaugurou o primeiro Centro de Inovação voltado à Educação do Norte e Nordeste. Localizado no campus Aracaju Farolândia, o espaço possui como missão central fomentar empreendedorismo e empregabilidade, atendendo, assim, às demandas de mercado e novas exigências de empregabilidade. Em seu portfólio apresentado logo na entrada do Centro, o Tiradentes Innovation Center deixa claro que a instituição busca qualificar professores no uso de tecnologias educacionais e desenvolver pesquisas em laboratórios de aprendizagem por meio de startups. Dessa forma, capacita profissionais, acadêmicos e dispõe de mão de obra mais que especializada para o mercado de trabalho na área de tecnologia. Um desses laboratórios é da empresa alemã e líder no segmento de software corporativos: SAP. Logo após a sua inauguração, já a partir do dia 28, o empreendimento começou a oferecer benefícios à sociedade, a exemplo do: Centro de pesquisas em tecnologias educacionais, Observatório de Educação e Centro de formação de professores em novas tecnologias, incubadoras/aceleradoras de EdTechs (startups voltadas para educação), além de eventos semanais sobre temáticas relacionadas a empreendedorismo, criatividade, cultura

maker, inovação e tecnologia. Assumindo um perfil semelhante ao desenvolvido por outros departamentos projetados pelo professor Jouberto Uchôa, o Tiradentes Innovation Center discute problemas de todos os níveis da Educação — superior, formal, não-formal, fundamental, tecnológica —, associando pesquisa, inovação e tecnologia.

“Há quem ainda pense que trabalho só. Olha, nós somos realmente uma família; o Grupo Tiradentes possui um laço histórico em que todos trabalham pelo bem da Instituição e dos nossos alunos. Essa corrente positiva de pensamentos múltiplos e criação de projetos futuristas não passa apenas pela minha imaginação. Na realidade, muitos desses projetos encantadores e futuristas chegam até ao meu analisar por parte de professores, superintendentes e alunos que os desenvolvem a partir do momento em que visam na Unit um mecanismo de busca pelo avanço pessoal e coletivo da educação. Eu confio muito nessa nossa equipe e apenas abraço; foi assim que aconteceu por inúmeras vezes na nossa administração do Ginásio Tiradentes, na criação e desenvolvimento da FITs, e com a Unit jamais poderia ser diferente. Esse Centro de Inovação é realmente impecável; só em olhar, nos impulsiona a buscar cada vez mais pelo conhecimento. Saber que muitos dos nossos estudantes avaliam a Unit como uma instituição que busca sempre estar à frente do tempo, essa é uma gratificação que não tem tamanho, meu coração pulsa com a sensação de dever cumprido. É evidente e indiscutível essa nossa incapacidade humana em conseguir isso [estar à frente do tempo], mas nada nos impede de continuar buscando disponibilizar todos os recursos tecnológicos e bibliográficos possíveis para que possamos preparar cada vez melhor nossos estudantes e funcionários. Essa parceria com a Google chegou justamente para isso: ampliar nossas ações educacionais no campo do ensino superior e pós-graduação”.



Solenidade de inauguração do Centro de Inovação voltado à Educação do Norte e Nordeste e localizado na Universidade Tiradentes, Farolândia, ocorrida no dia 25 de novembro de 2019.

O PORQUÊ DAS CINCO ESTRELAS NA CAPA DESTA BIOGRAFIA

Foco de pesquisa realizada por profissionais norte-americanos ligados à Sociedade de Psicologia Social e Personalidade dos Estados Unidos, a popular expressão ‘a primeira impressão é a que fica’, de fato, faz amplo sentido. Os resultados desse estudo técnico indicam que o poder das ideias moldadas no momento em que se bate o olho sobre uma pessoa, ou alguma coisa, costuma ser tão forte que nem mesmo os fatos são capazes de desmentir-las facilmente em curto prazo. Há quem diga — e esse é o caso defendido por Nicholas Rule, pesquisador da Universidade de Toronto, que: “quanto menos tempo temos para emitir um julgamento baseado no que vemos, mais propensos seremos a confiar no que dizem nossos instintos”. Com base no produto final apresentado aos acadêmicos de todos os cursos de graduação e pós-graduação, bem como a sua conduta humana perante a sociedade e sua respectiva família, a projeção da capa desta biografia já havia sido definida ainda no início do primeiro semestre de 2020, quando, no mês de junho, mais especificamente no dia 23, novos resultados positivos serviram em cheio para carimbar a presença das cinco estrelas. De forma paralela a nota máxima emitida pelo Ministério da Educação — cinco —, a proposta sempre foi mostrar que fora do ambiente estrutural estudantil a universidade segue contabilizando, e traçando, o caminho do sucesso tanto batalhado pelos professores Jouberto Uchôa e Amélia Cerqueira desde os primeiros dias de gestão do Ginásio e Faculdade Tiradentes. Como se não

bastasse o reconhecimento máximo perante ao curso de Direito, o MEC revelou que a Universidade Tiradentes é, também, a que mais aprova seus acadêmicos em fase de conclusão de curso, ou recém egressos, no Exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Essa constatação federal ocorre em comparação com outras instituições particulares, e pública, com atuação no estado de Sergipe. Em contexto regional, proporcionalmente a Unit é a segunda maior em aprovação do Nordeste, conforme registro oficial da OAB/FGV na edição do Exame de Ordem em Números – volume IV. A estatística revelou que durante o Exames de Ordem de 2019 (exames XXVIII a XXX), a instituição sergipana teve um total de 646 aprovados, contra 167 da segunda colocada. Unindo todas as instituições que dispõem desse curso no território sergipano, o número de aprovados alcançou apenas 26% do quantitativo positivo contabilizado pela Unit. Esse conjunto de dados se confunde com a postura empossada pelo professor Uchôa no momento de analisar os fatos. Fortalecendo o desejo em permanecer construindo uma disputa sadia, o professor biografado destaca que esse tipo de concorrência resulta apenas em qualificação de todos os cursos e jovens estudantes.

“Jamais vou negar que não fico feliz quando vejo um resultado tão representativo quanto este. A gente trabalha duro para que os nossos alunos, em especial, possam conquistar vitórias semelhantes a estas proporcionadas em seleção extremamente rigorosa por parte da OAB. Isso mostra o quanto os nossos professores estão preparados e preparando os alunos, o quanto a nossa estrutura ajuda a proporcionar esse tipo de conquista, como também estamos respeitando a nossa missão perante aos acadêmicos e ao Ministério da Saúde: conquistar resultados cada vez mais eficazes ao ponto de manter nossa nota máxima. Costumo

dizer que a gente aprende muito com os erros e nos acostumamos fácil com coisas e notícias boas; essa aprovação em primeiro lugar em Sergipe e segundo no Nordeste é uma delas. Nos enche o coração de felicidade e mostra perfeitamente que seguimos no caminho da qualificação social e educacional. Nossa caminhada não pode e nem deve parar, nunca! Pensando justamente em abraçar os aprovados sem deixar de acolher aqueles que não conseguiram o mesmo êxito, desenvolvemos um projeto que acolhe as famílias e os estudantes. Logo após o resultado final ser publicado pela Ordem [dos Advogados do Brasil], nossa instituição realiza um mapeamento para que possamos seguir oferecendo o apoio educacional necessário para que este candidato conquiste o tão desejado ingresso à OAB. Agindo assim, concluímos nossa missão de melhor acolher os profissionais ainda acadêmicos, ou já no posto de egresso.”



AMÉLIA CERQUEIRA

Esposa

Egressa do Ginásio Tiradentes

Vice-Reitora do Grupo Tiradentes

“Sem dúvidas, se há algo que gostaria que Uchôa mudasse em seu comportamento certamente seria a compra compulsiva em feiras livres e mercados centrais. Claro que não me refiro ao local, mas sim ao impulso de comprar

produtos bastante perecíveis, e que na grandiosa maioria das vezes sequer precisamos. Temos um sítio onde com frequência costumamos colher frutas e raízes, mas, mesmo assim, ele se levanta cedo, sequer olha o que tem em casa e vai pra feira. Chega lá compra um monte de frutas, verduras, macaxeira, batata doce... tudo isso tendo em casa. Eu sempre fiquei o questionando o porquê de ele não olhar o que tem dentro de casa antes de ir às compras, mas depois deixei de mão. Não tem muito tempo isso; meus filhos disseram:

— Mãe, ele não gosta de ir para a feira? Então deixa ele ir. Quer comprar? Vá, meu filho, compre tudo! Ele sempre responde dizendo que compra esses alimentos para ajudar os feirantes. Alguns deles têm até o número do telefone de Uchôa. Quando ele não aparece, muitas dessas amigas da feira ligam para ele. Segui os conselhos dos filhos, e me fez bem. Hoje quando vejo que tem muito alimento repetido ligo para cada um, ou mando mensagem dizendo: filhos, passem aqui. Temos feira para vocês.

Parte da feirinha interna é compartilhada ainda com os colaboradores que trabalham na residência da nossa família. Se a gente não fizer isso, vamos perder alimentos como banana e tomate que se perdem com pouco tempo depois de maduros. Ajudar as pessoas é uma missão eterna que ele carrega. Nossas famílias são de origem humilde financeiramente; temos isso bastante em comum. Negar e prejudicar o próximo não existe em nosso vocabulário. Eu sempre fui mais segura nas lembranças; em especial aquelas que nos causam fortes marcas negativas. Por mais que tenha sofrido com alguns atos difíceis de serem digeridos e compreendidos, a exemplo de alguns que enfrentamos com ex-integrantes do Diretório Cen-

tral dos Estudantes (DCE), ele faz questão de esquecer, e esquece mesmo. Mas eu não. Por vida compreendemos a necessidade da existência de críticos para que possamos evoluir juntos. Críticos inteligentes, que somem e juntos conquistemos avanços unilaterais. O que enfrentamos em alguns momentos foram badernas. Vez ou outra nos encontramos com algum dessas pessoas que realmente nos deixaram bastante pra baixo, tristes, e Uchôa cumprimenta e depois fala que eu fui fechada, meio amarga nos gestos e palavras. No contraponto faço questão de lembrar a ele o que aquele cidadão, ou cidadã, fez em tempos passados. A tréplica é sempre a mesma:

– Ah, Amelinha, é mesmo! Mas foi ele mesmo quem participou daquilo? Deixa para lá, passou. Desejo que ele siga o seu caminho, tenha repensado sobre a suas atitudes e, acima de tudo, tenha evoluído como pessoa.

Tenho pra mim que ele não esquece. Agora quem fala isso sou eu: ‘ele faz por esquecer’. É de uma evolução espiritual incrível. Tem um dom fora do comum em destruir aquilo que te faz, ou fez mal, somente com o propósito de cultivar a paz de espírito. Somos muito acessíveis para conversar sobre tudo aquilo que envolve a instituição. Com a gente não há cerimônias para agendar reuniões. Evidentemente existem alguns assuntos que demandam essa necessidade, mas se a gente está chegando na instituição e o colaborador, estudante ou pai de estudante se aproxima para conversar, nós vamos ouvir. Uchôa pode ter uma audiência naquele instante com o governador; ele para, ouve rapidinho, explica que está com o tempo apertado, e agenda uma conversa mais detalhada, mas jamais deixa de ouvir naquele instante por alguns minutos. Todos nós nos sentimos bem em atender as pesso-

as, principalmente aquelas que sabemos ter condições de ajudar de alguma maneira. Quando recebemos a informação de que algum colaborador está internado, das duas, uma: ou a gente vai até a unidade hospitalar ou na casa dele para fazer uma visita, ou pedimos informações para saber se está necessitando de atenção especial. Nossos quatro filhos possuem a mesma postura de acolhimento ao próximo. Ninguém, inclusive eu, possui o mesmo carisma de Uchôa; isso é muito difícil de acontecer porque ele está fora da curva, mas não ficamos muito distantes disso. Podem ter a plena convicção que, por mais que em algum dia as nossas fisionomias não estejam tão sorridentes, acreditem, nosso coração segue bastante receptivo e atencioso.

Esse típico comportamento é de conhecimento geral daquelas pessoas que trabalham com a gente, são amigos, ou mesmo buscam saber como é o nosso comportamento para com as pessoas. Por Uchôa ser mais debruçado ao carisma, algumas pessoas já até me perguntaram se eu não tenho ciúmes dele. Não tenho; acho que se isso aconteceu foram em pouquíssimas vezes nesses quase 60 anos de união. O que tenho é receio. Sabe aquele caso das rosas que ele costuma arrancar dos jardins? Pois bem, o mesmo receio eu tenho dos elogios dele para as mulheres. Seja aqui no estado, ou fora, se ele chega em um local e acha a mulher bonita — evidentemente se ela estiver ao nosso redor conversando, gerando condições para tal, ele de forma singela a elogia. Eu sei que isso eleva o ego de toda pessoa; o problema é que do outro lado pode ter uma pessoa ciumenta ao ponto de reclamar. Esse perfil de elogiar e ajudar não é por fingimento; é por querer ajudar ao próximo mesmo. Quando a réplica vem carregada de reconhecimento parece que a gente sai

de alma lavada. Não tem muito tempo isso; alguns poucos anos. Estávamos no carro com o nosso amigo e colaborador Saumínio Nascimento indo para uma solenidade no município de Estância. Era uma atividade pública que contaria com a presença de várias autoridades, incluindo o governador Belivaldo Chagas. Ao se aproximar, percebemos que havia uma mobilização em protesto contra o governador. Como o nosso carro é grande e na cor preta, parecida com a que Belivaldo usa, alguns manifestantes começaram a se preparar para impulsionar as críticas.

Nesse momento eu falei para que Uchôa baixasse o vidro e mais próximo acenasse para o grupo. Confesso que me arrepio e fico emocionada em falar sobre isso. Chegando mais perto, o pessoal percebeu que não se tratava do governador e, com microfone em cima de um mini trio elétrico, falaram bem assim:

— Acaba de chegar em Estância o senhor professor Jouberto Uchôa de Mendonça. Um cidadão de bem, que acolhe e valoriza todos nós, profissionais do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar do Estado de Sergipe. Sejam bem-vindos; toda a população da cidade recebe você e sua equipe de braços bem abertos. Para nós, é uma satisfação tê-los de volta.

Esses reconhecimentos são de uma grandeza tão incalculável que muitas vezes as pessoas não sabem o bem que estão fazendo a todos nós. Emociona saber que hoje o Grupo Tiradentes possui profissionais graduados em vários países e com atuação em todos os estados brasileiros. Tudo isso devido à garra e espírito empreendedor dele. Na hora que o Senhor definir o momento para partir com destino a outro campo espiritual, tenho a plena convicção que Uchôa irá feliz por tudo que fez pelo estado,

pela educação, pela vida de milhares de famílias, e pela sua própria família. São 85 anos de vida muito bem vivida; um eterno sonhador e realizador. Um pai e um marido impecável, maravilhoso. Sou suspeita para falar; o meu amor por ele é incondicional. A minha melhor aposta, e o meu perfeito cavalheiro de quadrilha junina. Agradeço sempre por minha mãe ter me matriculado no Ginásio Tiradentes, e Deus ter contribuído para que o cupido nos flechasse. Tenho muito orgulho, por tudo. Gostaria de ser 50% do que Uchôa é. Um ser humano que segue encantando a todos nós”.

OBRIGADO, PROFESSOR!

Haja vista a nossa língua portuguesa — seja ela popular ou gramatical — possua milhares de palavras, expressões e dialetos, fica difícil contextualizar o nível de relevância educacional e social do professor Jouberto Uchôa, da professora Amélia Cerqueira e dos seus filhos que administram a mais imponente universidade particular do estado de Sergipe. Filho de família humilde, vítima de endemias diante da precariedade de saneamento básico na casa em que residia com os pais, Uchôa, com o coração apertado dos pais, precisou ser levado à Girau do Ponciano, em Alagoas, para que obtivesse a possibilidade em desfrutar de uma infância menos agressiva socialmente. O mundo girava no sentido inverso ao desejado por Jacinto Uchôa de Mendonça e Cândida Rodrigues de Mendonça. A distância, enquanto fragmentava a alma familiar, ao mesmo tempo servia como fonte de inspiração e aprendizado sobre o sentido da vida. Uma espécie de fábrica de boas práticas dentro de casa, para com os vizinhos, bem como com os mestres educacionais. Sob os cuidados dos avós Manoel Rodrigues do Nascimento e Maria José do Nascimento, ainda no final dos anos 1930 Jouberto Uchôa passava a compreender que para conquistar um futuro promissor bastava praticar medidas diárias como: ser honesto, humano, respeitar ao próximo, valorizar a família, interessar-se por livros e acreditar sempre em Deus. Fonte de criação e condução do mundo. A história viva e contemporânea mostra sem sequer apresentar o mínimo de dúvidas que esses ensi-

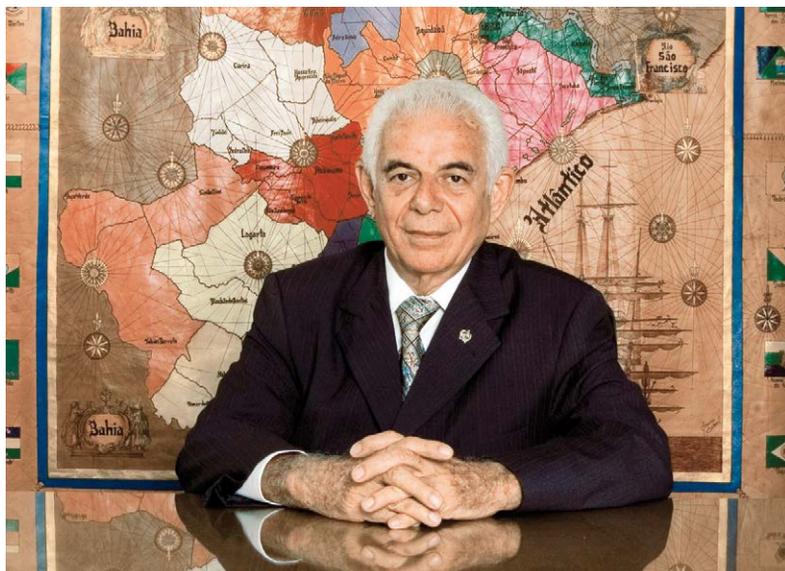
namentos foram respeitados e trilhados com fidelidade. De volta a Aracaju e diante da continuidade dos conflitos impostos pela vida, o professor Uchôa soube com o máximo de sabedoria resolvê-los e dar início a um legado de sucesso, amparo social e profissionalização de milhares de jovens residentes na região Nordeste do Brasil. Ao longo dessa obra tivemos a oportunidade ímpar de conhecer os bastidores da vida familiar, suas relações de amizade e o seu desejo administrativo em permanecer reconhecendo com méritos toda a significância progressista aplicada todo o santo dia por professores e demais funcionários que vestem a farda do Grupo Tiradentes. Uma postura sábia. O resultado positivo dos seus alunos e egressos depende da base; uma espécie de construção harmoniosa onde os elos, de fato, se encontram sem nós, ondulações ou quaisquer tipos de bloqueio — por menor que ele seja. Estamos em mais de três centenas de páginas retratando o legado protagonizado por este nobre cidadão aracajuano, porém, ainda em tempo, peço encarecidamente a licença do caro leitor para um testemunho pessoal.

Como constatação que a estrutura qualificativa tem gerado resultados autossuficientes, capazes de comprovar as cinco estrelas carimbadas na capa desta biografia — alusivas à nota máxima emitida pelo Ministério da Educação —, entre os anos de 2015 e 2021 o Sindicato das Empresas de Transportes de Passageiros do Município de Aracaju (Setransp) e o Sindicato dos Corretores de Seguros do Estado de Sergipe (Sincor/SE) realizaram prêmios de Jornalismo com a missão de reconhecer o alto grau de profissionalismo dos comunicadores em atuação nos mais variados seguimentos da Comunicação Social. Nesse período, mais de 60% dos premiados saí-

ram das salas de aulas da Universidade Tiradentes. Essa porcentagem é elevada quando se observa que jornalistas formados em outras instituições buscaram a Unit para cursar pós-graduações e/ou mestrados. Já em 13 de janeiro deste ano de 2022, o Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe (TJSE) apresentou a relação dos jornalistas vencedores do primeiro prêmio realizado pela Corte de Justiça. Das seis categorias apresentadas em edital, cinco foram preenchidas na parte mais alta do pódio por acadêmicos, egressos e/ou corpo docente do curso de Jornalismo da Unit. Entre primeiros, segundos e terceiros lugares, o Grupo Tiradentes esteve representado por mais de 80% dos profissionais premiados. Sinto-me honrado em fazer parte não apenas dessa contabilidade, mas, sobretudo, por ter desfrutado da oportunidade em estar presente na história de incontestável valorização à vida e múltiplos avanços unilaterais da educação infantil, fundamental, ginásial e superior de Sergipe. A típica personalidade regional em que as pessoas reconhecem a sua importância, torcem pela manutenção dos mais variados projetos e ações, bem como sentem-se horadas em prestar depoimentos enaltecendo a respectiva admiração. Satisfação a minha em poder, por horas, ouvir seus relatos de vida. O café expresso e o abraço fraterno sempre presentes após esses diálogos não passaram de consequências coadjuvantes diante imensa magnitude espiritual apresentada por meio de palavras pronunciadas pelo professor Uchôa.

Essa riqueza humana apresentada pelo biografado se conflita perfeitamente com a metodologia de vida adotada pelo também sergipano Wellington Dantas Mangueira Marques. Amigo pessoal do professor Uchôa, ele costuma destacar que há algo de extraordinário no mun-

do que conspira a favor daqueles que promovem o bem pessoal, familiar e social. A popular lei do retorno; plantando amor, respeito e educação, dificilmente a colheita será marcada por frutos sem vida. Ao longo dos últimos anos dedicados à produção desta obra foi possível por inúmeras vezes vê-lo questionar ao Pai se, de fato, ele merecia tamanha grandeza que a vida lhe concedeu. Modesto, não é? Aliás, estudos realizados pela Universidade da Costa do Golfo da Flórida mostram que pessoas inteligentes e de relacionamento harmonioso com a sociedade costumam apresentar posturas com elevado grau de fraternidade; além de impecáveis pais e filhos, admirado colega de trabalho. Ser humano do bem que carrega consigo fictícias ampolas extras de purificação entre povos e ambientes. Se no campo espiritual Uchôa recebeu a luz necessária para traçar os caminhos essenciais para atingir os objetivos familiares, em vida, com os humanos, o bom relacionamento fez com que esses projetos alcançassem patamares muitas vezes acima do esperado. Se em nós, acadêmicos, egressos e/ou funcionários da instituição Tiradentes, gera a imensa gratidão por ter sido beneficiado com as ações desenvolvidas ao longo dos mais de 50 anos pelo grupo educacional, ao biografado essa satisfação aparenta atingir outro patamar. Por vezes foi possível se deparar com o seu silêncio. Momentâneo e tímido, mas suficiente para filtrar a alma. Ao ser informado de algum destaque profissional conquistado por algum dos seus eternos estudantes, Jouberto Uchôa de Mendonça costuma se emocionar ao ponto de pausar a fala, tomar alguns goles de água e seguir com a linha de raciocínio enquanto os olhos visivelmente persistem em ficar marejados.



Com exceção do mês de janeiro — quando costuma reservar para viagens de férias em família, nos demais onze meses do ano o professor Uchôa costuma chegar ao local de trabalho antes do início do expediente, de igual modo ao realizado em tempos de trabalho [1950] nas fábricas de tecidos Sergipe Industrial e Confiança, como tecelão e auxiliar de tecelagem; ambas desenvolvidas no bairro Industrial, na zona norte de Aracaju. A mesma postura do passado ocorre até hoje, em reuniões e demais atividades empresariais fora das dependências universitárias.

Sempre buscando respeitar o limite da privacidade pessoal e familiar, a construção desta obra defendeu desde o seu início a perspectiva de apresentar ao cidadão leitor a oportunidade em conhecer o lado família do biografado. Uma viagem ao tempo quando a utilização de terno sequer passava por sua imaginação. Tempo em que as brincadeiras de rua no interior alagoano ou mesmo as viagens de trens embarcando e desembarcando na hoje inexistente Estação Leste de Aracaju eram consideradas êxtase de lazer. Período em que o respeito a qualquer que fosse a ordem do professor era simplesmente para ser respeitada tal quanto uma ordem dada por um pai e pela mãe. Esse conhecimen-

to base foi adotado e repassado para seus filhos e netos. Mantendo a sua postura de pessoa humilde, mesmo diante do incontestável patrimônio erguido ao longo das últimas décadas, em posse da camisa engomada e do terno sempre muito bem alinhado, Jouberto Uchôa de Mendonça segue construindo um legado de gente, como a gente. A expressão é popular, mas chega a ser incrível como consegue descrever com fidelidade o seu perfil. Por vezes, em meio às entrevistas concedidas com exclusividade a este livro, ele reconheceu que, caso alguém desejasse lhe encontrar — seja para conversar ou porventura registrar uma foto —, basta ir ao mercado central nos dias de feira, ou nos mais variados eventos culturais. Para o professor, deixar de ir à feira livre significa abandonar todo o passado de dificuldade enfrentada pela família. Isso sem falar nos benefícios que o consumidor conquista ao comprar diretamente com o cidadão produtor. Defensor do preço justo, Uchôa reconhece que deixa de andar em shoppings e supermercados para frequentar açougues e feiras com o objetivo de conversar com os feirantes e continuar aplicando a arte da pechincha. No seio familiar o professor segue defendendo a inclusão da mulher no mercado de trabalho e buscando reconhecer publicamente todos os aspectos positivos que a esposa e as filhas conseguiram aplicar no desenvolvimento institucional. Na vitrine do orgulho pessoal há espaço para os filhos. Homens adultos que o acompanham sempre que possível nas mais variadas missões administrativas da empresa, mas que no fundo jamais deixam de ser aquelas crianças criadas ainda em tempos de dificuldade financeira.

Talvez o professor Jouberto Uchôa ainda não tenha percebido o quanto as suas noites mal dormidas, despertadas em meio às ideias inovadoras tenham provocado um bem coletivo, verdadeiramente imensurável. Milhares de

empregos gerados, enquanto um grupo incalculável de pessoas permanece recebendo atendimento especializado, promovido por professores e estudantes dos mais variados cursos da área da saúde prestes a colar grau; artistas locais valorizados; profissionais amplamente graduados e trabalhando em variados países, além de pessoas que comercializam nas portas das instituições de ensino, diante da esperança de voltar para casa com um dinheiro extra capaz de saciar, mesmo que parcialmente, as necessidades familiares. Por esses e tantos outros exemplos, haverá um dia em que as nossas personalidades sergipanas passarão a ser melhor reconhecidas pelo público em geral. Pela massa. Generosidades as quais devem ser protagonizadas como forma de agradecimento a estes ícones da nossa sergipanidade. Em vida, frise-se. Momentos ímpares capazes de lhes fazer chorar e sorrir ao mesmo tempo. Um mix de emoções as quais gerem ao nobre homenageado a doce sensação em perceber que todo o seu empenho, sobretudo pela terra do cacique Serigy, valeu a pena. Valeu muito a pena! Uma espécie de paixão por em nós [possível grande maioria dos leitores] pulsar um coração sergipano.

Se faltam palavras, sobram suspiros carregados de agradecimentos. Votos de felicitações e carinho originados em Aracaju, Estância, Itabaiana, Maceió, Boston... a Universidade Tiradentes segue oxigenando a vida de milhões de pessoas. Uma contínua fábrica de talentos e realização de sonhos. Antes que o último gole de café expresso seja degustado, bem como o ponto de reticências dessa história que muito nos emociona seja computado: obrigado, professor Jouberto Uchôa de Mendonça! Torcemos juntos para que o Grupo Tiradentes permaneça alimentando a esperança das pessoas, e fazendo valer cada centavo de Cruzeiro apostado por seus pais nos instantes derradeiros da década de 1950.

<i>Tiragem</i>	Ebook-pdf
<i>Formato</i>	15x21cm
<i>Tipologia</i>	Cambay 12pt
	Mokoko 13pt